

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

GIORDANA FRANÇA TICIANEL

**DISCURSO DIRETO E HIPOSEGMENTAÇÕES NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

MARINGÁ – PR  
2016

GIORDANA FRANÇA TICIANEL

**DISCURSO DIRETO E HIPOSEGMENTAÇÕES NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Carneiro Capristano

MARINGÁ  
2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

T555d Ticianel, Giordana França  
Discurso direto e hipossegmentações na aquisição da escrita / Giordana França Ticianel. -- Maringá, 2016.  
194 f. : il. color., figs., tabs., grafos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Cristiane Carneiro Capristano.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

1. Aquisição da escrita. 2. Relação oral/escrito. 3. Hipossegmentação. 4. Segmentações não convencionais. 5. Instâncias enunciativas. 6. Discurso direto. 7. Prosódia. 8. Fonologia prosódica. I. Capristano, Cristiane Carneiro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 410

AMMA-003351

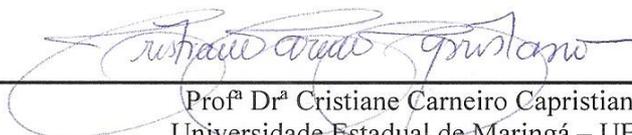
GIORDANA FRANÇA TICIANEL

**DISCURSO DIRETO E HIPOSEGMENTAÇÕES NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovado em **05 de julho de 2016**.

BANCA EXAMINADORA



---

Profª Drª Cristiane Carneiro Capristiano  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -



---

Profª Drª Sonia Aparecida Lopes Benites  
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Profª Drª Luciani Ester Tenani  
Universidade Estadual Paulista - UNESP/São José do Rio Preto-SPa

*A maioria pensa que o criador da ideia é o artista. **Mentira!** Quem cria o artista é a ideia. Sem ela, não há arte. E ter uma ideia não é um parto rápido, como muitos pensam. Criar não é uma atividade mediúnica, nem única, como tantos outros imaginam. As ideias não ficam perambulando por aí no cosmos à espera de uma alma sensível para resgatá-la. Ideia nasce da dor. Não necessariamente da dor física. Pode ser da dor da espera. A espera de uma página que demora a ser preenchida. A espera de uma partitura que custa a receber a chegada de suas notas. A espera de uma tela que não sabe dar boas-vindas às cores. A ideia é tudo o que envolve o processo criativo, do esforço para domá-la até o esboço para mostrá-la. Quem não conhece os bastidores da criação não sabe a dificuldade que é tornar fácil um espetáculo. (Pedro Gabriel, O esboço do infinito)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por ter abençoado todo o caminho de construção desta pesquisa e por ter me iluminado nos momentos de dificuldade.

Agradeço aos meus pais, **Mauro** e **Romilda**, e a minha irmã, **Giovana**, pessoas que estiveram ao meu lado com o mesmo amor em todas as etapas de construção desta dissertação. Aos meus pais, que mesmo sem entender a fundo o que eu pesquisava, sempre se preocuparam em tornar a caminhada mais tranquila. A minha irmã, agradeço, principalmente, pela nossa amizade, pelos risos e por ser minha companheira em muitas idas à UEM.

De maneira especial, agradeço a minha orientadora **Cristiane Capristano**. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos comigo de forma tão generosa desde os primeiros contatos que tivemos. Agradeço o fato de termos conseguido construir uma ótima parceria com tantas conquistas e realizações. Agradeço, ainda, pelo seu profissionalismo, pela sua seriedade e pela ética com que conduziu não só esta pesquisa, mas com que conduz a sua vida acadêmica. Obrigada, também, pela amizade cultivada. Com certeza, tem muito de você em mim.

Agradeço as professoras que aceitaram gentilmente participar da banca: **Luciani Tenani** e **Sonia Benites**. À Prof. **Luciani**, agradeço, em especial, às contribuições tão valiosas que permitiram que esta dissertação tivesse verdadeira qualidade. À Prof. **Sonia**, agradeço pelos apontamentos realizados na qualificação que enriqueceram esta pesquisa.

Expresso a minha gratidão as minhas colegas de grupo de pesquisa: **Viviane, Taynara, Tatiane, Érica** e **Lisley**, companheiras com quem pude compartilhar conhecimentos, mas, também, boas parcerias. De forma especial, agradeço a Vivi, por ser minha leitora oficial e, assim, contribuir tanto para a construção desta dissertação. Obrigada pelas leituras em tempo recorde e pelas contribuições tão generosas, mesmo em seus dias mais corridos. Mas, agradeço, principalmente, por sua amizade. De maneira carinhosa, agradeço a **Tati**, amiga com quem me identifico tanto. Obrigada pela parceria dentro e fora do mundo acadêmico. Agradeço, de forma carinhosa, ainda, a **Taynara**, parceira de mestrado que esteve comigo durante todo o percurso. Obrigada pelas conversas intermináveis no telefone ou por Skype, compartilhando nossas dificuldades e conquistas

durante o processo. Agradeço, ainda, por ser tão diferente de mim e, assim, me fazer crescer.

Agradeço, também, por dois presentes tão especiais que a graduação em Letras me deu, as minhas grandes amigas **Adriana** e **Adrielle**. Amigas, obrigada por cada um dos momentos compartilhados, por me ajudarem a amadurecer, por acreditarem tanto em mim e por torcerem pelo meu sucesso. Obrigada por tornarem essa caminhada mais divertida.

A minha prima/amiga **Fabiane**, com quem me identifico tanto e que é minha inspiração profissional. Ane, obrigada pelas conversas acadêmicas e não acadêmicas e, principalmente, pelos ótimos momentos de confraternização.

Aos presentes que o Projeto Mais Vida me deu: **Andressa**, **Anna**, **Carla**, **Fer** e **May**. Meninas, com certeza, tudo teria sido mais difícil sem vocês. Obrigada pela amizade tão sincera, pelos momentos de oração, de partilha e de risos intermináveis.

As minhas amigas do colégio **Mariana**, **Patrícia** e **Andressa**, amigas que, mesmo de longe, sempre torceram muito pelas minhas conquistas. A **Pati**, de maneira especial, agradeço pelos almoços, pelas conversas e pelas risadas que fizeram parte de muitos momentos de construção desta dissertação. A **Maah**, de maneira carinhosa, pelas conversas, pela amizade de longa data e, principalmente, por sempre me inspirar a buscar coisas além, a sair da minha zona de conforto.

Às pessoas tão queridas que a pós-graduação permitiu que eu conhecesse, em especial, **Lilian**, **Ana Cândida** e **Akisnelen**. Agradeço, especialmente, a **Lilian**, pela amizade cultivada. Obrigada pelas ajudas prosódicas, pelas conversas acadêmicas e não acadêmicas e, principalmente, pelas risadas intermináveis.

Agradeço aos meus professores de graduação em Letras e da pós-graduação em Estudos Linguísticos da UEM, em especial, ao **Alexandre**, a **Neiva**, a **Roselene**, ao **Edson**, a **Flávia**, ao **Neil** e a **Clarice**. Também, sou grata aos professores que conheci em outras instituições e que sempre me inspiram com a seriedade com que conduzem os estudos linguísticos, em especial, **Manoel Corrêa**, **Lourenço Chacon**, **Fabiana Komesu**. Vocês, com certeza, contribuíram muito para a minha formação.

Por fim, agradeço à Capes pelo financiamento da pesquisa.

## RESUMO

**Giordana França Ticianel**  
giordanaticianel@hotmail.com

O objetivo desta pesquisa foi investigar possíveis relações existentes entre o uso do discurso direto e a emergência de hipossegmentações em produções textuais de crianças do Ensino Fundamental, examinando, para isso, o funcionamento dessas ocorrências com base na instância enunciativa em que foram produzidas: no próprio discurso direto (DD) e nos momentos classificados como outros contextos (OC). De forma mais específica, objetivou-se investigar, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, se haveria diferenças entre as hipossegmentações observadas no DD e em OC. O material investigado foi constituído por 3113 produções textuais elaboradas por crianças das antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental de duas escolas municipais. A pesquisa parte da concepção de escrita proposta por Corrêa (1997, 2004) – que a postula como constitutivamente heterogênea –, bem como compreende, à luz de trabalhos como Capristano (2007a, 2007b, 2010), Chacon (2004, 2009, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011), Capristano e Ticianel (2014), dentre outros, que as hipossegmentações são indícios do trânsito dos escreventes por práticas orais e letradas. No exame quantitativo das hipossegmentações, observou-se que, em todas as séries investigadas, havia mais palavras envolvidas em hipossegmentação, bem como ocorrências de hipossegmentação, em OC do que no DD. Além disso, observou-se que as hipossegmentações, ao longo das quatro séries, se distribuíam de forma semelhante nas duas instâncias enunciativas. Esses resultados permitiram que se postulasse que, quantitativamente, não havia relação entre a presença de DD e o aparecimento de hipossegmentações. No exame qualitativo das hipossegmentações, foram investigadas se elas se associavam a limites prosódicos como os propostos por Nespor e Vogel (1986) e, se sim, a qual constituinte: grupo clítico (C), frase fonológica ( $\Phi$ ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U). Dentre os principais resultados encontrados na análise qualitativa, constatou-se, em primeiro lugar, que a maior quantidade de hipossegmentações que não emergem como efeito da atuação de limites prosódicos estava localizada em OC. Em segundo lugar, daquelas que emergiam como efeito da atuação de limites prosódicos, a maior parte das que se associavam a limites de C,  $\Phi$  e I apresentavam funcionamento bastante semelhante, tanto no DD, quanto em OC. Por fim, pôde-se observar que as hipossegmentações que se associaram a limites de U estavam relacionadas diretamente à instância enunciativa da qual emergiam, pois havia uma quantidade muito superior de ocorrências no DD. Esse resultado liga-se ao fato de o U ter suas fronteiras relacionadas a fatores prosódicos e sintáticos, fatores que também se relacionam às fronteiras dos trechos em DD. Pôde-se concluir, a partir de toda investigação realizada, que uma multiplicidade de fatores permite a emergência de hipossegmentações. Todavia, em algumas delas, certos fatores se mostram mais relevantes, por exemplo, as instâncias enunciativas em que os escreventes enunciaram. Essas instâncias podem ser, assim, por vezes, determinantes para a emergência de certos tipos de segmentações não convencionais.

**Palavras-chave:** Aquisição da escrita. Relação oral/escrito. Hipossegmentação. Discurso direto. Prosódia.

## ABSTRACT

**Giordana França Ticianel**  
giordanaticianel@hotmail.com

The objective of this research was to investigate possible relations existing between the direct speech and the existence of hyposegmentations in textual production from children of the Elementary School. To do so, we examined the functioning of such occurrences based on the enunciative position in which they were produced: in the direct speech itself (DS) and in the moments classified as other contexts (OC). More specifically, we aimed the investigation, both quantitatively and qualitatively, about the existence of differences between the hyposegmentations observed in DS and OC. The material investigated was constituted by 3113 textual productions made by children from the old four first grades of Elementary School from municipal schools. The research relies on the writing conception proposed by Corrêa (1997, 2004) – which postulates it as constitutively heterogeneous – such as it understands, enlightened by the studies of Capristano (2007a, 2007b, 2010), Chacon (2004, 2009, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011), Capristano e Ticianel (2014), and others, that the hyposegmentations are indications of the writer's movement in oral and literacy practices. In the quantitative examination of the hyposegmentations, we observed that, in all the grades investigated, there were more words involved in hyposegmentation, as well as occurrences of hyposegmentations, in OC than in DS. Furthermore, we observed that the hyposegmentations, throughout the four grades, were similarly distributed in the two enunciative positions. These results allowed us to postulate that, quantitatively, there was no relation between the presence of DS and the emergence of hyposegmentations. In the qualitative examination of the hyposegmentations, we investigated if they were associated to prosodic limits as proposed by Nespor and Vogel (1986) and, if so, to which one: clitic group (C), phonological phrase ( $\Phi$ ), intonational phrase (I) and utterance (U). Among the main results found in the qualitative analysis, we determined, firstly, that the majority of hyposegmentations that do not emerge as effect of the influence of prosodic limits were placed in OC. Secondly, from those which emerged as effect of the influenced of prosodic limits, the majority of the ones which were associated to C,  $\Phi$  and I limits presented similar functioning in both DS and OC. Lastly, we could observe that the hyposegmentations that were associated to U limits were directly related to the enunciative position from which they emerged, because there was a considerably superior occurrences in DS. This result is connected to the fact that the U has its borders related to prosodic and syntactic factors, which can also be linked to the limits of DS excerpts. We could conclude, from all the investigation, that a multiplicity of factors enables the emergence of hyposegmentations. However, for some of them, certain factors were more relevant, for example, the enunciative positions in which the writers enunciated. These positions may be, then, sometimes, determinant for the emergence of certain types of non-conventional segmentations.

**Key Words:** Writing acquisition. Oral/writing relation. Hyposegmentation. Direct speech. Prosody.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplos de hipos.....	15
Figura 2: Identificação de hipos.....	16
Figura 3: Hipos e critérios semânticos .....	26
Figura 4: A estrutura sintática do DD .....	42
Figura 5: As marcas gráficas do DD .....	42
Figura 6: DD com verbos <i>dicendi</i> .....	44
Figura 7: DD sem marcas gráficas .....	52
Figura 8: DD sem marcas gráficas e verbos <i>dicendi</i> .....	53
Figura 9: Exemplo de DD nas produções textuais do corpus.....	60
Figura 10: Exemplo de DD em balões .....	62
Figura 11: Exemplo de DD em gêneros não prototípicos .....	63
Figura 12: Exemplo de hipo .....	65
Figura 13: Exemplo de apagamento/sobreposição.....	65
Figura 14: Exemplo de falso início .....	65
Figura 15: Exemplo de traço de ligação .....	65
Figura 16: Exemplo de inserção .....	66
Figura 17: Exemplo de hipo envolvendo pronome enclítico .....	66
Figura 18: Exemplo de hipo na translineação - exclusão .....	66
Figura 19: Exemplo de hipo na translineação considerada na análise .....	67
Figura 20: Exemplo de produção textual excluída .....	68
Figura 21: Exemplo de produção textual para a contagem de palavras .....	70
Figura 22: Constituintes prosódicos (BISOL,1996, p. 248) .....	75
Figura 23: Esquema arbóreo (BISOL,1996, p. 248).....	75
Figura 24: Exemplo de C.....	77
Figura 25: Exemplo de $\Phi$ .....	78
Figura 26: Exemplo de $\Phi$ reestruturada.....	79
Figura 27: Exemplo de I.....	80
Figura 28: Exemplo de U.....	81
Figura 29: Exemplo de hipo que se associa a limites de C - DD.....	84
Figura 30: Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico proclítico.....	105
Figura 31: Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico proclítico.....	106
Figura 32: Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico e modificador.....	108
Figura 33: Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico e modificador.....	109
Figura 34: Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico (enclítico) .....	110
Figura 35: Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico (enclítico).....	111
Figura 36: Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico enclítico (não previsto no PB) .....	112
Figura 37: Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico (não previsto no PB) .....	113
Figura 38: Hipo em OC que se associa a C: “o que” conjunção integrante.....	114
Figura 39: Hipo no DD que se associa a $\Phi$ : único C.....	117
Figura 40: Hipo em OC que se associa a $\Phi$ : único C.....	118
Figura 41: Hipo no DD que se associa a $\Phi$ : mais de um C.....	120
Figura 42: Hipo em OC que se associa a $\Phi$ : mais de um C.....	121
Figura 43: Hipo em DD que se associa a $\Phi$ : “o que” interrogativo.....	122
Figura 44: História em quadrinhos.....	124
Figura 45: Hipo no DD que se associa a $\Phi$ : “por que” interrogativo.....	125
Figura 46: Hipo em OC que se associa a I: “de repente”.....	131
Figura 47: Hipo no DD que se associa a I: “tá bom”.....	133
Figura 48: Hipo no DD que se associa a I: “dependência semântica: diversos”.....	135

Figura 49: Hipo em OC que se associa a I: “dependência semântica: diversos” .....	136
Figura 50: Hipo no DD que se associa a I: “vocativos” .....	138
Figura 51: Hipo em OC que se associa a I: “enumeração” .....	139
Figura 52: Hipo no DD que se associa a I: “canção” .....	140
Figura 53: Hipo em OC que se associa a I: “canção” .....	141
Figura 54: Hipo no DD que se associa a I: “diferentes fatores - trecho que acompanha o vocativo” .....	143
Figura 55: Hipo em OC se associa a I: “diferentes fatores – introdutor de DD” .....	143
Figura 56: Hipo no DD que se associa a I: “diferentes fatores” .....	144
Figura 57: Hipo em OC que se associa a I: “diferentes fatores” .....	145
Figura 58: Hipo no DD que se associa a U: “palavras com dependência semântica” .....	151
Figura 59: Hipo em OC que se associa a U: “palavras com dependência semântica” .....	152
Figura 60: Hipo em OC que se associa a U: “introdutor de enumeração” .....	153
Figura 61: Hipo em OC que se associa a U: “introdutor de DD” .....	154
Figura 62: Hipo em OC que se associa a U: “diversos” .....	155
Figura 63: Hipo no DD que se associa a U: “diversos” .....	155
Figura 64: Hipo no DD que se associa a U: “U formada por mais de uma I” .....	156
Figura 65: Hipos que não se associam a limites prosódicos.....	162
Figura 66: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de $\Phi$ s distintas” .....	165
Figura 67: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de $\Phi$ s distintas” .....	166
Figura 68: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de Us distintas” .....	167
Figura 69: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – contração” .....	168
Figura 70: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – contração” .....	169
Figura 71: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – demais casos” .....	169
Figura 72: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – demais casos” .....	170
Figura 73: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junções que ignoram o clítico: palavra com dependência semântica” .....	171
Figura 74: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junções que ignoram o clítico: palavra com dependência semântica” .....	172
Figura 75: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre outro clítico e palavra prosódica” .....	173
Figura 76: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre outro clítico (enclítico) e palavra prosódica” .....	174
Figura 77: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre outro clítico (enclítico) e palavra prosódica” .....	174
Figura 78: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: junção envolvendo o uso de “para” .....	176
Figura 79: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: junção envolvendo o uso de “para” .....	176
Figura 80: Hipo no DD: “junção envolvendo o uso de “pra” .....	177
Figura 81: Hipo em OC: “junção envolvendo o uso de “pa” .....	177
Figura 82: Hipo envolvendo palavras das duas instâncias enunciativas.....	181
Figura 83: Hipo envolvendo palavras das duas instâncias enunciativas.....	181

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comparação das hipos por série .....	87
Gráfico 2: Comparação das palavras envolvidas em hipo por série.....	89
Gráfico 3: Progressão das hipos.....	93
Gráfico 4: Progressão das palavras envolvidas em hipo.....	94
Gráfico 5: Análise prosódica das hipos no DD.....	98
Gráfico 6: Análise prosódica das hipos em OC.....	98
Gráfico 7: Análise prosódica das hipos por série – DD.....	100
Gráfico 8: Análise prosódica das hipos por série – OC.....	101
Gráfico 9: Hipos e limites prosódicos – DD e OC.....	103
Gráfico 10: Comparação das hipos em C nas quatro séries.....	115
Gráfico 11: Comparação das hipos em $\Phi$ nas quatro séries.....	126
Gráfico 12: Comparação das hipos em I nas quatro séries.....	147
Gráfico 13: Comparação das hipos em U nas quatro séries.....	158
Gráfico 14: Comparação das hipos que não se associam a limites prosódicos nas quatro séries...	179

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Quantidade de produções textuais por escola.....	57
<b>Tabela 2:</b> Propostas de produção textual do banco.....	59
<b>Tabela 3:</b> Quantidade de produções textuais que apresentam DD – por escola.....	60
<b>Tabela 4:</b> Quantidade de produções textuais por escola: pós-exclusões.....	64
<b>Tabela 5:</b> Contagem de palavras.....	71
<b>Tabela 6:</b> Distribuição das ocorrências de hipo por série.....	87
<b>Tabela 7:</b> Comparação das palavras envolvidas e não envolvidas em hipo.....	88
<b>Tabela 8:</b> Comparação entre as séries avaliadas – palavras envolvidas em hipo - DD.....	95
<b>Tabela 9:</b> Comparação entre as séries avaliadas – palavras envolvidas em hipo - OC.....	96
<b>Tabela 10:</b> Categorias das hipos que se associam a limites de C .....	105
<b>Tabela 11:</b> Categorias das hipos que se associam a limites de $\Phi$ .....	117
<b>Tabela 12:</b> Categorias das hipos que se associam a limites de I .....	129
<b>Tabela 13:</b> Categorias das hipos que se associam a limites de U .....	150
<b>Tabela 14:</b> Categorias das hipos que não se associam a limites prosódicos.....	164

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1: AS HIPOSEGMENTAÇÕES.....</b>	<b>13</b>
1.1 Hipossegmentação: primeiros passos.....	13
1.2 Hipossegmentação: uma caracterização .....	13
1.3 Hipossegmentação: hipóteses explicativas.....	17
1.3.1 Hipossegmentação: hipóteses explicativas não linguísticas.....	17
1.3.2 Hipossegmentação: hipóteses explicativas linguísticas.....	20
1.4 Hipossegmentação: indício da heterogeneidade da escrita .....	30
<b>CAPÍTULO 2: A INSTÂNCIA ENUNCIATIVA DO DISCURSO DIRETO.....</b>	<b>35</b>
2.1 Discurso direto: primeiros passos.....	35
2.2 Discurso direto: revisão teórico-analítica.....	35
2.2.1 Discurso direto na aquisição da escrita.....	48
<b>CAPÍTULO 3: MATERIAL E METODOLOGIA .....</b>	<b>56</b>
3.1 Introdução .....	56
3.2 Material: banco de produções textuais.....	56
3.3 Material: a seleção do corpus.....	59
3.3.1 Material: a seleção do corpus - DD.....	59
3.3.2 Material: a seleção do corpus - hipossegmentações.....	64
3.4 Metodologia.....	68
3.4.1 Metodologia: análise quantitativa.....	68
3.4.2 Metodologia: análise qualitativa.....	72
3.4.2.1 Metodologia: Constituintes prosódicos.....	76
<b>CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>86</b>
4.1. Introdução .....	86
4.2 Visão geral quantitativa das hipossegmentações.....	86
4.3 Visão geral da atuação da organização prosódica para a emergência de hipos.....	98
4.3.1 As hipos que se associam a limites prosódicos.....	102
4.3.1.1 Visão geral.....	102
4.3.1.2 As hipos em C.....	103
4.3.1.3 As hipos em $\Phi$ .....	116
4.3.1.4 As hipos em I.....	128
4.3.1.5 As hipos em U.....	149
4.3.2 As hipos que não se associam a limites prosódicos.....	160
4.3.2.1 As hipos que não se associam a limites prosódicos: junção entre DD e OC.....	180
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>188</b>

## INTRODUÇÃO

A segmentação não convencional de palavras já foi estudada a partir de diferentes perspectivas. Para alguns autores, como Zorzi (2007) e Pavão (2005), por exemplo, ela pode ser considerada um sintoma patológico de doenças como a dislexia ou a disortografia. Em perspectiva oposta, outros autores, como – Capristano (2007a, 2007b, 2010), Chacon (2004, 2009, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011), Paula (2007), Cunha (2010a), Capristano e Ticianel (2014) –, têm buscado explicações linguísticas ligadas a fatos da fala e da escrita para explicar esses dados, uma vez que, para esses autores, a segmentação não convencional seria um indício do caminho conflituoso do escrevente em direção à convencionalidade e momento em que emergem marcas do trânsito do escrevente por práticas orais e letradas. A presente pesquisa filia-se a essa segunda perspectiva.

Nessa abordagem, as segmentações não convencionais são compreendidas como colocações de espaço em branco que delimitam palavras realizadas de forma não esperada pelas convenções ortográficas. Essas ocorrências podem ser hipersegmentações, hipossegmentações e mesclas ou híbridos<sup>1</sup>. Hipersegmentações referem-se a ocorrências em que há espaços em branco além do previsto pelas convenções ortográficas, como se pode observar em grafias como “*a mizade*”, para “*amizade*”. Hipossegmentações, por sua vez, correspondem à ausência de espaços em branco entre palavras, como em “*tida*” para “*te dar*”. As mesclas ou híbridos são ocorrências em que, ao mesmo tempo, observam-se hipersegmentações e hipossegmentações, como exemplo, “*nos pital*” para “*no hospital*”. Para a presente pesquisa, interessam especificamente as hipossegmentações.

Nos estudos sobre segmentação não convencional, é possível notar que há consenso na identificação de hipossegmentações, contudo, existem diferentes hipóteses explicativas para a sua emergência. De um lado, apresentam-se motivações que podem ser caracterizadas como não linguísticas, por exemplo, idade, tempo de escolaridade, contexto de ensino (público ou privado) e nível socioeconômico. Por outro lado, apresentam-se motivações estritamente linguísticas, como a percepção de grupos de força, a percepção de grupos tonais, a sensibilidade para a forma canônica de palavra no português e a

---

<sup>1</sup> Por híbridos, compreendem-se estruturas em que há primeiro hipossegmentação e, depois, hipersegmentação, como exemplificado na ocorrência “*pofa vor*” (por favor) (CUNHA, 2004, 2010). Mesclas, por sua vez, termo cunhado por Chacon (2004), caracterizar-se-iam por envolver as duas ocorrências de segmentação não convencional, tanto hipossegmentação, quanto hipersegmentação. Fato que se observa, por exemplo, nas estruturas: “*foipa sia*” (foi passear) e “*a lenda*” (além das).

sensibilidade para a organização prosódica da linguagem. Em relação aos fatores linguísticos, também são mencionados fatores, como: fonológicos/gráficos, semânticos, ligados a representações das relações sintáticas e vinculados a princípios internos de organização textual.

Destaca-se que essa gama variada de hipóteses explicativas é sempre guiada por uma interpretação teórica das hipossegmentações. Para a presente pesquisa interessa, de forma específica, compreender as hipossegmentações – e, também, de forma mais ampla, as segmentações não convencionais – a partir da perspectiva que as entendem como indícios da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), na esteira do que fazem alguns estudos no âmbito da Linguística (Teórica e Aplicada), como os trabalhos de Capristano (2010, 2007a, 2007b), Chacon (2004, 2009, 2013), Paula (2007), Tenani (2008, 2010, 2011), Paranhos (2014). Esses trabalhos, a partir das contribuições de Corrêa (por exemplo, 1997 e 2004)

têm sustentado a idéia de que o encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas (CORRÊA, 2004, p. 34), que, de modo mais acentuado, pode ser observado, por exemplo, na escrita inicial de adultos e de crianças, não marcaria uma suposta intervenção e/ou interferência danosa da fala na escrita; ou ainda, não registraria apenas a relação entre duas diferentes tecnologias (CORRÊA, 2007, p. 269). Ao contrário, esse encontro seria constitutivo do modo de enunciação escrito (CAPRISTANO, 2010, p. 175).

A partir de uma perspectiva da heterogeneidade, investigar-se-á, especificamente, a hipótese de que as hipossegmentações teriam suas motivações relacionadas a “*princípios internos de organização textual*”. Autores como Abaurre (1988, 1991) e Silva (1994) mencionaram, em seus estudos, essa hipótese, supondo que poderia haver uma relação entre a presença de discurso direto (DD) em produções textuais infantis e o aumento de hipossegmentações. Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014), a partir dessa hipótese, desenvolveram pesquisas e puderam observar que, em especial qualitativamente, há diferença entre hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e no que as autoras chamaram de outros contextos (OC)<sup>2</sup>.

As pesquisas desenvolvidas por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014) foram inovadoras uma vez que, embora a hipótese de que a presença de DD em

---

<sup>2</sup> Na pesquisa que desenvolveram, Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014) fizeram uma distinção entre DD e OC. OC, assim, se referiria a momentos em que “aparece a voz do narrador, tanto aqueles em que ele agencia o relato, quanto aqueles em que, por meio do discurso indireto, o narrador integra a sua voz, vozes imputadas às personagens da narrativa” (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 235).

produções textuais infantis poderia provocar o aumento de hipossegmentações já tivesse sido mencionada por outros autores, ela ainda não havia sido examinada rigorosamente. As pesquisas supracitadas, em função dos objetivos que propuseram, investigaram a relação entre o DD e as hipossegmentações a partir de uma quantidade pequena de produções textuais, advindas de uma única proposta de produção textual. Além disso, essas pesquisas foram realizadas a partir de um recorte transversal, isto é, considerando produções textuais advindas de um único ano (série).

O modo como essas pesquisas foram desenvolvidas abriu a possibilidade para o desenvolvimento de outras, nas quais a hipótese da relação entre o DD e as hipossegmentações fosse avaliada a partir de um corpus maior – que permitiria testar mais amplamente essa hipótese –, bem como, considerando a existência de diferenças qualitativas e/ou quantitativas num recorte longitudinal, ou seja, avaliando se a relação entre o DD e as hipossegmentações se manteria ao longo do tempo, em especial, do tempo de escolarização das crianças.

Diante desse quadro, a presente pesquisa tem por objetivo geral investigar possíveis relações existentes entre o uso de discurso direto e a emergência de hipossegmentações em produções textuais das antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, examinando, para isso, o funcionamento dessas ocorrências com base na instância enunciativa em que são produzidas: no próprio discurso direto (DD) e nos momentos classificados como outros contextos (OC). Esse objetivo geral desdobra-se em dois objetivos específicos. Pretende-se:

- (I) examinar se existem diferenças quantitativas significativas entre as hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental);
- (II) examinar, com base em uma análise prosódica (cf. NESPOR; VOGEL, 1986) das hipossegmentações, se existem diferenças qualitativas importantes nas ocorrências observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental).

Uma pesquisa dessa natureza faz-se relevante por examinar exclusivamente o funcionamento das hipossegmentações, por abordar o DD na aquisição da escrita e, por fim, por relacionar hipossegmentações e DD num recorte longitudinal. Em primeiro lugar, são escassos os trabalhos que investigam, especificamente, as hipossegmentações. Os trabalhos mencionam e comentam essa forma de segmentação não convencional, mas, de forma geral, sempre junto com as outras formas: as hiperssegmentações e as mesclas (ou híbridos). Também não existem trabalhos que se interessam em caracterizar o DD produzido por escreventes em aquisição da escrita. As poucas pesquisas que mencionam o DD têm outros interesses e, no percurso de análise, apenas observam e anotam algumas características dessa forma do discurso relatado. Por fim, existem poucos trabalhos que tiveram o objetivo de examinar a relação entre DD e hipossegmentação e nenhum que tenha feito uma análise longitudinal. Esses trabalhos edificaram-se a partir da análise de um número pequeno de enunciados escritos e todos eles oriundos de uma única atividade de produção textual, num recorte transversal.

Para cumprir com os objetivos propostos, esta dissertação está organizada da seguinte maneira: em primeiro lugar, no Capítulo 1, será apresentada uma caracterização das hipossegmentações. O propósito desse capítulo é apresentar tanto características mais relacionadas à identificação das hipossegmentações quanto hipóteses explicativas para a emergência delas. Nesse capítulo, será feita, também, uma apresentação da perspectiva teórica assumida nesta dissertação para a investigação das hipossegmentações.

Na sequência, no Capítulo 2, passa-se a uma caracterização teórica da instância enunciativa do DD, apresentando suas definições a partir de duas principais perspectivas nomeadas como *normativas* e *enunciativas*. Também será feita, nesse capítulo, uma caracterização do DD tal como se mostra em enunciados escritos produzidos na aquisição da escrita.

O Capítulo 3 é dedicado à apresentação dos materiais e da metodologia que compõem a pesquisa. São exploradas todas as decisões metodológicas para a chegada ao corpus definitivo. São, também, apresentados todos os passos para a realização da análise do material, tanto quantitativa quanto qualitativa, para que se possa cumprir com os objetivos propostos. O Capítulo 4 tem o propósito de apresentar os resultados obtidos. Nele, são explorados os resultados quantitativos da pesquisa e todos os seus desdobramentos, bem como os resultados qualitativos obtidos. Por fim, apresentam-se as

considerações finais da pesquisa, incluindo as conclusões às quais a investigação permitiu chegar.

## CAPÍTULO 1: AS HIPOSEGMENTAÇÕES

### 1.1 Hipossegmentação: primeiros passos

A presente pesquisa tem por objetivo investigar possíveis relações existentes entre o uso de discurso direto e a emergência de hipossegmentações em produções textuais de crianças das antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Assim, faz-se necessária a caracterização dessa forma de segmentação não convencional, a partir das contribuições dos estudos que a exploraram.

Na sequência, primeiramente, será apresentada uma noção geral das hipossegmentações e do modo como elas são identificadas na escrita de crianças durante a aquisição da escrita. Em seguida, passa-se a uma exposição das diferentes motivações que, segundo os estudos sobre segmentação não convencional, permitem o aparecimento de hipossegmentações. Por fim, será detalhado o modo como as hipossegmentações serão teoricamente interpretadas nesta pesquisa. Para isso, a investigação será realizada a partir das contribuições dos estudos de Abaurre (1988, 1991), Cagliari (1995), Capristano (2007a, 2007b, 2010), Capristano e Ticianel (2014), Chacon (2004, 2009, 2013), Corrêa (1997, 2001, 2004), Cunha (2010a), Kajita (2009), Massi (2004), Morais (2003), Oliveira (2006), Oliveira (2007), Pavão (2005), Silva (1989, 1994), Simões (2006), Ticianel (2012, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011).

### 1.2 Hipossegmentação: uma caracterização

A colocação de espaços em branco que delimita palavras na escrita tem estreita relação com questões históricas, além de linguísticas. São as normas ortográficas vigentes no período que determinarão como deverá ser realizada a segmentação das palavras, conseqüentemente, é a partir dessa norma que se determinará o que será ou não considerado segmentação não convencional (cf. KAJITA, 2009, p. 44-45). Entre os séculos XVI e XIX, por exemplo, não havia uma norma ortográfica vigente em Portugal, assim “a ortografia se baseava na origem (real ou assumida) grega ou latina das palavras” (KAJITA, 2009, p. 45), que, por vezes, se organizava a partir da “*scriptio continua*”, isto é, a escrita sem espaços em branco e outras marcas gráficas (MORAIS, 2003). Foi apenas em meados de 1911 que

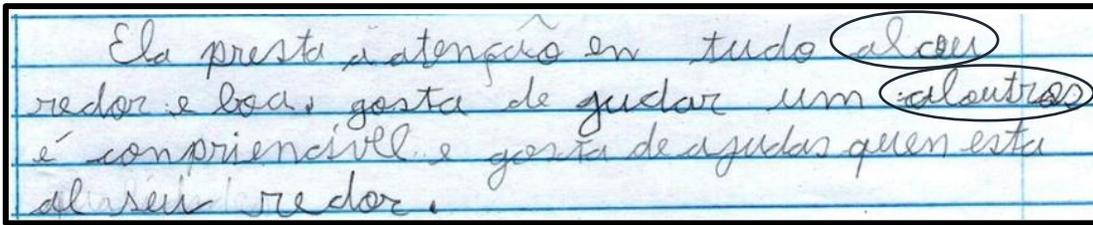
foi estabelecida a primeira norma ortográfica para o português. Esses dados históricos permitem iniciar uma caracterização das ocorrências de segmentação não convencional na aquisição da escrita, pois é apenas a partir da norma, isto é, do padrão ortográfico vigente, que “emerge” o não convencional.

A norma ortográfica atual do português brasileiro e europeu vale-se de critérios morfossintáticos para a distribuição de espaços em branco na escrita. Ocorre, por vezes, que o escrevente, na aquisição da escrita, segmenta seus enunciados de forma não convencional, pois, para ele, emergem, no processo de escrita, outras possibilidades de segmentação (CAPRISTANO; CHACON, 2014). Para Abaurre (1991, p. 203), por exemplo, essas segmentações resultam do fato de esse escrevente se basear, muitas vezes, em alguns aspectos das suas práticas orais – critérios para os quais o adulto alfabetizado já se tornou “surdo”, por já perceber a cadeia fonética de forma segmentada. De maneira concomitante, a autora considera que esse escrevente também constrói suas hipóteses de segmentação a partir de aspectos que caracterizariam a própria escrita, isto é, constrói hipóteses a partir do objeto escrito que observa a sua volta (cf., também, SILVA, 1994, p. 33).

Desse emaranhado de critérios, os pesquisadores perceberam, conforme adiantado, a emergência de três realizações não convencionais de segmentação: as hipersegmentações, as hipossegmentações e as mesclas ou híbridos. Também conforme antecipado, as hipersegmentações equivalem a ocorrências em que há “separações além da prevista pela ortografia”, como exemplo em “**a mava**”, para “amava” (SILVA, 1994, p. 33). As *hipossegmentações*, em contrapartida, corresponderiam a momentos em que há uma “juntura intervocabular”, por exemplo, em “**sicasar**”, para “se casar” (CAPRISTANO, 2007a, p. 10). As *mesclas* ou *híbridos*, ocorrências simultâneas de hipossegmentação e hipersegmentação, referem-se a casos como “sies condeu” para “se escondeu”. Essas ocorrências, assim como as *hipossegmentações*, não serão exploradas nesta dissertação devido aos objetivos propostos. Como já explicitado no início, o interesse desta dissertação volta-se, em específico, às *hipossegmentações*, assim, passa-se, na sequência, a investigação dessas ocorrências de maneira mais central.

As diferentes pesquisas que investigaram as *hipossegmentações* as definem em uma direção muito semelhante: tratam-se de segmentações para menos “em que não ocorre espaço em branco onde esta[ria] previsto pela ortografia” (TENANI, 2010, p. 230), fato que

ocasiona a “junção de duas ou mais palavras” (SILVA, 1994, p. 33). O exemplo a seguir ilustra ocorrências de hipo:



**Figura 1:** Exemplos de Hipos<sup>3</sup>

Na Figura 1, podem ser observadas duas hipossegmentações. Na primeira, não há espaço em branco entre as palavras “ao” (al) e “seu” (ceu), que aparecem escritas como se constituíssem uma única palavra gráfica. O mesmo fato pode ser observado na junção de “ao” (al) e “outros” (outros).

As definições gráfico-visuais supracitadas das hipos parecem tornar fácil a identificação dessas ocorrências nos enunciados escritos, porém, na prática, nem sempre é isso que se observa. Segundo Ferreiro e Pontecorvo (1996, p. 52), para as produções em letra cursiva (semelhante as da Figura 1), é possível ter certa clareza na identificação das hipo, pois a junção relaciona-se “nas dimensões de continuidade do traçado *versus* descontinuidade”. Já nas chamadas letras de imprensa, há certa dificuldade para identificar as hipo, pois há uma dupla realização de espaços em branco que precisa ser levada em consideração: aqueles que separam as letras e aqueles que separam as palavras (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 52).

Esse aspecto de identificação pode influenciar o analista no levantamento dos dados de hipo, assim, é preciso que sejam tomadas algumas decisões metodológicas, para que a investigação dos dados não seja comprometida. O que se faz é tornar cada uma das produções textuais como parâmetro para a identificação dos espaços em branco que estão nessa própria produção textual (KAJITA, 2009), como pode ser observado no exemplo a seguir:

<sup>3</sup> **Leitura preferencial:** Ela presta a atenção em tudo ao seu redor. É boa, gosta de ajudar uns aos outros. É compreensível e gosta de ajudar quem está ao seu redor.

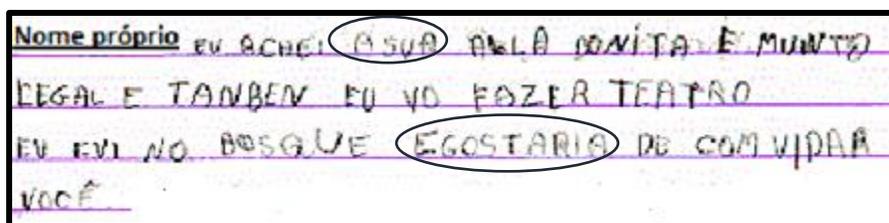


Figura 2: Identificação de hipos<sup>4,5</sup>

Na produção textual exemplificada, podem ser observadas duas hipossegmentações (“asua” – a sua – e “egostaria” – e gostaria). A possibilidade de identificação dessas ocorrências relaciona-se à própria produção textual do escrevente. Ao serem observados os espaços em branco que delimitam as palavras, nota-se que eles possuem mais ou menos o mesmo tamanho, assim, é possível inferir que há um espaço em branco delimitando as palavras: “achei”, “asua” e “alla (aula)”, da mesma forma como há espaços em branco delimitando as “palavras”: “bosque”, “egostaria” e “de”. Também podem ser observados espaços entre as letras de cada palavra, mas, pela observação do próprio enunciado, é possível que sejam identificadas as fronteiras entre palavras – espaços em branco maiores – e as fronteiras entre letras – espaços em branco menores. Desse modo, não é, por exemplo, uma medida milimétrica dos espaços em branco que garantirá a identificação dessas ocorrências, mas sim cada um dos enunciados que se torna parâmetro.

Se a definição e identificação das hipossegmentações parecem consenso entre as perspectivas que se interessaram por essas ocorrências, o mesmo não se pode postular acerca das suas motivações. Em outras palavras, a depender da perspectiva de investigação, busca-se explicações para a emergência das hipossegmentações por caminhos distintos.

No levantamento bibliográfico realizado, foram encontradas explicações para a emergência das hipossegmentações relacionadas a dois fatores mais amplos: “*não linguísticos*” e “*linguísticos*”. Aos fatores não linguísticos, relacionam-se: *distúrbio de aprendizagem, idade, tempo de escolaridade, contexto de ensino* (público ou privado) e *nível socioeconômico*. Os fatores linguísticos para a emergência de hipossegmentações estão, sobretudo, relacionados aos conhecimentos acerca da fala que o escrevente possuiria

<sup>4</sup> Nas figuras que ilustram as produções textuais que pertencem ao corpus investigado, serão observadas, em alguns momentos, as indicações “Nome próprio”, “Nome do professor” e “Nome do pesquisador”. Essas marcas – que advém do banco de dados do qual essas produções textuais fazem parte – foram utilizadas para que a identidade dos participantes da coleta de dados fosse preservada.

<sup>5</sup> **Leitura preferencial:** Nome próprio, eu achei a sua aula bonita e muito legal. E, também, eu vou fazer teatro. Eu fui no bosque e gostaria de convidar você.

e que atuam em (sua) escrita. Trata-se, principalmente, de aspectos prosódicos, dentre os quais se destacam: *percepção de grupos de força, percepção de grupos tonais, sensibilidade para a forma canônica de palavra no português e sensibilidade para a organização prosódica da linguagem*. Além desses, os trabalhos ainda mencionam os seguintes fatores: *fonológicos/gráficos, semânticos, ligados a representações das relações sintáticas* e, por fim, *vinculados a princípios internos de organização textual*. Na sequência, serão exploradas cada uma dessas explicações, buscando traçar um percurso das diferentes hipóteses construídas pelos estudos para entender o funcionamento das hipossegmentações.

### 1.3 Hipossegmentação: hipóteses explicativas

#### 1.3.1 Hipossegmentação: hipóteses explicativas não linguísticas

Sob uma perspectiva por nós caracterizada como não linguística, a hipossegmentação, segundo alguns autores, pode emergir de aspectos que poderiam ser chamados de extralinguísticos. Um deles seria a relação com dificuldades e **distúrbios de aprendizagem**. Esses estudos advêm, principalmente, da pedagogia e da psicopedagogia.

Para Pavão (2005), as segmentações não convencionais, de maneira geral, e as hipossegmentações, de modo específico, caracterizam-se-iam como sintoma da chamada *disortografia*, patologia que se “caracterizaria pela dificuldade [do escrevente] em fixar [e reproduzir] as formas ortográficas das palavras” (PAVÃO, 2005, p. 02). Sob a mesma perspectiva, Ianhez e Nico (2002) e Cuba dos Santos (1987) (*apud* MASSI, 2004, p. 72) definem a “união de uma ou mais palavras e/ou divisão inadequada de vocábulos” como um dos sintomas da dislexia, doença que se caracterizaria, dentre outros pormenores, pela dificuldade do aprendiz com atividades de leitura e escrita. Entretanto, diversas pesquisas como as de Massi (2004) e Oliveira (2007) têm questionado essas ocorrências de segmentação não convencional como um “sintoma” desses distúrbios.

Oliveira (2007), ao comparar segmentações não convencionais de um escrevente classificado com dislexia e de escreventes considerados sem patologia, pôde observar que, por diversos aspectos, esses sujeitos realizam coisas muito semelhantes. Nos pequenos resultados divergentes, o que parece provocar certa demora em relação à aquisição das

convenções pelo sujeito considerado disléxico é “em grande parte, o *procedimento de exclusão* a que RD [sujeito participante da pesquisa] foi submetida por instituições como a escola, a família e a medicina” (OLIVEIRA, 2007, p.160).

Sob perspectiva semelhante, Massi (2004, p. 07), ao observar possíveis sintomas da dislexia, investigou, por um lado, “a falta de evidência capaz de indicar a causa desse suposto distúrbio e, por outro, a inconsistência descritiva do que tem sido considerado como sintoma disléxico”. Como Oliveira (2007), Massi (2004) considera que os parâmetros para diagnosticar um disléxico ignoram que hipossegmentações e outros aspectos não convencionais da escrita infantil fazem parte da aquisição. Nesse sentido, os sintomas de dislexia seriam, na verdade, pistas que permitiriam desvendar “estratégias de reflexão lançadas pelo aprendiz sobre a escrita que está em uso e construção” (MASSI, 2004, p. 07).

Para essa perspectiva das hipossegmentações como sintomas de distúrbios de aprendizagem, Abaurre (1994) destaca a contribuição de estudos linguísticos:

Temos contribuído decisivamente, tenho a certeza para a “despatologização” do ensino neste país, ao dar explicações alternativas, linguisticamente motivadas, para casos que vinham sendo tomados, até recentemente, como “evidências” de dislexia, por exemplo. É a partir de considerações estritamente linguísticas que é possível explicar, para citar apenas alguns casos, algumas escritas hiper e hipossegmentadas (Abaurre, 1991; Silva, 1994), algumas “trocas” de letras, e mesmo a sintaxe de alguns enunciados frequentes nas escritas iniciais (ABAURRE, 1994, p. 119).

Outro aspecto extralinguístico que pode estar relacionado à emergência das hipossegmentações seria o fator **idade dos escreventes**. Abaurre (1991) observou que crianças mais novas tenderiam a segmentar menos seus enunciados – consequentemente, levando-as a hipossegmentá-los mais –, pois tenderiam a recorrer, mais do que crianças mais velhas, “à sua percepção das unidades da fala” (ABAURRE, 1991, p. 211).

Diretamente relacionado a esse aspecto, está o **tempo de escolaridade** desses escreventes. Para Moraes (2003, p. 74), é possível que o tempo de escolaridade influencie o aumento das ocorrências de segmentação não convencional. Os dados observados pelo autor permitiram-lhe concluir que as crianças da terceira série, por exemplo, tiveram mais dificuldade do que as crianças da quinta série para segmentar. Especificamente acerca das hipossegmentações, nas duas séries, elas foram encontradas em quantidades semelhantes e em quantidade superior às hipersegmentações.

Ainda em relação à perspectiva nomeada como não linguística, a emergência de hipossegmentações pode estar relacionada ao **contexto de ensino** do qual participam os escreventes (público ou privado). Ticianel (2013), ao investigar hipossegmentações no discurso direto e em outras instâncias enunciativas, observou nesses dados semelhanças e diferenças em relação ao contexto de ensino em que haviam sido produzidos. Em relação às semelhanças, tanto no ensino público quanto no privado, quantitativamente, observou mais hipossegmentações nos momentos de discurso direto. Qualitativamente, nos dois contextos de ensino, “a maior quantidade de ocorrências de hipossegmentações que não correspondiam a limites prosódicos [localizava-se] em outros contextos [fora do discurso direto]” (TICIANEL, 2013, p. 31).

Também foi observado que, em ambos os contextos de ensino, os escreventes possuem dificuldade com algumas estruturas, como “o que” e “de repente”, estruturas que apareceram por diversas vezes hipossegmentadas tanto na escola pública quanto na privada. Em relação às diferenças, estão as hipossegmentações motivadas pela atuação das fronteiras do constituinte frase fonológica ( $\Phi$ )<sup>6</sup>, por exemplo, em “abrucha” (a bruxa) e “oelefante” (o elefante). Para os escreventes da escola privada, essa dificuldade já pareceu sanada, em contrapartida, para os da escola pública, essas hipossegmentações ainda se mostravam, como uma dificuldade.

Um último fator que poderia estar relacionado à emergência de hipossegmentação sob uma perspectiva não linguística seria o **socioeconômico**, aspecto que se aproxima das questões já apresentadas em relação à escola pública e à privada. Ferreiro e Pontecorvo (1996), em estudo comparativo entre enunciados de crianças italianas, brasileiras, uruguaias e mexicanas, puderam perceber que a experiência escolar prévia e/ou a influência social/global – a classe social da qual fazem parte, por exemplo – poderia estar relacionada ao aparecimento de ocorrências de hipossegmentação.

A partir de um gráfico em que utilizaram a frequência com que apareciam as segmentações não convencionais nessas produções textuais, notaram que, percentualmente, ocorria algo específico com os dados das produções textuais italianas. Ferreiro e

---

<sup>6</sup> A frase fonológica é um dos constituintes que pertence à fonologia prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986). Esse constituinte localiza-se na hierarquia prosódica abaixo da Frase Entoacional (**I**). Para identificar a  $\Phi$  é preciso que se encontre na sentença os cabeças lexicais: verbos, substantivos, advérbios e alguns pronomes que formam domínios prosódicos. Esse cabeça lexical acompanhado dos clíticos e/ou dos modificadores que estiverem do seu lado não recursivo (BISOL, 1996), associam-se aos domínios de uma  $\Phi$ . A  $\Phi$  pode ser simples ou reestruturada a partir de algumas regras.

Pontecorvo (1996) observaram que, ao comparar essas produções com aquelas produzidas por escreventes brasileiros, mexicanos e uruguaios, havia, proporcionalmente, uma menor incidência de ocorrências de segmentação. Com ênfase para os mexicanos que apresentavam, por vezes, uma oscilação entre “a *scriptio continua* e o texto segmentado” (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 53), por exemplo. Esse fato poderia ser explicado, pois “praticamente todas as crianças italianas são escolarizadas desde os 3 anos, enquanto apenas as de classe média dos outros três países têm um ou dois anos de escolarização pré-primária” (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 53). Esse fato, segundo as autoras, influenciaria, diretamente, a aprendizagem da segmentação convencional.

Resultados semelhantes a esse foram obtidos por Abaurre (1991). A autora pôde observar, nas produções textuais que analisou, o fato de que crianças de classe média e classe alta, de escolas particulares, pareciam controlar melhor os critérios de segmentação convencional do que aquelas consideradas de classe baixa, advindas da escola pública. A autora destacou que crianças de escolas particulares, desde muito cedo, têm contato com a escrita, o que lhes permite estarem mais aguçadas para a segmentação que a escrita pressupõe. Em contrapartida, “as crianças de classe baixa, de modo geral, começam a explorar a escrita na escola”, fato que poderia causar uma maior incidência de hipossegmentações, pois essas crianças teriam pouco conhecimento acerca da segmentação de palavras na escrita e tenderiam a utilizar a percepção que possuem dos seus enunciados falados (ABAURRE, 1991, p. 212).

Todas essas possíveis motivações para as hipossegmentações associam a emergência dessas ocorrências a fatos não linguísticos, ligados a questões sociais, escolares e de aprendizagem. Vale destacar que essas possíveis motivações podem se relacionar, ou seja, a emergência de uma hipossegmentação pode resultar de mais de um dos critérios apresentados. Essas pesquisas, como adiantado, também buscaram explicações linguísticas para a emergência das hipossegmentações, explicações que serão exploradas na sequência.

### 1.3.2 Hipossegmentação: hipóteses explicativas linguísticas

Conforme antecipado, os fatores linguísticos para a emergência de hipossegmentações estariam relacionados principalmente aos conhecimentos a respeito da fala que os escreventes possuiriam e que atuariam em (sua) escrita. Para os autores, os

escreventes, na aquisição da escrita, teriam maior “sensibilidade” para aspectos da fala que um escrevente “adulto”, por já estar fortemente influenciado pelas segmentações da escrita, não mais perceberia (ABAURRE, 1991). Dentre esses fatores, destacam-se os prosódicos como a *percepção de grupos de força*, a *percepção de grupos tonais*, a *sensibilidade para a forma canônica de palavra no português* e a *sensibilidade para a organização prosódica da linguagem*. Também são mencionados os seguintes fatores: *fonológicos/gráficos*, *semânticos*, *ligados a representações das relações sintáticas* e, por fim, *vinculados a princípios internos de organização textual*.

Silva (1994), por exemplo, observou que algumas hipossegmentações teriam sua emergência relacionada à percepção dos escreventes dos chamados “**grupos de força**” e “**grupos tonais**”. Os **grupos de força** caracterizam-se como sequências linguísticas produzidas possivelmente sem a presença de pausas e subordinadas a um acento tônico. Essas estruturas são formadas por apenas uma unidade fonológica e uma ou mais morfológicas (CÂMARA Jr, 2011). Ao produzirem hipossegmentações, como “nameia” (na meia) e “cofome” (com fome), os escreventes estariam segmentando seus enunciados a partir da possível percepção desses grupos de força. Nessas estruturas, observa-se a junção de elementos não acentuados – no exemplo, “na” e “co” (com) – a elementos acentuados – no exemplo, “meia” e “fome” –, que correspondem a uma única unidade fonológica, mas que, na escrita, referem-se a duas unidades gráfico-morfológicas (SILVA, 1994, p. 42).

Essa observação feita por Silva (1994) foi destacada também em outras pesquisas como as de Koch (1997) e Simões (2006). Para as autoras, o que explicaria essas ocorrências seria o fato de as crianças segmentarem vocábulos fonológicos em suas produções textuais, ao invés de vocábulos formais, “como é o convencionalizado em nosso sistema ortográfico” (SIMÕES, 2006, p. 55). Para fazer seus apontamentos, Simões (2006) retoma exemplos de vocábulos da Língua Portuguesa oriundos do árabe – “álcool, alface e alfarrábio, por exemplo”. Nessas palavras, o artigo “al” se uniu ao substantivo, “formando um único vocábulo”. O processo é semelhante ao que a criança faz nos exemplos de hipossegmentação citados anteriormente: vocábulos não acentuados se unem aos acentuados. Há uma própria tendência da língua para isso, tendência para a qual a criança tem sensibilidade, pelo fato de não estar “contaminada” pela segmentação gráfica imposta pela ortografia (ABAURRE, 1991).

Os **grupos tonais**, por sua vez, são entendidos como unidades de informação semanticamente completas a serem transmitidas pelo interlocutor. Por esse motivo, elas recebem um contorno entoacional específico. Essas estruturas seriam delimitadas por pausas reais observadas na fala (cf., por exemplo, ABAURRE, 1991, p. 211). Na sequência, apresenta-se um exemplo desses dados:

O lobo mau  
 Oxapeziofoinaforetanacazavovo olobofoinacazavovó  
 Entronacaza comeuavovó olobovioxapeziosaidodacazavovó  
 Oxapezioviocasadoifoixamoocasadoipamataolobo  
 (Marcelo, pré-escola pública, 6 anos)

(O lobo mau  
 O Chapeuzinho foi na floresta na casa da vovó.  
 O lobo foi na casa da vovó.  
 Entrou na casa.  
 Comeu a Vovó.  
 O lobo viu o Chapeuzinho saindo da casa da vovó.  
 O Chapeuzinho viu o caçador, foi, chamou o caçador pra matar o lobo)  
 (ABAURRE, 1991, p. 211)

Os poucos espaços em branco que se observam no exemplo correspondem a lugares “onde se podem localizar, na fala, as fronteiras de grupos tonais delimitados por pausas reais (ABAURRE, 1991, p. 211)”. Por exemplo, os trechos “*O Chapeuzinho foi na floresta na casa da vovó*” e “*O lobo foi na casa da vovó*”, que aparecem em sequência, ao serem produzidos na fala, provavelmente, seriam separados por pausa, pelo fato de serem, cada um, semanticamente completos. Ao grafá-los, o escrevente parece segmentar guiando-se por essas fronteiras, corroborando com a hipótese dos autores supracitados.

O papel dos “grupos de força” e “grupos tonais” na emergência de hipossegmentações também foi observada por Oliveira (2006) ao investigar a segmentação em textos de negros do século XIX. Nas palavras do autor:

Quanto às hipo-segmentações, já se aludiu a que, nos textos infantis, podem estar transcrevendo recortes da linguagem oral em termos de grupos tonais ou grupos de força. Se um grupo de força é entendido como um suporte segmental de uma proeminência acentual possível em termos de enunciado, ou seja, uma unidade fonológica constituída de uma ou mais unidades morfológicas, é possível que, também nos textos dos negros do século XIX, grafias hipo-segmentadas sejam produtos desse recorte efetuado sobre a fala (OLIVEIRA, 2006, p. 244).

Além dessas motivações para a emergência das hipossegmentações, observa-se, também, o possível aparecimento de ocorrências relacionadas à “*forma canônica de*

*palavra no português*” (cf. ABAURRE, 1991). No português brasileiro, há predominância de palavras que recebem acento na penúltima sílaba – as chamadas paroxítonas. Em algumas hipossegmentações, as crianças parecem tomar essa estrutura canônica como parâmetro para segmentar. A partir de uma pesquisa na qual elenca hipóteses explicativas para a emergência de hipossegmentações, a autora observou que “(...) as soluções infantis não convencionais mais frequentes para problemas de segmentação levaram à proposta de “palavras” trissilábicas paroxítonas”, por exemplo: “**mupedi**” – para *no pé de*, “**cofome**” – para *com fome*, “**docaro**” – para *do carro*” dentre outros exemplos (ABAURRE, 1991, p. 207).

Alguns trabalhos investigaram também o papel da *organização prosódica da linguagem em constituintes* para a emergência de segmentações não convencionais e, dentre elas, de hipossegmentações, como os trabalhos de Capristano (2007a, 2007b, 2010), Capristano e Ticianel (2014), Cunha (2004, 2010a), Chacon (2004, 2009, 2013), Ferreira (2011), Paranhos (2014), Paula (2007), Tenani (2008, 2010, 2011), dentre outros. Esses estudos partem de pressupostos teóricos da fonologia prosódica tal qual postulada por Nespor e Vogel (1986). Para essas autoras, os enunciados de qualquer língua organizar-se-iam a partir de constituintes prosódicos agrupados em uma hierarquia formada por sete constituintes: sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), grupo clítico (C), frase fonológica ( $\Phi$ ), frase entoacional (I), enunciado (U)<sup>7</sup>.

A partir dos pressupostos teóricos da fonologia prosódica de Nespor e Vogel (1986), os estudiosos da segmentação não convencional supracitados, em suas pesquisas, em geral, têm o propósito de observar se a ausência ou presença não convencional de espaço em branco entre palavras pode ter sido “em alguma medida, motivada pela percepção de um constituinte prosódico” (TENANI, 2011, p. 108).

Tenani (2011), por exemplo, ao investigar produções textuais de escreventes dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental, buscou, no exame de segmentações não convencionais (hipossegmentações, hipersegmentações e mesclas), evidências da organização prosódica do português brasileiro. Em relação às hipossegmentações, especificamente, observou predomínio de ocorrências motivadas pela atuação de fronteiras prosódicas do constituinte *grupo clítico*. A autora afirma que “a maioria (65,6%) das hipossegmentações [encontradas no corpus] envolve[u] estruturas de clíticos seguidos de

<sup>7</sup> Uma apresentação detalhada dos constituintes prosódicos será realizada posteriormente na metodologia desta pesquisa.

palavra fonológica, como “meamava” e “concerteza” e essa estrutura também predomin[ou] em todos os anos escolares considerados” (TENANI, 2011, p. 109).

Chacon (2009, p. 1), em direção semelhante, investigou, exclusivamente, hipossegmentações, em doze produções textuais de escreventes de educação infantil, com o objetivo mais geral de “verificar até que ponto as crianças se guiariam por suas intuições sobre constituintes prosódicos da língua ao segmentarem seus enunciados escritos”. O autor observou que todas as hipossegmentações encontradas eram determinadas pela atuação de limites prosódicos. A maior quantidade de hipossegmentações, por sua vez, estava relacionada à atuação das fronteiras prosódicas do constituinte frase fonológica (52, 94%).

Em enunciados oriundos dos antigos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, a partir de uma investigação longitudinal, Capristano (2007b) examinou o percurso de dois escreventes em direção à convenção ortográfica. Especificamente acerca das hipossegmentações, observou que “parecem ser determinadas prioritariamente pela atuação de diferentes limites prosódicos” (CAPRISTANO, 2007b, p. 124). Essas observações, segundo a autora, justificam-se, pois os escreventes suporiam “que existiria uma relação unívoca entre aspectos prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita, de modo que os usos da linguagem falada, em especial as “fronteiras” estabelecidas no fluxo da linguagem oral, pudessem ser transferidos diretamente para a escrita, sem alterações” (CAPRISTANO, 2007b, p. 124). Assim, ao observar os enunciados de dois sujeitos, a autora pôde verificar que predominavam hipossegmentações que correspondiam à junção de clíticos e palavras de conteúdo, que podiam ser associadas, em grande medida, aos constituintes grupo clítico e frase fonológica. Nos enunciados de um dos sujeitos, Capristano (2007b, p. 136) observou, além disso, “um número significativo de hipossegmentações que resultam da junção de unidades de informação maiores”, que também podiam ser associadas a limites prosódicos, mas, a limites mais altos: frases entoacionais e enunciados fonológicos.

Além dessas motivações exclusivamente prosódicas, podem ser encontrados ainda estudos que aproximam a emergência de hipossegmentações de questões, ao mesmo tempo, fonológicas e gráficas. Essas motivações estão relacionadas, principalmente, aos clíticos<sup>8</sup>, estruturas que, de modo geral, são definidas como monossílabos não acentuados. Por serem não acentuados, haveria uma tendência de os escreventes, ao registrá-los graficamente, uni-

---

<sup>8</sup> Destaca-se que os clíticos possuem um funcionamento muito híbrido e que seu estatuto vem sendo problematizado por trabalhos como os de Bisol (1996). A presente pesquisa, entretanto, não se deterá a uma apresentação aprofundada deles, uma vez que isso ultrapassaria os objetivos propostos.

los a palavra de conteúdo mais próxima (cf. SILVA, 1994; ABAURRE, 1991; FERREIRO; PONTECORVO, 1996). Para Silva (1994, p. 36), em ocorrências como “...io rato fico *nameia*” (e o rato ficou na meia), a estrutura hipossegmentada “*nameia*” seria motivada pela junção de um clítico – estrutura que dependeria, quanto a acentuação, da palavra que o segue ou precede – à palavra de conteúdo “*meia*”. Para Silva (1994), essas estruturas seriam aquelas que as crianças mais tenderiam a unir em suas produções escritas.

Ferreiro e Pontecorvo (1996) observaram questões semelhantes a essa ao compararem enunciados de escreventes de quatro nacionalidades distintas (brasileira, mexicana, uruguaia e italiana). A investigação das autoras pôde mostrar que, independentemente das línguas, a tendência maior é pela hipossegmentação, em especial, aquelas nas quais estão envolvidos os clíticos. Para as autoras, ainda, nessas hipossegmentações, as crianças parecem ter grande dificuldade de reconhecer os clíticos, que, em geral, são registrados com uma quantidade pequena de letras em todas as línguas, como palavras gráficas autônomas. As autoras mostram, assim, que, junto com um fator fonológico (ausência de acento e conseqüente dependência fonológica do clítico), um fator gráfico (quantidade mínima de letras com a qual o clítico é registrado) motivaria a emergência de um número bastante significativo de hipossegmentações.

Abaurre e Silva (1993) mencionam também um *critério semântico* considerado como relevante para o aparecimento de certas hipossegmentações. Nesse trabalho, os autores partiram de estudos realizados com crianças russas e americanas em situação experimental de fala e escrita. Essas pesquisas mostraram que as crianças tinham dificuldade para reconhecer como palavras, tanto oral quanto por escrito, elementos que, no mundo, fariam referência a um único objeto, por exemplo, os pares “*man-runs*” e “*red-apple*”. Segundo Abaurre e Silva (1993, p. 98),

um homem que corre ou uma maçã vermelha são entidades específicas do mundo que conhecem, e não é absurdo supor que o enunciado “homem-corre” traz à mente de uma criança (e à de muitos adultos) a imagem de um homem específico do qual não se pode dissociar a ação de correr, e não necessariamente o conceito de homem ou de uma ação de correr. O mesmo comentário pode ser feito a propósito de maçã vermelha, caso em que a especificação de cor não se dissocia de uma maçã determinada. (...) Assim, é natural que tenham dificuldade em segmentar esses pares.

Em contrapartida, nos estudos realizados com crianças russas e americanas, os pesquisadores resenhados por Abaurre e Silva (1993) observaram que era mais fácil para o escrevente segmentar pares como “*mão-pé*” e “*preto-branco*”, uma vez que esses pares

eram formados por duas entidades semânticas em oposição no mundo, isto é, ou algo representa um pé ou uma mão, ou é branco ou é preto.

Em dados do português, investigando enunciados escritos, os autores observaram que a hipótese se repetiu, sendo o critério semântico relevante. O quadro a seguir sintetiza os dados encontrados pelos autores:

- IIIa. (cf. man-runs): <i>omebateu</i> (homem bateu)
- IIIb. (cf. red-apple): <i>pediarvere</i> (pé de árvore), <i>pedefegão</i> (pé de feijão), <i>amigodoleão</i> (amigo do leão), <i>cachorociente</i> (cachorro quente) <i>probepato</i> (pobre pato)
- IIIc. (cf. she-went): <i>eufui</i> (eu fui), <i>lavois</i> (ela foi), <i>élagosta</i> (ela gosta), <i>iliqueria</i> (ele queria), <i>elecaiu</i> (ele caiu), <i>elemorreu</i> (ele morreu), <i>vosevai</i> (você vai), <i>vosemora</i> (você mora), <i>euvou</i> (eu vou).

Figura 3: Hipos e critérios semânticos (ABAURRE; SILVA, 1993, p. 100).

Segundo Abaurre e Silva (1993), o mesmo critério semântico também se mostra relevante para a explicação dessas hipossegmentações. No exposto em IIIa, por exemplo, “omebateu” (homem bateu), o “homem” não se dissocia da ação de bater, nem a ação do homem que a exerce. Esse aspecto semântico parece ser o que a criança busca representar, assim como “pediarvere” (pé de árvore) e “pobrepatato” (pobre pato) representam um único objeto no mundo que tem sentido único. Por fim, o sujeito que pratica a ação e o verbo que indica essa ação também parecem constituir uma única coisa no mundo, como exemplificado em IIIc “eufui” (eu fui) e “iliqueria” (ele queria), assim como em “she-went”.

Ainda no que se refere a um possível **critério semântico** que motivaria o aparecimento de hipossegmentações, Cagliari (1998, p. 261) afirma que há uma tendência de as crianças reconhecerem como palavras, em seus enunciados, em primeiro lugar, nomes (substantivos e adjetivos), depois verbos e outras classes morfológicas em menor proporção. Segundo Cagliari (1998, p. 261), essa tendência pode ser explicada pelo fato das crianças privilegiarem “o foco do enunciado, a ideia principal, aquilo do que se fala, que mais interessa ao interlocutor”. Essa tendência permite observar o papel dos aspectos semânticos para a emergência das hipossegmentações e pode explicar, em alguma medida, a dificuldade dos escreventes em reconhecer pronomes e preposições como palavras e a tendência a hipossegmentá-los unindo-os às chamadas palavras de conteúdo, geralmente, tópicos do enunciado.

Outra motivação mencionada na literatura sobre segmentação não convencional para a emergência de hipossegmentações é apresentada por Abaurre (1991) e refere-se às representações feitas pelos escreventes em aquisição da escrita de algumas *relações sintáticas*. Segundo Abaurre (1991), a criança, por ainda não reconhecer as relações existentes entre as palavras nas frases, também hipossegmenta clíticos a palavras de conteúdo pleno. Nessas ocorrências, de forma específica, ela une “preposições, conjunções, pronomes e outros (que frequentemente comportam-se como clíticos)” aos verbos. Segundo Abaurre (1991, p. 215), isso ocorre porque esses escreventes interpretam os clíticos “(...) como entidades não-autônomas no nível representacional, interpretando-as como constitutivas do verbo” e produzem estruturas como a seguinte: “Eu *migode sobri-la* arvora”, para, “Eu *brinco de subir na árvore*” (Exemplo retirado de ABAURRE, 1991, p. 215).

Por fim, Abaurre (1988, 1991) e Silva (1994) notaram que **princípios internos de organização textual** também poderiam motivar a emergência de hipossegmentações. Os autores afirmam que, nas produções textuais infantis, especificamente,

(...) nas passagens em que procuram representar o discurso direto, elas [as crianças] segmentam menos, provavelmente baseadas na hipótese de que os diálogos, mesmo quando escritos, devem estar mais próximos da pronúncia das próprias personagens, registrando-se mais frequentemente, nesses contextos, as hipo-segmentações (ABAURRE, 1991, p. 214).

Ou seja, por perceberem a fala como um *continuum* e o discurso direto ser, em geral, um momento de representação da fala, os escreventes buscariam representar essa característica contínua da fala na escrita e, por isso, tenderiam a segmentar menos. Em contrapartida, nos momentos em que introduzem essas falas, se posicionando como narradoras, as crianças tenderiam a segmentarem mais (ABAURRE, 1988, 1991) (SILVA, 1994).

Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014) investigaram mais a fundo essa hipótese. Ticianel (2012) e Capristano e Ticianel (2014) analisaram, para isso, 65 produções textuais de escreventes da antiga segunda série. Ticianel (2013), por sua vez, examinou 143 produções textuais de escreventes do atual terceiro ano, contrastando a hipótese supracitada considerando a variável ensino público X ensino privado. A partir desses estudos, as autoras puderam constatar, por meio de análise quantitativa e qualitativa de produções textuais elaboradas a partir de uma mesma proposta de produção textual

aplicada a diferentes crianças, que, de fato, o DD pode ser, em muitos momentos, uma instância enunciativa que favorece a emergência de hipossegmentações. Além disso, puderam constatar que há, também, diferenças qualitativas significativas entre as hipossegmentações localizadas no DD e em outros contextos – nomeados pelas autoras como “OC” e referentes a momentos, como já mencionado, “em que aparece a voz do narrador, tanto aqueles em que ele agencia o relato, quanto aqueles em que, por meio do discurso indireto, o narrador integra a sua voz, vozes imputadas às personagens da narrativa” (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 235).

Em relação à análise quantitativa, nas três pesquisas, observou-se que havia, de fato, maior quantidade de hipossegmentações no DD. Em Capristano e Ticianel (2014), por exemplo, foi comparada a quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação localizadas no DD e em OC. As autoras puderam perceber que, mesmo os escreventes produzindo mais palavras em OC – fato que poderia representar mais possibilidades para a emergência de segmentações não convencionais –, a maior quantidade de hipossegmentações em números absolutos e percentuais estava, sempre, localizada no DD.

Os resultados qualitativos, por sua vez, apresentaram algumas particularidades. Ticianel (2013) e Capristano e Ticianel (2014), ao analisarem prosodicamente as hipossegmentações, obtiveram os seguintes resultados:

(a) maior presença de hipossegmentações não derivadas da atuação de fronteiras prosódicas acima da palavra em OC do que em DD; (b) a presença de hipossegmentações derivadas de enunciados fonológicos exclusivamente no DD; (c) maior variabilidade nas hipossegmentações derivadas de frases entoacionais (Is) no DD do que em OC, já que, em OC, as hipossegmentações derivadas da atuação de Is emergiram prioritariamente em momentos em que os escreventes registraram a locução “de repente”; e, por fim, (d) variabilidade relativamente maior nas hipossegmentações derivadas de frases fonológicas ( $\phi$ ) em DD (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 256 -257).

Os resultados (b), (c) e (d) permitiram que as autoras confirmassem que, também prosodicamente, haveria uma relação entre a qualidade das hipossegmentações e a instância enunciativa em que elas se manifestam. Ticianel (2013), ao comparar, também qualitativamente, a emergência de hipossegmentações em produções textuais de crianças do ensino público e do privado, pôde perceber que:

(...) (a) tanto na Escola Pública quanto na Escola Privada a quantidade de hipossegmentações que não correspondiam a limites prosódicos foi maior em OC (25 ocorrências – 23,05% - na Escola Pública e 5 ocorrências – 20,08% - na

Escola Privada) do que em DD (2 ocorrências – 4,5% - na Escola Pública – 2 ocorrências – 8,3% (...)) (d) a alta quantidade de hipossegmentações derivadas de enunciados fonológicos (U) no DD (8 ocorrências – 14%) (TICIANEL, 2013, p. 25).

Os resultados obtidos por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014), a partir da investigação da hipótese inicialmente aventada por Abaurre (1988, 1991) e Silva (1994), permitiram constatar que, nos dados examinados, a emergência de hipossegmentações também pode relacionar-se a **princípios internos de organização textual**, ou seja, que os contextos linguístico-textuais nos quais o escrevente enuncia são também relevantes para o aparecimento de hipossegmentações.

A presente pesquisa tem justamente o propósito de avançar em relação aos estudos já realizados que examinaram a possibilidade de o aparecimento de hipossegmentações estar relacionado com **princípios internos de organização textual**. Como mencionado, o objetivo desta pesquisa é investigar o funcionamento de hipossegmentações no DD em produções textuais de escreventes das antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, com o intuito de examinar se haveria relação(ões) entre as hipossegmentações e o DD. Para isso, essas ocorrências serão investigadas a partir da instância enunciativa da qual emergem: no próprio discurso direto (DD) e nos momentos chamados de outros contextos (OC). Esse objetivo subdivide-se em dois objetivos específicos, pretende-se: (a) realizar uma comparação quantitativa das hipossegmentações nas duas instâncias enunciativas, considerando os enunciados das quatro séries investigadas, e b) realizar, por meio de uma análise prosódica (cf. NESPOR E VOGEL, 1986), uma comparação qualitativa dessas ocorrências, nas duas instâncias enunciativas, considerando, também, os enunciados das quatro séries investigadas.

A novidade desta pesquisa reside (a) na **quantidade** de material que será analisado – que permitirá um mapeamento mais preciso das hipossegmentações e uma compreensão mais ampla do seu funcionamento no DD; (b) na **qualidade** do material que será analisado – resultante de diferentes propostas de produção textual elaboradas em diferentes situações; por fim, (c) no **recorte** de análise proposto – diferente das pesquisas feitas por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014), transversais, esta pesquisa propõe uma análise longitudinal dos dados, que permitirá observar se existem mudanças significativas no modo como as hipossegmentações no DD se comportam aos longos das séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental).

Resta salientar que as pesquisas apresentadas e comentadas até o presente momento investigaram diferentes motivações para a emergência das hipossegmentações e, para isso, cada uma dessas pesquisas interpretou teoricamente as hipossegmentações de forma distinta. Nesta dissertação, não serão apresentadas essas diferentes interpretações. Na seção seguinte, será explorada, apenas, a interpretação das hipossegmentações que guiará esta pesquisa, interpretação que aparece nos trabalhos de Capristano (2007a, 2007b, 2010), Chacon (2004, 2009, 2013), Paula (2007), Paranhos (2014), Ticianel (2012, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011), dentre outros, que concebem as hipossegmentações como indícios de heterogeneidade da escrita (cf. CORRÊA, 2004.).

#### 1.4 Hipossegmentação: indício de heterogeneidade da escrita

A interpretação das hipossegmentações como indícios da heterogeneidade da escrita advém de uma concepção de escrita fundamentada em Corrêa (1997, 2004). Para Corrêa (2001, p. 142), em primeiro lugar, a escrita seria um modo de enunciação, assim como a fala, e ambas seriam manifestações de uma mesma língua. A escrita seria, para o autor, sempre, “o produto do trânsito entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas”. Ao fazer essas afirmações, o autor propõe outro olhar para a relação entre fala/escrita e oralidade/letramento: a partir da relação desses modos de enunciação, em função de práticas sociais. Assim, propõe uma relação de constituição entre esses modos de enunciação, se afastando, por exemplo, de uma perspectiva da interferência (CORRÊA, 1997, 2001, 2004)<sup>9</sup>. Para a construção dessa teoria, Corrêa (1997, 2004) ancora-se em diferentes estudos, dentre os quais destacam-se: alguns postulados bakhtinianos, alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso (sobretudo aquela desenvolvida por Michel Pêcheux) e discussões sobre *letramento*.

---

<sup>9</sup> A título de exemplo, destaca-se que, para propor essa relação – além de inúmeros outros aspectos que não serão explorados devido aos limites e propósitos desta pesquisa – Corrêa (2001) assinala que, por exemplo, a permanência no tempo e a mobilidade no espaço seriam dois aspectos que permitiriam atribuir esse estatuto de entrelaçamento entre os dois modos de enunciação (falado e escrito), pois essas características poderiam ser observadas tanto em enunciados oriundos do modo de enunciação oral, quanto do escrito. O autor exemplifica o caso de sociedades ágrafas, em que costumes, rituais, lendas, dentre outros elementos que compõem a cultura seriam preservados exclusivamente a partir da transmissão oral de geração para geração. Essa característica seria um indício da possibilidade do oral também apresentar certa mobilidade no tempo e no espaço, traços que, comumente, seriam atribuídos exclusivamente ao modo de enunciação escrito. Para maior detalhamento dos pressupostos que constituem a teoria, cf. Corrêa (1997, 2001, 2004).

Em relação aos postulados de Bakhtin (1992), Corrêa (1997, 2004) apropria-se, principalmente, da noção de *dialogismo*. Para o autor, o dialogismo compreende “um diálogo com outro enunciador, com a própria língua, com um registro discursivo, com o leitor, com o próprio texto e com outros textos” (CORRÊA, 2001, p. 153).

Acerca dos pressupostos da AD, via Pêcheux (1991), o autor apropria-se, principalmente das noções de “formação imaginária” e de “condições de produção” para propor o “imaginário (sobre a escrita)”, que corresponde “(...) portanto, não só o produto das imagens socialmente construídas sobre ela (as representações sociais da escrita), mas também o processo de sua construção no interior das mais diversas práticas sociais” (CORRÊA, 2004, p. 19). Apropria-se, ainda, da noção ampla de letramento, compreendendo a existência de diferentes tipos de letramento que incluem a participação em atividades de leitura e escrita, bem como conhecimentos formais ou informais relacionados ou não a práticas de leitura e escrita, como exemplo, aqueles presentes em sociedades ágrafas (CORRÊA, 2007, p. 207). Ao fazer isso, o autor busca, principalmente,

valorizar as habilidades atestadas por aqueles indivíduos que, mesmo não tendo acesso à alfabetização ou mesmo mantendo-se, na maior parte do tempo, alheios às práticas de leitura e escrita tal como foram consagradas, também fazem a história da língua e da sociedade por meio do modo oral de registro de memória cultural (CORRÊA, 2001, p. 141)

A partir da união desses diferentes pressupostos, o autor postula sua principal contribuição: a compreensão da escrita como constitutivamente heterogênea.

De forma específica, ao abordar o modo heterogêneo de constituição da escrita, Corrêa (1997, 2001, 2004) parte da consideração de que há *uma circulação dialógica do escrevente*. Essa circulação não estaria restrita a outros textos, outros dizeres, como se proporia pelo princípio dialógico da linguagem (BAKHTIN, 2001), mas consideraria a circulação do escrevente por três eixos, a saber: *da representação que faz da gênese da escrita, da representação que faz do código escrito institucionalizado e da dialogia com o já falado/já escrito*. Nas palavras do autor:

(...) o escrevente lida [em sua circulação dialógica pela linguagem] com o que imagina ser a representação termo a termo da fala para a escrita [*representação que faz da gênese da escrita*]; com o que imagina ser – a partir de suas experiências com a escrita e com a própria visão escolar sobre a escrita – o código escrito institucionalizado [*representação que faz do código escrito institucionalizado*]; e, finalmente, com o que imagina ser a relação apropriada

com a exterioridade que constitui o seu texto: outros textos, a própria língua, outros registros, outros enunciados, próprio leitor [*representação da dialogia com o já falado/já escrito*] (CORRÊA, 2001, p. 153) (grifos nossos).

Assim, ao postular que o escrevente circula por outros dois eixos, além daquele mais relacionado, diretamente, à dialogia, Corrêa (2001, p. 153) considera que certas marcas visíveis poderiam ser indícios dessa circulação, por exemplo: “marcas prosódicas e/ou lexicais (incluindo marcas gráficas), marcas sintáticas, marcas organizacionais do texto e marcas dos recursos argumentativos utilizados”. Nesse montante, incluir-se-iam as segmentações não convencionais, de modo geral, e as hipossegmentações, de maneira mais específica. As hipossegmentações, de acordo com o autor, estariam relacionadas, mais diretamente, ao eixo *da representação que o escrevente faz da gênese<sup>10</sup> da escrita*, sendo o momento em que “O escrevente confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e fidelidade representacional” (CORRÊA, 2004, p. 82).

As hipossegmentações estariam, em grande medida, associadas à circulação do escrevente pelo eixo da gênese, pois – por se tratarem de junções entre duas ou mais palavras – caracterizariam uma possível busca pela representação, por meio de marcas gráficas, de características da dimensão sonora da linguagem. Para Corrêa (1997, 2004), como mencionado, essa circulação não estaria relacionada a uma suposta interferência da fala, mas corresponderia, na verdade, a momentos em que emergiriam – e se tornariam visíveis – aspectos que constituiriam a escrita. Em suas investigações em produções textuais de vestibulandos, Corrêa (1997, 2004) observou, por exemplo, as seguintes hipossegmentações: “apartir” (a partir), “oque” (o que) e “afim” (a fim). O autor destaca que essas ocorrências caracterizar-se-iam por ser uma:

tentativa de reprodução gráfica de grupos compostos pela junção de clítico que dependem, quanto à acentuação, das palavras que os seguem. De um ponto de vista linguístico, esse parece ser o critério que, de modo mais marcado, determina a hipossegmentação e, por meio dela, a indicação de um momento de circulação do escrevente pelo que imagina ser a gênese da escrita. No que se refere à expressividade, poder-se-ia apenas supor que tenha havido uma fossilização desses momentos de expressividade da escrita infantil, os quais, sem uma

---

<sup>10</sup> Corrêa (2004), ao explicar o conceito de gênese, em primeiro lugar, exclui definições que postulam esse conceito como um acontecimento datado, fadado a um ponto específico localizado e marcado em que se observa, por exemplo, o desvio da norma. Assim, postula que ao olhar para a gênese “trata, ao contrário, de captar a imagem que o escrevente faz do processo de constituição da (sua) escrita, tomando-se por base a sua escrita atual. Portanto, a abordagem se sustenta na consideração de que momentos “genéticos” desse processo de constituição da escrita podem ser retomados, em tese, em qualquer época, na escrita de qualquer pessoa, em qualquer texto” (CORRÊA, 2004, p. 90-91).

oportuna atenção que fizesse o escrevente caminhar no seu processo de aquisição da escrita, podem ter resultado numa escrita adulta inconsistente em termos da convenção ortográfica (CORRÊA, 2004, p. 128).

Observações como as feitas por Corrêa (2004) indiciam que as ocorrências de hipossegmentações estão, também, relacionadas à circulação do escrevente pelo segundo eixo, isto é, “*da representação que faz da escrita institucionalizada*”. Sob a consideração da circulação por esses dois eixos, trabalhos como os de Chacon (2004, 2009, 2013), Capristano (2007a, 2007b), Tenani (2008, 2010, 2011), Capristano e Ticianel (2014), dentre outros, têm investigado ocorrências de segmentação não convencional de maneira mais ampla e, nesse interim, comentado as hipossegmentações. Para buscar investigar a circulação dos escreventes pelos dois eixos, as pesquisas têm se pautado na consideração de aspectos da fonologia prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986) – que poderia relacionar-se mais diretamente ao primeiro eixo – bem como em questões mais relacionadas às práticas de letramento – mais relacionadas ao segundo eixo –. Esses trabalhos têm mostrado que, de fato, o escrevente, ao segmentar de forma não convencional, deixa pistas da sua circulação por ambos os eixos, o que pode ser observado, por exemplo, pelo

fato de que [nas hipossegmentações] os limites das estruturas das crianças sempre coincidiram ou com o início ou com o final de uma palavra escrita da língua – o que aponta para um **entrecruzamento de critérios de natureza prosódica e critérios de natureza gráfica na composição dessas estruturas**. (...) Consequentemente, na relação sujeito/língua que se pode depreender de nossos dados, as crianças parecem ser sensíveis a (ou mesmo refletir sobre) características da língua que lhes afetam em razão não apenas de sua inserção em práticas de oralidade, como ainda de sua inserção em práticas de letramento (desenvolvidas, ou não, em contexto escolar) nas quais se dá a sua atividade de leitura e escrita – o que aponta para o caráter heterogêneo da própria escrita como modalidade de enunciação (CHACON, 2009, p. 8-9, grifos nossos).

A partir desses postulados, a presente pesquisa propõe-se a investigar se momentos em que essa circulação do escrevente pela gênese da escrita emerge poderiam estar relacionados à instância enunciativa em que o escrevente produz, no DD ou em OC. Em outras palavras, tem por interesse explorar se o fato de o DD caracterizar um momento de alto grau expressivo – por ser a representação de uma outra enunciação – poderia ter relação quantitativa e qualitativa com a produção de hipossegmentações. Para a investigação dessas proposições, parte-se do pressuposto de que o escrevente circula, ao mesmo tempo, pelo *eixo da representação da gênese da escrita* (prioritariamente), pelo *eixo da representação que faz do código escrito institucionalizado*, bem como pela *dialogia*

*com o já falado, já escrito.* Na sequência, passa-se a uma caracterização da instância enunciativa do DD.

## CAPÍTULO 2: A INSTÂNCIA ENUNCIATIVA DO DISCURSO DIRETO

### 2.1 Discurso direto: primeiros passos...

As hipossegmentações a serem analisadas neste estudo emergem de uma instância enunciativa específica: o discurso direto que ocorre em produções textuais infantis. Assim, faz-se necessária a caracterização dessa instância. Compreende-se, nesta dissertação, por instância enunciativa

as diferentes vozes que, no decurso da narrativa, [o sujeito] assume para poder narrar/escrever. Em sua tarefa de narrar, [o sujeito], como autor empírico, assume o papel de enunciador que, por sua vez, ora assume a voz de narrador, responsável pelo agenciamento do relato e pela citação (...) das vozes imputadas às personagens da narrativa, ora assume diretamente a voz dos personagens da sua narrativa, por meio de discurso direto (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 235).

Para caracterizar o discurso direto que ocorre em produções textuais infantis, em primeiro lugar, será explorado o discurso direto tal qual tem sido caracterizado pelos estudos linguísticos. Serão apresentadas suas principais definições, funções e formas de realização. Em seguida, será feita, especificamente, uma discussão sobre o funcionamento do discurso direto observado em produções textuais infantis.

### 2.2 Discurso direto: revisão teórico-analítica

O discurso citado é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação* (BAKHTIN, 2010, p.150, *grifos do autor*)

A epígrafe inicial de Bakhtin (2010) sintetiza o discurso citado, destacando, principalmente, o seu caráter essencial para a construção do texto que o cita. Não se trata apenas de uma “enunciação na enunciação”, ou seja, simplesmente retirar um enunciado de um uso e o trazer para outro. Na verdade, quando esse enunciado vem para um novo uso, ele, além de adquirir novos sentidos, é utilizado para formar o texto citante. Em outras palavras, esse enunciado, que aparece marcadamente sendo do *outro*, passa a constituir um *outro*, falando a respeito dele. Por isso é, “ao mesmo tempo, uma enunciação sobre a enunciação”.

A primeira parte da citação de Bakhtin (2010, p. 150) – “*O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*” – parece consenso entre os autores que se propõem a explorar o discurso relatado, pois há um interesse em investigar e caracterizar essa(s) “outra(s) voz(es)” que constitui(em) os textos de forma explícita. Entretanto, a segunda parte de sua afirmação – “*um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” – não é, por vezes, explorada. Em nome de uma preocupação excessivamente formal acerca do discurso relatado, alguns autores – cf., adiante, os trabalhos de Azeredo (2008), Bechara (2009), Cunha (1985), Garcia (2010), Manual de Redação da Folha (2008), Nicola (2014) – desconsideram a relação texto citado/texto citante na construção dos enunciados.

Das formas do discurso citado, interessa para a presente pesquisa, em específico, o DD. Serão exploradas tanto caracterizações feitas sobre o “*discurso no discurso, a enunciação na enunciação*”, as quais serão denominadas de “normativas”, mais preocupadas com a identificação e proposição de regras de uso do DD, quanto aquelas feitas a respeito do “*discurso sobre o discurso, a enunciação sobre a enunciação*”, que serão denominadas de “*enunciativas*” e que estariam mais preocupadas com os efeitos de sentido provocados pelo uso do DD. Para a construção dessas definições, a investigação parte das contribuições de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Azeredo (2008), Bechara (2009), Candido (1989), Cunha (1985), Garcia (2010), Leite (2005), Maingueneau (1993, 1996, 2011), Manual da Redação da Folha (2008), Michelletti (2008), Nicola (2014), Romualdo (2003), Scadelai (2003), Venâncio (2002).

A abordagem do DD que nesta dissertação é chamada de *normativa* pode ser observada, principalmente, em algumas gramáticas normativas e em livros e manuais didáticos. Cunha (1985, p. 617), por exemplo, define o DD como um dos “moldes” de que dispõe o narrador para dar “a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios”. Para o autor, o DD se realizaria de forma que o narrador apenas transporia uma fala relatada, sendo fiel às palavras que cita. Nessa mesma perspectiva, sobre a citação direta, Azeredo (2008, p. 97) destaca que ela seria “a transposição direta do discurso citado”, e não uma adaptação desse discurso, como aconteceria na transposição indireta.

Nessas duas definições, o DD aparece como a voz do outro que é identificada, que tem a característica de ser transposta diretamente de um texto para o outro, *ipsis litteris*. Conseqüentemente, para esses autores, o DD seria fiel às palavras que relata, de certa

forma, poder-se-ia compreender que os sentidos do texto citado seriam preservados, mesmo as palavras tendo sido retiradas de seu uso inicial. Há, nesses postulados uma preocupação com a *identificação* da fala citada e com as características básicas dessa fala, “*o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*”. Mesmo sob essa perspectiva, Bechara (2009, p. 98) já indica certa discordância em relação à fidelidade do DD. Para o autor, apesar de, nessa forma do discurso relatado, reproduzir-se, de forma direta, a fala do outro, faz-se isso com a ilusão de que se está reproduzindo “fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor”.

A partir de uma perspectiva de fidelidade ou não, o DD se realiza linguisticamente de algumas formas. De acordo com Cunha (1985, p. 618), o DD se caracterizaria formalmente pela presença de verbos *dicendi*<sup>11</sup>, quando esses não se fazem presente, “cabe ao contexto e a recursos gráficos – tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha – a função de indicar a fala da personagem” (CUNHA, 1985, p. 618). Para os momentos em que o DD ocorre sem a presença de um verbo *dicendi*, Garcia (2010, p. 152) destaca que esse fato ocorre, principalmente, em falas mais ágeis e curtas em que a presença desses verbos pode “prejudica[r] a espontaneidade dos diálogos”.

Bechara (2009, p. 142) destaca que, além desses verbos *dicendi*, o DD pode ser introduzido por “verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar (...), balbuciar, berrar*, etc. São os *sentiendi*<sup>12</sup>, que exprimem reação psicológica do personagem”, além das marcas gráficas já citadas (dois pontos, travessão, aspas, dentre outras). Garcia (2010, p. 150) destaca, também, que verbos não esperados, isto é, que não têm nenhuma relação “com a ideia de locução”, podem funcionar como introdutores de DD, mesmo que esses verbos não sejam transitivos ou não admitam transitividade.

Pela gama variada de verbos que podem constituir o DD, pode-se perceber que, como cita Bechara (2009), as falas que serão reproduzidas não serão fiéis, pois, a depender do verbo utilizado para isso, poderão adquirir sentidos muito distintos. Nicola (2014, p. 209) já aponta para essa característica, uma vez que existem formas verbais mais

---

<sup>11</sup> *Dicendi*, estrutura oriunda do latim, é a forma genitiva do gerúndio do verbo *dicere* que significa *de dizer* (GARCIA, 2010, p. 148). Assim, por verbos *dicendi*, compreendem-se “verbos destinados a introduzir o discurso relatado” (MAINGUENEAU, 1993, p. 88). Para Risso (1978), eles se subdividiriam em categorias: **de função eminentemente declarativa** (dizer e falar); **de função eminentemente declarativa acompanhado de determinantes circunstanciais** (dizer com voz ofegante); **de matizes afetivas – sentiendi** (berrar, gritar); **de função intelectual** (responder, perguntar) e **audiendi** (ouvir, escutar).

<sup>12</sup> *Sentiendi*, estrutura oriunda do latim, é a forma genitiva do gerúndio do verbo *sentire* que significa *de sentir* (GARCIA, 2010, p. 148). Os verbos *sentiendi*, como mencionado na nota 10, são uma categoria dos verbos *dicendi* que se caracterizariam por introduzir o discurso relatado trazendo **matizes afetivas** (RISSO, 1978).

carregadas de juízo de valor do que outras. “Fulano falou, fulano disse”, por exemplo, possuem menos juízo de valor do que “alegar” ou “gritar”<sup>13</sup>.

Um último aspecto explorado pelos autores a partir da perspectiva nomeada como normativa é a função ou as funções desempenhadas pelo DD. Para Garcia (2010, p. 149), o uso do DD possibilitaria que a emotividade das falas pudesse ser reproduzida de forma mais expressiva, em oposição ao discurso indireto, em que esse aspecto se perderia, já que cabe ao narrador “incorpora[r] na sua linguagem a fala das personagens, transmitindo-nos apenas a essência do pensamento a elas atribuído”. Ainda em relação a essa questão, Cunha (1985, p. 619) destaca que a principal função do DD seria a sua possibilidade de ser expressivo, atualizando outra enunciação, “fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas”.

Parece consensual para os autores o caráter altamente expressivo do DD, porém, chama a atenção a observação de que ele poderia “atualizar outra enunciação”, afirmação que esbarra na mesma definição do DD como reprodução fiel das falas relatadas. Se, como citou Bechara (2009), a fidelidade do DD é ilusória, então, a fidelidade de atualização da enunciação é também ilusória, pois, como já citado, traz-se as palavras, mas nem todos os aspectos que compõem a enunciação anterior são recuperados.

Essa ilusão de neutralidade, apesar de elencada por alguns autores dessa perspectiva como fundante do DD, não é desenvolvida pelo viés do “*discurso no discurso*” e da “*enunciação na enunciação*”. É apenas a partir de um olhar para o funcionamento e para a relação existente entre discurso citado e citante – como um contribui para a construção e constituição do outro – que serão explorados esses postulados. Esse olhar é desenvolvido por trabalhos vinculados à abordagem chamada nesta dissertação de *enunciativa* – observada, principalmente, em estudos como os de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Bakhtin (2010), Benites (2002), Candido (1989), Leite (2005), Maingueneau (1993, 1996, 2011), Michelletti (2008), Romualdo (2003), Scadelai (2003) e Venâncio (2002).

Sob essa perspectiva, o DD é definido como “uma representação, uma imitação, uma simulação do discurso de uma [outra] enunciação”. Retira-se o conceito de “reprodução”,

---

<sup>13</sup> Para o Manual da Redação da Folha de São Paulo (2008, p. 104), alguns verbos, inclusive, devem ser evitados pelos jornalistas, devido a sua alta carga avaliativa, pois podem conferir “caráter positivo ou negativo às declarações que [o jornalista] reproduz, mesmo que não tenha a intenção”.

sem deixar de compreender que se trata de “um diálogo no diálogo”, mas que “real ou fictício, (...) existe como uma estratégia discursiva de que o sujeito lança mão para construir seu discurso de modo como entende mais eficiente e eficaz à interação” (LEITE, 2005, p. 116).

Maingueneau (1993), sob a mesma perspectiva, considera que o DD, na verdade, é “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior”, ou seja, não se trata, novamente, de uma reprodução fiel, mas de uma espécie de encenação da enunciação anterior, que, por se caracterizar como tal, ganha outros sentidos fora de sua realização original.

Esses postulados advêm, principalmente, das contribuições de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), autora que propôs outro olhar para o discurso relatado, de maneira mais ampla, e também para o DD. O modo como a autora investiga o discurso citado e o DD se caracteriza, em primeiro lugar, por partir de uma concepção de linguagem específica: como constitutivamente heterogênea. Nesse viés, a linguagem, em todos os seus usos, seria constituída por *outros* dizeres, não apenas quando há menção ao autor de outra fala/escrita<sup>14</sup>. Para Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), como não é possível a recuperação de todos os dizeres anteriores, o que o sujeito faz é “negociar” com essa característica da linguagem, ou seja, em alguns momentos:

(...) ele não apenas percebe a presença do outro no seu discurso, como deseja dar a conhecer essa presença. São os casos de *Heterogeneidade Mostrada*, em que, ao confinar o outro a um fragmento discursivo, o locutor institui todo o resto dos discursos como emanando dele próprio (BENITES, 2002, p.56) (grifo nosso).

Essa ilusão do sujeito como “fonte do dizer” seria necessária, pois, segundo Benites (2002, p. 55), “(...) é graças a essa ilusão que o sujeito se apresenta como centro de sua enunciação e se imagina fonte única de seu discurso, inconsciente das inúmeras vozes que o constituem e caracterizam sua historicidade”.

Essas vozes que o locutor quer dar a conhecer, por vezes, podem se manifestar a partir de formas da gramática, são momentos chamados de *formas marcadas da heterogeneidade mostrada*, em que se incluem, por exemplo, a modalização em discurso

<sup>14</sup> Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) postulou uma concepção de linguagem a partir das contribuições da tríade: dialogismo bakhtiniano, psicanálise – via leitura Lacaniana de Freud – e AD de linha francesa, via Pêcheux. Para maior detalhamento dos postulados teóricos em que a autora se baseia, cf. Authier-Revuz (2004).

segundo (citante) sobre o conteúdo, modalização em discurso segundo (citante) sobre as palavras (modalização autonímica), discurso indireto e o DD, objeto de investigação da presente pesquisa (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Sob essa perspectiva, Authier-Revuz (1998), para caracterizar o DD, afirma que, nessa forma do discurso relatado,

(...) o enunciador relata um outro ato de enunciação e, usando suas próprias palavras na descrição que faz da situação de enunciação (quem fala, a quem, quando...?), ou seja, naquilo que chamamos sintagma introdutor, mas *faz menção* às palavras da mensagem que relata (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139, grifos do autor).

A definição de Authier-Revuz (1998) busca deixar explícito que, mesmo fazendo “*menção*”, isto é, trazendo as palavras do outro tal qual teriam sido produzidas, é o texto citante que construirá o sintagma que a introduz, que produzirá a nova situação de uso dessas palavras, que, como já mencionado, pode adquirir inúmeros outros e novos sentidos. Novamente, há uma ilusão de fidelidade como princípio fundante do DD.

As definições de DD de Leite (2005) e Maingueneau (1993, 1996, 2011) vão na mesma direção das de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004): o DD é sempre uma representação não fiel de um enunciado. Ao postular que fica a cargo do texto citante dar os elementos descritivos acerca do enunciado relatado, fica explícito que essa fala pode adquirir sentidos não antes imaginados por quem as produziu ou imaginou inicialmente. Além disso, é o enunciado que pode ser reproduzido, mas não o ato de enunciação. Então, o que parece ser relevante para o estudo do DD é entender a relação que se constrói entre texto citante e texto citado, isto é, a do “*discurso sobre o discurso*”, “*enunciação sobre a enunciação*” (AUTHIER-REVUZ, 1998). Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 154):

o objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, eles só têm uma existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada.

Se a não fidelidade e a não objetividade são compreendidas como características intrínsecas ao DD sob essa perspectiva, é preciso que se tenha em mente que os autores não deixam de indicar as características linguísticas que permitem identificá-lo, pois não se ignora o fato de que o DD é “*discurso no discurso*” e “*enunciação na enunciação*”.

Assim como já mencionado, o DD é, de fato, caracterizado pela presença de verbos *dicendi* ou verbos que funcionam como tal, além de possíveis marcas gráficas, como os dois pontos, o travessão, as aspas, dentre outras, quando se trata da enunciação escrita. Porém, quando se elencam apenas marcas gráficas, ignoram-se as manifestações do DD nos modos de enunciação falado. Assim, faz-se necessário apontar características mais gerais que englobam as manifestações do DD nos diferentes modos de enunciação.

Independentemente do modo de enunciação, oral ou escrito, a estrutura linguística do DD busca: “indicar que houve um ato de fala” e marcar as fronteiras entre o discurso citante e o citado. Segundo Risso (1978), a estrutura mais prototípica que o interlocutor tem na língua para isso é a seguinte: a fala relatada

(...) vem precedida por uma frase do narrador, que concentra em si duas funções fundamentais: uma “função designativa”, preenchida geralmente por um nome ou um pronome que encerra a identificação do locutor e uma “função declarativa”, preenchida por um verbo de elocução, também chamado verbo *dicendi* ou *declarandi*, que anuncia o discurso desse mesmo locutor (RISSO, 1978, p. 19).

Toda essa estrutura é, conforme citado, denominada por Authier-Revuz (1998) de sintagma introdutor. Destaca-se que ele também pode ser observado após a fala relatada.

Esses verbos que constituem a fala relatada são determinantes para a interpretação da fala citada, pois denotam diferentes cargas valorativas e, por isso, não devem ser negligenciados: “de fato, em função do verbo escolhido (*sugerir, afirmar, pretender...*), toda a interpretação da citação será afetada” (MAINGUENEAU, 1993, p. 88).

Acerca dos verbos *dicendi* e de seus complementos que constituem o DD, há uma particularidade: após o verbo ou o elemento introdutor da fala relatada, qualquer enunciado, sem necessidade de alteração sintática ou semântica, “pode vir a funcionar como o OD [objeto direto] do introdutor sem perturbar a gramaticalidade da frase” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139). Para exemplificar, apresenta-se o seguinte sintagma introdutor:

### **O menino disse:**

A partir desse sintagma, qualquer um dos enunciados a seguir poderia funcionar como seu complemento:

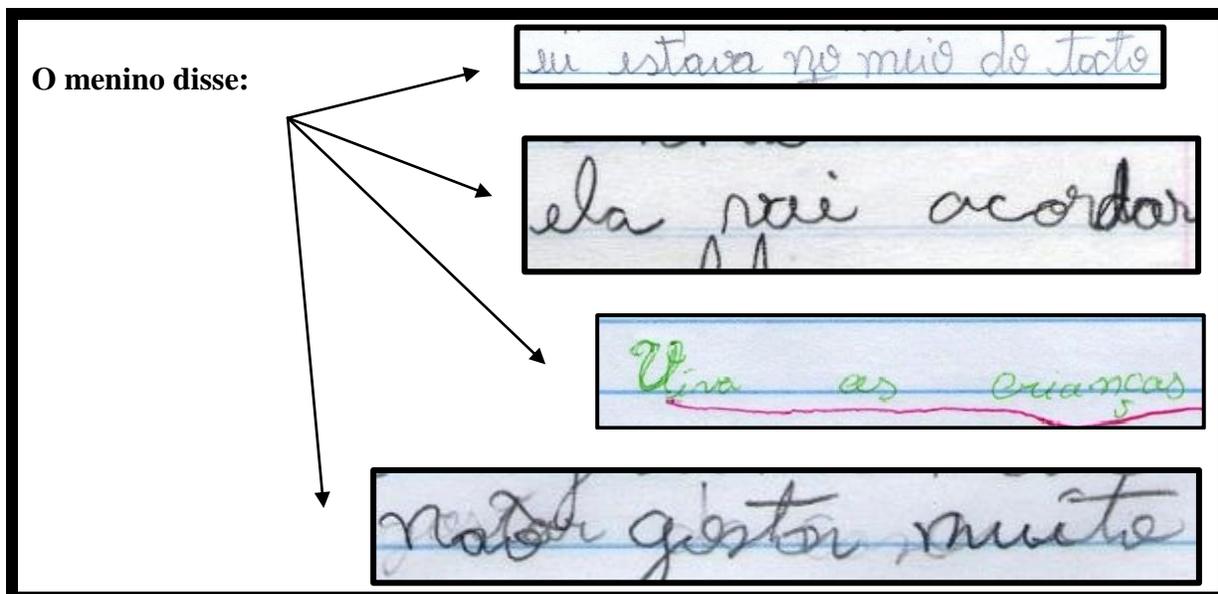


Figura 4: A estrutura sintática do DD<sup>15</sup>

Além dessas características, outras podem aparecer constituindo o DD. No modo de enunciação escrito, como já mencionado, haveria, também, marcas gráficas, como a mudança de linhas, as aspas, os dois pontos e o travessão, como se pode observar no exemplo a seguir:

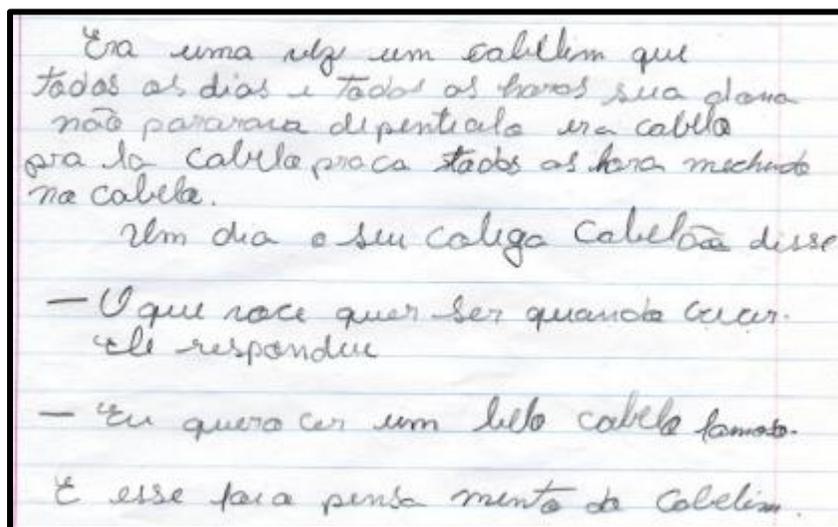


Figura 5: As marcas gráficas do DD<sup>16</sup>

<sup>15</sup> **Leitura preferencial:** O menino respondeu: “Eu estava no meio do texto”. “Ela vai acordar”. “Viva as crianças”. “Não gosta muito”.

<sup>16</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez um Cabelim que todos os dias e todas as horas sua dona não parava de penteá-lo. Era cabelo pra lá, cabelo pra cá. Todas as horas mexendo no cabelo. Um dia, o seu colega Cabelão disse: “O que você quer ser quando crescer?” Ele respondeu: “Eu quero ser um belo cabelo famoso”. E esse foi o pensamento do Cabelim.

Na Figura 5, observa-se a presença das marcas gráficas supracitadas, acompanhadas dos verbos *dicendi* (“disse” e “respondeu”). Nota-se, também, a presença do travessão e a mudanças de linhas. Todos esses elementos contribuem para a identificação de que se tratam de falas relatadas por meio do DD. Essa é a forma mais prototípica de realização do DD nos modos de enunciação escritos, porém, vale destacar, que, por vezes, essas marcas gráficas, bem como os verbos *dicendi*, podem ser suprimidos.

Nas enunciações orais, o que marcaria também a presença de falas relatadas – e, por vezes, o que determinaria a sua identificação – seriam outros aspectos, principalmente ligados à entoação: “marcas prosódicas (como pausa, alterações de tessitura ou ainda aceleração da velocidade na parte citada) e, menos frequentemente, marcadores conversacionais e interjeições” (VENÂNCIO, 2002, p. 55). Todas essas características buscam indicar a presença de uma fala que pertence ao *outro*, funcionando, portanto, como fronteiras que delimitariam o que pertence ilusoriamente ao sujeito que fala/escreve e o que pertence *a outrem*.

Ainda sobre o DD nos modos de enunciação oral, Leite (2005, p. 92) observou que há uma tendência de que ele apareça em momentos “em que o discurso se organiza de modo narrativo”, isto é, quando o falante “relembra acontecimentos/eventos ou faz projeções de ações que poderiam ter acontecido daquela maneira como são relatadas, não importando para isso se a fala citada é a sua própria ou de outrem”. A autora observou que, nos momentos em que a fala se organiza como descrição e argumentação, também podem aparecer o DD, porém, manifestado em situações em que se pode observar uma “brecha narrativa”.

Essas são as formas mais canônicas de realização do DD, porém, a depender dos usos, pode se realizar de formas distintas. Na literatura e, especificamente, nas narrativas ficcionais, o que se observa é que o DD não reproduz falas anteriormente produzidas de acordo com as suas conveniências, na verdade, a narração

as cria totalmente, do mesmo modo que as do discurso citante. Nessas condições, a “fidelidade” do discurso direto aparece como pura conveniência literária: não se vê como os enunciados em discurso direto poderiam ser infieis, já que têm o mesmo grau de realidade que o discurso citante (MAINGUENEAU, 1996, p. 108).

Nessas obras literárias e nas narrativas ficcionais é a instância enunciativa do narrador (quando se faz presente) quem “organiza” as falas citadas. Para dar mais

dinamicidade aos fatos que narra, ele utiliza o recurso do DD, “permitindo que outros discursos – citados – se juntem ao seu para compor o mundo narrado” (MICHELLETTI, 2008, p.45).

Na literatura, ocorre um processo semelhante, porém, chama a atenção o fato de que, muitas vezes, o DD nesse uso se manifesta de forma muito distinta daquelas mais prototípicas. Autores como Saramago (1983) produzem estruturas de discurso relatado como a seguinte:

Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Maфра terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não construía e Deus decidirá (SARAMAGO, 1983, p. 14).

No excerto citado, não há nenhuma marca gráfica prototípica que indique a presença do DD, como os dois pontos, o travessão ou aspas. Porém, há a presença de verbos *dicendi* (“perguntou”, “respondeu”, “disse”, por exemplo) e a presença de letras maiúsculas introduzindo essas falas. O autor subverte algumas estruturas esperadas para a marcação – por vezes visual – da presença da fala do outro. Com essa subversão, fica para o leitor a tarefa de compreender essas falas e como elas atuam na construção do romance.

Em produções textuais de escreventes na aquisição da escrita, são, também, encontrados enunciados com DD que apresentam essas características, como pode ser observado na figura a seguir:

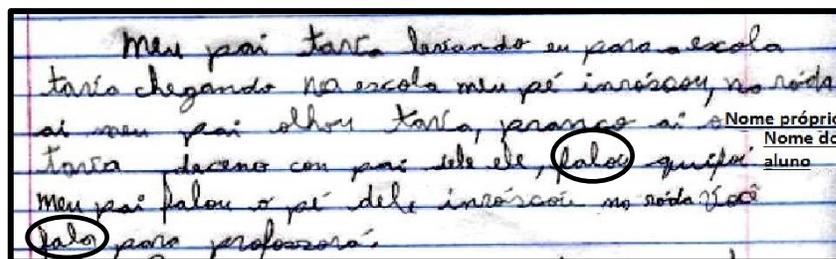


Figura 6: DD com verbos *dicendi*<sup>17</sup>

Na Figura 6, é a presença do verbo *dicendi* “falar” (falou) que contribui para a identificação da fala relatada no DD.

<sup>17</sup> **Leitura preferencial:** Meu pai tava levando eu para a escola. Tava chegando na escola, meu pé enroscou na roda. Ai, meu pai olhou, tava branco. Ai, o Nome Próprio tava descendo com pai dele, ele falou: “que foi, Nome do aluno?” Meu pai falou: “o pé dele enroscou na roda! Você fala para professora?”

Bakhtin (2010), em seus estudos sobre o discurso relatado na literatura russa, observou outra característica (que se estende, obviamente, para o DD): a sua relação com as formas de organização da sociedade, ou seja, a organização social influenciaria diretamente as formas de manifestação do discurso relatado, determinaria, inclusive, suas formas linguísticas de realização. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 153): “Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra [de representação do discurso de *outrem*]”.

Candido (1989, p. 16) exemplifica essa característica na literatura brasileira, explorando o discurso relatado em obras do período naturalista. O autor observou que o distanciamento social característico do período (classes abastadas X escravos) era também notado na literatura na organização das falas relatadas pelo narrador. Ao narrador era incômodo se aproximar desse outro estrato social e “da degradação do trabalho escravo. Por isso usava a linguagem culta no discurso indireto (que o definia) e incorporava entre aspas a linguagem popular no discurso direto (que definia o *outro*)”.

Nesse campo de estudo, fica nítida, mais uma vez, a abordagem via “*discurso sobre o discurso, enunciação sobre a enunciação*” do DD, pois é a relação entre o discurso citante e citado que, além de compor o mundo narrado, constrói a própria narrativa e, ainda mais, mostra a sua relação com as formas de organização da sociedade.

No jornalismo, a principal característica de manifestação do DD é a sua ilusão de fidelidade, pois, de uma mesma fala relatada em DD, podem surgir inúmeras notícias com diferente caráter. Maingueneau (2011, p. 141) afirma que são “*encenações distintas*” de um mesmo fato, que “respondem a necessidades distintas”, por exemplo, o(s) interesse(s) do jornal que a veicula.

Benites (2002) pôde perceber isso ao investigar a citação nos textos jornalísticos da Folha de São Paulo acerca do ex-presidente Fernando Collor. Seu principal objetivo foi mostrar que a citação é, na verdade, um recurso linguístico utilizado com diferentes funções, mas sempre voltadas para uma ilusão de objetividade e neutralidade. Especificamente o DD, daria “a ilusória sensação de exatidão” e de segurança, por trazer o enunciado tal qual ele teria sido pronunciado.

A principal conclusão à qual chegou a autora foi a de que

desde o recorte feito no universo das palavras do outro até a estrutura verbal selecionada para relatá-la, passando pela opção entre empregar ou não o aspeamento, pela escolha do verbo delocutivo e do tempo verbal no interior da citação, tudo reflete a presença e as intenções do locutor citante, que efetua um aproveitamento diferenciado das alternâncias de vozes no interior do texto, articulando-as com a sua própria voz e interferindo, em graus diversificados, nas falas que relata (BENITES, 2002, p. 150).

Fica explícito, também, como observa Venâncio (2002, p. 122), o poder de persuasão do DD, pois este permitiria “uma apresentação econômica e enfática de argumentos, explicações, ilustrações, justificativas etc.”. Para a autora, “ao empregar esse esquema, o falante não descreve, não explica suas razões, ele mostra, e ao mostrar, economiza recursos e fortalece a persuasão” (VENÂNCIO, 2002, p. 122). Seria como se a fala relatada em DD falasse por si, funcionasse como uma prova irrefutável, já que, em sua estrutura, as palavras seriam repetidas *ipsis litteris*.

Scadelai (2003), por sua vez, investigou em notícias do Jornal Folha de São Paulo as falas citadas introduzidas apenas pelo verbo “dizer”, buscando evidências linguísticas da sua não neutralidade. A autora pôde constatar que, mesmo que se use o verbo dizer, a própria escolha de uma forma de citação, direta ou indireta, por exemplo, além da forma como o locutor citante prepara seu enunciado para “receber” o enunciado do *outro*, já encaminha o leitor para determinados efeitos de sentido. Assim,

ao fazer uso desse verbo, o jornalista deixa uma lacuna na fala citada (...) permitindo que essa fala seja classificada, pelo leitor, com os mais diferentes sentidos – pode[ndo] ser entendida como uma promessa, um comentário, uma insinuação, um protesto, uma indagação ou como um ato de qualquer outro tipo. A escolha do verbo “dizer” favorece, na verdade, que os verbos excluídos pelo jornalista apareçam e que as possibilidades de atribuição de sentidos à fala se multipliquem (SCADELAI, 2003, p. 119).

Esse suposto caráter irrefutável da fala relatada foi observado por Romualdo (2003) em suas investigações acerca do discurso relatado em depoimentos da justiça. O autor observou que

o discurso citado aparece nos depoimentos como recurso empregado pela testemunha para incluir ou para compor informações. Entretanto, ele aparece também como mecanismo utilizado pelo agente da justiça (juiz, delegado, ou escrivão) para realizar o assentamento escrito da fala da testemunha (ROMUALDO, 2003, p.233).

Especificamente o DD, quando é utilizado nesses depoimentos, dá a possibilidade de recuperação do “colorido da enunciação original”, isto é, oportuniza conferir vivacidade à

menção das palavras do outro, tornando a fala relatada uma “prova” mais cabal da situação de enunciação que está sendo relatada, que constrói o depoimento da testemunha.

Porém, o que se postula é que, apesar dessa possível capacidade de trazer “as colorações” por meio da fala relatada em DD, não se tem, novamente, uma fala fiel. Na verdade, o que se pode observar, segundo Romualdo (2003, p. 239), é que:

O discurso direto possibilita ao locutor atribuir a responsabilidade da fala a um outro, ainda que a fala relatada não seja reproduzida literalmente. A desobrigação de uma correspondência literal termo a termo, juntamente com a multiplicação dos planos enunciativos, (...) podem fazer que se agrave o distanciamento entre as retomadas e a fala original. Esse distanciamento também é sentido nos casos em que o magistrado realiza as consignações em discurso direto, pois esse agente jurídico ajusta a voz da testemunha ao discurso competente da justiça. Assim, o discurso direto é utilizado, nos depoimentos, apenas como um simulacro de fidelidade e de objetividade (ROMUALDO, 2003, p. 239).

Ou seja, as próprias formas de realização do discurso relatado exigidas pela justiça já impõem formas de realização ao DD que impedem qualquer possibilidade de fidelidade. Ao passar da testemunha ao juiz e ser reproduzido pelo escrivão, o DD ganha sentidos e a fidelidade fica mais nitidamente ilusória.

\*\*\*

Em síntese, apresentou-se, aqui, algumas características do DD em diferentes usos. Obviamente, existem inúmeras outras formas de sua manifestação, contudo, devido aos propósitos da presente pesquisa, foi necessário esse recorte. Diante da apresentação realizada, fica nítida a necessidade de investigação do DD pelo viés do “*discurso sobre o discurso*”, da “*enunciação sobre a enunciação*”. A respeito disso, foi elencado que, na literatura e nas narrativas, é a fala citada em DD que ajuda a construir esses novos enunciados; no jornalismo, a fala relatada em DD constitui as notícias e colabora com a ilusão de neutralidade e objetividade exigida por esse meio; no discurso da justiça, o depoimento ganha veracidade quando se transmitem as palavras via DD buscando a recuperação do “colorido” dessas palavras. Assim, é essencial a saída de um viés *normativo* para uma abordagem do DD de forma *enunciativa*.

Na sequência, explora-se especificamente o DD na aquisição da escrita, investigando seu funcionamento e suas principais características.

### 2.2.1 Discurso direto na aquisição da escrita

Para a caracterização do DD na aquisição da escrita, foi realizado um levantamento bibliográfico o qual permitiu observar que não existem estudos que se interessam de forma exclusiva por esse tema. O que existem são pesquisas que possuem outros interesses e objetivos, como estudar a produção de narrativas pelas crianças, a segmentação de palavras em suas produções textuais ou, por exemplo, a suposta interferência da fala em seus enunciados escritos e que, com esses objetivos, acabam por levantar algumas características do DD na aquisição da escrita, as quais serão apresentadas na sequência. Serão tomados por base, para isso, os PCN'S (1997), as pesquisas de Borges-Gutierrez (2007), Capristano e Ticianel (2014), Ferreira e Pontecorvo (1996), Ghiraldello (1989), Koch (1997), Perroni (1983, 1992), Rojo (1990), Ticianel (2012, 2013) e Tfouni e Monte-Serrat (2013).

Também o DD observado na aquisição da escrita pode ser caracterizado a partir de dois vieses: “*discurso no discurso*”, “*enunciação na enunciação*” (perspectiva nomeada nesta dissertação como normativa) e “*discurso sobre o discurso*”, “*enunciação sobre a enunciação*” (perspectiva aqui nomeada como enunciativa). A primeira forma de caracterização centra-se nas pesquisas que observam a realização prototípica do DD com ênfase para as suas marcas gráficas. Nota-se, muitas vezes, que o escrevente em aquisição não utiliza essas marcas, assim, esses estudos se interessam pela identificação – a partir de uma visão normativa – daquilo que os escreventes não fazem. Essa perspectiva leva alguns estudiosos a considerarem que, por não utilizarem as marcas gráficas, esses sujeitos não sabem utilizar essa instância enunciativa.

Outros estudos acerca do DD na aquisição direcionam-se para a perspectiva do “*discurso sobre o discurso*”, essas pesquisas também observam como se realiza o DD na aquisição, porém, buscam, a partir das suas realizações – muitas vezes, não convencionais – hipóteses de funcionamento. Essa observação ocorre a partir de um olhar para a relação texto citado/texto citante, como já mencionado na seção anterior.

A investigação do DD na aquisição da escrita a partir de uma orientação normativa é observada, por exemplo, em documentos de conteúdo escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) – documento que orienta, no país, a seleção e a organização dos conteúdos a serem aplicados em sala de aula e a sua abordagem – citam o discurso relatado como um conteúdo para o ensino fundamental. Ao mencionarem o DD, o englobam como

conteúdo voltado para a “língua escrita”, que deve ser abordado via usos e formas. Contudo, o texto desse documento destaca apenas que a função da escola deverá ser a de criar mecanismos para a aprendizagem da “separação, no texto, entre discurso direto e indireto e entre os turnos do diálogo, utilizando travessão e dois pontos, ou aspas” (BRASIL, 1997, p. 69-79).

Sob essa perspectiva, o que parece caracterizar o DD é a sua marcação gráfica nas produções textuais, isto é, a separação visual das instâncias enunciativas, que podem compor esses enunciados. Por esses materiais serem direcionados aos professores, as concepções que eles divulgam passam a ser propagadas na escola, assim, acerca do DD, reforça-se a sua característica gráfica em detrimento do seu uso e função e, conseqüentemente, a concepção de DD apenas como “*discurso no discurso*”.

Essa mesma visão acerca do DD foi observada por Borges-Gutierrez (2007, p. 32) ao investigar o instrumento de avaliação SARESP<sup>18</sup>. Segundo esse instrumento, para produzir um texto de acordo com as exigências esperadas para o uso das instâncias enunciativas, o escrevente deveria elaborar seus enunciados indicando um DD criado por ele mesmo e composto, em seu sintagma introdutor, por elementos que reproduzissem a “voz da instituição escolar”. Essa voz seria constituída pelas marcas gráficas já citadas (travessão, aspas, mudança de linhas, dentre outras), modo de observação que centra o estudo do DD, mais uma vez, no “*discurso no discurso*”.

Para Koch (1997), o uso do DD sem a marcação gráfica esperada pelas convenções seria uma possível “marca” da interferência da fala no texto escrito, ou seja, por terem a fala como suposto parâmetro para a produção escrita e, nela, o DD se manifestar de forma que “os interlocutores se encontra[m] co-presentes” (KOCH, 1997, p. 36), as estruturas de DD seriam produzidas pelas crianças sem essas marcas gráficas.

A autora cita o exemplo: “... eopricipi fes desoito anos e teve gue irr pa aguera masantesdiso **gurido filho leveste - medalhão convoce masnã dalhão.** ele partil...” (Ada, 1a série) (KOCH, 1997, p. 36) (*grifos da autora*)<sup>19</sup>. Nele, pode ser observada a presença da instância enunciativa do DD, por meio das falas relatadas “Querido filho...” e “Mas não...”.

<sup>18</sup> O SARESP (Sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo) é uma prova aplicada anualmente, desde 1996, pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP), para avaliar o Ensino Básico na rede estadual.

<sup>19</sup> A partir da leitura preferencial atribuída, esse exemplo pode ser lido como: E o príncipe fez dezoito anos e teve que ir para guerra, mas antes disso: “Querido filho, leve este medalhão com você”. “Mas não, medalhão”. Ele partiu.

Essas falas não são introduzidas por verbos *dicendi*, nem por marcas gráficas, porém, ainda assim, é possível identificar que se trata da instância enunciativa do DD, por exemplo, pelo uso do vocativo, “Querido filho...”, dirigindo-se a um interlocutor. Contudo, para Koch (1997), parece haver a necessidade de que haja marcas gráficas e sintagmas introdutores compostos por verbos *dicendi*, para que o DD se constitua de fato.

Koch (1997) desconsidera que a fala relatada por meio do DD pode ser introduzida por outros elementos linguísticos que não verbos *dicendi* propriamente ditos. Como observou Risso (1978), em seu estudo do romance “Fogo Morto”, o DD pode ser introduzido por estruturas distintas dos *verbos dicendi* mais canônicos, como dizer, falar ou perguntar, por exemplo. Há momentos em que “elementos circunstanciais” “substituem” os verbos *dicendi* na introdução de falas relatadas. Risso (1978, p. 21) cita o exemplo “(...) Ele (José Amaro) não podia falar. Só tinha os olhos para exprimirem a dor profunda. Por fim, num esforço medonho: - Sinhá, ela está doida (p. 103)”. Percebe-se que a estrutura “num esforço medonho”, mesmo não apresentando, de fato, um verbo *dicendi*, possui uma estrutura linguística que cumpre a mesma função, especialmente, por apresentar uma circunstância em que algo foi dito. Fica pressuposta uma estrutura como: “num esforço medonho, disse:”.

Fato semelhante pode ser observado no exemplo citado por Koch (1997) (*eopricipi fes desoito anos e teve gue irr pa aguera masantesdiso*), em que a fala “Querido filho...” é introduzida pelo determinante: “Mas antes disso”, que também poderia pressupor a estrutura: “E o príncipe fez dezoito anos, mas antes disso, **ouviu:** ‘- Querido filho...’”. Fica nítido que não se trata de uma característica do DD na aquisição da escrita, com um caráter negativo, mas sim uma possibilidade de registro do DD, utilizada para, dentre outros objetivos, garantir uma cadência narrativa. Além disso, a própria possibilidade de identificação do DD sem a presença da marca gráfica e da estrutura canônica já indica que essas características não são indispensáveis para que ele se realize.

Os postulados acerca do DD na aquisição da escrita supracitados centram-se na identificação das características do DD que fogem àquelas esperadas pelas convenções. Os estudos do DD na aquisição da escrita, que partem de um viés do “*discurso sobre o discurso*”, por sua vez, investigam o funcionamento do DD na aquisição da escrita fugindo de um olhar normativo, para o levantamento das suas formas de realização e compreensão

do seu funcionamento – de forma semelhante ao questionamento realizado em relação às posições de Koch (1997).

Para Tfouni e Monte-Serrat (2013, p. 183)<sup>20</sup>, por exemplo, o DD é um “recurso um pouco mais complexo da escrita”, pois os escreventes que o utilizam – independente da sua manifestação mais ou menos prototípica – precisam aprender a lidar com o uso de instâncias enunciativas distintas. Assim, o que caracteriza o DD para as autoras é o “jogo de vozes” que o escrevente precisa aprender a agenciar, e não as marcas gráficas impostas para constitui-lo. Essas autoras abordam o DD como “*discurso sobre o discurso*”, já que o interesse está em seu uso.

Não se pode negar que a habilidade de administrar diferentes instâncias enunciativas já advém dos usos do DD nas narrativas orais, que, segundo Perroni (1983, 1992), as crianças já fazem a partir dos três anos. Esses conhecimentos orais, obviamente, são utilizados pelas crianças na construção de suas narrativas escritas, porém, de forma diferente daquela explorada por Koch (1997) – como interferência, por exemplo.

As observações de Perroni (1983, 1992) acerca do DD na aquisição do discurso narrativo oral aproximam-se daquelas voltadas para o DD na aquisição da escrita, por partirem, também, de uma concepção de instância enunciativa como “*discurso sobre o discurso*”. Para Perroni (1983), as crianças, em suas narrativas, nos momentos de diálogo, utilizariam preferencialmente o DD, com a função principal de “dar vida” e “voz” aos personagens. De início, elas apenas o utilizariam em momentos denominados pela autora como “clássicos”, isto é, situações em narrativas mais conhecidas em que a presença de uma fala relatada já seria esperada, fala essa que tende a aparecer por meio do DD. Um exemplo seria quando a Chapeuzinho Vermelho questiona o Lobo que está vestido de vovó: “... e Chapeuzinho vermelho disse: - Por que esses olhos tão grandes...”. Segundo Perroni (1983), é a partir dos quatro anos, aproximadamente, que elas passam a utilizar essa instância enunciativa em outras situações.

Ainda abordando as funções do DD, Rojo (1990), ao investigar narrativas escritas, observou que o DD nesses enunciados é um mecanismo que colabora com a expansão das narrativas, especificamente suas categorias de ação. Ou seja, a função do DD seria também

---

<sup>20</sup> Tfouni e Monte-Serrat (2013) investigam a produção de textos orais e escritos de adultos não alfabetizados ou em seus anos iniciais de escolarização. Mesmo assim, considera-se que, por serem momentos de aquisição, alguns de seus postulados podem contribuir com a presente pesquisa, que aborda a aquisição da escrita de crianças.

a progressão dos enunciados, especialmente em acontecimentos na narrativa que podem ser construídos por meio de diálogo, que ocorrem entre os personagens e podem ser relatados via instância enunciativa do DD. Para Rojo (1990), esse recurso se manifestaria de forma mais profícua a partir da terceira série.

Em relação à realização linguística do DD na aquisição da escrita, Ticianel (2012; 2013) e Capristano e Ticianel (2014) observaram que ele pode se manifestar de diferentes formas, sejam mais ou menos prototípicas. Esses trabalhos não tiveram o objetivo específico de investigar o DD na aquisição da escrita, mas, sim, a sua relação com a emergência de hipossegmentações. No corpus examinado nessas investigações, foram encontradas produções textuais em que o DD foi produzido de forma canônica, ou seja, “introduzid[o] por um verbo elocucional, (...), seguido do uso dos dois pontos, travessão ou aspas” (TICIANEL, 2012, p. 8), fato que indicaria que o DD na aquisição também já se aproxima (e muito) do esperado pelas convenções escritas. Porém, a forma mais observada de realização do DD, segundo Ticianel (2012), foi aquela em que não apareciam marcas gráficas (como os dois pontos, o travessão, dentre outras), mas havia sintagma introdutor e verbo *dicendi*. Essa afirmação da autora pode ser observada no seguinte exemplo:

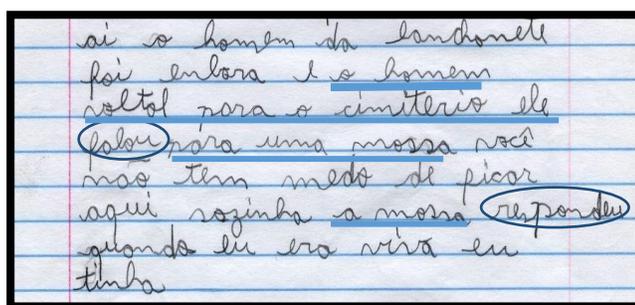


Figura 7: DD sem marcas gráficas<sup>21</sup>

Na Figura 7, pode-se observar que não há nenhuma marca gráfica que indique que os trechos “Você não tem medo...” e “quando eu era viva eu tinha” são falas produzidas pelos personagens. Contudo, a presença dos sintagmas que as introduzem, além dos verbos *dicendi* explicitam que se trata de outra instância enunciativa, a do DD.

<sup>21</sup> **Leitura preferencial:** Ai, o homem da lanchonete foi embora e o homem voltou para o cemitério. Ele falou para uma moça: “você não tem medo de ficar aqui sozinha?” A moça respondeu: “quando eu era viva, eu tinha”.

Ticianel (2012) também observou no corpus a presença de DD sem o uso de pontuação e que não apresentava verbos *dicendi*, conforme pode ser notado no exemplo a seguir:

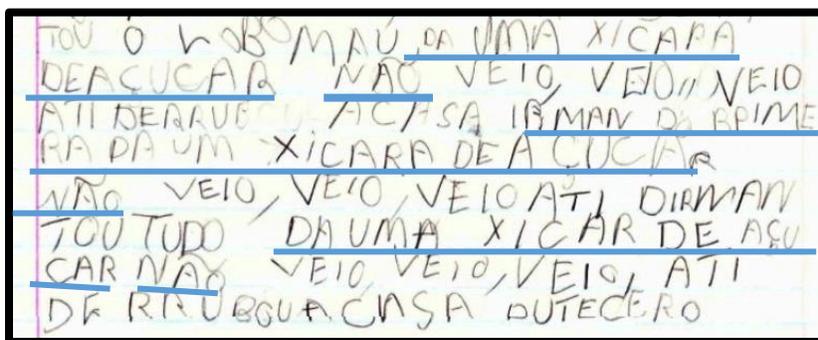


Figura 8: DD sem marcas gráficas e verbos *dicendi*<sup>22</sup>

A Figura 8 não apresenta marcas gráficas, nem verbos *dicendi*. Mesmo assim, é possível identificar a presença da instância enunciativa do DD nos trechos sublinhados com base no próprio andamento da narrativa e nas condições de produção desse enunciado. Em primeiro lugar, o andamento da narrativa dá pistas de um diálogo: há, primeiro, a indicação de um personagem, o Lobo, a mudança no modo verbal para o imperativo – “Dá uma xícara de açúcar” – seguida da resposta: “Não” (estrutura que se repete até a conclusão da narrativa). Em segundo lugar, a identificação do DD é possível pelas condições de produção desse enunciado. A atividade de produção textual da qual emergiu o enunciado da Figura 7, por exemplo, exigia dos escreventes que recontassem uma história que haviam escutado (“A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”). Os enunciados que eles produziram se aproximaram muito das características do texto fonte – narração em primeira pessoa, com o predomínio de apresentação das vozes dos personagens por meio do DD –, fatos que também permitiram a identificação da presença do DD.

Em síntese, mesmo nessa produção em que o DD aparece de forma não convencional e muito híbrida, ainda assim, constitui o texto citante e o constrói. Um viés do “*discurso no discurso*” poderia apenas considerar como uma realização equívoca do DD, sem chegar a essas afirmações.

<sup>22</sup> **Leitura preferencial:** O lobo mau: “Dá uma xícara de açúcar?” “Não”. Veio, veio, veio. Atchim! Derrubou a casa! “Irmão do primeiro, dá uma xícara de açúcar?”. “Não”. Veio, veio, veio. Atchim! Desmontou tudo! “Dá uma xícara de açúcar?” “Não”. Veio, veio, veio. Atchim! Derrubou a casa do terceiro.

Em oposição a esse uso do DD sem a presença de marcas gráficas, Ferreiro e Pontecorvo (1996) observaram produções textuais em que havia a presença de pontuação exclusivamente nos momentos de DD. As autoras, ao fazerem um estudo comparativo de produções textuais de escreventes iniciantes brasileiros, mexicanos, uruguaios e italianos, observaram uma tendência: quando esses escreventes registravam o DD – tanto no seu interior, quanto em suas fronteiras – havia um aumento na pontuação. Em outras palavras, as autoras perceberam que, nas produções textuais desses escreventes, havia poucas ocorrências de pontuação, mas, nos momentos de DD, essa pontuação aumentava significativamente. Essas observações corroboram com o postulado da preocupação gráfico/visual com as ocorrências de DD, como se fosse “indispensável” a presença dessas marcas gráficas para que essa forma do discurso relatado se fizesse presente. Além disso, a alta frequência de pontuação, principalmente de pontos de exclamação e de interrogação, parece também buscar representar uma expressividade do DD, por ser, como afirma Romualdo (2003), um momento em que se busca recuperar o “colorido” da enunciação original.

Ferreiro e Teberosky (1996, p. 165-166) observaram que algumas repetições compõem o DD na aquisição da escrita. Uma delas é a repetição dos elementos que compõem o sintagma introdutor com a função de delimitar as fronteiras da fala relatada. É o que se observa no exemplo a seguir: “*Ela respondeu eu estou indo para casadavovo respondeu Chapeu zinho*” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1996, p. 165-166). Também pode ocorrer a explicitação do “falante” posteriormente, por exemplo: “*Le dijo que tenga cuidado porque el lobo anda suelto le dijo su mama*” (*lhe disse que tenha cuidado porque o lobo anda solto lhe disse sua mãe*)” (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 165-166).

Outro tipo de repetição observado pelas autoras no DD na aquisição seria a dos verbos declarativos com a função de restringir o falante e o dito ou o destinatário e o dito. Por exemplo, “*dijo el lobo le dijo tu iras por el camino*” (Disse o lobo lhe disse tu irás pelo caminho mais curto) e “*o lobo falou com chapelzinho vermelho falou va poraqui*” (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 176-177).

Para o exemplo das repetições dos verbos declarativos, Ferreiro e Pontecorvo (1996) destacam que há uma preocupação dos escreventes em impedir

qualquer intermediário entre o verbo declarativo e a enunciação posta na boca de algum personagem. O mecanismo poderia ser o seguinte: se alguém escreve um verbo declarativo, sente a necessidade de esclarecer quem é o falante (ou o

destinatário) e o menciona; feito isso, a enunciação citada (discurso direto) não pode vir depois, já que foi introduzido um elemento lexical que impede a conexão direta com o verbo declarativo. O resultado é uma repetição do verbo, para assegurar um princípio que poderíamos formular assim: a distância entre o verbo declarativo e “o dito” deve ser nula (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 177-178).

\*\*\*

Em síntese, foi possível observar que, a partir de uma perspectiva do DD em relação ao “*discurso sobre o discurso*”, pode-se constatar que o DD na aquisição se manifesta de forma muito próxima daquela esperada pelas convenções. Mesmo quando é produzido sem o uso das marcas gráficas prototípicas, há outros elementos que permitem a sua identificação e a compreensão do seu funcionamento, que podem ser, por exemplo, o texto base para a produção textual, a pontuação, a repetição de uma estrutura de sintagma introdutor e verbo *dicendi*, dentre outros. O que ocorre é que o escrevente percebe a natureza distinta do trecho em DD e busca “indicá-lo” de alguma maneira (FERREIRO; PONTECORVO, 1996). Ademais, destaca-se, também, que essa instância enunciativa “trabalha” para a construção dos enunciados, por exemplo, compondo os momentos de ação da narrativa, dando “vida” aos seus personagens, recurso que esses escreventes já utilizam de forma profícua em suas produções textuais. Assim, propor um estudo do DD na aquisição via “*discurso no discurso*”, de forma *normatizadora*, centrando-se apenas naquilo que os escreventes não fazem, leva a desconsiderar o que esses escreventes já fazem. Além disso, descaracteriza a própria constituição de DD como instância enunciativa para um mero recurso gráfico.

## CAPÍTULO 3: MATERIAL E METODOLOGIA

### 3.1 Introdução

O objetivo do presente capítulo é apresentar o material utilizado nesta pesquisa e todos os aspectos metodológicos que compuseram a sua análise. Para tanto, em primeiro lugar, será apresentado o banco de produções textuais pertencente aos Grupos de Pesquisa (CNPq) *Estudos sobre a linguagem* e *Estudos sobre a aquisição da escrita* (CNPq), banco do qual se originam as produções textuais nas quais foram coletados os dados de hipossegmentação a serem investigados neste estudo. Em seguida, serão explorados os recortes necessários para a seleção do corpus e, na sequência, serão apresentados os aspectos metodológicos que envolvem a análise quantitativa e qualitativa do corpus.

### 3.2 Material: banco de produções textuais

Para o desenvolvimento do presente estudo foram utilizadas produções textuais produzidas por crianças que cursavam as antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental 1, que correspondiam, respectivamente, a primeira, segunda, terceira e quarta séries<sup>23</sup>. Essas produções textuais foram coletadas em duas escolas municipais de São José do Rio Preto (SP), entre os anos de 2001 a 2004. Esse material subsidia pesquisas dos grupos *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq) e *Estudos sobre a aquisição da escrita* (CNPq), tanto a nível de iniciação científica quanto mestrado e doutorado.

Para a construção desse corpus, um pesquisador visitava, aproximadamente, em uma frequência quinzenal, uma turma de cada escola e aplicava atividades de produção textual. O pesquisador acompanhou esses mesmos escreventes durante os quatro anos – que correspondiam as quatro séries –, fato que possibilitou a organização de um banco de produções textuais composto por 3113 produções textuais<sup>24</sup>, 1434 da Escola Wilson

---

<sup>23</sup> A época em que foram coletadas – anos de 2001 a 2004 – vigorava o Ensino Fundamental de oito anos, organizado por séries. Diferente do atual, de nove anos, organizado por anos.

<sup>24</sup> Destaca-se que esse corpus buscou acompanhar os mesmos alunos do ano de 2001 (que correspondia à primeira série) ao ano de 2004 (que correspondia à quarta série). Entretanto, no percurso, alguns alunos mudaram de escola, deixando de participar da coleta, assim como outros começaram a participar da coleta após ela já ter sido iniciada. O corpus constitui-se por todas essas produções textuais.

Romano Calil, doravante Calil e 1679 da Escola João Jorge Sabino, doravante Sabino. Essas produções textuais estavam distribuídas da seguinte forma ao longo das séries:

Séries	Quantidade de produções textuais por escola		Total de produções textuais
	Calil	Sabino	
1ª	416	450	866
2ª	471	469	940
3ª	326	356	682
4ª	221	404	625
Total	1434	1679	3113

**Tabela 1:** Quantidade de produções textuais por escola

Essas produções textuais foram elaboradas a partir de 55 propostas de produção textual. Essas propostas pertenciam a diferentes gêneros, como pode ser observado no quadro apresentado na sequência:

PROPOSTAS DE 2001 (1ª série)		
	Datas	Temas das propostas
01	05/04/2001	Conhecimentos prévios sobre a audição
02	18/04/2001	Relato da palestra sobre audição
03	10/05/2001 (C) 09/03/2001 (S)	Carta para a Renata 01
04	31/05/2001	Carta para a Renata 02
05	13/06/2001	O rato do campo e o rato da cidade
06	02/08/2001	A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo
07	09/08/2001	Precisando de óculos?
08	22/08/2001	Dengue
09	05/09/2001	Lista de compras 01
10	20/09/2001 (C) 19/09/2001 (S)	Lista de compras 02
11	17/10/2001	Receita preferida
12	31/10/2001	Levantamento prévio sobre voz
13	19/11/2001 (C) 20/11/2001 (S)	Palestra sobre voz
14	06/12/2001	Cartão de natal
PROPOSTAS DE 2002 (2ª série)		

	<b>Datas</b>	<b>Temas das propostas</b>
15	07/03/2002 (C) 27/02/2002 (S)	História em quadrinhos ( <i>O elefante e a bruxa</i> )
16	21/03/2002	Música preferida
17	04/04/2002	Música (Sai preguiça)
18	18/04/2002	Carta para Renata
19	02/05/2002	Descrição ( <i>Experiência de purificação da água</i> )
20	17/05/2002	Sobre o quadro
21	06/06/2002	Entrevista (Futebol/Copa)
22	24/06/2002	Piada
23	04/07/2002	História Triste
24	08/08/2002	História do Chapeuzinho Vermelho
25	22/08/2002	Candidatos à presidência
26	11/09/2002	Brincadeira da Viagem para Lua
27	26/09/2002	Brincadeira preferida
28	30/10/2002	Convite para Érica.
29	25/11/2002	Palestra

**PROPOSTAS DE 2003 (3ª série)**

	<b>Datas</b>	<b>Temas das propostas</b>
30	11/03/2003	Astrologia
31	24/03/2003	Horóscopo
32	07/04/2003	Classificados
33	28/04/2003	Resumo de novela
34	19/05/2003	Propaganda
35	25/06/2003	Notícias da escola
36	04/08/2003	Como será o futuro?
37	18/08/2003	Como foi o passado?
38	08/09/2003	Dicionário
39	07/10/2003	Como seria sua vida se você tivesse alguma deficiência?
40	21/10/2003	Anotações sobre o vídeo
41	18/11/2003	Poesia

<b>PROPOSTAS DE 2004 (4ª série)</b>		
	<b>Datas</b>	<b>Temas das propostas</b>
<b>42</b>	08/03/2004	Dia Internacional das Mulheres
<b>43</b>	22/03/2004	O que significam os provérbios?
<b>44</b>	12/04/2004	História com final determinado: um provérbio
<b>45</b>	03/05/2004	Criação de loja e venda de produtos
<b>46</b>	17/05/2004	Como chegar na minha casa?
<b>47</b>	31/05/2004	Relato do sonho alheio e interpretação
<b>48</b>	24/06/2004	Como gostaria que acabasse a novela?
<b>49</b>	09/08/2004	Preparar uma aula sobre olimpíadas
<b>50</b>	30/08/2004	Narração de uma história de suspense
<b>51</b>	30/09/2004	Narração de história com algumas palavras determinadas
<b>52</b>	21/10/2004	História a partir de uma parte do corpo
<b>53</b>	28/10/2004	O que aconteceu comigo ontem? História com neologismos
<b>54</b>	18/11/2004	História a partir de frases pré-determinadas
<b>55</b>	02/12/2004	Carta de despedida

**Tabela 2:** Propostas de produção textual do banco

Nas seções seguintes, são explorados os recortes realizados para a constituição do corpus desta pesquisa.

### 3.3 Material: a seleção do corpus

#### 3.3.1 Material: a seleção do corpus - DD

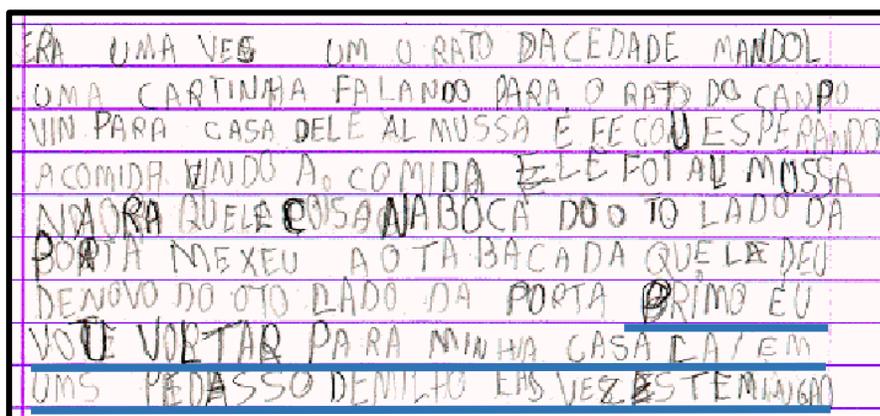
Diante desse material, pensando nos objetivos geral e específicos da presente pesquisa, foi necessária a realização de recortes. Em primeiro lugar, foi necessário observar todas as produções textuais buscando apenas aquelas em que houvesse a presença do DD. Todas as produções textuais que não possuíam essa forma de discurso relatado foram excluídas. Assim, de um total de 3113 produções textuais, foram selecionadas, a partir de critérios que serão apresentados imediatamente a seguir, 493 produções textuais: 221 da

escola Calil e 272 da escola Sabino. Essas propostas estavam diferentemente distribuídas ao longo das séries, como sintetizado no quadro a seguir:

Séries	Quantidade de produções textuais que apresentam DD – por escola		Total de produções textuais
	Calil	Sabino	
1ª	44	44	88
2ª	103	104	207
3ª	39	43	82
4ª	35	81	116
<b>TOTAL</b>	<b>221</b>	<b>272</b>	<b>493</b>

**Tabela 3:** Quantidade de produções textuais que apresentam DD – por escola

A identificação do DD nessas produções não ocorreu de maneira automática, pois, em raros momentos, os escreventes utilizavam marcas gráficas mais prototípicas, como o travessão, a mudança de linhas ou as aspas. Por vezes, também não foi identificada a presença de verbos *dicendi*. A figura a seguir exemplifica essas características:



**Figura 9:** Exemplo de DD nas produções textuais do corpus<sup>25</sup>

A produção textual exemplificada na Figura 9, como já afirmado, não apresenta marcas prototípicas da realização escrita do DD, mesmo assim, é possível perceber que o trecho sublinhado em azul pertence à instância enunciativa do DD. Vários fatores contribuem para que isso seja possível, em primeiro lugar, é essencial que se conheça a proposta de produção textual da qual faz parte esse enunciado. Nesse caso, trata-se da

<sup>25</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez, um/o rato da cidade mandou uma cartinha falando para o rato do campo vim para casa dele almoçar. E ficou esperando a comida. Vindo a comida, ele foi almoçar. Na hora que ele pois na boca, do outro lado da porta, mexeu. Outra pancada que ele deu de novo do outro lado da porta: “primo, eu vou voltar para minha casa! Lá, tem uns pedaços de milho, e, as vezes, tem mingau”.

proposta que tem como tema “O rato do campo e o rato da cidade”. Nessa proposta, os escreventes, após ouvirem essa história, deveriam registrá-la por escrito. Ao conhecer-se essa proposta, é possível conhecer a estrutura da narrativa que a compõe, principalmente, o fato de os ratinhos serem primos e a história terminar com a fala do rato do campo.

Outro fator que possibilita a identificação seria a presença de marcas linguísticas de outra instância enunciativa. No exemplo, a partir da inserção do vocativo “primo”, nota-se que há uma fala dirigida a alguém, essa fala foi produzida por alguém que não é o narrador. Em todos os momentos anteriores, há uma narração a partir da instância enunciativa do narrador, ou seja, o escrevente, em seu enunciado, narra os fatos sob uma única “voz”, de forma indireta, isto é, sem trazer para o texto, por exemplo, “a voz” do rato da cidade para convidar seu primo. Toda a progressão de ações da narrativa é apresentada de forma indireta: “vindo a comida ele foi almoçar”, “na hora que ele pos na boca mexeu a outra pancada que ele deu”. Porém, a partir do momento em que se nota o vocativo “primo”, acompanhado por um trecho marcado por dêiticos “eu vou”, “para minha”, “lá tem”; fica nítida a presença de outra voz no jogo de instâncias enunciativas: trata-se da presença do DD. Não há mais uma narração indireta, quase distanciada, mas sim uma proximidade no relato, que fica marcada pela presença do vocativo e dos dêiticos, além da própria relação com a continuidade da narrativa. É a partir dessas pistas linguísticas e textuais que se torna possível a identificação dos trechos de DD e, também, a diferenciação deles com relação aos trechos que pertencem à instância enunciativa OC.

Para a identificação dos trechos de DD nas produções textuais, foram consideradas, também, as manifestações do DD a partir de marcas verbo-visuais, por exemplo, a partir da presença de balões. Os balões podem ser definidos como elementos verbo-visuais que “engloba[m] a totalidade dos caracteres tipográficos que representam as palavras ditas pelo protagonista em questão” (ROMUALDO, 2000, p. 28), isto é, o personagem a quem o balão está ligado. Assim, também são indicadores da presença da instância enunciativa do DD. O exemplo a seguir ilustra esse tipo de ocorrência:



**Figura 10:** Exemplo de DD em balões<sup>26</sup>

A fala retratada no balão “com putador de selular” (computador de celular), bem como outras que apareceram em balões, foram consideradas pertencentes a instância enunciativa do DD.

Nesse processo de identificação do DD nas produções textuais, destacou-se uma particularidade: usos do DD em situações não esperadas. No ano de 2001, por exemplo, uma das propostas tinha o tema “Lista de compras 1”, a partir dela, os escreventes deveriam produzir enunciados que se assemelhavam a um bilhete. Para a produção desses enunciados, os escreventes deveriam: (a) escolher um supermercado e indicar a sua localização; (b) explicar quais produtos e a quantidade destes que a pessoa escolhida deveria comprar; (c) estabelecer a quantia que esta pessoa poderia gastar; por último, (d) indicar o lugar onde a pessoa deveria entregar as compras. A partir das características do próprio gênero, não se esperaria que houvesse a presença da instância enunciativa do DD, mas, sim, a presença de uma única voz. Entretanto, observou-se no corpus que, em algumas das produções, os escreventes utilizaram essa instância, a partir do momento que transformaram seus enunciados em textos com caráter narrativo. A figura a seguir exemplifica um enunciado com essa natureza:

<sup>26</sup> **Leitura preferencial:** “Computador de celular”.

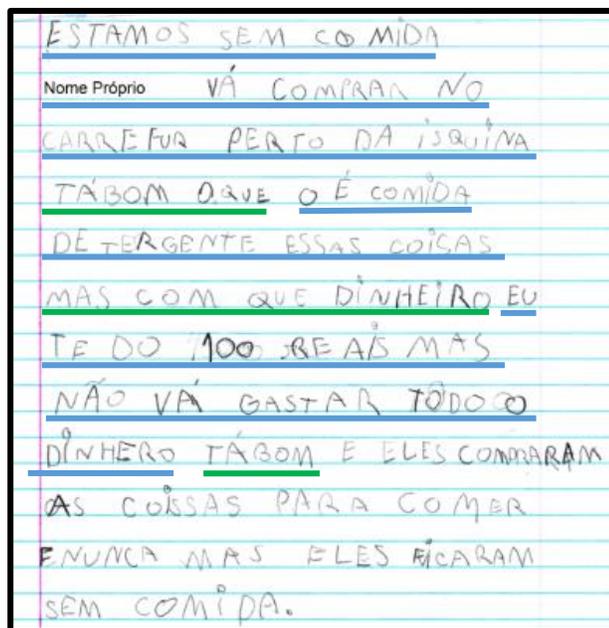


Figura 11: Exemplo de DD em gêneros não prototípicos<sup>27</sup>

Na Figura 11, todos os trechos sublinhados caracterizam momentos em que há a presença de DD. Percebe-se um diálogo entre os dois personagens em que o tema é a falta de comida, esse diálogo é produzido seguindo as exigências da proposta: a indicação da localização do mercado (“*carrefour perto da esquina*”), os produtos a serem comprados (“*o é comida detergente essas coisas*”), o valor a ser gasto (“*eu te do 100 reais mas não vá gastar todo o dinheiro*”), por exemplo. Como já explicitado a partir do exemplo anterior, observado na Figura 8, é possível notar a presença do DD em função de uma conjunção de fatores: além dos conhecimentos da proposta, pela própria organização textual do enunciado. Na Figura 10, o enunciado é produzido a partir da estrutura: fala de alguém e comentário de outrem, como se observa no trecho: “vá comprar no carrefour da esquina”/“tábom oque”, “o é comida detergente essas coisas”/“mas com que dinheiro”. A narrativa encerra-se com a presença da instância enunciativa OC que traz o desfecho: “e eles compraram as coisas para comer e nunca mas eles ficaram sem comida”, estrutura muito semelhante àquela que encerra os contos de fada: “e eles viveram felizes para sempre”. Toda a organização textual do enunciado exemplificado na Figura 10 permite observar que o escrevente subverte o gênero que seria mais esperado (bilhete) – gênero em

<sup>27</sup> **Leitura preferencial:** “Estamos sem comida, Nome Próprio! Vá comprar no Carrefour perto da esquina”. “Tá bom! O que?” “Oh, é comida, detergente... essas coisas”. “Mas com que dinheiro?”. “Eu te dou 100 reais, mas não vá gastar todo o dinheiro”. “Tá bom!” E eles compraram as coisas para comer. E, nunca mais, eles ficaram sem comida.

que não se esperaria a presença de falas relatadas – mas, preserva o tema proposto (lista de compras). A partir do gênero que passa a produzir, utiliza de forma profícua o jogo de instâncias enunciativas entre o DD e OC.

Nessas produções textuais em que se observou a presença do DD, foram, então, identificadas as hipossegmentações. Essas ocorrências foram organizadas a partir da instância enunciativa em que se localizavam, isto é, DD ou OC. Na seção seguinte, apresenta-se como essas hipossegmentações foram identificadas.

### 3.3.2 Material: a seleção do corpus – hipossegmentações

Nas 493 produções textuais em que se observou a presença da instância enunciativa do DD realizou-se o levantamento das ocorrências de hipossegmentação. Nesse percurso, foi necessária a exclusão de algumas dessas produções, devido a uma dificuldade metodológica que será explorada na sequência. No total, foram excluídas 31 produções textuais, 14 da escola Calil e 17 da Sabino. Assim, por fim, foi realizado o levantamento de hipossegmentações em 462 produções textuais, como ilustra a tabela na sequência:

Séries	Quantidade de produções textuais por escola: pós-exclusões		Total de produções textuais
	Calil	Sabino	
<b>1ª</b>	34	27	61
<b>2ª</b>	99	104	203
<b>3ª</b>	39	43	82
<b>4ª</b>	35	81	116
<b>TOTAL</b>	207	255	<b>462</b>

**Tabela 4:** Quantidade de produções textuais por escola: pós-exclusões

Para a identificação das hipossegmentações, foram consideradas todas as ocorrências em que havia, de fato, a ausência de espaço em branco entre duas ou mais palavras, o que resultava em uma junção, como se pode observar na ocorrência exemplificada na figura a seguir:

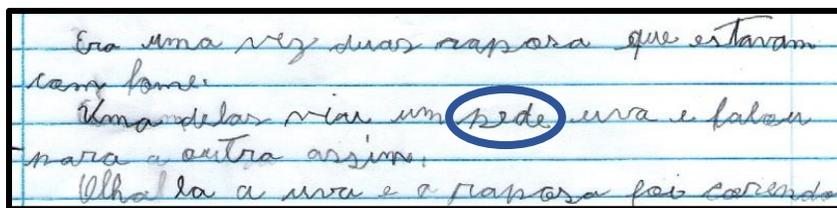


Figura 12: Exemplo de hipo<sup>28</sup>

Na figura 12, observa-se a junção entre as estruturas “pe” (pé) e “de” (de), essa junção caracteriza uma ocorrência de hipossegmentação. Outros fenômenos observados no percurso de levantamento dos dados foram desconsiderados, por exemplo, as rasuras<sup>29</sup>, ocorrências em que se observavam apagamento/sobreposição, falso início, traço de ligação e inserção – cf., por exemplo, Capristano (2013) e Machado (2014) –, que podem ser observadas a seguir:

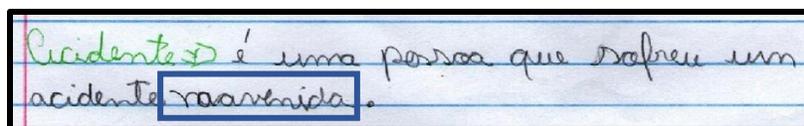


Figura 13: Exemplo de apagamento/sobreposição<sup>30</sup>

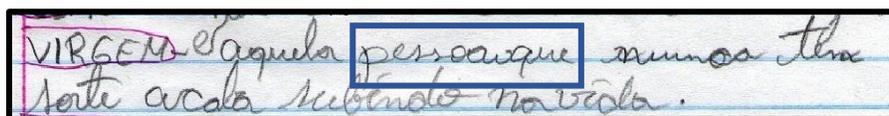


Figura 14: Exemplo de falso início<sup>31</sup>

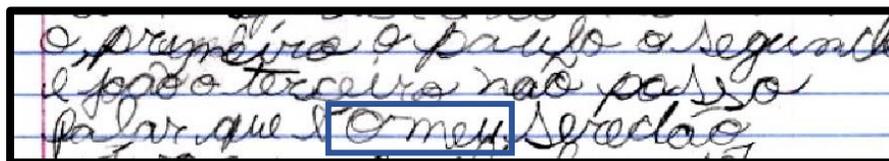


Figura 15: Exemplo de traço de ligação<sup>32</sup>

<sup>28</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez duas raposas que estavam com fome. Uma delas viu um pé de uva e falou para a outra assim: “Olha lá, a uva!” E a raposa foi correndo.

<sup>29</sup> Essas ocorrências foram desconsideradas, pois, como observaram Capristano (2013) e Machado (2014), “a circulação imaginária dos escreventes por práticas orais e letradas e a relação sujeito/linguagem que se deixam ver em rasuras ligadas à segmentação têm contornos diferentes daqueles observados em erros de segmentação” (CAPRISTANO, 2013, p. 670). Para maior aprofundamento das questões ligadas à rasura, conferir as pesquisas citadas.

<sup>30</sup> **Leitura preferencial:** “Acidente: é uma pessoa que sofreu um acidente na avenida”.

<sup>31</sup> **Leitura preferencial:** “Virgem: aquela pessoa que nunca tem sorte, acaba subindo na vida”

<sup>32</sup> **Leitura preferencial:** “O primeiro, o Paulo. O segundo, é João. O terceiro, não posso falar, que é o meu segredo”.

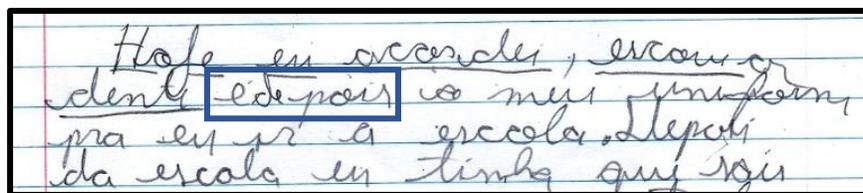


Figura 16: Exemplo de inserção<sup>33</sup>

No percurso de identificação das hipossegmentações, também foi necessário tomar decisões metodológicas em relação às hipossegmentações que envolviam o uso de hífen e a translineação. Em primeiro lugar, destaca-se que, assim como em Tenani (2011), foram consideradas como hipossegmentação apenas ocorrências em que havia ausência de hífen e junção dos vocábulos, como pode ser observado na figura a seguir:

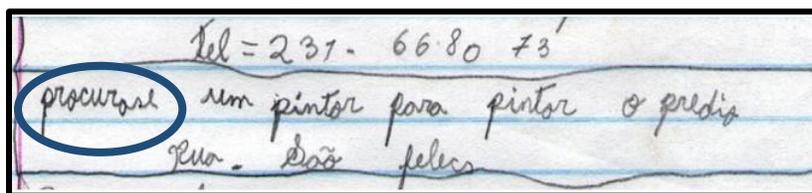


Figura 17: Exemplo de hipo envolvendo pronome enclítico<sup>34</sup>

Acerca da translineação, por sua vez, considera-se que, a depender das características, as estruturas podem ou não corresponder a hipossegmentações. Por translineação, compreende-se o “registro gráfico de uma palavra quando se dá a passagem de uma linha para outra, ficando dividida” pela presença do hífen (TENANI, 2011, p. 97). Por vezes, ocorriam hipossegmentações que dependiam exclusivamente da presença do hífen, como se pode observar na figura a seguir:

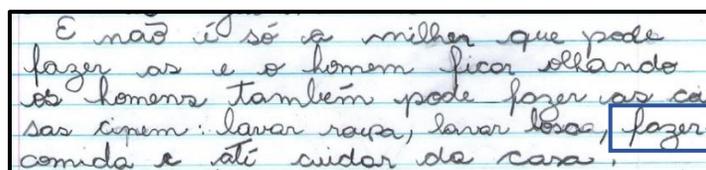


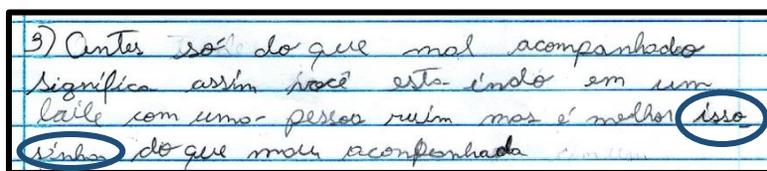
Figura 18: Exemplo de hipo na translineação: exclusão<sup>35</sup>

<sup>33</sup> **Leitura preferencial:** “Hoje eu acordei, escovei os dentes e pus/depois o meu uniforme pra eu ir à escola. Depois da escola, eu tinha que sair”.

<sup>34</sup> **Leitura preferencial:** “Tel: 231-6680-73. Procura-se um pintor para pintar o prédio. Rua São Felec”.

<sup>35</sup> **Leitura Preferencial:** “E não é só a mulher que pode fazer as e o homem ficar olhando, os homens também podem fazer as coisas. Que nem: lavar roupa, lavar louça, fazer comida e até cuidar da casa”.

Na Figura 18, observa-se que há na translineação a estrutura “fazer-comida”. Pela característica da translineação, a presença do hífen indicaria uma relação de separação, mas, também, de dependência entre as estruturas, já que separa partes de uma mesma palavra. Por haver, nesse uso do hífen, uma relação conflituosa, optou-se – de forma semelhante a Tenani (2011) na observação das hipersegmentações – por excluir ocorrências como essa no levantamento de hipossegmentações. Em contrapartida, estruturas em que se observava que a junção não dependia exclusivamente da presença do hífen – isto é, nas quais havia uma ausência de espaços em branco entre palavras antes da translineação – foram consideradas como hipossegmentações, como exemplifica a figura a seguir:

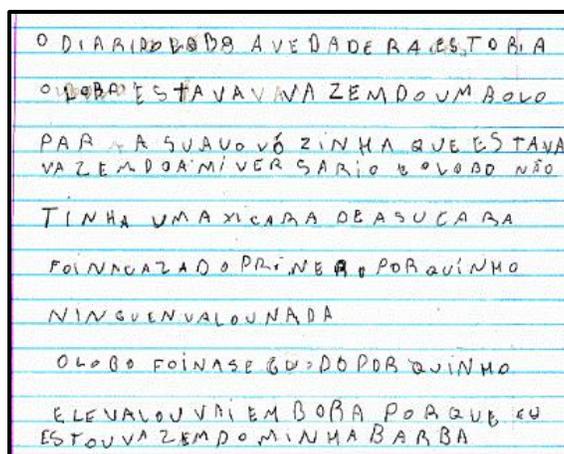


**Figura 19:** Exemplo de hipo na translineação considerada na análise<sup>36</sup>

Na Figura 19, observa-se a junção entre as estruturas “i” (ir) e “sosinha” (sozinha), estruturas que aparecem, em partes, em um momento de translineação da produção textual. Observa-se que, diferentemente do exemplo anterior (Figura 18), a junção entre as estruturas ocorre antes da translineação – pode-se observar esse fato, pois não há espaços em branco entre as duas palavras (“ir” e “sozinha”). Por entender que essa junção não se relaciona ao estatuto de dependência, mas, sim, de separação que o hífen possui, optou-se por considerar estruturas como essa como hipossegmentações.

No processo de identificação das hipossegmentações, observou-se que, em algumas produções textuais, não era possível delimitar os espaços em branco que segmentavam as palavras, como pode ser verificado no exemplo a seguir:

<sup>36</sup> **Leitura preferencial:** “Antes só do que mal acompanhado”. Significa assim: você está indo em um baile com uma pessoa ruim, mas é melhor ir sozinho do que mal acompanhado.



**Figura 20:** Exemplo de produção textual excluída<sup>37</sup>

Na Figura 20, mesmo sendo possível a realização de uma atribuição de leitura à totalidade do enunciado e à identificação dos trechos em que havia DD, não foi possível identificar os espaços em branco entre as palavras. Não é possível, nessa figura, saber quais espaços em branco estão entre as letras e quais delimitam palavras, pois são, em grande medida, muito semelhantes. Assim, para que o levantamento das hipossegmentações não fosse comprometido, produções textuais, semelhantes às exemplificadas na Figura 20, foram excluídas do corpus. A partir dessa decisão metodológica, foram excluídas 31 produções textuais, 14 pertencentes à escola Calil e 17 pertencentes à escola Sabino. Assim, como já mencionado, o corpus desta pesquisa passou, então, a ser constituído por 462 produções textuais, 207 da escola Calil e 255 da escola Sabino.

A partir das decisões metodológicas tomadas e das exclusões realizadas, foram contabilizadas 922 hipossegmentações: 468 nas produções textuais da escola Calil e 454 nas da escola Sabino. Essas ocorrências foram organizadas a partir da instância enunciativa (DD ou OC) em que foram encontradas e todas foram analisadas quantitativamente e qualitativamente, a partir de metodologia que será descrita na sequência.

### 3.4 Metodologia

#### 3.4.1 Metodologia: análise quantitativa

<sup>37</sup> **Leitura preferencial:** O diário do lobo, a verdadeira história. O lobo estava fazendo um bolo para a sua vovozinha que estava fazendo aniversário e o lobo não tinha uma xícara de açúcar. Foi na casa do primeiro porquinho, ninguém falou nada. O lobo foi no segundo porquinho, ele falou: “Vai embora! Porque eu estou fazendo minha barba”.

Após o levantamento das hipossegmentações no DD e em OC, passou-se à análise quantitativa dessas ocorrências, buscando cumprir, de forma mais direta, com o objetivo específico – a saber: examinar se existem diferenças quantitativas significativas entre as hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental). Em primeiro lugar, comparou-se a quantidade de hipossegmentações observadas nas duas instâncias enunciativas (DD e OC), nas quatro séries investigadas. Na sequência, com o objetivo de realizar uma comparação proporcional entre os dados obtidos, foi comparada a quantidade de palavras envolvidas e não envolvidas em hipossegmentação, nas duas instâncias enunciativas e nas quatro séries analisadas. Com essa comparação buscou-se investigar, também, se o resultado obtido por meio da comparação entre ocorrências manter-se-ia caso fosse comparada a quantidade de palavras. A escolha pela contagem das palavras se deu em função da heterogeneidade dos dados em relação à quantidade de textos produzidos em cada uma das séries investigadas.

A contagem de palavras foi realizada nas 462 produções textuais que compõem o corpus, sendo subdividida: por ano, por instância enunciativa e por suas características, isto é, se não estavam ou se estavam envolvidas em hipossegmentação. Por *palavras não envolvidas em hipossegmentação* consideraram-se as palavras segmentadas de forma convencional, bem como palavras hipersegmentadas ou envolvidas em mesclas. Para essa contagem, palavras hipersegmentadas e envolvidas em mesclas foram contabilizadas a partir das convenções ortográficas, por exemplo: a ocorrência de hipersegmentação “para bens” (parabéns) foi contabilizada como uma única palavra, assim como a ocorrência de mescla “é lavei” (“ela vem”) foi contabilizada como duas palavras. As **palavras envolvidas em hipossegmentação**, por sua vez, também foram contabilizadas a partir das convenções ortográficas. Em “lanaminha” (lá na minha), por exemplo, foram contabilizadas três palavras.

Nesse percurso, foi necessário que fossem tomadas algumas decisões metodológicas acerca das palavras que seriam ou não consideradas nessa contagem. Em relação às palavras consideradas, que se encontravam ou não envolvidas em hipossegmentação, partiu-se dos mesmos critérios definidos por Machado (2014). Tendo sido contabilizadas:

(a) todas as palavras de conteúdo e todas as palavras gramaticais; (b) os números, quando registrados por extenso; (c) as interjeições e onomatopeias; (d) os nomes

próprios. As palavras compostas com hífen foram contadas separadamente (por exemplo, consideramos que *guarda-chuva* corresponderia a duas palavras) [essa mesma regra é considerada para estruturas que apresentam pronomes em posição enclítica, isto é, em “vende-se”, considera-se duas palavras](...). Quando nos deparamos com palavras incompletas – por exemplo, *mena* para *menina*, – consideramos a palavra na contagem (MACHADO, 2014, p. 41).

Em contrapartida, na contagem de palavras, foram desconsideradas aquelas que constituíam o cabeçalho das produções textuais, como pode ser observado no exemplo a seguir:

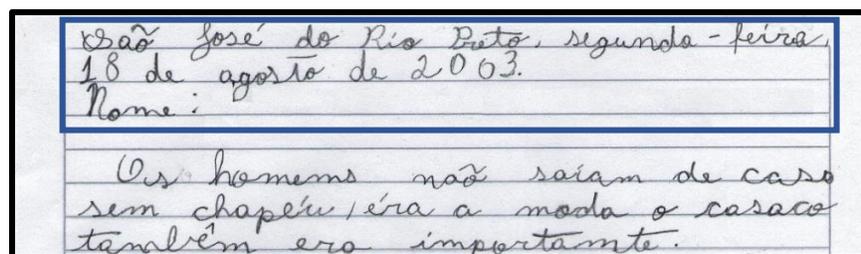


Figura 21: Exemplo de produção textual para a contagem de palavras<sup>38</sup>

Para a contagem de palavras na Figura 21 foram desconsideradas aquelas que estão destacadas, a saber, o cabeçalho – “São José do Rio Preto, segunda-feira...” – e o nome do escrevente – “Nome” –. A contagem de palavras nessa produção textual começa a partir do momento em que, de fato, inicia-se o texto: “Os homens não saiam...”. A decisão de excluir o cabeçalho da contagem foi tomada, pois, como interessava saber a instância enunciativa em que as palavras tinham sido escritas (DD ou OC), não faria sentido contabilizar essas palavras, já que, na verdade, elas não compunham o jogo de instâncias enunciativas. Caso optasse por contabilizá-las em OC, essa decisão poderia causar uma discrepância na contagem e, conseqüentemente, resultados equivocados, pois em OC haveria quase sempre uma maior quantidade de palavras, já que grande parte dos escreventes produz a estrutura de cabeçalho em seus enunciados.

A partir dessas decisões metodológicas, foi realizada a contagem de palavras. Foram contabilizadas, no total, 42.255 palavras, 11.245 na instância enunciativa DD e 31.010 no OC. Essas palavras, a partir da organização das séries consideradas e de suas

<sup>38</sup> **Leitura preferencial:** São José do Rio Preto, segunda-feira, 18 de agosto de 2003. Nome. Os homens não saiam de casa sem chapéu, era a moda. O casaco também era importante.

características (se estavam ou não envolvidas em hipossegmentação), estavam distribuídas da seguinte forma:

CONTAGEM DAS PALAVRAS					
Séries	Quantidade total de palavras	DD		OC	
		Não envolvidas em hipo	Envolvidas em hipo	Não envolvidas em hipo	Envolvidas em hipo
1 <sup>a</sup>	6087	1295	218	4223	351
2 <sup>a</sup>	19456	5203	485	13202	566
3 <sup>a</sup>	5968	1792	42	4019	115
4 <sup>a</sup>	10734	2162	36	8404	132

**Tabela 5:** Contagem das palavras

De posse dos resultados obtidos, notou-se que havia uma quantidade muito heterogênea de palavras observadas a partir das categorias estabelecidas, a saber: ano, instância enunciativa e característica (se estavam ou não envolvidas em hipo). Assim, para que fosse possível cumprir parte de um dos objetivos específicos – a saber: examinar se existem diferenças quantitativas significativas entre as hipos observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental) –, fez-se necessária a busca por uma análise estatística mais específica: o teste Z.

Ao utilizar-se o teste Z, segundo Meyer (2000), comparam-se duas proporções advindas de amostras distintas, precisando, para tanto, que os dados de uma determinada amostra sejam considerados referência, ou seja, parâmetro para comparação. Conforme sintetizado para a investigação de rasuras por Machado (2014), a aplicação desse teste parte sempre de um dado problema. Por exemplo: no grupo A= (quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD: primeira série) e no grupo B= (quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD: segunda série), as proporções de palavras envolvidas em hipo entre séries pesquisadas são estatisticamente relevantes? Para responder a essa questão, é preciso considerar duas hipóteses:

(A)  $H_0: p_1=p_2$ , quando comparadas a quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD presentes nos textos da primeira série em relação aos da segunda *não são encontradas diferenças* significativas estatisticamente;

(B) H1:  $p_1 > p_2$ , quando comparadas a quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD presentes na primeira série em relação às da segunda *são encontradas diferenças* significativas estatisticamente, ou seja, os alunos parecem produzir mais palavras envolvidas em hipo na primeira do que na segunda série.

Os dados obtidos são, então, digitados em planilha do programa Microsoft Excel 2010 e analisados estatisticamente com o auxílio do *Software Statistica 8.0*, que avalia os percentuais por meio do teste Z, gerando tabelas pela comparação de proporções, estabelecendo-se um nível de significância de 5%, ou seja, foram consideradas significativas as associações cujo  $p < 0,05$ . Em relação aos dados da presente pesquisa, devido aos objetivos propostos, esse teste estatístico foi realizado, exclusivamente, com dados que estavam relacionados à contagem de palavras envolvidas em hipossegmentação, comparando-se: em uma tabela esses dados na instância enunciativa do DD e, em outra, a instância enunciativa OC, a partir das quatro séries investigadas. As tabelas e todos os resultados obtidos serão explorados na seção de “Análise dos resultados”.

#### 3.4.2 Metodologia: análise qualitativa

As 920<sup>39</sup> hipossegmentações encontradas no corpus (365 na instância enunciativa do DD e 555 na instância enunciativa OC) foram examinadas a partir de contribuições da fonologia prosódica. Esse exame foi feito justamente para cumprir com o segundo objetivo específico desta pesquisa – a saber: examinar, com base em uma análise prosódica (cf. NESPOR e VOGEL, 1986) das hipossegmentações, se existiriam diferenças qualitativas importantes nas ocorrências observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental). Utilizou-se, nesse percurso, a Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) e sintetizada em Bisol (1996). Essa proposta será apresentada na sequência.

---

<sup>39</sup> Destaca-se que, no levantamento de hipossegmentações realizado no corpus, foram encontradas duas estruturas formadas tanto por palavras localizadas no DD quanto em OC envolvidas em um mesmo dado, tratam-se das ocorrências: “falouidapro” (falou e dá pro) e “dabumdia” (dar bom dia). Essas ocorrências não foram analisadas quantitativamente e prosodicamente, pois, como interessava justamente saber a instância enunciativa da qual emergiam, não haveria argumentos para considerá-las pertencentes a uma das instâncias. Essas ocorrências serão comentadas no capítulo 4 desta dissertação.

Inicialmente, estudos de base gerativista, ao investigarem a prosódia, tinham por interesse apenas questões relacionadas ao nível da palavra. Esse olhar se justificava, pois, “a fonologia de domínios prosódicos maiores do que a palavra era então considerada como questão de *desempenho*, ao invés de *competência*” (NESPOR, 2010, p. 374, grifos nossos). Portanto, os fenômenos fonológicos acima da palavra não pertenciam, inicialmente, ao escopo de interesse da teoria gerativa. O desenvolvimento da própria teoria fez com que se percebesse que um estudo eficaz dos aspectos prosódicos da linguagem deveria ir além do nível da palavra, considerando, portanto, questões no nível da frase. Nespor (2010) exemplifica o caso de sentenças ambíguas – que apresentam a mesma sequência de palavras e que poderiam ser interpretadas de pelo menos duas formas diferentes:

quando enunciadas, contudo, elas não são ambíguas, porque sua prosódia é diferente. E mesmo que as sentenças não sejam potencialmente ambíguas, sequências aprosódicas de palavras são difíceis de compreender. Para dizer o mínimo, a comunicação não seria efetiva sem prosódia (NESPOR, 2010, p. 376)

A prosódia pode ser investigada a partir de interesses fonéticos e fonológicos. Sob a perspectiva fonética, os estudos interessam-se, por exemplo, pela produção de softwares e aplicativos relacionados à voz e às telecomunicações. Para uma perspectiva fonética, os aspectos físicos do som são relevantes, especificamente, a sua descrição a partir de aspectos voltados à produção (fonética articulatória), à percepção (prosódia auditiva) e à fonética acústica (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2001). Esses trabalhos investigam, em geral, leituras de textos gravadas. Essas análises, assim, “têm como eixo central a comparação do produto material gráfico característico da escrita em relação ao produto material sonoro característico da oralidade e, desse modo, o processo de constituição da escrita e da oralidade não é considerado” (SONCIN; TENANI, 2015, p. 3)<sup>40</sup>.

Sob uma perspectiva distinta, a fonologia prosódica seria uma teoria de interface entre o componente fonológico e outros componentes gramaticais, como o morfológico, o sintático e o semântico (NESPOR; VOGEL, 1986). Os estudos em fonologia prosódica estão interessados, principalmente, em mostrar que existe uma estrutura prosódica, supostamente universal, presente em todas as línguas naturais. Algumas pesquisas na área

---

<sup>40</sup> Por não ser essa a perspectiva que guiará o presente estudo, não serão apresentadas características mais detalhadas desta perspectiva. Para mais informações acerca da fonética prosódica, consultar, por exemplo, Cagliari (2001).

da linguística também se interessam pela observação da estruturação do som e de como essa estruturação tem realidade linguística, tanto por meio do estudo de questões mais ligadas ao modo de enunciação falado (gravações de falas espontâneas e monitoradas) quanto ao modo de enunciação escrito (pontuação, segmentação de palavras).

No campo de estudos da fonologia prosódica, destacam-se os modelos prosódicos propostos por Selkirk (1984, 1986) e Nespôr e Vogel (1986). Os dois modelos se aproximam por serem gerativistas e de base mentalista, assim como por serem não lineares, a saber, organizados a partir de uma hierarquia em oposição aos modelos lineares. Nessa perspectiva, não se observariam mais níveis, como considerado a partir de uma perspectiva estruturalista – em que a prosódia seria mais um nível ao lado da sintaxe, da semântica e da fonologia, por exemplo –, mas, sim, a atuação conjunta e hierárquica de todos os componentes.

A pesquisa de Selkirk (1984, 1986) se diferencia da de Nespôr e Vogel (1986), principalmente, em relação à informação sintática relevante para a interpretação da relação sintaxe-fonologia. Para Selkirk (1984, 1986), a informação relevante é a fronteira entre constituintes, para Nespôr e Vogel (1986), por sua vez, a informação sintática relevante é a de relação entre constituintes. Não serão explorados detalhes das proposições de Selkirk (1984; 1986), apenas das de Nespôr e Vogel (1986), já que é a perspectiva de análise eleita pela presente pesquisa.

Para Nespôr e Vogel (1986, p. 1)<sup>41</sup>, “de acordo com a teoria prosódica, a representação mental do discurso é dividida em partes hierarquicamente organizadas. (...) [Assim], cada componente prosódico serve como domínio de aplicação de regras fonológicas específicas e processos fonéticos”. Com base nesses pressupostos, Nespôr e Vogel (1986) propuseram a organização prosódica a partir dos sete constituintes apresentados a seguir:

---

<sup>41</sup> Esta tradução é de minha inteira responsabilidade. Trechos originais: “According to prosodic theory, the mental representation of speech is divided into hierarchically arranged chunks. (...) That is, each prosodic constituent serves as the domain of application of specific phonological rules and phonetic processes” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.1).

(1) Hierarquia Prosódica		
sílaba	$\sigma$	
pé	$\Sigma$	
palavra fonológica	$\omega$	
grupo clítico	C	
frase fonológica	$\phi$	
frase entonacional	I	(do inglês <i>intonational phrase</i> )
enunciado	U	(do inglês <i>utterance</i> )

Figura 22: Constituintes prosódicos (BISOL,1996, p. 248)

Esses domínios se organizariam hierarquicamente a partir do esquema arbóreo:

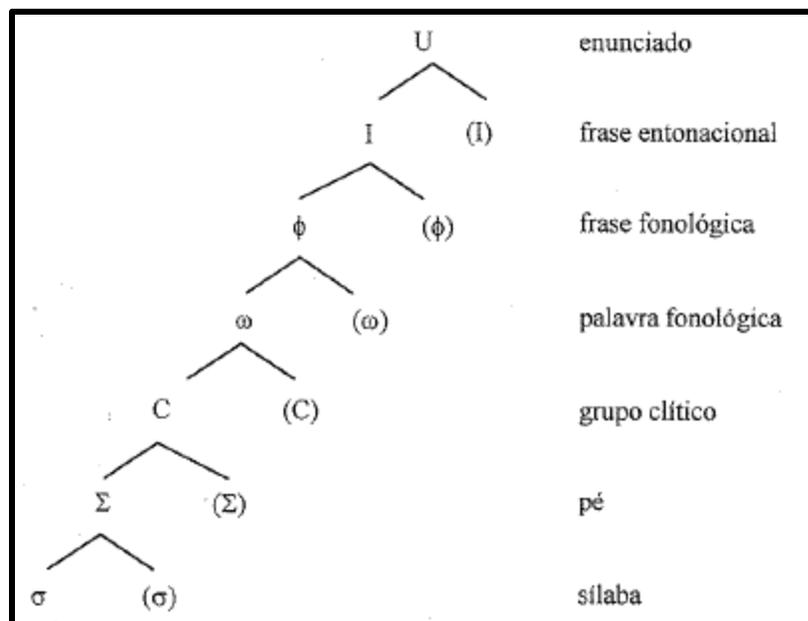


Figura 23: Esquema arbóreo (BISOL,1996, p. 248)

Cada um desses domínios ou constituintes relaciona-se a partir de uma hierarquia. Os princípios que a regem são os seguintes:

- i) Cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) Cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) Os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) A relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w) (BISOL, 1996, p. 249).

A partir dessas regras, para que se estabeleça um constituinte prosódico, considera-se: “Incorpore em Xp todos os Xp-1 incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de Xp” (BISOL, 1996, p. 249). Cada um dos constituintes se relaciona com outros componentes da gramática, como os sintáticos, semânticos, pragmáticos, dentre outros, em maior ou menor grau, a depender do constituinte prosódico considerado. Não há relação isomórfica entre um constituinte prosódico e outros constituintes da gramática, ou seja, um constituinte sintático, por exemplo, não necessariamente corresponderá a um constituinte prosódico (BARBOSA, 2014).

Os três constituintes mais baixos da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) (a *sílaba*, o *pé* e a *palavra fonológica*) não serão aqui apresentados, justamente, por estarem no nível da palavra ou abaixo dela. Como o propósito, nesta pesquisa, é investigar as hipossegmentações – junções entre duas ou mais palavras –, esses constituintes não se mostraram relevantes. O interesse é verificar se as hipossegmentações contabilizadas poderiam ser determinadas pela atuação das fronteiras dos seguintes constituintes prosódicos: **C** (grupo clítico), **Φ** (frase fonológica), **I** (frase entoacional) ou **U** (Enunciado Fonológico), todos constituintes acima da palavra fonológica. Esses constituintes serão apresentados na sequência, acompanhados de exemplos de hipossegmentações que aparentam ter a sua emergência relacionada a cada um deles.

#### 3.4.2.1. Metodologia: constituintes prosódicos

O grupo clítico (C) localiza-se imediatamente acima da palavra fonológica, ele é definido como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos (por exemplo: pronomes átonos e palavras funcionais como artigos monossilábicos) e uma só palavra de conteúdo” (BISOL, 1996, p. 252). Como exemplo de C, pode-se mencionar: “me esquece”, “o dia”, ou ainda, “cale-se” (GELAMO, 2006).

Trata-se de um constituinte prosódico controverso, que não é considerado, por exemplo, em propostas como a de Selkirk (1984; 1986), em que o clítico pertenceria ao nível da palavra fonológica. Além disso, existem discussões acerca da dependência dos clíticos em relação à palavra fonológica. Bisol (1996, p. 252) destaca que, no Português Brasileiro (PB), alguns clíticos se comportariam “junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica e [haveria outros que] revelam certa independência, submetendo-se as

mesmas regras da palavra fonológica”. Para exemplificar, a autora cita a aplicação de sândi, em estruturas como: [O espaço] C [é] C [pequeno] C, em que se observa, no primeiro grupo clítico, uma reestruturação silábica: [wispásu] C. Neste caso, o clítico “perde totalmente sua independência para tornar-se, com a palavra de conteúdo adjacente, uma unidade só”, convertendo-se, assim, em uma só palavra fonológica (BISOL, 1996, p. 254)<sup>42</sup>.

No corpus investigado, foi encontrada a hipossegmentação a seguir, em que o clítico “os” foi unido à palavra fonológica “dias”, aparentemente respeitando os limites de um C:

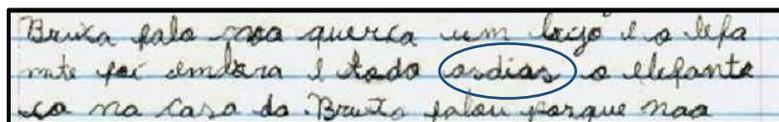


Figura 24: Exemplo de C<sup>43</sup>

#### Análise prosódica:

[ [ [ [E todo] C [osdias] C ] Φ ] I [ [ [o elefante] C ] Φ [ [ia] C ] Φ [ [na casa] C [da bruxa] C ] Φ ] I ] U

A frase fonológica (Φ) é o constituinte que se localiza acima do C, ela congrega um ou mais grupos clíticos. Para a identificação de uma Φ, é necessário que se encontrem cabeças lexicais, preferencialmente: nomes, verbos, alguns advérbios e pronomes. Após isso, todos os clíticos que acompanham esse cabeça do lado não recursivo estão no domínio de uma Φ. Destaca-se que não há relação de isomorfismo entre a Φ e a frase sintática, embora possam vir a coincidir (BISOL, 1996). Como exemplo de Φ, pode-se citar a estrutura a seguir: [Todas as meninas] Φ [comeram] Φ [o doce] Φ [de morango] Φ. No exemplo, a primeira Φ é constituída pelo cabeça lexical “meninas”, acompanhada por “as” e “todas”, que constituem uma única Φ. A segunda Φ é constituída, apenas, por um cabeça lexical, o verbo “comeram”. As duas últimas Φs são constituídas pelos cabeças lexicais “doce” e “morango”, acompanhados dos clíticos “o” e “de”<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> Na presente pesquisa, não se tem o objetivo de averiguar se o Grupo Clítico é ou não um domínio prosódico relevante. A análise prosódica das hipossegmentações funda-se na proposta de hierarquia prosódica postulada por Nespor e Vogel (1986). Por isso, opta-se por considerar a existência desse domínio para a investigação dos limites de hipossegmentação. Tendo ciência, assim, do *locus* controverso em que se adentra, explora-se, especificamente, a possibilidade das fronteiras desse constituinte serem relevantes para a análise das hipossegmentações. Questões para além desse escopo ultrapassam os objetivos deste estudo.

<sup>43</sup> **Leitura preferencial:** Bruxa falou: “Só queria um beijo”. E o elefante foi embora e todos os dias o elefante ia na casa da Bruxa. Falou: “Por que não”.

<sup>44</sup> Recordar-se, aqui, que a organização dos constituintes prosódicos é hierárquica, portanto, cada constituinte está sob o domínio do constituinte imediatamente superior e é composto de uma ou mais unidades do constituinte imediatamente mais baixo. Por essa razão, uma frase fonológica, por exemplo, pode ser

A  $\Phi$ , a partir de regras, pode ser reestruturada, isto é,  $\Phi$ s que apresentam dependência semântica e sintática podem se unir. Para que isso possa ocorrer, é necessário, também, que não haja ramificações entre duas  $\Phi$ s, bem como, só é permitida a reestruturação entre duas  $\Phi$ s (a reestruturação não é permitida para além dessa quantidade). As  $\Phi$ s exemplificadas, “[Todas as meninas]  $\Phi$  [comeram]  $\Phi$  [o doce]  $\Phi$  [de morango]  $\Phi$ ”, a partir de regras de reestruturação, poderiam apresentar-se da seguinte forma: [Todas as meninas]  $\Phi$  [comeram]  $\Phi$  [o doce de morango]  $\Phi$ . A  $\Phi$  ”de morango”, por não apresentar ramificações e por apresentar relação sintática e semântica com a  $\Phi$  “o doce”, pode ser reestruturada. Em um enunciado como [Marina]  $\Phi$  [comprou]  $\Phi$  [roupas]  $\Phi$  [de tamanhos variados]  $\Phi$ , a possibilidade de reestruturação seria possível entre “comprou” e “roupas”, por exemplo, porém não seria permitida entre “roupas” e “de tamanhos variados”, já que a última  $\Phi$  é ramificada.

No corpus da pesquisa, foi identificada a seguinte hipossegmentação que pareceu emergir da relação com as fronteiras de uma  $\Phi$ :

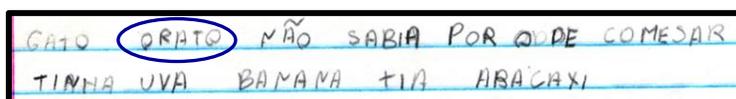


Figura 25: Exemplo de  $\Phi$ <sup>45</sup>

#### Análise prosódica:

[ [ [Orato]  $\Phi$  [não sabia]  $\Phi$  [por o de]  $\Phi$  [começar]  $\Phi$  ] I ] U

No enunciado “**Orato** não sabia por o de começar”, o escrevente une o cabeça lexical “rato” ao clítico de seu lado não recursivo (“o”). Essa junção pode ter sido motivada pela atuação dos limites de uma  $\Phi$ . No corpus também foram encontradas hipossegmentações que poderiam ser associadas a limites de  $\Phi$  reestruturadas, como pode ser observado no exemplo a seguir:

---

constituída por um único grupo clítico. É o que ocorre em algumas  $\Phi$ s de “[Todas as meninas]  $\Phi$  [comeram]  $\Phi$  [o doce]  $\Phi$  [de morango]  $\Phi$ ”. As  $\Phi$ s, “[comeram]  $\Phi$  [o doce]  $\Phi$  [de morango]  $\Phi$ ”, são constituídas por um único C.

<sup>45</sup> **Leitura preferencial:** O rato não sabia por onde começar: tinha uva, banana, tinha abacaxi.

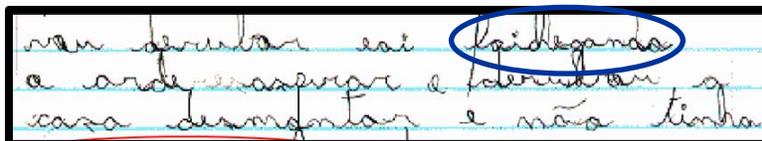


Figura 26: Exemplo de  $\Phi$  reestruturada<sup>46</sup>

### Análise Prosódica

[ [ [Eai]  $\Phi$  ] I [ [**foichegando**]  $\Phi R$ <sup>47</sup> [o arde respirar]  $\Phi$  ] I [ [e derrubou a casa]  $\Phi$  ] I [ [desmontar]  $\Phi$  ] I ] U

No enunciado “Eai foichegando o arde respirar e derrubou a casa desmontar”, pode-se observar que a hipossegmentação “foichegando” (foi chegando) tem a sua emergência possivelmente relacionada à atuação dos limites de uma  $\Phi$  reestruturada. Essa afirmação pode ser feita, pois as  $\Phi$ s: [foi]  $\Phi$  e [chegando]  $\Phi$  não apresentam ramificações e têm dependência sintática e semântica – principalmente por, juntas, formarem uma locução verbal. Ao unir duas  $\Phi$ s, o escrevente faz essa junção respeitando os limites de  $\Phi$  reestruturada.

O constituinte que se localiza acima da  $\Phi$  é a frase entoacional (**I**). Para a identificação de Is, necessita-se da consideração de informações semânticas e sintáticas – além das prosódicas –, pois esse constituinte tem uma relação muito próxima com o estilo dos enunciados (BISOL, 1996). A I agrupa uma ou mais  $\Phi$ s. Para a definição de seu domínio, é necessário que haja um contorno entoacional definido. Ademais, finais das Is geralmente coincidem com posições nas quais pausas podem ser introduzidas em uma sentença (GELAMO, 2006). Há casos em que certas estruturas

formam domínios entonacionais por si mesmos. Como exemplo desses casos especiais, temos expressões parentéticas, orações relativas explicativas, perguntas fáticas ou de confirmação, vocativos, expressões que funcionam como interjeição [enumerações] e certos elementos móveis. Observa-se que todas essas construções são externas à sentença raiz [oração principal] à qual elas se associam (GELAMO, 2006, p. 31).

Como exemplo de Is, pode-se citar o enunciado: [Maria] I [devolva a blusa para o Carlos] I. Esse enunciado, por ser formado por um vocativo, tem, por princípio, a presença de uma I constituída pelo próprio vocativo. A estrutura que o acompanha “devolva a blusa

<sup>46</sup> **Leitura preferencial:** “Vou derrubar. E ai, foi chegando o ar de respirar e derrubou a casa, desmontou. E não tinha”.

<sup>47</sup> Ao longo das análises, não foi assinalado se as frases fonológicas eram ou não reestruturadas, pois o interesse da presente pesquisa era apenas saber se as hipossegmentações pertenceriam a esse domínio, independente se eram ou não reestruturadas.

para o Carlos”, conseqüentemente, também é uma I, pois se caracteriza por ter um único contorno entoacional. Em enunciados em que não há a presença dessas estruturas que prototipicamente são Is, são outros aspectos, como a velocidade de fala, questões semânticas e sintáticas que permitirão a identificação, nos enunciados, dos limites desse constituinte (GELAMO, 2006). No corpus investigado, observaram-se hipossegmentações que emergiram de uma possível associação dos escreventes com as fronteiras de I, como a ilustrada na figura a seguir:

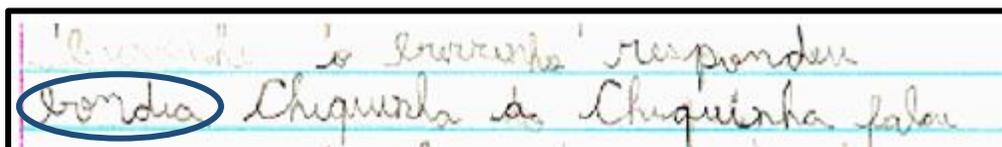


Figura 27: Exemplo de I<sup>48</sup>

#### Análise prosódica:

[ [**Bondia**] I [chiquinha] I ] U

Nessa figura, observa-se que a junção entre “bom” e “dia” pode ser associada a limites de I. A estrutura exemplificada caracteriza-se por ser um exemplo de I mais prototípico, pois o enunciado ao qual pertence é composto por um vocativo, “Chiquinha” e pela sentença “bom dia”.

O constituinte mais alto da hierarquia prosódica é o enunciado fonológico (U). Ele agrega uma ou mais Is. A sua delimitação também depende de uma relação com informações semânticas e, principalmente, sintáticas. Para definição de suas fronteiras, são apontadas duas características básicas: “(a) começo e fim de um constituinte sintático e (b) proeminência relativa que, no português brasileiro, atribui *forte* ao nó mais a direita” (GELAMO, 2006, p. 29). Além disso, sentenças podem se unir, no chamado processo de reestruturação de U. Para a reestruturação de um U, são necessárias

duas condições pragmáticas – (i) as duas sentenças devem ser pronunciadas pela mesma pessoa; e, (ii) devem ser dirigidas ao mesmo interlocutor – e a duas condições fonológicas – (i) as duas sentenças devem ser relativamente curtas; e, não pode haver pausa entre elas” (GELAMO, 2006, p. 29).

Como exemplo de U, pode-se retomar o trecho utilizado para exemplificar Is: “[*Maria*] I [*devolva a blusa para o Carlos*] I ] U”. Toda a sentença caracteriza os limites de

<sup>48</sup> **Leitura preferencial:** O burrinho respondeu: “bom dia, Chiquinha”. A Chiquinha falou.

um U, constituída por duas Is. No corpus investigado, também foram identificadas hipossegmentações que parecem motivadas pelas fronteiras do constituinte U, como no exemplo a seguir:

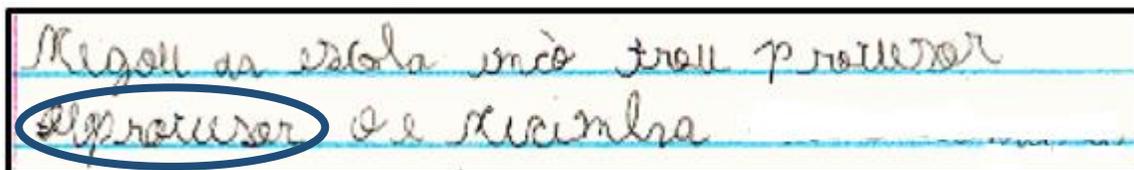


Figura 28: Exemplo de U <sup>49</sup>

### Análise prosódica:

[Oeprouesor] U [O e xicinha] U

Na hipossegmentação, a junção entre “oe” (oi) e “prouesor” (professor) emerge, possivelmente, da atuação das fronteiras de um U, pois se trata do fim de um constituinte sintático, marcado, especificamente, por pertencer ao DD, constituindo, assim, de fato, uma estrutura autônoma, tanto prosódica quanto sintaticamente.

As hipossegmentações identificadas no corpus desta pesquisa foram analisadas considerando os quatro constituintes apresentados (grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico). Nesse processo, é válido destacar que o interesse, nesta investigação, semelhante ao de Chacon (2004) e Capristano e Ticianel (2014), foi o de avaliar o funcionamento da hipossegmentação no interior do texto produzido pela criança e, assim, observar se as junções poderiam ser associadas aos limites de um dos constituintes, a partir das regras descritas por Nespor e Vogel (1986). Para a observação do papel dos limites prosódicos para a emergência das hipossegmentações, foi considerado, portanto, todo o co-texto de aparecimento delas, isto é, toda a produção textual em que elas foram registradas e identificadas. Essa opção está ligada ao objetivo geral desta investigação que é examinar, justamente, a instância enunciativa da qual emergiam as hipossegmentações e, por isso, a consideração do cotexto de aparecimento é fundamental.

Destaca-se, mais especificamente, que a análise prosódica das hipossegmentações partiu do constituinte mais alto considerado (enunciado fonológico) para o mais baixo (grupo clítico). A partir desse processo – considerando, em primeiro lugar, a atribuição de leitura à produção textual, bem como a identificação das duas instâncias enunciativas (DD e

<sup>49</sup> **Leitura preferencial:** Chegou da escola, encontrou (o) professor: “Oi, Professor”. “Oi, Chiquinha”.

OC) – é que se identifica a partir da atuação de qual limite prosódico a hipossegmentação pode ter sido motivada.

De maneira detalhada, as hipossegmentações foram investigadas a partir do seguinte percurso: primeiramente, atribuiu-se – a partir de questões já discutidas, como o retorno à produção textual e às condições de produção dos textos – uma leitura preferencial à totalidade da produção textual elaborada pela criança. Depois, identificaram-se, nessas produções textuais, as hipossegmentações. Paralelo a esse momento, identificou-se a instância enunciativa a qual pertencia(m) essa(s) ocorrência(s): DD ou OC. A partir disso, fez-se a análise prosódica do cotexto em que a hipossegmentação aparecia, considerando, primeiramente, a fronteira fonológica de U – identificada por meio da organização sintática e semântica dos textos. Depois, no interior do U, identificaram-se as fronteiras de I, a partir dos contornos entoacionais que foram atribuídos também por meio da leitura das produções textuais.

Identificadas as Is, encontraram-se os cabeças lexicais que são ponto de partida para identificação das  $\Phi$ s. Nesse momento, avaliou-se a possibilidade de as  $\Phi$ s poderem ser reestruturadas. Quando havia dependência semântica, sintática e prosódica entre as  $\Phi$ s e não havia ramificação, considerou-se a reestruturação para identificar os limites da  $\Phi$  e, posteriormente, de C.

Destaca-se que, nesta dissertação, foram considerados alguns critérios para que se pudesse verificar a possibilidade de reestruturação entre  $\Phi$ s, critérios estabelecidos a partir do princípio geral de reestruturação proposto por Nespor e Vogel (1986)<sup>50</sup>. O primeiro critério foi observar se os elementos pertenciam ao mesmo constituinte sintático, assim, entre  $\Phi$ s que faziam parte de sintagmas distintos, em específico, entre o SN e o SV, não foi considerada a reestruturação. Esse critério foi construído considerando que, para se reestruturarem, deve haver entre as  $\Phi$ s dependência semântica e sintática. Entre sintagmas nominais e verbais supõem-se que não há uma relação de dependência sintática tão forte como a que há, por exemplo, entre o verbo transitivo e o seu complemento. A título de exemplo, podem-se citar orações em que o sintagma nominal não aparece ou está em elipse, sem prejuízo para a construção sintática e semântica da oração.

---

<sup>50</sup> Não foram encontrados trabalhos que apresentassem critérios específicos para consideração de reestruturação entre  $\Phi$ s para o PB. Assim, conforme mencionado, nesta pesquisa, foram elaborados critérios a partir do princípio geral proposto por Nespor e Vogel (1986) de que, para haver reestruturação entre  $\Phi$ s, seria necessário que houvesse entre elas dependência semântica e sintática, bem como, que não houvesse ramificações.

O segundo critério para a reestruturação entre  $\Phi$ s relacionou-se à consideração dos verbos. Foi realizada a reestruturação entre verbos nas seguintes circunstâncias:

A) Quando caracterizaram uma locução:

**Análise:** [ [ [E ai]  $\Phi$  ] I [ [foichegando]  $\Phi R$  [o ar de aspirar]  $\Phi$  ] I [ [e derrubou a casa]  $\Phi$  ] I ] U

B) Quando eram transitivos e seus complementos não eram ramificados:

**Análise:** [ [ [E ele]  $\Phi$  [ [bateu] C [naporta] C ]  $\Phi R$  ] I ] U

**Observação:** Quando havia complementos ramificados, houve reestruturação entre eles e não entre eles e os verbos, por exemplo:

**Análise:** [ [ [ [E ai]  $\Phi$  ] I [ainda]  $\Phi$  [não recebeu]  $\Phi$  [ [axicara] C [de açuca] C ]  $\Phi R$  ] U

C) Entre verbos e alguns advérbios<sup>51</sup>:

**Análise:** [ [ [E ai] I [ [o lobo mal]  $\Phi$  [estavala]  $\Phi$  ] I [ [ai]  $\Phi$  ] I [a vovozinha]  $\Phi$  [em golil]  $\Phi$  [o lobo mal]  $\Phi$  ] I ] U

Após a consideração da reestruturação quando esta era possível, passou-se à identificação, no interior das  $\Phi$ s (reestruturadas ou não), dos Cs. Para a identificação dos Cs, foram encontradas as palavras de conteúdo e os seus clíticos do lado não recursivo.

Destaca-se que todo esse processo foi realizado até que fosse identificado o limite prosódico ao qual a hipossegmentação parecia estar associada, isto é, caso uma hipossegmentação emergisse, por exemplo, da atuação de limites de I, no enunciado do qual ela fazia parte, não foram identificados os limites de  $\Phi$  e C, pois o propósito desta pesquisa foi identificar qual limite prosódico parecia atuar para a emergência de hipossegmentação. Na sequência, para exemplificar esse procedimento, apresenta-se uma hipossegmentação que compõe o corpus, localizada no DD, e que tem sua motivação relacionada, possivelmente, as fronteiras de um C:

---

<sup>51</sup> Optou-se por considerar essa possibilidade de reestruturação, pois, mesmo os advérbios não sendo elementos essenciais da oração – como os complementos para os verbos transitivos – havia entre eles e os verbos uma dependência semântica e sintática, bem como não havia ramificação, fatores que, segundo a própria teoria proposta por Nespor e Vogel (1986), possibilitam a reestruturação de  $\Phi$ s.

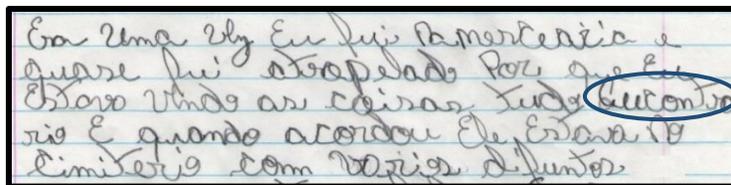


Figura 29: Exemplo de hipo que se associa a limites de C - DD<sup>52</sup>

A Figura 29 corresponde a um trecho de uma produção textual escrita no ano de 2004, que foi elaborada a partir do tema “Relato do sonho alheio e interpretação”. Para a produção desse enunciado, os escreventes deveriam: organizar-se em duplas, escreverem um sonho relatado pelo seu colega e, posteriormente, a interpretação que atribuiriam a esse sonho. No trecho, é possível observar a presença das duas instâncias enunciativas, DD e OC, mesmo sem a presença das marcas gráficas mais prototípicas, como o travessão, os dois pontos e a mudança de linha. É a leitura atribuída a essa produção textual que permite identificar as duas instâncias. A produção textual exemplificada inicia-se com a expressão prototípica de narrativas “Era uma vez” (OC), a partir desse momento, o narrador traz para o seu texto a voz de um dos personagens (DD), que passa a narrar o que aconteceu em seu sonho: “Eu fui na mercearia e quase fui atropelado, porque eu estava vendo as coisas tudo ao contrário”. Nesse momento, observa-se a presença da hipossegmentação “aucontrario” (ao contrário). No período seguinte, pela atribuição de leitura proposta a partir das pistas textuais, pode-se compreender que há um retorno à instância enunciativa OC, pela própria narração, por meio da terceira pessoa e de forma distanciada: “E quando acordou, ele estava no cemitério com vários defuntos”.

Com base nesses apontamentos, já se pode perceber que a ocorrência de hipossegmentação localiza-se nos limites de um enunciado presente na instância enunciativa do DD ([Por que eu estava vendo as coisas tudo **aucontrario**] U), que faz parte de uma frase entoacional [tudo **aucontrario**] I. Essa I é constituída por uma única frase fonológica [tudo **aucontrario**]  $\Phi$ , que, por sua vez, é constituída por dois grupos clíticos [tudo] C [**aucontrario**] C. Na sequência, ilustra-se a análise supracitada:

[ [ [Por que]  $\Phi$  [eu]  $\Phi$  [estava vendo]  $\Phi$  [as coisas]  $\Phi$  ] I [ [tudo] C [**aucontrario**] C ]  $\Phi$  ] I ] U

<sup>52</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez... “Eu fui na mercearia e quase fui atropelado, porque eu estava vendo as coisas tudo ao contrário”. E quando acordou, ele estava no cemitério com vários defuntos.

Considerando a produção textual investigada e, especificamente, a análise da qual partiu-se (dos constituintes mais altos, para os mais baixos: U, I,  $\Phi$  e C), pode-se considerar que a união feita pelo escrevente entre o clítico “ao” e o cabeça lexical “contrário” resulta de uma associação também feita pelo escrevente entre limites gráficos e limites prosódicos de um C.

Todas as hipossegmentações foram investigadas a partir desse percurso. Destaca-se, entretanto, que algumas ocorrências apresentavam limites que não pareciam se associar a um dos quatro limites prosódicos que interessavam a presente pesquisa (C,  $\Phi$ , I ou U). Essas ocorrências serão apresentadas e discutidas no capítulo de análise dos resultados desta dissertação, na seção “*As hipossegmentações que não se associam a limites prosódicos*”.

No próximo capítulo, o resultado da análise prosódica será apresentado. Antes, no mesmo capítulo, serão explorados os resultados quantitativos mais gerais da pesquisa

## CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Introdução:

Neste capítulo, serão apresentados os principais resultados obtidos por meio da investigação quantitativa e qualitativa de hipossegmentações no DD em oposição a OC. Como já explicitado, o objetivo geral desta pesquisa é investigar possíveis relações existentes entre o uso de DD e a emergência de hipossegmentações em produções textuais das antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, examinando, para isso, o funcionamento dessas ocorrências com base na instância enunciativa em que são produzidas: no próprio DD e nos momentos classificados como OC.

Para cumprir com esse objetivo, foram explorados dois objetivos específicos, a partir dos quais foram alcançados alguns resultados que também serão explorados neste Capítulo. Primeiramente, serão apresentados os resultados ligados ao objetivo específico de examinar se existiriam diferenças quantitativas entre as hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigos quatro primeiros do Ensino Fundamental). Na sequência, serão apresentados resultados relacionados ao objetivo específico de examinar, com base em uma análise prosódica (cf. NESPOR e VOGEL, 1986) das hipossegmentações, se existiriam diferenças qualitativas importantes nas ocorrências observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, também, as possíveis diferenças entre as séries examinadas.

### 4.2 Visão geral quantitativa das hipossegmentações

O levantamento de hipossegmentações nas instâncias enunciativas do DD e em OC foi realizado em 462 produções textuais, tendo sido identificadas 365 hipossegmentações no DD e 555 em OC, num total de **920**<sup>53</sup>. Ao longo das quatro séries, essas ocorrências estavam distribuídas da seguinte forma:

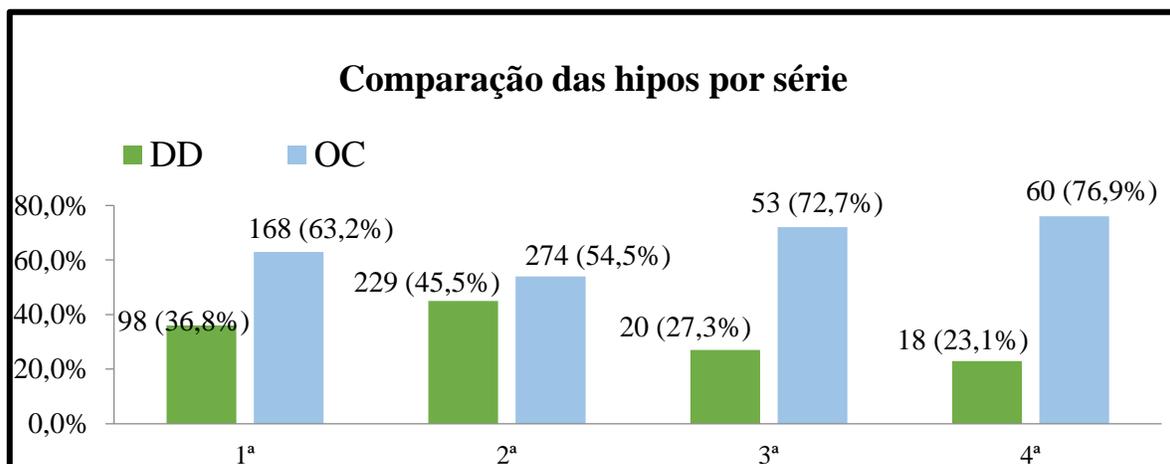
---

<sup>53</sup> Conforme explicitado, duas hipossegmentações caracterizaram-se por envolver a junção de palavras, ao mesmo tempo, das duas instâncias enunciativas, tratam-se das ocorrências: “faloidapro” (falou e dá pro) e “dabumdia” (dar bom dia). Esses dados não foram analisados quantitativamente, pois, como interessava justamente saber a instância enunciativa da qual emergiam, não haveria argumentos para considerá-las pertencentes a uma das instâncias enunciativas. Essas ocorrências serão comentadas no capítulo 4 desta dissertação.

<b>Distribuição das ocorrências de hipossegmentação por série</b>		
<b>ANO</b>	<b>DD</b>	<b>OC</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	98	168
<b>2<sup>a</sup></b>	229	274
<b>3<sup>a</sup></b>	20	53
<b>4<sup>a</sup></b>	18	60
<b>TOTAL:</b>	<b>365</b>	<b>555</b>

**Tabela 6:** Distribuição das hipos por série

Por meio da Tabela 6, pôde-se observar que havia, em todas as séries, em números absolutos, uma maior quantidade de hipossegmentações em OC. Além disso, observou-se, também, que havia, nas duas primeiras (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>), em ambas as instâncias enunciativas, uma maior quantidade de ocorrências em comparação as duas últimas (3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>). Para uma melhor investigação dessas observações, visando a cumprir com o objetivo específico de examinar quantitativamente as hipossegmentações, realizando uma comparação entre os dados das quatro séries e das duas instâncias enunciativas, foi produzido o gráfico a seguir:



**Gráfico 1:** Comparação das hipos por série<sup>54</sup>

A partir da Tabela 6 e do Gráfico 1, três resultados chamaram a atenção:

<sup>54</sup> Para efeitos de comparação, cada uma das séries investigadas foi considerada com 100%, pois, em cada uma das amostras, foi avaliado, conforme já mencionado, um número diferente de produções textuais, cada uma delas composta por um número também diferente de palavras.

(A) A maior quantidade de hipossegmentações (em números absolutos e percentuais) em OC do que no DD em todas as séries investigadas;

(B) A maior quantidade de hipossegmentações (em números absolutos) nas duas primeiras séries em relação às duas últimas, em ambas as instâncias enunciativas;

(C) Diferença entre a quantidade de hipossegmentação em OC e no DD **menor** na segunda série do que nas demais.

A fim de investigar se os resultados obtidos seriam os mesmos se fossem consideradas a quantidade de palavras produzidas em cada série e em cada instância enunciativa, como proposto na metodologia, foi feito um levantamento contrapondo palavras **não envolvidas** em hipossegmentação<sup>55</sup> e palavras **envolvidas** em hipossegmentação, nas duas instâncias enunciativas investigadas. A tabela a seguir apresenta os dados obtidos por meio dessa análise:

Comparação de palavras envolvidas e não envolvidas em hipo									
Série	Total de palavras produzidas	Discurso Direto (DD)				Outros Contextos (OC)			
		Palavras não envolvidas em Hipo		Palavras envolvidas em Hipo		Palavras não envolvidas em Hipo		Palavras envolvidas em Hipo	
		N	%	N	%	n	%	n	%
1ª	<b>6087</b> (61 textos)	1295	21,3	218	3,6	4223	69,3	351	5,8
2ª	<b>19456</b> (203 textos)	5203	26,7	485	2,5	13202	67,9	566	2,9
3ª	<b>5968</b> (82 textos)	1792	30,1	42	0,7	4019	67,3	115	1,9
4ª	<b>10734</b> (116 textos)	2162	20,1	36	0,4	8404	78,2	132	1,3

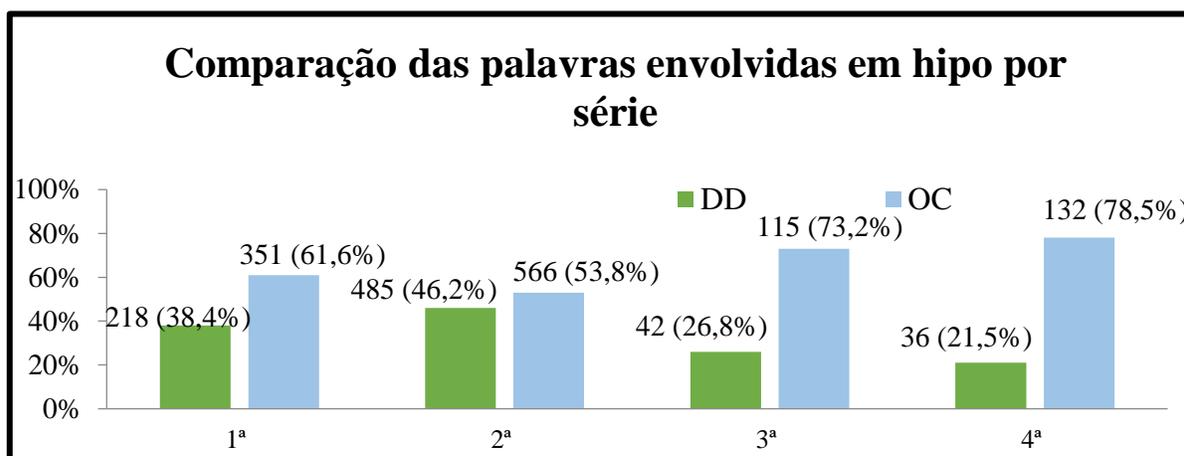
**Tabela 7:** Comparação de palavras envolvidas e não envolvidas em hipo<sup>56</sup>

A Tabela 7 agrupa os principais resultados que já haviam sido mencionados na metodologia: a quantidade de textos, a quantidade de palavras produzidas no corpus, a quantidade absoluta e percentual de palavras não envolvidas em hipossegmentação e a quantidade absoluta e percentual de palavras envolvidas em hipossegmentação – cada um

<sup>55</sup> Por palavras não envolvidas em hipossegmentação, como já mencionado na metodologia, compreende-se tanto aquelas escritas convencionalmente quanto aquelas que estão envolvidas em hipersegmentação ou mescla.

<sup>56</sup> Destaca-se que os resultados desta tabela podem incitar diversas discussões. O papel do tempo de escolarização na diminuição da produção de palavras envolvidas em hipossegmentação é um exemplo. Essas discussões, todavia, ultrapassam o escopo da presente pesquisa e, por esse motivo, não serão exploradas.

desses resultados, considerados a partir da instância enunciativa da qual emergem. Desses resultados, contudo, devido aos objetivos da presente pesquisa, interessam, especificamente, aqueles relacionados às *palavras envolvidas em hipossegmentação* nas duas instâncias enunciativas. Por meio desses resultados, é possível averiguar que 1945 palavras estavam envolvidas em hipossegmentação. Dessas, 781 localizavam-se no DD e 1164 em OC. Buscando comparar essas ocorrências a partir das quatro séries investigadas e das duas instâncias enunciativas, obteve-se o seguinte gráfico:



**Gráfico 2:** Comparação das palavras envolvidas em hipo por série

A partir dos dados apresentados na Tabela 7 e no Gráfico 2, observou-se resultados semelhantes àqueles obtidos a partir da Tabela 6 e do Gráfico 1:

- (A) Maior quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação, em números absolutos e percentuais, em OC do que no DD, em todas as séries investigadas;
- (B) Maior quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação, em números absolutos, nas duas primeiras séries em relação às duas últimas, em ambas as instâncias enunciativas;
- (C) Diferença entre a quantidade de hipossegmentação em OC e no DD **menor** na segunda série do que nas demais.

Na sequência, comenta-se cada um desses resultados, buscando apresentar possíveis hipóteses explicativas.

**(A) A maior quantidade de hipossegmentações/palavras envolvidas em hipossegmentação (em números absolutos e percentuais) em OC do que no DD em todas as séries investigadas**

O primeiro resultado que chamou a atenção nos dois gráficos e nas duas tabelas relaciona-se à maior quantidade de hipossegmentações e de palavras envolvidas em hipossegmentações na instância enunciativa OC, nas quatro séries investigadas. Esse resultado pode ser explicado a partir dos dados elencados na Tabela 7, relacionados, principalmente, à quantidade de palavras produzidas nos enunciados investigados e, em específico, a maior quantidade em OC. Em todas as séries investigadas, os escreventes produziram mais palavras em OC: na primeira, por exemplo, das 6087 palavras produzidas, 1513 (24,9%) estavam localizadas no DD; em OC, por sua vez, 4574 (75,1%). Na segunda, das 19456 palavras produzidas, 5688 (29,2%) localizava-se no DD, já 13768 (70,8%) localizavam-se em OC. Na terceira, a quantidade de palavras produzidas foi menor, entretanto, a maior quantidade concentrou-se ainda na instância enunciativa OC: das 5968 palavras produzidas, 1834 (30,8%) localizava-se no DD e 4134 (69,2%) localizava-se em OC. Na quarta série, por sua vez, foram produzidas 10734 palavras, dessas 2198 (20,5%) localizava-se no DD, enquanto que, em OC, 8536 (79,5%).

Assim, a maior quantidade de palavras localizadas em OC nas quatro séries investigadas pode justificar a maior quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação em OC em todas as séries, bem como pode justificar, conseqüentemente, a maior quantidade de hipossegmentações nessas séries. Fatos como esse permitem considerar que uma maior quantidade de palavras pode gerar uma maior quantidade de “contextos” para as segmentações não convencionais e, conseqüentemente, para as hipossegmentações.

A explicação para a maior quantidade de palavras localizadas na instância enunciativa OC, relaciona-se, primeiramente, à própria definição dessa instância enunciativa como os momentos “em que aparece a voz do narrador, tanto aqueles em que ele agencia o relato, quanto aqueles em que, por meio do discurso indireto, o narrador integra a sua voz, vozes imputadas às personagens da narrativa” (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 235). Nota-se que os momentos em OC agrupam todos aqueles em que o narrador toma a voz para si, seja apresentando situações, atribuindo atos de fala a personagens, bem como narrando, argumentando, descrevendo, listando, por meio,

também, do discurso indireto. Assim, grande parte das produções textuais era constituída quase que em sua totalidade pela instância enunciativa OC, já que é essa instância que agencia as vozes, isto é, é a instância que “organiza” as falas citadas, especialmente nos enunciados com caráter mais narrativo (MICHELLETTI, 2008). A instância enunciativa do DD, de modo geral, se faz presente, no corpus desta pesquisa, em apenas alguns momentos das produções textuais. De início, as crianças, em grande medida, utilizariam em momentos denominados como “clássicos”, isto é, situações em narrativas mais conhecidas em que a presença de uma fala relatada já seria esperada, fala essa que tende a aparecer por meio do DD. Um exemplo seria quando, conforme citado anteriormente, a personagem Chapeuzinho Vermelho questiona o Lobo que está vestido de vovó: “...e Chapeuzinho vermelho disse: Por que esses olhos tão grandes?” (PERRONI, 1983).

Esse resultado diferencia-se dos mencionados por Abaurre (1989, 1991) e Silva (1994), e dos encontrados por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014), de que haveria uma maior quantidade de hipossegmentações na instância enunciativa do DD, em oposição à menor quantidade em OC. Nas últimas três pesquisas citadas, mesmo os escreventes produzindo mais palavras em OC – fato que poderia representar mais possibilidades para a emergência de segmentações não convencionais –, a maior quantidade de hipossegmentações em números absolutos e percentuais, bem como a maior quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação, estava, sempre, localizada no DD.

**(B) A maior quantidade de hipossegmentações/palavras envolvidas em hipossegmentação (em números absolutos) nas duas primeiras séries em relação às duas últimas, em ambas as instâncias enunciativas**

O segundo resultado que chamou a atenção, a partir da observação das tabelas e dos gráficos apresentados, relaciona-se à maior quantidade de hipossegmentações e palavras envolvidas em hipo nas duas primeiras séries (1ª e 2ª) em relação às duas últimas (3ª e 4ª), em ambas as instâncias enunciativas (DD e OC). A partir dos dados apresentados, unidos aqueles pertencentes à primeira e segunda séries das duas instâncias enunciativas, contabiliza-se 769 hipossegmentações. Paralelo a esse resultado, somadas as palavras envolvidas em hipossegmentação, contabiliza-se 1620. Em oposição, somadas as ocorrências da terceira e quarta séries, unindo dados de DD e OC, por sua vez, contabiliza-

se 151 dados de hipossegmentação. Em relação à quantidade de palavras envolvidas em hipo, 325. Há, portanto, uma diferença grande entre a emergência de hipo no chamado primeiro ciclo do Fundamental I com relação ao segundo.

Para explicar esse resultado, primeiramente, deve-se recorrer, novamente, a quantidade de palavras produzidas nas duas primeiras séries em relação as duas últimas. A partir dos dados sintetizados na Tabela 7, nas duas primeiras séries, nas duas instâncias enunciativas, os escreventes elaboraram 264 produções textuais, o que corresponde a 25543 palavras (60,5%); ao somarem-se os números obtidos nas duas últimas séries, por sua vez, contabilizam-se 16702 palavras (198 produções textuais), equivalente a 39,5%. A hipótese inicial seria, então, a de que a menor quantidade de palavras pode gerar menos “contextos” para a emergência de hipossegmentações e, por isso, haveria uma menor quantidade nas últimas séries.

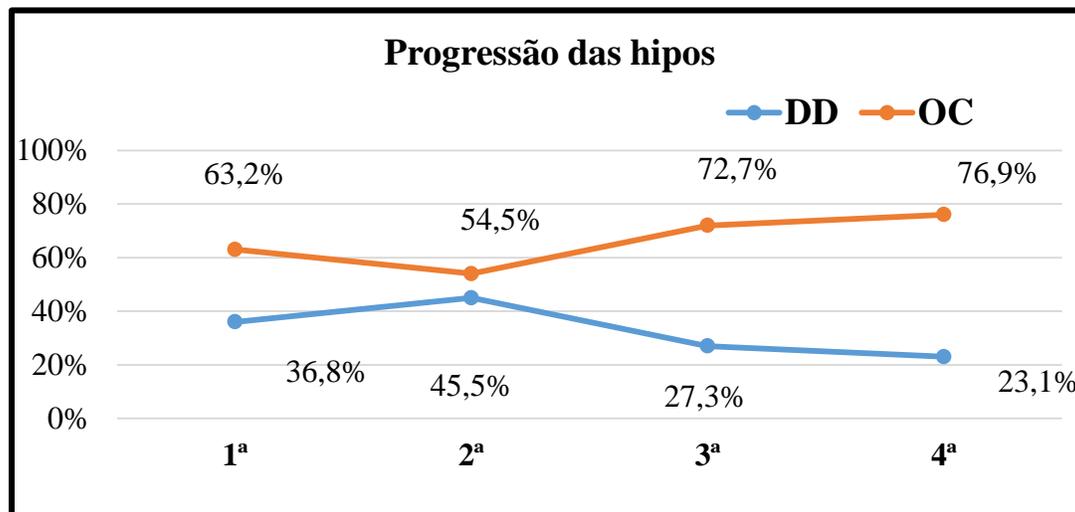
Entretanto, é essencial que, para a explicação dos resultados explorados aqui, sejam considerados, também, fatores chamados de extralinguísticos, especificamente, a **idade** e **tempo de escolaridade** dos escreventes. Abaurre (1991) observou que crianças mais novas tenderiam a segmentar menos seus enunciados – consequentemente, os hipossegmentariam mais –, pois tenderiam a recorrer, mais do que crianças mais velhas, “à sua percepção das unidades da fala” (ABAURRE, 1991, p. 211). Diretamente relacionado a esse aspecto, está o tempo de escolaridade desses escreventes. Para Morais (2003, p. 74), há uma possível influência desse tempo com o aumento das ocorrências de segmentação não convencional. Os dados observados pelo autor permitiram-lhe concluir que as crianças da terceira série, por exemplo, tiveram mais dificuldade do que as crianças da quinta série para segmentar, possivelmente, porque estariam há mais tempo em contato com a escrita convencional. Pesquisas como a de Capristano (2007b), de caráter longitudinal, ao investigarem segmentações não convencionais, também puderam constatar que havia maior quantidade dessas ocorrências nas séries mais iniciais, especialmente, maior quantidade de hipossegmentações.

Ou seja, como mostraram pesquisas com interesses diferentes dos desta, a maior quantidade de hipossegmentações e/ou de palavras envolvidas em hipossegmentação pode ser explicada pela idade e tempo de escolaridade dos escreventes. Os dados apresentados nesta pesquisa mostram, para além do que a literatura já apontou, que a maior proporção de

hipo nos anos iniciais do que nos finais independe da instância enunciativa a partir da qual a criança escreve.

**(C) A diferença entre a quantidade de hipossegmentação/quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação em OC e no DD é menor na segunda série do que nas demais**

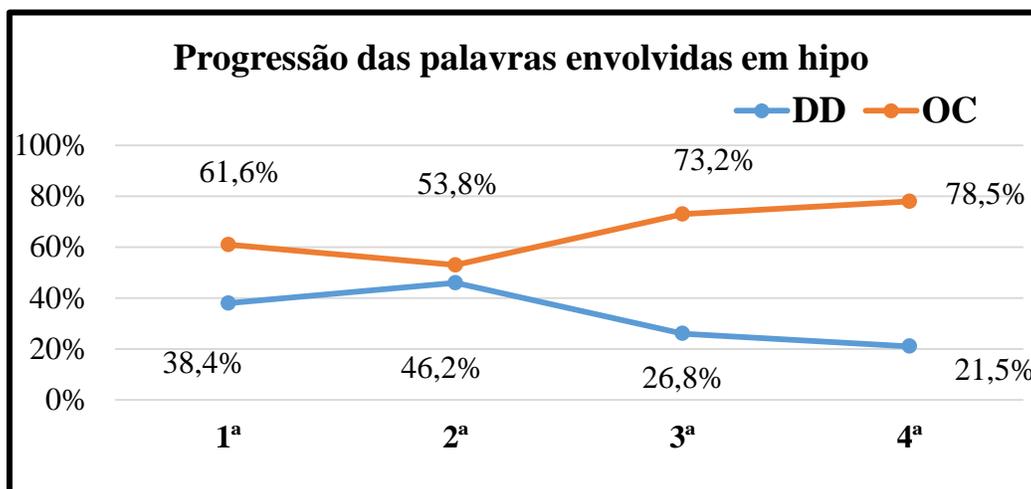
O terceiro resultado que chamou a atenção a partir da observação dos gráficos e tabelas apresentados relaciona-se à diferença observada entre a quantidade de hipossegmentações e entre a quantidade de palavras envolvidas em hipo quando comparadas as duas instâncias enunciativas. Mais especificamente, pode-se notar que, na segunda série, a diferença percentual obtida era menor do que nas outras três séries investigadas. Para melhor visualização dessas diferenças, na sequência, apresentam-se dois gráficos que sintetizam a progressão das hipossegmentações durante as quatro séries investigadas:



**Gráfico 3:** Progressão das hipos

A partir do Gráfico 3, pode-se observar que é na segunda série que os dois pontos que marcam cada uma das instâncias enunciativas mais se aproximam, especificamente, eles distanciam-se apenas por 9 pontos percentuais. Nas outras séries, a diferença observada ultrapassa 25%: na primeira, corresponde a 26,4%, na terceira, a 45,4% e, na quarta, a

53,8%. Para a observação desse resultado considerando o número de palavras envolvidas em hipossegmentação, apresenta-se o gráfico a seguir:



**Gráfico 4:** Progressão das palavras envolvidas em hipo

A partir do Gráfico 4, pode-se observar resultados semelhantes aos obtidos por meio do Gráfico 3: novamente, o momento de maior aproximação entre os pontos é observado na segunda série. Nesse gráfico, essa distância correspondeu a 7,6%, resultado que nas outras séries foi superior a 20%: na primeira, correspondeu a 23,2%, na terceira, a 46,4% e, na quarta, a 57%.

Esse resultado pode ser explicado, possivelmente, pela presença de uma proposta de produção textual que apresentava um tema muito conhecido pelos escreventes: trata-se da narrativa “A história do Chapeuzinho Vermelho”. Grande parte dos escreventes se sentiu bastante à vontade para registrar essa história e utilizou, nessa produção textual, o DD em vários momentos, principalmente, num trecho clássico da narrativa em que há o diálogo entre a Chapeuzinho Vermelho e o Lobo vestido de vovó: “... e Chapeuzinho vermelho disse: - Por que esses olhos tão grandes...” (PERRONI, 1983). O registro dessa narrativa provocou, assim, a emergência de um maior número de contextos para a utilização do DD. Nessa direção, observou-se, além disso, que essa foi a série em que mais palavras foram produzidas, tanto no DD (5688) quanto em OC (13768), e em que havia mais palavras envolvidas em hipo, nas duas instâncias enunciativas (no DD, 485 e em OC, 566).

Essas duas questões (proposta de registro de uma narrativa conhecida pelos escreventes e maior quantidade de palavras em ambas as instâncias enunciativas) podem

explicar o fato de haver na segunda série a maior aproximação entre os dados de hipossegmentação das duas instâncias enunciativas.

\*\*\*

Para dar continuidade à investigação quantitativa das hipossegmentações, com ênfase para a investigação longitudinal, utilizou-se o Teste Z, para que fosse possível examinar se a diferença percentual observada entre as séries de cada uma das instâncias enunciativas era estatisticamente relevante. Para isso, compararam-se os valores estabelecidos em P1 (quantidade de palavras produzidas) e P2 (quantidade de palavras envolvidas em hipossegmentação), buscando responder à questão: as proporções de palavras envolvidas em hipo, nas duas instâncias analisadas (DD e OC), entre as séries pesquisadas, podem ser consideradas estatisticamente significativas ou obra do acaso? Para isso, separadamente, foram comparados dados da instância enunciativa DD e OC, das quatro séries investigadas. Os dados a serem comparados, como adiantado na metodologia, foram os seguintes:

(I) No grupo A= (quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD na 1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries) e no grupo B= (quantidade de palavras envolvidas em hipo no DD em 1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries);

(II) No grupo A= (quantidade de palavras envolvidas em hipo em OC em 1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries) e no grupo B= (quantidade de palavras envolvidas em hipo em OC em 1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries);

A partir dessa observação dos dados, foram obtidos os resultados sintetizados nas tabelas a seguir:

Séries	Total de palavras produzidas	Palavras envolvidas em Hipo - Discurso Direto (DD)					
		n	%	P			
1ª	<b>6087</b>	218	3,6	Referência	0,0001*	0,0001*	0,0001*
2ª	<b>19456</b>	485	2,5	0,0001*	Referência	0,0001*	0,0001*
3ª	<b>5968</b>	42	0,7	0,0001*	0,0001*	Referência	0,0089*
4ª	<b>10734</b>	36	0,4	0,0001*	0,0001*	0,0089*	Referência
* Teste Z significativo considerando nível de significância de 5%							

**Tabela 8:** Comparação entre as séries avaliadas - Palavras envolvidas em Hipo - DD

Séries	Total de palavras produzidas	Palavras envolvidas em Hipo - Outros Contextos (OC)					
		n	%	P			
1 <sup>a</sup>	<b>6087</b>	351	5,8	Referência	0,0001*	0,0001*	0,0001*
2 <sup>a</sup>	<b>19456</b>	566	2,9	0,0001*	Referência	0,0001*	0,0001*
3 <sup>a</sup>	<b>5968</b>	115	1,9	0,0001*	0,0001*	Referência	0,0003*
4 <sup>a</sup>	<b>10734</b>	132	1,3	0,0001*	0,0001*	0,0003*	Referência
* Teste Z significativo considerando nível de significância de 5%							

**Tabela 9:** Comparação entre as séries avaliadas - Palavras envolvidas em Hipo - OC

As informações das Tabelas 8 e 9, geradas pelo Teste Z, organizam-se da seguinte forma: nas quatro primeiras colunas são apresentados os dados coletados e exportados para o Software: série, quantidade de palavras produzidas, quantidade de palavras envolvidas em hipo e porcentagem (correlação quantidade de palavras envolvidas em hipo e quantidade de palavras produzidas, mediante cálculo de percentual simples). Na coluna denominada ‘P’ (probabilidade), são expressos os resultados da análise do programa. Para que esse resultado seja considerado significativo estatisticamente, ou seja, não ser atribuído a uma obra do acaso, mas, sim, a dados que apontam para diferenças (para mais ou para menos), o valor resultante de ‘p’ deve ser igual ou menor que 0,05. Os resultados significativos são expressos com um símbolo de asterisco, para diferenciá-los dos demais. Outra importante informação é que, uma vez considerado diferente, não há gradação na diferença, ou seja, embora possam existir inúmeros valores entre 0,05 e 0, todos são igualmente considerados dados significativos.

Ao serem observados os resultados obtidos na Tabela 2, notou-se que, no DD, todas as séries, ao serem comparadas, apresentaram um resultado que foi considerado estatisticamente relevante. A primeira, por exemplo, ao ser tomada como referência e ser comparada com as outras séries investigadas – segunda, terceira e quarta – apresentou diferença estatisticamente relevante quando se consideraram palavras produzidas e palavras envolvidas em hipossegmentação. Quando se toma por referência as outras séries – segunda, terceira e quarta – obtém-se resultado semelhante, o que demonstra que a diferença percentual que se observa entre as séries no DD quando se consideram palavras

produzidas e palavras envolvidas em hipo, não é só percentual, mas, também, estatisticamente relevante.

Em OC, por sua vez, como se observa na Tabela 08, obteve-se resultado semelhante: quando foram tomadas como referência, as quatro séries – primeira, segunda, terceira e quarta –, comparadas às outras séries, considerando palavras produzidas e palavras envolvidas em hipossegmentação, obteve-se diferença estatística relevante. Esse resultado permite que se considere que os resultados obtidos opondo as instâncias enunciativas, DD e OC, mostram-se relevantes, na verdade, permitem inferir que quantitativamente não há relação entre a presença do DD e o aumento das hipossegmentações, pois se observaram em todas as séries maior quantidade de ocorrências em OC.

\*\*\*

A partir da apresentação dos resultados obtidos nesta seção, buscou-se cumprir com o objetivo específico de examinar se existiriam diferenças quantitativas significativas entre as hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigas quatro primeiros do Ensino Fundamental). Para isso, em primeiro lugar, foram comparadas hipossegmentações e palavras envolvidas em hipossegmentação, opondo as duas instâncias enunciativas e as quatro séries investigadas. Observou-se que, em todas as séries, havia uma maior quantidade de dados na instância enunciativa OC, resultado que se contrapõe aos obtidos por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014) e permite postular que a presença do DD não estaria relacionada à emergência de uma maior quantidade dessas ocorrências.

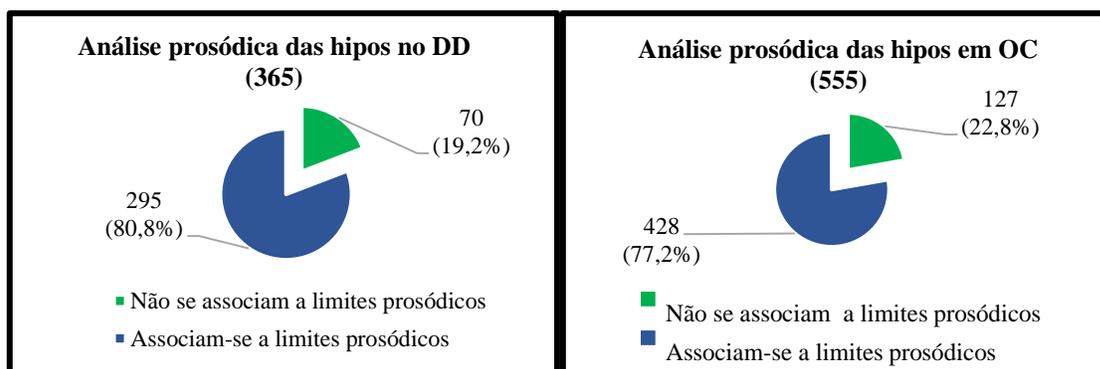
Além desse resultado, observou-se que, quando foi considerada a distribuição entre as séries, as hipossegmentações das duas instâncias enunciativas apresentaram funcionamento semelhante. Tanto no DD quanto em OC, a maior quantidade de hipossegmentações concentrava-se nas duas primeiras séries investigadas. Na segunda, observou-se, também, que havia menor percentual que distanciava as duas instâncias enunciativas em relação aos dados obtidos na investigação das hipossegmentações. Esse fato, a partir da investigação realizada, pode ser atribuído a dois fatores: proposta de registro de uma narrativa conhecida pelos escreventes e maior quantidade de palavras em ambas as instâncias enunciativas. Por fim, o último resultado quantitativo, obtido a partir

do teste Z, mostra que os resultados encontrados são estatisticamente relevantes e não meros produtos do acaso.

Na sequência, investiga-se como essa relação se manifesta quando considerada qualitativamente, a partir de uma análise prosódica.

#### 4.3 Visão geral da atuação da organização prosódica para a emergência das hipos

Para cumprir com o objetivo de examinar, com base em uma análise prosódica, se existiriam diferenças qualitativas entre hipossegmentações observadas na instância enunciativa do DD e de OC, considerando, para isso, as séries examinadas (antigas quatro primeiras do Ensino Fundamental), primeiramente, realizou-se a análise prosódica das 920<sup>57</sup> hipossegmentações identificadas, 365 no DD e 555 em OC, sem considerar a série a qual pertenciam. Conforme antecipado, a análise foi realizada a partir da fonologia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), levando em consideração se as hipossegmentações seriam determinadas pela atuação ou não de limites prosódicos relacionados aos quatro constituintes mais altos, a saber: **C**, **Φ**, **I** ou **U**. Os resultados dessa análise são apresentados nos dois gráficos a seguir:



**Gráfico 5:** Análise prosódica das hipos no DD

**Gráfico 6:** Análise prosódica das hipo em OC

<sup>57</sup> Como já mencionado na metodologia, a análise prosódica foi realizada em 920 hipossegmentações e não nas 922, pois, duas ocorrências – “falouidapro” (falou e dá pro) e “dabumdia” (dar bom dia) – localizavam-se nas duas instâncias enunciativas. Como, nesta pesquisa, interessava a relação das hipossegmentações e a instância enunciativa da qual emergiam, optou-se por excluí-las, já que não haveria critérios para associá-las a uma das duas instâncias. Essas ocorrências serão discutidas na seção 4.3.2 deste capítulo.

Por meio dos Gráficos 5 e 6, pode-se observar que, tanto no DD quanto em OC, a maior quantidade de hipossegmentações tinha sua emergência associada a limites prosódicos, no DD 80,8% e, em OC, 77,2%. Esse resultado corrobora com os obtidos por Capristano (2007a, 2007b, 2010), Chacon (2004, 2009, 2013), Cunha (2010a), Paula (2007), Tenani (2008, 2010, 2011), dentre outros. Esses autores investigaram segmentações não convencionais e a sua relação com os limites de constituintes prosódicos na escrita de escreventes da educação infantil, dos primeiros anos do ensino fundamental e dos últimos anos do ensino fundamental e chegaram a resultados semelhantes aos obtidos nesta investigação.

Na mesma direção, Capristano e Ticianel (2014), ao investigarem segmentações não convencionais e instâncias enunciativas, observaram

que hipossegmentações são majoritariamente produto da atuação da organização prosódica da linguagem sobre a escrita de crianças e de adultos. (...) Em se tratando da influência da organização prosódica da linguagem para a emergência de hipossegmentações, não há diferença entre OC e DD. Tanto em OC quanto em DD, as hipossegmentações provêm, na maior parte das vezes, de um vínculo estabelecido pelos escreventes entre limites prosódicos e fatos de segmentação da escrita (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 244).

Essa correspondência entre as fronteiras das hipossegmentações e limites prosódicos justifica-se, principalmente, como já citado, pela circulação dos escreventes pela *gênese da escrita* – como proposto por Corrêa (1997, 2004). Por causa dessa circulação, os escreventes conferem a escrita uma capacidade quase ilimitada de “representação e fidelidade representacional” relacionada, diretamente, à representação de características prosódicas (CORRÊA, 2004). Em outras palavras, ao segmentarem seus enunciados – atividade relacionada a um meio gráfico – os escreventes guiar-se-iam, também, por limites dos meios sonoros, em específico, limites de constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986). Ao fazerem isso, aproximariam os dois modos de enunciação: o falado e o escrito. Assim, a observação desses dados permite considerar que tanto no DD quanto em OC a representação dos limites gráficos, no que diz respeito às hipossegmentações, é também perpassada pelos limites prosódicos.

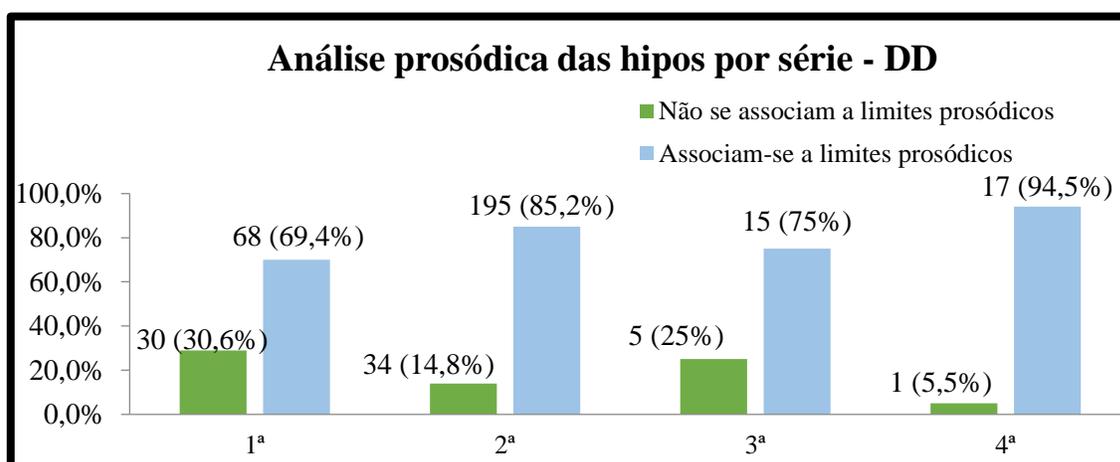
Outro dado que pode ser observado por meio dos Gráficos 5 e 6 relaciona-se ao percentual de hipossegmentações que não parecem ser determinadas pela atuação de limites prosódicos. O maior percentual está localizado em OC: 22,8%. No DD, por sua vez, esse resultado corresponde a 19,2% das ocorrências. Esse resultado corrobora, também, com os

observados em Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014) e pode ser explicado, pois, no DD,

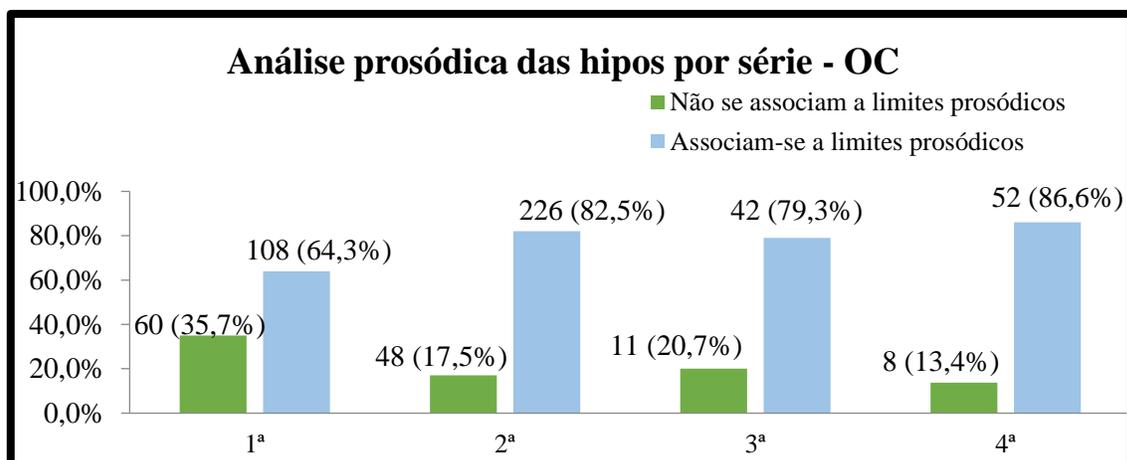
contexto linguístico na qual a criança deveria reproduzir a fala (...), é muito mais frequente que as hipossegmentações correspondam a limites prosódicos, portanto, que derivem de uma suposição, feita pela criança, de uma correspondência entre limites prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita (TICIANEL, 2013, p. 26).

Em outras palavras, o resultado obtido na presente pesquisa e nas supracitadas pode ser explicado, principalmente, pelas próprias características do DD. Trata-se de uma instância enunciativa caracterizada por ser altamente expressiva, já que, ao utilizá-la, “teatraliza-se” uma enunciação anterior (MAINGUENEAU, 1993). Mais especificamente, ao se recuperarem, por meio do DD, as palavras tal como teriam sido produzidas ou imaginadas, busca-se recuperar, também, o “colorido” da enunciação original (ROMUALDO, 2003). Por apresentar essas características, é provável que, nesses momentos de DD, a segmentação seja mais fortemente efeito da atuação de aspectos relacionados ao modo de enunciação oral, como pausas, curvas ascendentes e descendentes, acentos, dentre outros aspectos, que estariam diretamente relacionados aos constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986) e a delimitação de suas fronteiras. Mais do que isso, esse resultado indicia que, qualitativamente, a instância enunciativa, para os escreventes, pode estar relacionada ao tipo de hipossegmentações produzidas, especificamente, se são ou não efeito da atuação de fronteiras de constituintes prosódicos.

Após a investigação geral dos dados, observou-se como esse resultado se distribuiu ao longo das séries investigadas, conforme mostram os gráficos a seguir:



**Gráfico 7:** Análise prosódica das hipos por série – DD



**Gráfico 8:** Análise prosódica das hipos por série - OC

A partir dos Gráficos 7 e 8, pode-se observar que, na distribuição por séries investigadas, os resultados mantiveram-se, isto é, em todas as séries, nas duas instâncias enunciativas, a maior quantidade de hipossegmentações associava-se a limites prosódicos. Em relação às hipossegmentações que não se associavam a limites prosódicos, comparando os dois Gráficos, pôde-se observar que (a) os resultados se mantiveram na primeira, segunda e quarta séries, isto é, havia maior percentual em OC nessas séries, em contrapartida, (b) na terceira série, o maior percentual de hipo que não pôde ser associada a limites prosódicos foi maior no DD.

Com relação ao primeiro resultado (a), na primeira série, por exemplo, no DD, havia 30,6%. Em OC, por sua vez, 35,7%. Na segunda, no DD, pôde-se observar que, 14,8%, não eram motivadas pela atuação de limites prosódicos, em OC, esse resultado representou 17,5% dos dados analisados. Na quarta série, apenas 5,5% apareceram no DD e 13,4% em OC.

Com relação ao segundo resultado (b), na terceira série, única em que havia maior percentual no DD, observa-se, nessa instância enunciativa, que 25% das ocorrências não emergiam da atuação de constituintes prosódicos. Em OC, por sua vez, 20,7% dos dados apresentavam essa característica. As cinco hipossegmentações que não pareciam ser determinadas pela atuação de limites prosódicos que foram encontradas no DD na terceira série, estavam relacionadas a uma proposta em específico, de tema “Classificados”. Nessa proposta, ao venderem produtos, grande parte dos escreventes fez isso utilizando o DD, por meio de estruturas como, “vendo”, “compro” e “alugo”, que tinham a função de “dar a voz” diretamente ao vendedor do produto. Nessa proposta, foram anunciados produtos que

apresentavam dependência semântica ou eram palavras compostas, estruturas que foram hipossegmentadas pelos escreventes, por exemplo, “arcondicionado” e “guardaroupa”. Ao hipossegmentá-las, os escreventes, antes, segmentavam convencionalmente os clíticos que as acompanhavam, possivelmente, porque reconheciam que eles deveriam ser separados das palavras compostas e/ou com dependência semântica, já que é provável que as reconhecessem como únicas palavras e buscassem segmentar as estruturas à esquerda e à direita delas. Esses fatores poderiam explicar esse resultado distinto obtido na terceira série. Ademais, é preciso que se considere que, apesar de haver um percentual maior na instância enunciativa do DD, a maior quantidade absoluta concentrava-se na instância enunciativa OC. Havia em OC mais que o dobro de ocorrências (11), apesar de percentualmente esse valor ter outra representação.

Embora a maior quantidade de hipossegmentações que não se associou a limites prosódicos não tenha predominado em todas as séries em OC, é preciso levar em consideração que esse resultado é observado em três daquelas que foram investigadas, bem como quando se observam os dados gerais, sem a consideração das séries investigadas. Esses fatos possibilitam que se compreenda, também longitudinalmente, que há maior atuação de limites prosódicos relacionados a limites gráficos na instância enunciativa do DD e, em menor proporção, na instância enunciativa OC. Esse resultado permite reconhecer que, quando se considera a atuação de limites prosódicos na investigação de hipossegmentações, parece haver relação entre a hipossegmentação e a instância enunciativa na qual ela emerge. Confirma-se assim que existem, de fato, diferenças qualitativas quando se opõe segmentações não convencionais do DD e de OC: as primeiras parecem mais afetadas pela organização prosódica da linguagem.

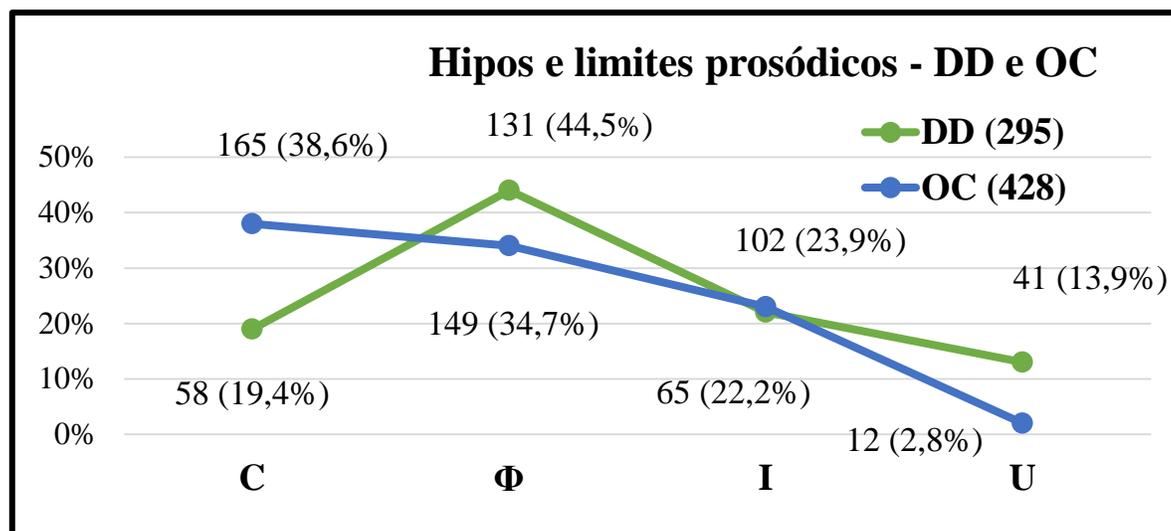
Na sequência, passa-se a explorar, especificamente, as hipossegmentações que tem sua emergência relacionada à atuação de fronteiras prosódicas, considerando, neste momento, cada um dos constituintes investigados.

#### 4.3.1 As hipos que se associam a limites prosódicos

##### 4.3.1.1 Visão Geral

As hipossegmentações que resultam possivelmente da atuação de limites prosódicos no DD e em OC podem ainda ser analisadas em função do constituinte cujas fronteiras elas parecem respeitar. Conforme antecipado, considerou-se, nesta dissertação, os quatro

constituintes mais altos da fonologia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986): **C** (Grupo Clítico), **Φ** (Frases Fonológicas), **I** (Frases Entoacionais) e **U** (Enunciado Fonológico). Com relação a esses constituintes, sem a consideração inicial das séries investigadas, os dados estão assim organizados:



**Gráfico 9:** Hipos e limites prosódicos - DD e OC

A partir do Gráfico 9, puderam ser observadas algumas tendências:

- Maior quantidade de hipossegimentações que tinham sua emergência associada às fronteiras de C em OC (38,6%) do que no DD (19,4%);
- Maior quantidade de hipossegimentações que tinham sua emergência associada a limites de Φ no DD (44,5%) do que em OC (34,7%);
- Quantidade aproximada de hipossegimentações que tinham sua emergência associada a limites de I: OC (23,9%) e DD (22,2%);
- Maior quantidade de hipossegimentações que tinham sua emergência associada às fronteiras de U no DD (13,9%) do que em OC (2,8%).

Na sequência, explora-se cada uma dessas tendências, realizando, para isso, uma investigação individual das hipossegimentações que parecem emergir pela atuação das fronteiras prosódicas de cada um desses constituintes.

#### 4.3.1.2 As hipos em C

O constituinte mais baixo da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986) que interessa para a presente investigação é o grupo clítico (C). Para a proposta adotada nesta pesquisa, como já apresentado, define-se o **C** como o constituinte que se localiza acima da palavra fonológica e que se caracteriza por ser constituído por “um ou mais clíticos (por exemplo: pronomes átonos e palavras funcionais como artigos monossilábicos) e uma só palavra de conteúdo” (BISOL, 1996, p. 252).

No corpus desta pesquisa, conforme apresentado no Gráfico 9, foram identificadas 58 (19,4%) hipossegmentações no DD motivadas pela atuação das fronteiras do constituinte C, das 295 que pareceram determinadas pela atuação de limites prosódicos. Em OC, por sua vez, foram identificadas 165 (38,6%) ocorrências, das 428 que pareceram efeito da atuação de limites prosódicos. Essas ocorrências foram identificadas a partir dos passos já descritos na metodologia e foram agrupadas, em função de suas características e de seu funcionamento, em categorias, como mostra a tabela apresentada na sequência:

Categorias das hipos que se associam a limites de C			
CATEGORIA	EXEMPLO	DD	OC
<b>Junção do clítico à palavra fonológica (proclítica)</b>	“Primo, eu vou voltar para minha casa! Lá tem uns pedaços de milho, e as vezes tem mingau.” <b>Análise:</b> [ [Primo] Φ ] I [ [eu] Φ [vou voltar] Φ [para minha casa] Φ ] I [ [la] Φ [tem] Φ [ [ums pedaço] C [demilho] C ] Φ ] I [e as vezes] Φ [tem mingau] Φ ] I ] U	<b>36</b> (62,1%)	<b>106</b> (64,3%)
<b>Junção de clítico a modificadores que funcionam como palavras fonológicas</b>	Ai, o lobo mau foi na outra casa do outro porco <b>Análise:</b> [ [ [Ai] Φ ] I [ [o lobo mau] Φ [foi] Φ [ [naotra] C [casa] C ] Φ [do o tro porco] Φ ] I ] U	<b>8</b> (13,7%)	<b>14</b> (8,5%)
<b>Junção do clítico à palavra de conteúdo (enclítica)</b>	E também podemos chamá-las de cordas vocais. <b>Análise:</b> [ [ [E também] Φ [ [podemos] C [chamalas] C ] Φ [de cordas vocais] Φ ] I ] U	<b>1</b> (1,8%)	<b>20</b> (12,2%)
<b>Junção do clítico à palavra fonológica (enclítico não previsto no PB)</b>	“Não pode falar junto” “Aula de hoje, é só” <b>Análise:</b> [Não pode falar junto] U [ [ [ [Aulade] C [oge] C ] Φ ] I [ [é] Φ [só] Φ ] I ] U	<b>12</b> (20,6%)	<b>16</b> (9,5%)
<b>“Oque”/”Do que”<sup>58,59</sup> conjunção integrante</b>	Eu não sabia mais o que fazer e sai correndo. <b>Análise:</b> [ [ [Eu] Φ [não] Φ [sabia mais] Φ [oque]	<b>1</b>	<b>9</b>

<sup>58</sup> Destaca-se que esses dados são bastante controversos, pois podem ser interpretados como resultantes da atuação das fronteiras de C ou de uma palavra prosódica ( $\omega$ ), constituinte que não foi considerado nesta dissertação.

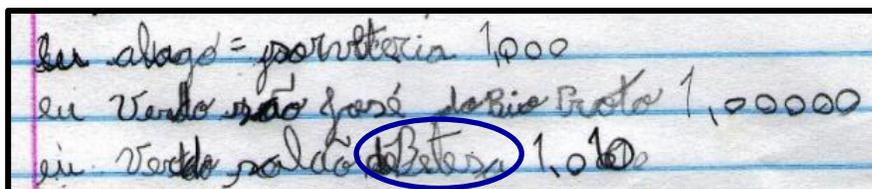
<sup>59</sup> Nesta categoria, foram agrupadas apenas as estruturas “o que” e “do que” que funcionaram como conjunção integrante. As homônimas, que eram interrogativas, foram consideradas como associadas a limite de  $\Phi$ , por apresentarem funcionamento distinto, constituindo sintagmas sozinhas. Esses dados serão explorados na seção 4.3.1.3 desta dissertação.

	C [fazer] C ] Φ ] I [ [e sai] Φ [correndo] Φ ] I ] U	(1,8%)	(5,5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>58</b>	<b>165</b>

**Tabela 10:** Categorias das hipos que se associam a limites de C

### Junção do clítico à palavra fonológica (proclítica)

Por meio da Tabela 10, pôde-se observar que das 58 hipossegmentações localizadas no DD motivadas, possivelmente, pela atuação das fronteiras do constituinte C, 36 (62,1%) eram formadas pela junção de um clítico e uma palavra fonológica. Em OC, por sua vez, a quantidade observada foi a seguinte: das 165 ocorrências motivadas pela atuação das fronteiras do constituinte C, 106 (64,3%) eram formadas pela junção de um clítico e uma palavra fonológica. Nota-se que, em ambas as instâncias enunciativas, esse funcionamento foi o mais frequente, resultado que permite inferir um funcionamento semelhante nas hipos relacionadas ao constituinte C, independente da instância enunciativa a qual pertencem. Na sequência, são apresentados exemplos dessas ocorrências, nas instâncias enunciativas do DD e OC:



**Figura 30:** Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico proclítico<sup>60, 61</sup>

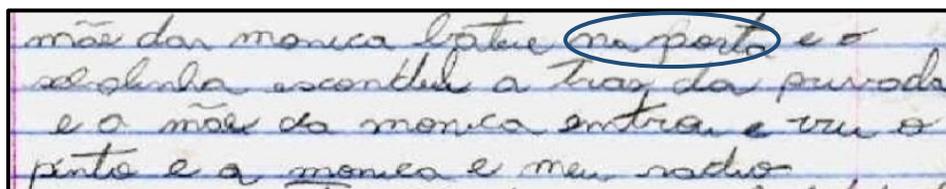
**Análise prosódica:** [ [ [Eu] Φ [vendo] Φ [ [salão] C [debeleza] C ] Φ ] I ] U

A Figura 30 corresponde a uma produção textual da terceira série, com o tema “classificados”. Nessa proposta, os escreventes deveriam produzir classificados para um jornal. Especificamente, na hipossegmentação “debeleza”, a partir da investigação prosódica proposta – dos constituintes mais altos para os mais baixos – pode-se observar a união do clítico “de” à palavra fonológica “beleza”, provavelmente, como resultado da

<sup>60</sup> **Leitura preferencial:** “Eu alugo sorveteria: R\$1.000,00. Eu vendo São José do Rio Preto: R\$1.000,00. Eu vendo salão de beleza: R\$ 1.000,00”.

<sup>61</sup> Nesta produção textual, bem como em outras do corpus, foi observada a presença de DD a partir de marcas gráficas não prototípicas. Foi o fato do anúncio ser grafado na primeira pessoa que possibilitou a identificação, pois seria como se o próprio anunciante tivesse voz e anunciasse os produtos a serem vendidos. Conforme descrito na metodologia, a cada produção textual, a partir da proposta que serviu de base para sua elaboração, é que se notam certas características que permitem a identificação do DD.

atuação dos limites prosódicos de um C. Observa-se uma ocorrência dessa mesma natureza localizada em OC:



**Figura 31:** Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico proclítico<sup>62</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [ [Mãe da Mônica] Φ [bateu] C [na] porta ] C ] Φ ] I [ [e o cebolinha] Φ [escondeu] Φ [a tras da privada] Φ ] I ] U

A Figura 31 faz parte de uma produção textual da segunda série e, nela, o escrevente narra uma piada. No registro hipossegmentado, o escrevente une o clítico “na” a uma palavra de conteúdo, “porta”, que pertence a Φ [bateu na porta]. Assim, semelhante à ocorrência exemplificada na Figura 30, o escrevente pareceu sensível para a relação entre os clíticos e as palavras de conteúdo e não para os limites do sintagma, por exemplo. Autores como Silva (1994), Abaurre (1991), Ferreiro e Pontecorvo (1996) já observaram que, por fatores tanto fonológicos (ausência de acento e conseqüente dependência fonológica do clítico) quanto gráficos (quantidade mínima de letras com a qual o clítico é registrado), os escreventes tenderiam a unir clíticos a palavras acentuadas e/ou de conteúdo mais próximas. Nessas ocorrências, especificamente devido as características do PB, a tendência relaciona-se a união dos clíticos à palavra à direita, de forma proclítica. Conforme sintetizado por Cunha (2010b, p. 335):

o argumento fonológico para a grande incidência de hipossegmentações geradas pela juntura entre uma palavra gramatical [palavras que não possuem significado lexical, por exemplo, os clíticos] e outra fonológica [que apresenta acento primário] está no efeito de direcionalidade da língua, descrito por Carvalho (1989) e associado a estudos de ritmo. Segundo o autor, o Português Brasileiro tem uma tendência em associar o clítico à palavra que está à sua direita, integrando a sílaba pretônica, de forma proclítica, dentro dos limites da palavra fonológica.

Pesquisas como as de Tenani (2011), Capristano (2007a), Chacon (2009), que consideraram a relação entre limites de segmentações não convencionais e limites de constituintes prosódicos, também observaram, em seus estudos, que a maior quantidade de

<sup>62</sup> **Leitura preferencial:** Mãe da Mônica bateu na porta e o Cebolinha escondeu atrás da privada. E a mãe da Mônica entrou e viu o pinto. E a Mônica: “É meu rádio”.

hipossegmentações estava relacionada à junção de clíticos e palavras de conteúdo. Em seu estudo, Tenani (2011) observou que a maior quantidade de hipossegmentações identificadas nas produções textuais de escreventes do segundo ciclo do ensino fundamental tinha sua emergência motivada pela atuação dos limites do constituinte C. Essas estruturas caracterizaram-se por serem, em sua maioria, formadas por “clíticos seguidos de palavra fonológica, como “meamava” e “concerteza” e essa estrutura também predomin[ou] em todos os anos escolares considerados” (TENANI, 2011, p. 109).

Corrêa (1997, 2004), ao investigar produções textuais de vestibulandos, identificou hipossegmentações que também se constituíam da união de clíticos a palavras acentuadas e/ou de conteúdo, por exemplo: “apartir” (a partir), “oque” (o que) e “afim” (a fim). O autor destaca que essas ocorrências se caracterizam por serem uma:

tentativa de reprodução gráfica de grupos compostos pela junção de clítico que dependem, quanto à acentuação, das palavras que os seguem. De um ponto de vista linguístico, esse parece ser o critério que, de modo mais marcado, determina a hipossegmentação e, por meio dela, a indicição de um momento de circulação do escrevente pelo que imagina ser a gênese da escrita (CORRÊA, 2004, p. 128).

As informações agrupadas possibilitam a identificação de uma série de argumentos para afirmar que as hipossegmentações que emergem da atuação das fronteiras de C, especificamente, aquelas constituídas por um clítico em posição proclítica e uma palavra de conteúdo, identificadas em nosso corpus, não têm relação direta com a instância enunciativa da qual emergem, isto é, não haveria uma atuação qualitativa do DD e dos OCs para a emergência dessas hipossegmentações que se associam a limites de C. Há, na verdade, uma tendência na própria língua (tanto relacionada a fatores prosódicos quanto gráficos) que leva a criança a unir clíticos a palavras de conteúdo.

Considera-se, a partir de Corrêa (2004), que, de fato, as hipossegmentações que emergem da atuação de limites de C são mais uma pista da correspondência a momentos de circulação do escrevente pelo eixo da gênese, pois há uma tentativa de atribuição de fidelidade a representação dos enunciados falados nas produções textuais – especificamente, da junção entre as estruturas acentuadas e não acentuadas: o clítico e a palavra de conteúdo.

### **Junção de clítico a modificadores que funcionam como palavras fonológicas**

O segundo funcionamento identificado e organizado na Tabela 10 agrupa hipossegmentações que podem ser associadas a limites de C e que se caracterizam por apresentarem em sua junção a união de um clítico a um modificador. Por modificadores compreendem-se as classes de palavras que têm ou adquirem na enunciação a função de modificarem certas estruturas linguísticas, principalmente, elementos pertencentes ao sintagma nominal. Por princípio, a classe dos advérbios seria aquela que agruparia estruturas que modificam os verbos, contudo, há outras classes que adquirem tais características. Castilho (2012), por exemplo, considera os especificadores, e, também, os chamados quantificadores indefinidos, categoria que incluiria estruturas como: um, alguém, ninguém, algum, nenhum, todo, tudo, nada, pouco, dentre outros. Além desses, poderiam ser incluídos pronomes, por exemplo, os possessivos e alguns indefinidos.

No DD, das 58 hipossegmentações que emergiram da possível atuação de limites de C, 8 (13,7%) eram constituídas pela junção de clíticos e modificadores. Em OC, por sua vez, 14 (8,5%), das 165 identificadas. Na sequência, são apresentados exemplos dessas ocorrências nas instâncias enunciativas do DD e OC:

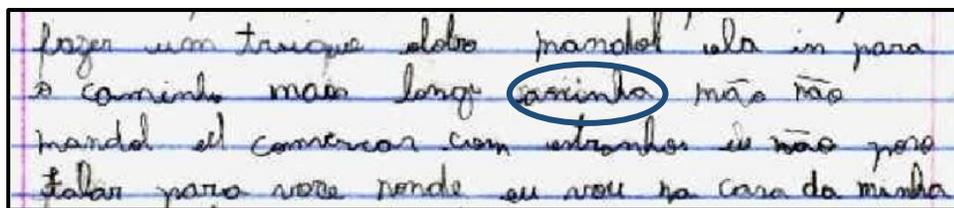


Figura 32: Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico e modificador<sup>63</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Aminha] C [mão] C ] Φ [não mandol] Φ [el] Φ [conversar com estranhos] Φ ] I ] U

A Figura 32 pertence a uma produção textual da segunda série, com o tema “História do Chapeuzinho Vermelho”. Nessa proposta, os escreventes deveriam recontar a história da Chapeuzinho Vermelho criando novas características. Especificamente, na hipossegmentação, o escrevente une o clítico “a” ao pronome “minha” que adquire a função de modificador, assim caracterizado, pois modifica o núcleo do sintagma nominal, “mãe”. O sintagma nominal poderia ser formado apenas por “a mãe”, entretanto, a presença do pronome possessivo especifica/qualifica esse elemento do sintagma nominal. Em OC, também, foram identificadas hipossegmentações que apresentavam essas características:

<sup>63</sup> **Leitura preferencial:** Fazer um truque... O lobo mandou ela ir para o caminho mais longe: “A minha mãe não mandou eu conversar com estranhos. Eu não posso falar para você onde eu vou... na casa da minha...”.

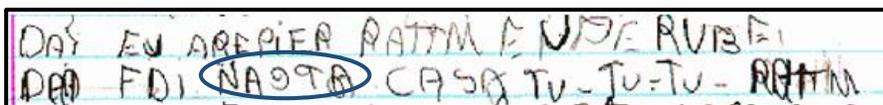


Figura 33: Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico e modificador<sup>64</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Dai] Φ ] I [foi] Φ [ [naota] C [casa] C ] Φ ] I ] U

A Figura 33 pertence a uma produção textual da primeira série, com o tema “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. Nessa proposta, os escreventes deveriam produzir narrativas a partir da história lida pela pesquisadora que realizou a coleta das produções textuais. No registro hipossegmentado, o escrevente une o clítico “na” ao modificador “ota” (outra), assim caracterizado, pois modifica o sintagma nominal, especificamente, o seu núcleo, “casa”.

A observação das ocorrências exemplificada nas Figuras 32 e 33 permite inferir que, novamente, não parece ser a instância enunciativa que atuou para a emergência desses dados, pois, tanto no DD quanto em OC, os dados apresentaram o mesmo funcionamento.

Além disso, o funcionamento observado nessa categoria é também bastante semelhante aquele apresentado na categoria anterior, na medida em que, em ambos, havia a junção de um clítico a um elemento acentuado a sua direita. A diferença entre esses funcionamentos diz respeito à natureza morfológica e à função sintática do elemento acentuado ao qual o clítico se une: no primeiro caso, nomes e verbos que desempenham função nuclear nos sintagmas, no segundo, advérbios, quantificadores, pronomes, dentre outros, que atuam como modificadores no interior dos sintagmas.

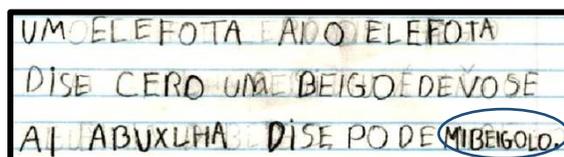
Novamente, observa-se que, para a investigação de hipossegmentações que podem ser associadas ao constituinte C, não parece ser relevante a consideração das instâncias enunciativas, pois o que parece estar em jogo é a relação conflituosa com o clítico, independente da instância enunciativa.

### **Junção do clítico à palavra de conteúdo (enclítica)**

<sup>64</sup> **Leitura preferencial:** “Dai, eu espirrei: Atchim. Eu derrubei.” Dai foi na outra casa: “tu, tu, tu.” “Atchim.”.

O terceiro funcionamento identificado e categorizado na Tabela 10 agrupa as hipossegmentações que tem a sua emergência relacionada à atuação dos limites de C e são constituídas pela junção entre um verbo e um pronome em posição enclítica. Os dados caracterizam-se por serem formados pela ausência de hífen, seguida da junção, por exemplo, em grafias como “vendese”, para “vende-se”. Estruturas como essa são raras no PB, devido a sua característica de ser uma língua de tendência proclítica, como já explicitado. Nas práticas linguísticas contemporâneas, essas estruturas ficam restritas a certos usos muito específicos, por exemplo, em enunciados com alto grau de formalidade, geralmente escritos e em anúncios classificados, nos quais se observam estruturas como “vende-se” e “aluga-se”.

Conforme apresentado na Tabela 10, foi contabilizada apenas uma hipossegmentação no DD que estava relacionada à junção enclítica, dado que representou 1,8%, diante das 58 ocorrências que corresponderam a limites de C. Trata-se da seguinte ocorrência:



**Figura 34:** Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico (enclítico)<sup>65</sup>

**Análise:** [Ai abuxlha disse] U [ [ [ [Pode] C [mibeigolo] C ] Φ ] I ] U

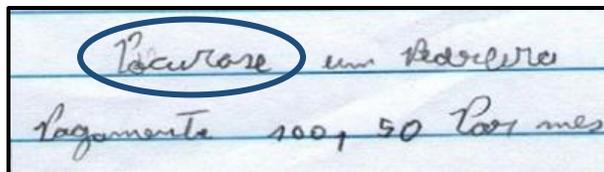
A Figura 34 faz parte de uma narrativa produzida com base na proposta “História em quadrinhos: o elefante e a bruxa”. Para a sua produção, os escreventes deveriam elaborar narrativas a partir de uma história em quadrinhos. Especificamente em relação à hipossegmentação, o escrevente une, além do pronome e o verbo na posição enclítica (“beigolo”: beijá-lo), também, o pronome proclítico (“mi”: me).

Essa hipossegmentação indicia a circulação do escrevente tanto pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada, quanto pelo eixo da representação que faz da gênese da escrita (CORRÊA, 2001, 2004). Explicando melhor, é possível afirmar que o escrevente, por suas características sócio-históricas (aluno de uma escola pública periférica, cursando a segunda série do Fundamental I, falante de variedades populares do

<sup>65</sup> **Leitura preferencial:** Um elefante. Ai, o elefante disse: “quero um beijo de você.” Ai, a bruxa disse: “pode me beijá-lo.”

PB), provavelmente, utilizaria, em contextos diferentes dos institucionalizados pela escola, a expressão “pode me beijar” ao invés da expressão “pode beijar-me” – estrutura que parece ter sido o alvo, não atingido, pelo escrevente. No entanto, o fato de estar escrevendo na escola, para um pesquisador – que não é o professor da turma – pode ter levado o escrevente a tentar alçar-se a uma forma que considera prestigiada pela escola. Embora essa tentativa tenha falhado (o que ele escreve não é o que de fato a escola esperaria), ela deixa ver a circulação desse escrevente pelo que ele imagina ser a escrita – “boa, correta, adequada” – desejada pela escola. Ao mesmo tempo, o escrevente une os clíticos ao verbo “beijar”, tanto na posição enclítica quanto proclítica, fato que também permite que se reconheça a circulação dele pela gênese da escrita, ou seja, pela suposição de que o escrito pode fielmente representar o falado.

Em OC, por sua vez, foram contabilizados 20 dados que eram constituídos pela junção entre verbo e clítico em posição enclítica. Esses dados equivalem a 12,2% das 165 hipossegmentações que tem sua emergência relacionada a limites de C. Na sequência, apresenta-se um exemplo dessas ocorrências:



**Figura 35:** Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico (enclítico)<sup>66, 67</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [ [Procurase] C [um pedreiro] C ] Φ ] I [pagamento 100, 50 por mês] I ] U

A Figura 35 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir do tema “Classificados”. Nesta proposta, os escreventes deveriam produzir classificados de jornal anunciando produtos e serviços que escolhessem. Conforme já mencionado, devido às características linguísticas do próprio gênero, grande parte dos escreventes utilizou estruturas prototípicas para anunciar os produtos e serviços, como exemplo: “vende-se”, “procura-se” e “aluga-se”. A maior parte das hipossegmentações em que o escrevente une o clítico, em posição enclítica, a um verbo foi identificada nessa produção textual: das 20, 13

<sup>66</sup> **Leitura preferencial:** Procura-se um pedreiro. Pagamento: 100, 50 por mês.

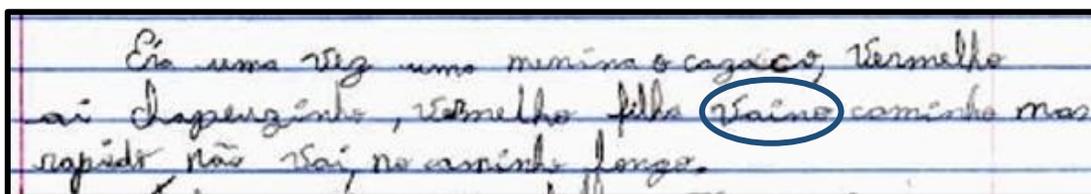
<sup>67</sup> Cf. nota 61.

pertenciam a essa proposta. Especificamente no dado apresentado na Figura 35, o escrevente utiliza uma dessas estruturas prototípicas.

Assim como nos dois funcionamentos anteriores, os dados observados nesta categoria também permitem inferir que não há uma relação direta entre a instância enunciativa, DD e OC, e o funcionamento das hipossegmentações que se associam a limites de C. Novamente, tanto no DD quanto em OC os dados apresentaram funcionamentos semelhantes. O fato de haver uma quantidade muito maior de dados com essa característica em OC relaciona-se a própria situação de comercialização de produtos em que se observam os dados – tal qual na proposta de produção que compõe o corpus. A estrutura enclítica localiza-se, prioritariamente, na instância enunciativa OC. Nota-se, porém, que tanto no DD quanto em OC, está em jogo, mais uma vez, o estatuto dos clíticos. Nesse funcionamento, especificamente, a dificuldade em registrar – a partir de uma norma exclusivamente gráfica – a separação do clítico com relação ao verbo ao qual ele se une por meio do hífen.

### **Junção do clítico à palavra fonológica (enclítico não previsto no PB)**

O quarto funcionamento que foi identificado e categorizado na Tabela 10 agrupa hipossegmentações que se associam a fronteiras de C e se constituem da junção entre clítico e palavra fonológica em posição enclítica não prevista no PB. No DD, foram contabilizados 12 dados (20,6%) que apresentavam essa característica, dos 58 que se associaram a limites de C. Em OC, por sua vez, foram contabilizados 16 dados (9,5%), dos 165 que se associavam a limites de C. Na sequência, são apresentados exemplos dessas ocorrências:

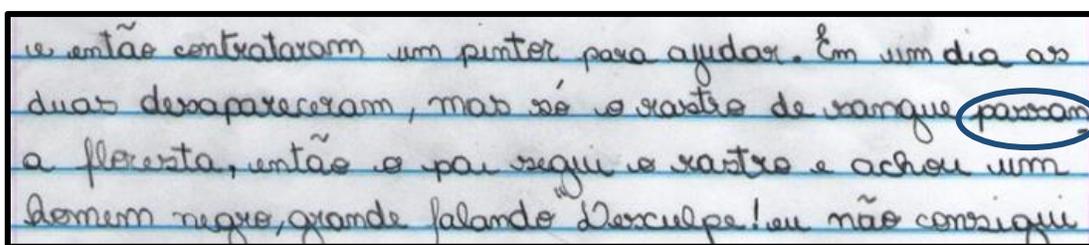


**Figura 36:** Hipo no DD que se associa a C: junção do clítico enclítico (não previsto no PB)<sup>68</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Filha] Φ ] I [ [vaino] C [caminho] C ] Φ [ [mas rápido] Φ ] I [ [não vai] Φ [no caminho longo] Φ ] I ] U

<sup>68</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez uma menina, o casaco vermelho: “Ai, Chapeuzinho Vermelho, filha, vai no caminho mais rápido, não vai no caminho longo.”

A Figura 36 apresenta um trecho de uma narrativa produzida com base na proposta “A história do Chapeuzinho Vermelho”, já mencionada nesta dissertação. Especificamente em relação à hipossegmentação, o escrevente une o verbo “vai” ao clítico “no”, em um movimento enclítico, que, neste contexto, não seria esperado, pelo fato de que, no PB, é muito mais comum a próclise do que a ênclise, conforme já citado, assim, esperar-se-ia que a junção ocorresse entre o clítico “no” e “caminho”. Na instância enunciativa OC, também foram observados dados com essa característica:



**Figura 37:** Hipo em OC que se associa a C: junção do clítico enclítico (não previsto no PB)<sup>69</sup>

**Análise prosódica:** [ [Em um dia] I [as duas desapareceram] I [mas só o rastro de sangue [ [passana] C [floresta] C ] Φ ] I ] U

A Figura 37 pertence a uma produção textual elaborada a partir da proposta “Narração de uma história de suspense”. Na hipossegmentação identificada, o escrevente une, também em um movimento enclítico não esperado, as estruturas “passa” e “na” – a tendência seria que essa junção ocorresse procliticamente, entre “na” e “floresta”.

A explicação para essas estruturas enclíticas não esperadas independe da instância enunciativa em que ocorrem. Assim, pode-se postular que também aqui não parece estar em jogo a instância enunciativa em relação às hipossegmentações, mas, apenas, o estatuto dos clíticos.

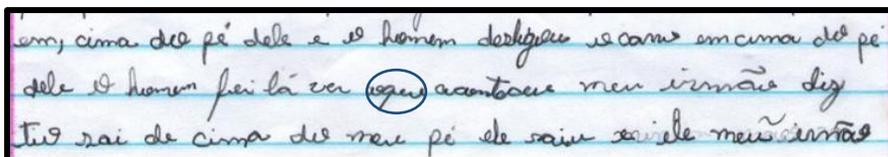
### “O que”/“Do que” - conjunção integrante

A última categoria apresentada na tabela 10 agrupa hipossegmentações que são formadas pela junção das estruturas “o que” e “do que” e que se caracterizam por

<sup>69</sup> **Leitura preferencial:** E então contrataram um pintor para ajudar. Em um dia as duas desapareceram, mas só os rastros de sangue passam na floresta. Então, o pai segue o rastro e achou um homem negro, grande, falando: “Desculpe! Eu não consegui.”

funcionarem como conjunção integrante nas produções textuais do corpus. Essas ocorrências foram contabilizadas majoritariamente em OC, instância enunciativa em que foram encontradas 9 ocorrências (5,5%), diante das 165 que se associaram a limites de C. No DD, por sua vez, foi contabilizada apenas uma ocorrência.

Na sequência, apresenta-se um exemplo:



**Figura 38:** Hipo em OC que se associa a C: “o que” conjunção integrante<sup>70</sup>

**Análise:** [ [ [O homem]  $\Phi$  [foi lá]  $\Phi$  [ver]  $\Phi$  [ [o que] C [aconteceu] C ]  $\Phi$  ] I ] U

A Figura 38 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir do tema “História triste”, em que os escreventes deveriam narrar uma história triste que tivessem vivenciado. Nessa produção textual, a função da estrutura “o que” é relacionar duas orações: “o homem foi lá ver” e “aconteceu”. A justificativa para a predominância de dados como esse na instância enunciativa OC relaciona-se ao fato de que essas estruturas tendem a aparecer em momentos de maior descrição e apresentação das informações, trechos que são, majoritariamente, produzidos por meio de OC. Esse resultado permite inferir que essa categoria de dados tem relação com a instância enunciativa da qual emergem, pois, a depender da instância em que se localizam (DD ou OC) tendem a apresentar certas características – neste caso, serem conjunções integrantes – e, conseqüentemente, a serem hipossegmentadas.

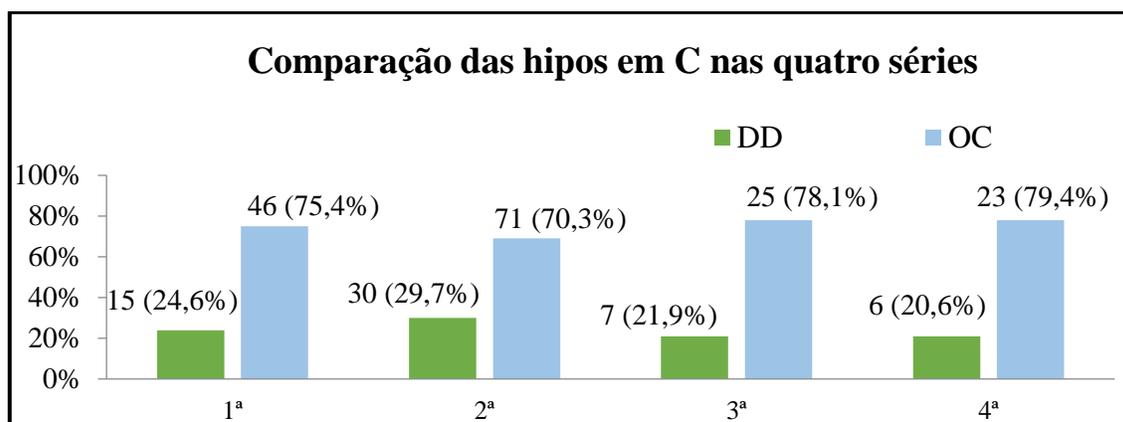
\*\*\*

Observando os quatro funcionamentos das hipos motivadas pela atuação das fronteiras de C que foram apresentadas e discutidas, pode-se concluir que a emergência desses dados não depende da instância enunciativa em que ocorrem. Em todos esses dados, a principal questão que estava em jogo para o escrevente parecia ser o estatuto do clítico,

<sup>70</sup> **Leitura preferencial:** Em cima do pé dele e o homem desligou o cano em cima do pé dele. O homem foi lá ver o que aconteceu, o meu irmão diz: “Tio, sai de cima do meu pé.” Ele saiu, e ele, meu irmão...

centralmente, a dificuldade em reconhecê-lo como palavra gráfica autônoma, fato que motivou a sua junção seja ao hospedeiro que se localizou a sua esquerda, seja ao que se localizou a sua direita. Apenas nos dados relacionados às conjunções integrantes “o que”/ “do que” é que se pôde observar que havia relação entre as instâncias enunciativas, pois a emergência deles estava ligada majoritariamente, aos momentos em OC, em específico, aos trechos de descrição e apresentação de informações nas produções textuais.

A seguir, apresentam-se como os dados que se associam a limites de C se caracterizavam quando comparadas as quatro séries investigadas:



**Gráfico 10:** Comparação das hipossegmentações em C nas quatro séries

O Gráfico 10 agrupa as hipossegmentações que têm a sua emergência relacionada à atuação dos limites de C, considerando as quatro séries investigadas. O principal resultado a ser destacado é o fato de haver, em todas as séries, uma maior quantidade de dados localizados na instância enunciativa OC. Na primeira, foram contabilizadas 15 (24,6%) hipossegmentações no DD e 46 (75,4%) em OC. Na segunda, 30 (29,7%) no DD e 71 (70,3%) em OC. Foi observada uma diminuição, em números absolutos, da quantidade de hipossegmentações na terceira série nas duas instâncias enunciativas, entretanto, ainda assim havia maior quantidade de ocorrências em OC, tanto em números absolutos quanto em números percentuais: 7 (21,9%) no DD e 25 (78,1%) em OC. Na quarta, foi observada uma quantidade (em números absolutos) ainda menor de dados, mas, ainda assim, manteve-se o resultado (em números absolutos e percentuais): 6 (20,6%) no DD e 23 (79,4%) em OC. Esses dados confirmam os resultados gerais obtidos a partir da análise das hipossegmentações sem a consideração das séries investigadas (conforme sintetizado no Gráfico 9), em que foram contabilizados no DD 58 (19,4%) ocorrências e, em OC, 165 (38,6%).

Esse resultado pode ser explicado, pois o C caracteriza-se por ser um constituinte prosódico ao qual se relacionam aspectos de natureza principalmente morfológica e fonológica, aspectos de natureza semântica e entoacional não têm relação com a delimitação de fronteiras desse constituinte. Assim, por ser OC a instância enunciativa em que supostamente haveria menor espaço para expressividade e para o aparecimento do “colorido” que se observa no DD, haveria, nela, uma tendência dos escreventes, ao segmentarem seus enunciados, de considerarem limites mais baixos. Destaca-se, por fim, que as hipo em DD e OC, possivelmente resultado da atuação dos limites de C, não se diferem em termos de funcionamento, isto é, independente do uso de DD ou OC, essas ocorrências envolviam a dificuldades dos escreventes com os clíticos do PB.

Na sequência, investigaram-se as hipossegmentações que tinham sua emergência relacionada à atuação dos limites do constituinte  $\Phi$ .

#### 4.3.1.3 As hipos em $\Phi$

A  $\Phi$  é o constituinte que, na hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), se localiza acima do C, como já mencionado, caracteriza-se por agrupar um ou mais grupos clíticos. Para a identificação de  $\Phi$ s, é necessário que se reconheçam os cabeças lexicais (preferencialmente: nomes, verbos, alguns advérbios e pronomes) e todos os clíticos do lado não recursivo. Também foi destacado que as  $\Phi$ s poderiam ser reestruturadas, quando houvesse dependência sintática e semântica entre as estruturas, bem como não houvesse ramificação. Conforme apresentado no Gráfico 9, no corpus da presente pesquisa, foram contabilizadas, no DD, 131 (44,5%) hipossegmentações que tinham sua emergência relacionada à atuação dos limites do constituinte  $\Phi$ , das 295 que se associavam a limites prosódicos. Em OC, por sua vez, foram contabilizadas 149 (34,7%) ocorrências que tinham sua emergência relacionada à atuação das fronteiras prosódicas de  $\Phi$ , das 428 que se associavam a limites prosódicos. Essas ocorrências foram identificadas a partir dos passos já descritos na metodologia e foram agrupadas, em função de seu funcionamento e das suas características, em categorias que são apresentadas na tabela a seguir:

Categorias das hipos que se associam a limites de $\Phi$			
CATEGORIA	EXEMPLO	DD	OC
<b><math>\Phi</math>s formadas por um único C</b>	“Agora, vamos passear na floresta.” Análise: [ [ [Água] $\Phi$ ] I [ vamos passear] $\Phi$ [maflhorotas] $\Phi$ ] I ] U	42 (32,1%)	106 (71,1%)
<b><math>\Phi</math>s formadas por mais de um C</b>	“Socorro! Um elefante quer me pegar!” Análise: [ [ [Socorro] $\Phi$ ] I [ [Um elefante] $\Phi$ [quermipegar] $\Phi$ ] I ] U	28 (21,4%)	39 (26,2%)
<b>“Oque”/“Com quem”/ “Do que”/ “Por que” – Interrogativas -q</b>	“Hoje, vamos falar sobre se pode gritar. O que vocês faz na hora do Recreio?” “Nós corre.” Análise: [Oje vemos falar sobre se pode gritar] U [ [Oque] $\Phi$ [voceis] $\Phi$ [faz] $\Phi$ [a hora do regreia] $\Phi$ ] I ] U [Mos corre] U	61 (46,5%)	4 (2,7%)
	<b>TOTAL</b>	<b>131</b>	<b>149</b>

Tabela 11: Categorias das hipos que se associam a limites de  $\Phi$

### $\Phi$ s formadas por um único C

A primeira categoria apresentada na Tabela 11 relaciona-se às hipossegmentações que são, possivelmente, efeito da atuação das fronteiras de  $\Phi$  e que são formadas por um único C. Tanto no DD quanto em OC essa foi a categoria em que havia maior quantidade de dados: no DD, das 131 ocorrências que se associavam a limites de  $\Phi$ , 42 (32,1%) caracterizavam-se por serem constituídas de uma única  $\Phi$ . Já em OC, das 149 hipossegmentações que se associavam a limites de  $\Phi$ , 106 (71,1%) possuíam essa característica. Na sequência, apresentam-se exemplos dessas ocorrências nas instâncias enunciativas do DD e OC:

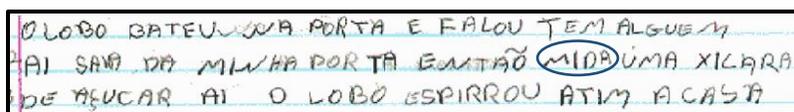


Figura 39: Hipo no DD que associa a  $\Phi$ : único C<sup>71</sup>

Análise prosódica: [ [ [Então]  $\Phi$  [mida]  $\Phi$  [uma xícara de açúcar]  $\Phi$  ] I ] U

A Figura 39 faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “Diário de um lobo: a verdadeira história dos três porquinhos”, já mencionada na presente

<sup>71</sup> **Leitura preferencial:** O lobo bateu na porta e falou: “Tem alguém aí?” “Saia da minha porta!” “Então me dá uma xícara de açúcar.” Ai, o lobo espirrou: “Atchim.” A casa...

pesquisa. A hipossegmentação identificada caracteriza-se por ser possivelmente motivada pela atuação dos limites de uma  $\Phi$  e ser constituída apenas por um único C. Na ocorrência o escrevente une o clítico “mi” (me) ao cabeça lexical “da” (dá). Em OC, também foram encontrados dados que apresentavam essa característica:

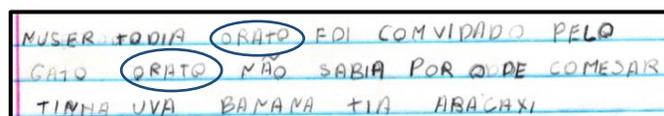


Figura 40: Hipo em OC que se associa a  $\Phi$ : único C<sup>72</sup>

**Análise prosódica:** [ [Nuser todia] I [ orato ]  $\Phi$  [foi convidado]  $\Phi$  [pelo gato]  $\Phi$  I ] U  
 [ [ Orato ]  $\Phi$  [não sabia]  $\Phi$  [por o de começar]  $\Phi$  ] I [tinha uva] I [banana] I [tia abacaxi] I ] U

A Figura 40 pertence a uma produção textual elaborada a partir do tema “O rato do campo e o rato da cidade”. As duas hipossegmentações destacadas têm a sua emergência relacionada à possível atuação de limites de  $\Phi$  e são constituídas por apenas um C. Elas são formadas pela junção do clítico “o” ao cabeça lexical “rato”.

Observa-se que tanto no DD quanto em OC as estruturas hipossegmentadas apresentavam funcionamento semelhante, ligado, mais uma vez, à relação conflituosa do escrevente com o clítico. Conforme já apontado, o registro do clítico pelo escrevente não é algo simples, tanto por questões fonológicas quanto gráficas. Em relação aos fatores fonológicos, por ser o clítico um monossílabo não acentuado, o escrevente tende a uni-lo à palavra de conteúdo mais próxima, devido à dependência fonológica dessas estruturas (Cf. ABAURRE, 1991; SILVA, 1994). Em relação aos fatores gráficos, as crianças parecem ter grande dificuldade em reconhecer os clíticos, que, em geral, são registrados com uma quantidade pequena de letras em todas as línguas, como palavras gráficas autônomas. Assim, por essa conjunção de fatores, justifica-se a tendência que eles manifestam para “apoiar-se no constituinte acentuado que está à sua direita ou à sua esquerda” (ABAURRE; GALVES, 1996, p. 279).

Outras pesquisas que investigaram a relação entre segmentações não convencionais e constituintes prosódicos – por exemplo: Tenani (2011), Capristano (2007a), Chacon (2009) – como adiantado, puderam observar que a maior parte das ocorrências encontradas

<sup>72</sup> **Leitura preferencial:** Num certo dia, o rato foi convidado pelo gato. O rato não sabia por onde começar, tinha: uva, banana, tinha abacaxi.

estava relacionada aos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica e eram, majoritariamente, constituídas pela junção de um clítico e uma palavra de conteúdo, estrutura que, nos dados investigados por Chacon (2009), se associou a limites de  $\Phi$ s. O alto percentual de dados que apresenta essa estrutura pode ser justificado, pois esses escreventes “vem se encaminhando para a percepção da palavra, tal como estabelecida pelas convenções ortográficas de nossa língua” (CHACON, 2009, p. 8).

Ao investigar essas ocorrências considerando a circulação dos escreventes pelos eixos propostos por Corrêa (1997, 2004), pode-se afirmar que elas indiciam a circulação do escrevente pelo primeiro eixo proposto, a saber: da representação da gênese da escrita, porém, para além disso – como já haviam observado os trabalhos de Chacon (2004, 2009, 2013), Capristano (2007a, 2007b, 2010), Tenani (2008, 2010, 2011), Capristano e Ticianel (2014) – permitem recuperar, especialmente, a circulação dos escreventes pelo eixo da representação que fazem da escrita institucionalizada. Em relação ao eixo da gênese, pode-se destacar que os escreventes segmentam esses enunciados possivelmente motivados pela atuação de informações prosódicas, neste caso, a não acentuação do clítico, assim, buscam atribuir à escrita um poder ilimitado de representação (CORRÊA, 1997, 2004), nesse momento, relacionado à colocação de espaços em branco a partir de limites prosódicos e não gráficos. Entretanto, essas ocorrências também permitem que se recupere o trânsito do escrevente *pelo eixo da representação da escrita institucionalizada* (CORRÊA, 1997, 2004). Esse fato está relacionado, principalmente, por ser a  $\Phi$  um dos constituintes que dependem, para a sua identificação, de informações morfológicas, especificamente, a identificação de cabeças lexicais que são estruturas que correspondem a palavras gráficas. Essas estruturas, prosodicamente, uniram-se apenas a clíticos e seus modificadores. Por essas hipossegmentações permitirem que se recupere a possível atuação, também, de informações de práticas letradas, é possível inferir que os escreventes já conhecem muitas das regras exigidas na escrita para a segmentação de palavras.

As informações agrupadas reúnem argumentos que permitem afirmar que as hipossegmentações resultantes da atuação dos limites de  $\Phi$  – especificamente, aquelas constituídas por um clítico e uma palavra de conteúdo – não têm ligação com a instância enunciativa na qual se manifestam, isto é, não haveria uma relação qualitativa entre a produção de DD e OC e as hipossegmentações que se associam a limites de  $\Phi$ .

## Φs formadas por mais de um C

A segunda categoria apresentada na Tabela 11 agrupa as hipossegmentações que se associaram a limites de  $\Phi$  e que eram formadas por mais de um C. No DD, foram contabilizadas 28 ocorrências que apresentavam essa característica, o que equivale a 21,4%, das 131 hipossegmentações motivadas pela atuação dos limites de  $\Phi$ . Em OC, por sua vez, foram contabilizadas 39 ocorrências que eram formadas por mais de um C, dado que equivale a 26,2% das hipossegmentações, das 149 que se associaram a limites de  $\Phi$ .

Os dados dessa categoria apresentam duas características principais: ou são constituídos por hipossegmentações que foram reestruturadas ou são ocorrências em que a  $\Phi$  é constituída por um sintagma complexo que inclui, além do núcleo, modificadores. Na sequência, apresentam-se exemplos desses dois tipos de ocorrência nas duas instâncias enunciativas:

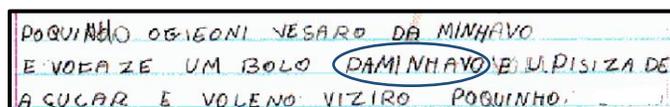


Figura 41: Hipo no DD que se associa a  $\Phi$ : mais de um C<sup>73</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Ogi]  $\Phi$  [e]  $\Phi$  [o ni vesaro]  $\Phi$  [da minha vo]  $\Phi$  ] I [e [vo faze]  $\Phi$  [um bolo]  $\Phi$  [daminhavo]  $\Phi$  ] I ] U

A Figura 41 faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. A hipossegmentação identificada tem sua emergência relacionada à atuação de limites de uma  $\Phi$  composta por dois grupos clíticos: “da minha” e “vó”. A estrutura “minha” corresponde a um modificador, pois especifica o núcleo do sintagma: “vó”. Na sequência, apresenta-se um exemplo que pertence a esta categoria e foi encontrado na instância enunciativa OC:

<sup>73</sup> **Leitura preferencial:** “Porquinho, hoje é o aniversário da minha vó e vou fazer um bolo da minha vó. Eu preciso de açúcar e vou lá no vizinho porquinho”.

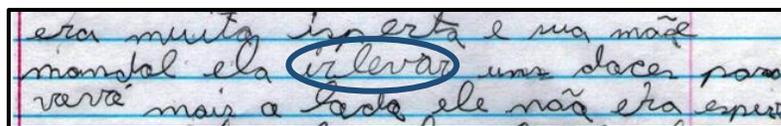


Figura 42: Hipo em OC que se associa a  $\Phi$ : mais de um C<sup>74</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Era]  $\Phi$  [muito esperta]  $\Phi$  ] I [e sua mãe]  $\Phi$  [mandou]  $\Phi$  [ela]  $\Phi$  [irlevar]  $\Phi$  [uns doces para vovó]  $\Phi$  ] I ] U

A Figura 42 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir da proposta “A história do chapeuzinho vermelho”. A hipossegmentação identificada tem a sua motivação relacionada à atuação dos limites de uma  $\Phi$  composta por dois C: [ [ir] C [levar] C ]  $\Phi$ ; trata-se de uma locução verbal, que, como tal, caracteriza-se por ter fronteiras que se associam as de uma  $\Phi$  reestruturada. Conseqüentemente, cada um de seus verbos caracteriza-se como efeito da atuação de limites de C.

Os dados reunidos nessa categoria apresentam uma característica comum: são estruturas que apresentam dependência semântica, mais propriamente, estruturas que, no mundo, estariam relacionadas a um único ser ou a uma única ação. Retomam-se, novamente, as ocorrências exploradas nas Figuras 41 e 42, “daminhavo” e “irlevar”. Na primeira ocorrência, o escrevente une modificador e núcleo – “da minha” e “vó” – estrutura que representa um único ser no mundo. Na mesma direção, na segunda ocorrência, o escrevente une os verbos “ir” e “levar”, que adquirem o sentido de uma única ação, “levar os doces”.

Essa junção gráfica entre elementos que apresentam dependência semântica já foi observada por alguns autores. Abaurre e Silva (1993), ao recuperarem uma investigação que examinava enunciados falados e escritos de crianças russas, mostraram que as crianças têm dificuldade em dissociar, por exemplo, estruturas como: “maçã-vermelha” e “homem correndo”, pelo fato de fazerem referência a um único objeto e a um único ser no mundo. Isto é, não seria possível dissociar a cor do objeto que ela qualifica – maçã, de vermelho, por exemplo – bem como, a ação do sujeito que a pratica – homem, de correr –, “(...) assim, é natural que tenham dificuldade em segmentar esses pares” (ABAURRE; SILVA, 1993, p. 98).

<sup>74</sup> **Leitura preferencial:** Era muito esperta e sua mãe mandou ela ir levar uns doces para vovó. Mas o lobo, ele não era esperto.

Em certa medida, as hipossegmentações observadas no corpus também apresentam funcionamento semelhante, já que, nessas ocorrências, os escreventes unem o modificador ao núcleo ao qual se relaciona (dois elementos que, além de dependência sintática, possuem dependência semântica), pode-se citar, por exemplo, ocorrências como: “numacamizeta” (numa camiseta), “muilonge” (muito longe), dentre outras, semelhante àquela apresentada na Figura 39. As ocorrências em que as crianças unem dois verbos também guardam essa característica – conforme apresentada na Figura 40 – bem como aquelas em que unem verbos e complementos: “cumicumida” (comi comida). Essas características dessas ocorrências são observadas tanto no DD quanto em OC. Além disso, havia, em ambas as instâncias enunciativas, percentuais próximos de quantidade dessas ocorrências. Essas constatações levam a afirmar que a emergência dos dados reunidos nessa categoria não parece depender da instância enunciativa na qual são registrados.

#### “O que”/“Com quem”/ “Do que”/ “Por que” – Interrogativas -q

Nesta categoria, agrupam-se dados que correspondem às interrogativas “o que”, “com quem” e “por que”. No DD, das 131 hipossegmentações que emergiam da atuação de limites de  $\Phi$ , 61 (46,5%) apresentavam essa característica. Em OC, por sua vez, foram contabilizadas 4 ocorrências (2,7%), diante das 149 que se associavam a limites de  $\Phi$ . Na sequência, apresenta-se um exemplo dessas ocorrências:

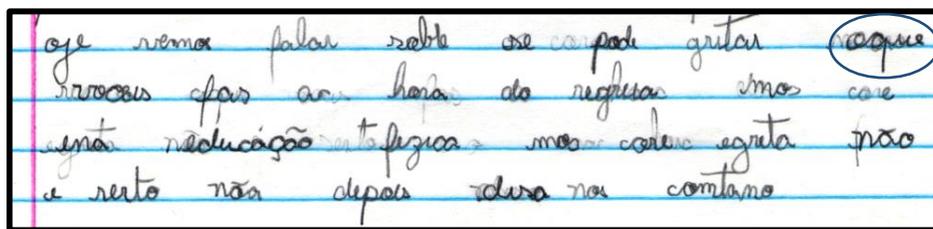


Figura 43: Hipo no DD que se associa a  $\Phi$ : “o que” interrogativo<sup>75</sup>

**Análise prosódica:** [Hoje vamos falar sobre se pode gritar] U  
 [ [ [Oque]  $\Phi$  [vocês] [faz]  $\Phi$  [a hora do recreio]  $\Phi$  ] I ] U

<sup>75</sup> **Leitura preferencial:** “Hoje, vamos falar sobre se pode gritar. O que vocês fazem na hora do recreio?” “Nós corre.” “E na Educação Física?” “Nós corre e grita.” “Não é certo não.” Depois disso, nós cantamos.

A Figura 43 pertence a uma produção textual da primeira série, com o tema “Palestra sobre a voz: História da Chiquinha”. Nessa proposta, os escreventes deveriam relatar uma palestra sobre voz que haviam assistido. Na hipossegmentação em destaque, o escrevente une a estrutura “o que” que, nesse uso, tem função interrogativa. No corpus, dados como esse foram contabilizados majoritariamente no DD, sendo encontradas 31 (23,6%) ocorrências como essas, diante das 61 que pertenciam à categoria “o que, do que, com quem e por que”. Já em OC, foram contabilizadas apenas 3 (2%) ocorrências, diante das 4 que pertenciam a essa categoria. Os 61 dados contabilizados no DD, envolvem duas ocorrências em específico: “oque” – conforme apresentado na Figura 43 – (31 ocorrências) e “porque” (29 ocorrências), além de uma ocorrência da estrutura “com quem”.

Primeiramente, considera-se que ambas as estruturas, “oque” e “porque”, pertencem a categoria das interrogativas abertas que, de acordo com Perini (2010):

inclu[em] um interrogativo (uma classe de formas que inclui que, **o que**, quando, qual, onde, aonde, quem, **por que**, como, cadê?), que pode vir no início, mas não necessariamente. A entoação é nitidamente diferente das interrogativas fechadas, pois tem acento, alto-descendente no interrogativo; e quando o interrogativo fica no início, o resto da frase termina em entonação descendente como as afirmativas. (...) **O interrogativo funciona como um SN ou um SAdv e pode constituir sozinho esse SN** (PERINI, 2010, p. 124-125, grifos nossos).

Ao afirmar que sozinhas as interrogativas abertas constituem sintagmas, Perini (2010) permite que dados como “o que” e “por que” interrogativos, em específico, sejam interpretados como correspondentes a limites de  $\Phi$ . Na mesma direção, Chutumiá (2013) propõe que as interrogativas “-q” constituem sozinhas sintagmas interrogativos. Ao investigar-se, por exemplo, o enunciado em que se localiza a estrutura “oque” na Figura 41, considerando seus sintagmas, ter-se-ia a seguinte análise:

Oque	vocês	faz	na hora	do recreio
<b>SI</b>	<b>SN</b>	<b>SV</b>		<b>SAdj</b>

**Sintagmas:** interrogativo, nominal, verbal

Em segundo lugar, considera-se que as ocorrências “oque” e “porque” aparecem majoritariamente no DD relacionadas ao fato de introduzirem perguntas e esses questionamentos serem produzidos por personagens. Em relação a estrutura “o que”, a maior parte das ocorrências relacionava-se a uma proposta de produção textual em

específico. Trata-se da proposta do ano de 2002, que apresentava o tema “História em quadrinhos: O elefante e a bruxa”. Para a produção dessa narrativa, os escreventes leram uma história em quadrinhos que era composta pelo seguinte trecho:

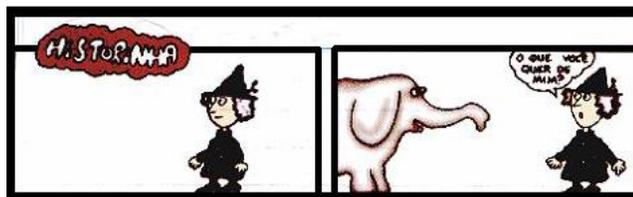


Figura 44: História em quadrinhos<sup>76</sup>

Ao produzirem as suas narrativas, grande parte dos escreventes reproduziu a sequência “o que você quer de mim?” e, no registro dela, hipossegmentaram de forma frequente. Das 31 hipossegmentações que correspondiam à estrutura “oque”, 16 estavam relacionadas a essa história em quadrinhos.

A dificuldade dos escreventes com essa estrutura, conforme sintetizado em Capristano e Ticianel (2014), decorre da relação entre fatores fonológicos e gráficos. Em primeiro lugar, como já mencionado, “o que” enquadra-se na categoria de interrogativas abertas, do tipo Q, que se assemelham às interrogativas “Wh” do inglês (PERINI, 2010; CHUTUMIÁ, 2013). Para Bechara (2009), a estrutura “o que” seria utilizada apenas para dar ênfase à *pergunta*; quando se busca, portanto, uma interrogação em sua “forma enfática” (BECHARA, 2009, p. 170).

Do ponto de vista sintático e semântico, *o que* constitui, assim, um só elemento, funcionando no sistema linguístico como uma única palavra como outras formas interrogativas como *qual*, *quando*, *onde* etc. A convenção ortográfica, no entanto, exige a separação gráfica dessa estrutura (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 20).

É dessa hibridez que advém a dificuldade dos escreventes em segmentar essas duas estruturas e atribuir a elas estatuto de palavras gráficas. Dificuldade que persiste, por vezes, nas séries mais avançadas, como observaram Tenani e Paranhos (2011) em produções textuais de escreventes dos últimos anos do ensino fundamental.

Já a estrutura “por que” – segunda mais hipossegmentada, no grupo das ocorrências que correspondiam a interrogativas abertas – foi utilizada de forma recorrente nas

<sup>76</sup> **Leitura preferencial:** Historinha. “O que você quer de mim?”.

produções textuais elaboradas a partir do tema “A história do Chapeuzinho Vermelho”. Em específico, no momento em que a personagem principal questionava o lobo fantasiado de vovó, conforme pode ser observado na figura a seguir:

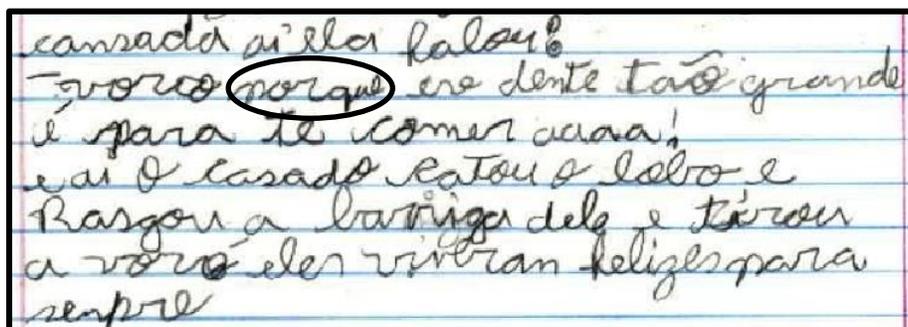


Figura 45: Hipo no DD que se associa a  $\Phi$ : “por que” interrogativo<sup>77</sup>

**Análise:** [ [ [Vovo]  $\Phi$  ] I ] [ [porque]  $\Phi$  [esse dente]  $\Phi$  [tão grande]  $\Phi$  ] I ] U

A dificuldade dos escreventes com a estrutura “por que” pode ser explicada também por uma conjugação de fatores gráficos e prosódicos. Em relação aos gráficos, estaria o fato de se tratar de uma estrutura que apresenta homonímia, pelo fato de haver no PB a possibilidade de grafia convencional em que a estrutura é grafada unida. Nessas ocorrências, o escrevente une em um uso não convencional, isto é, para iniciar uma pergunta. Assim, ao hipossegmentar essas estruturas, o escrevente produz uma possibilidade da língua. Paralelo a esse fator, há também uma questão prosódica: a estrutura “que”, em “por que”, funcionando como interrogativa aberta, adquire uma forte carga prosódica, e a estrutura “por”, um clítico, une-se prosodicamente a esse elemento acentuado, assim como ocorreria com a estrutura “o que”, já que se trata, também de interrogativas abertas, do tipo Q, que se assemelham às interrogativas “Wh” do inglês (PERINI, 2010; CHUTUMIÁ, 2013). É essa conjugação de fatores que parece motivar a alta quantidade de hipossegmentações da estrutura no corpus, dado que pode ser observado, também, em produções textuais dos últimos anos do ensino fundamental, conforme mencionaram Tenani e Paranhos (2011).

Nesta categoria, especificamente, pôde-se perceber que havia diferenças qualitativas significativas entre as hipossegmentações e as instâncias enunciativas em que foram contabilizadas. Especificamente, quando havia DD, os escreventes tendiam a usar

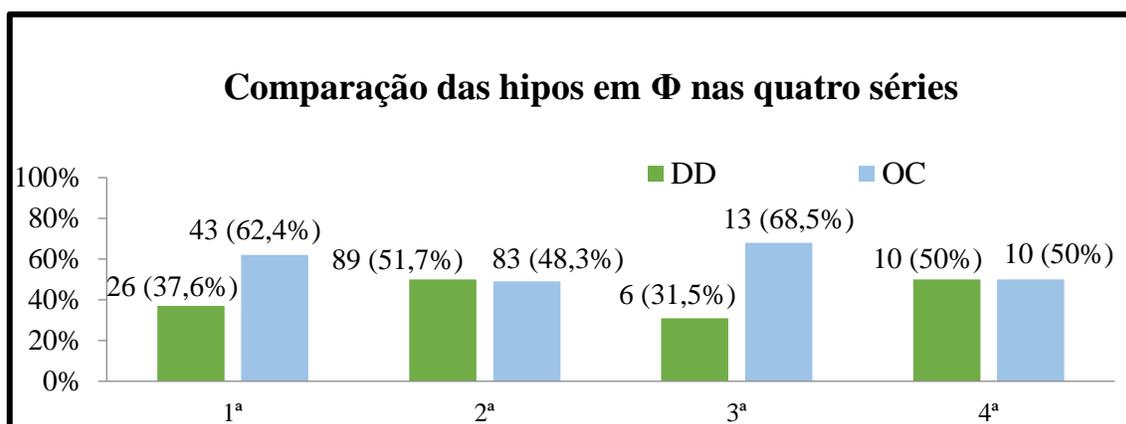
<sup>77</sup> **Leitura preferencial:** ...cansada. Ai ela falou: “Vovó, porque esse dente tão grande?” “É para te comer. Ahhhh” E ai, o caçador catou o lobo e rasgou a barriga dele e tirou a vovó. Eles viveram felizes para sempre.

estruturas interrogativas – no corpus, especificamente, “oque” e “porque” – já que essas estruturas faziam parte de diálogos entre os personagens, introduzindo perguntas diretas, conforme explorado nas Figuras 44 (“o que você quer de mim?”) e 45 (“Porque esse dente tão grande?”). Ao utilizarem essas interrogativas, em grande medida, os escreventes hipossegmentavam essas estruturas. Em OC, dificilmente foi observada a presença de estruturas com perguntas diretas – com exceção de charadas que compuseram a proposta de tema “piada” – por isso, houve uma quantidade muito pequena de ocorrências. Assim, nesse conjunto de dados, pode-se afirmar que a presença do DD tem relação qualitativa com a emergência de hipossegmentações, pois motiva o aparecimento de interrogativas e, conseqüentemente, possibilita mais contextos para as hipossegmentações aparecerem.

\*\*\*

Após a investigação dos dados que tinham sua emergência relacionada a limites de  $\Phi$ , pode-se verificar que, em geral, não havia relação entre a instância enunciativa e esses dados. Outras questões estavam em jogo para o escrevente: o estatuto do clítico ( $\Phi$ s constituídas por um único C) e a forte dependência semântica entre algumas palavras ( $\Phi$ s constituídas por mais de um C). Apenas alguns dados, bastante particulares, indiciam a atuação da instância enunciativa: trata-se da dificuldade dos escreventes com o “o que” e o homônimo “por que”.

Na sequência, para cumprir com o objetivo de investigar essas questões considerando as quatro séries investigadas, apresenta-se a comparação entre os dados que se associaram a limites de  $\Phi$  ao longo dessas séries:



**Gráfico 11:** Comparação das hipos em  $\Phi$  nas quatro séries

O Gráfico 11 agrupa as hipossegmentações que têm sua emergência relacionada à atuação dos limites de  $\Phi$ , considerando as quatro séries investigadas. Em primeiro lugar, pode-se observar que, em duas delas (primeira e terceira), havia mais hipossegmentações em OC do que no DD. Na primeira, no DD, foram contabilizadas 26 (37,6%) ocorrências que se associavam a limites de  $\Phi$ , já em OC, 43 (62,4%). Esses dados diminuíram na terceira série, entretanto, ainda assim, havia mais ocorrências em OC: 13 (68,5%), no DD, por sua vez, 6 (31,5%). Esse resultado corrobora com os dados gerais contabilizado no Gráfico 9, pois, também, havia maior quantidade de hipossegmentações motivadas pela atuação das fronteiras de  $\Phi$  na instância enunciativa OC: 149 (34,7%) e no DD, 131 (44,5%).

Esse resultado pode ser explicado, pois, a  $\Phi$ , assim como o C, caracteriza-se por ser um constituinte prosódico ao qual se relacionam aspectos de natureza principalmente sintática, morfológica e fonológica; aspectos de natureza semântica e entoacional não têm muita relação com a delimitação de fronteiras desse constituinte. Assim, por ser OC a instância enunciativa em que não se expõe com a mesma intensidade a expressividade do DD, haveria uma tendência dos escreventes, ao segmentarem seus enunciados em OC, de considerarem limites mais baixos.

A única série em que se observou resultado distinto foi na segunda, em que havia no DD e em OC uma quantidade bastante semelhante de hipos que se associavam a limites de  $\Phi$ . Conforme apresentado no Gráfico 12, foram contabilizadas 89 ocorrências no DD, que corresponderam a 51,7%, já em OC, 83, que corresponderam a 48,3%. Esse resultado pode ser explicado a partir da observação de duas propostas narrativas, já exploradas: “História em quadrinhos: O elefante e a bruxa” e “A história do chapeuzinho vermelho”. Para essas produções textuais, os escreventes utilizaram, por muitas vezes, estruturas que foram hipossegmentadas e que tinham sua emergência possivelmente relacionada à atuação das fronteiras de  $\Phi$ . Destacam-se, especificamente, as estruturas “oque” e “porque” que, conforme explicado, foram repetidas por grande parte dos escreventes. Como já explorado, esses foram os únicos dados que de fato pareceram ser motivados pela instância enunciativa em que enunciavam os escreventes.

Na quarta série, por fim, observou-se a mesma quantidade de hipossegmentações nas duas instâncias enunciativas, 10. Esse resultado aproximou-se daquele contabilizado na terceira série, fato que indicia que, nas últimas séries, há uma tendência para a diminuição

das hipossegmentações independente da instância enunciativa (DD e OC). Pode-se fazer essa afirmação, pois, nas duas primeiras séries, contabilizou-se, tanto no DD quanto em OC, uma quantidade de hipossegmentações muito maior do que nas duas últimas séries: no DD 115, nas duas primeiras e em OC, 126. No segundo ciclo (duas últimas séries), 16 no DD e 23 em OC.

Apesar das diferenças em uma das séries investigadas, pela própria característica de constituição da  $\Phi$ , pode-se afirmar que não há, geralmente, uma relação direta entre a presença de DD e o aparecimento de hipossegmentações. Como já amplamente discutido, o que parece estar em jogo para o escrevente, também nas frases fonológicas encontradas no corpus, é o estatuto dos clíticos. Em OC, porém, esse conflito manifesta-se por mais vezes do que no DD.

Na sequência, passa-se a investigação das hipossegmentações que tinham sua emergência relacionada à atuação de limites do constituinte I.

#### 4.3.1.4 As hipos em I

A frase entoacional é o constituinte que se localiza acima da frase fonológica e que agrupa uma ou mais  $\Phi$ s. Para identificar uma I, como já mencionado, é necessário que se identifique nos enunciados um contorno entoacional. Outro fator que auxilia na identificação refere-se ao fato de os limites das Is poderem coincidir com posições nas quais pausas podem ser introduzidas (GELAMO, 2006). Ademais, conforme antecipado, existem estruturas que são consideradas Is por princípio. É o caso, por exemplo, de

expressões parentéticas, orações relativas explicativas, perguntas fáticas ou de confirmação, vocativos, expressões que funcionam como interjeição, [enumerações] e certos elementos móveis. Observa-se que todas essas construções são externas à sentença raiz [oração principal] à qual elas se associam (GELAMO, 2006, p. 31).

Para a identificação das hipossegmentações que emergiram da atuação das fronteiras de I no corpus investigado, em primeiro lugar, considerou-se toda a produção textual do escrevente, bem como as instâncias enunciativas presentes (DD e OC), conforme já destacado para a investigação de todos os outros constituintes. A delimitação de fronteiras de I está intimamente relacionada às características semânticas, especialmente, a expressividade dos enunciados. Segundo Gelamo (2006), aspectos como velocidade de fala,

questões semânticas e sintáticas estariam ligadas à delimitação desse constituinte. A presença de diferentes instâncias enunciativas em um texto é um dos fatores que pode marcar essa expressividade, especialmente nos momentos de DD, por se caracterizar como a “encenação” de uma enunciação anterior (MAINGUENEAU, 1993), em que se busca recuperar o “colorido” da enunciação original (ROMUALDO, 2003).

No corpus da presente pesquisa, conforme apresentado no Gráfico 9, foram identificadas 65 (22,2%) hipossegmentações no DD motivadas pelas fronteiras de I, das 295 associadas a limites prosódicos. Em OC, por sua vez, foram identificadas 102 (23,9%) ocorrências, das 428 resultantes da atuação de fronteiras prosódicas. Esses dados foram agrupados, em função de suas características e de seu funcionamento, em categorias apresentadas na tabela a seguir:

<b>Categorias das hipos que se associam a limites de I</b>			
<b>CATEGORIA</b>	<b>EXEMPLO</b>	<b>DD</b>	<b>OC</b>
<b>(1) Palavras com dependência semântica</b>		<b>33 (50,7%)</b>	<b>44(43,1%)</b>
<b>(1A) Registro de “De repente”</b>	E a chapeuzinho, muito teimosa, foi pelo caminho da floresta. E, de repente: ela encontrou um lenhador. <b>Análise:</b> [E a chapeuzinho muito teimosa foi pelo o caminho da floresta] U [ [E] I [derrepente] I [ela encontrou um lenhador] I ] U	<b>0</b>	<b>25 (24,5%)</b>
<b>(1B) Registro de “Tá bom”</b>	“Então vamos fazer uma proposta: você come cérebro e eu como o olho.” “Tá bom, vovó.” <b>Análise:</b> [Então vamos fazer uma proposta você come serebro e eu como o olho] U [ [Tabom] I [Vovo] I ] U	<b>15 (23,1%)</b>	<b>0</b>
<b>(1C) Registros diversos</b>	E a bruxa falou: “Então, tudo bem.” <b>Análise:</b> [E a bruxa falo] U [ [Imtao] I [tudobe] I ] U	<b>18 (27,6%)</b>	<b>19 (18,6%)</b>
<b>(2) Estruturas que são consideradas Is por princípio</b>		<b>10 (15,3%)</b>	<b>6 (5,9%)</b>
<b>(2A) Vocativos, interjeições, itens de uma enumeração e elementos móveis</b>	“É para te enxergar melhor! É para te comer melhor, minha querida!” <b>Análise:</b> [E par ti enchergamelho] U [ [E para ti come melhor] I [miquerida] I ] U	<b>10 (15,3%)</b>	<b>6 (5,9%)</b>
<b>(3) Is na organização prosódica da canção</b>		<b>1 (1,6%)</b>	<b>27 (26,5%)</b>
<b>(3A) Is em canção</b>	A mamãe gritou: “Qua, qua!” Mas só um patinho voltou de lá. <b>Análise:</b> [ [Amamae] I [gritou] I ] U [Glagla] U [ [Mais so] I [um patinho volto] I [dela] I ] U	<b>1 (1,6%)</b>	<b>27 (26,5%)</b>
<b>(4) Is provocadas por diferentes fatores</b>		<b>21 (32,4%)</b>	<b>25 (24,5%)</b>
<b>(4A) Is provocadas por diferentes fatores</b>	Casa do outro porquinho. Tava vindo, espirrei. <b>Análise:</b> [Casa do oto poquinho] U [ [Tavavido] I [eipirei] I ] U	<b>21 (32,4%)</b>	<b>25 (24,5%)</b>
<b>TOTAL:</b>		<b>65</b>	<b>102</b>

Tabela 12: Categorias das hipos que se associam a limites de I

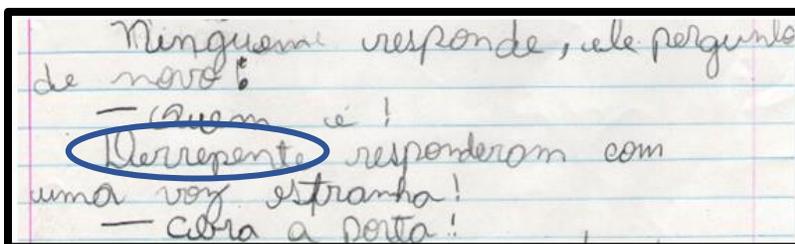
### Palavras com dependência semântica

A primeira categoria apresentada na Tabela 12 agrupa hipossegmentações que têm a sua emergência relacionada à atuação dos limites de I e que são formadas por palavras que apresentam dependência semântica. Consideram-se como palavras que apresentam dependência semântica, conforme mencionado anteriormente, estruturas que são constituídas por mais de uma palavra e que adquirem determinado sentido apenas quando são utilizadas conjuntamente. A expressão “bom dia” é um exemplo de expressão que apresenta essas características. As palavras “bom” e “dia”, ao serem utilizadas separadamente, possuem determinados sentidos, mas é apenas quando são utilizadas juntas que adquirem o sentido de saudação/cumprimento.

A partir da Tabela 12, pôde-se verificar que, das 65 hipossegmentações determinadas pela atuação de limites de I, observadas no DD, a maior quantidade, 33 ocorrências (50,7%), relacionava-se à junção de estruturas com dependência semântica. Em OC, por sua vez, observou-se que, dos 102 registros hipossegmentados, 44 (43,1%), eram formados pela junção de palavras com dependência semântica. Esses dados, em função da frequência de aparecimento no corpus, podem ainda ser divididos em três grupos: (A) registro de “de repente”, (B) registros de “Tá bom” e na subdivisão chamada de (C) “registros diversos”.

Os registros de “de repente” foram observados apenas em OC. Nessa instância enunciativa, foram identificadas 25 ocorrências (24,5%). Os registros de “Tá bom”, por sua vez, foram observados exclusivamente no DD. Nessa instância enunciativa, foram contabilizadas 15 ocorrências (23,1%). Os chamados “registros diversos”, grupo no qual foram organizados dados com características bastante particulares (não regulares, portanto) foram observados tanto no DD quanto em OC. A seguir, são exploradas, inicialmente, as duas expressões restritas a uma das duas instâncias enunciativas – OC: “de repente” e DD: “tá bom”. Depois, discutem-se os dados categorizados como diversos.

A figura a seguir ilustra o uso da expressão “de repente” em contexto de OC:



**Figura 46:** Hipo em OC que se associa a I: “de repente”<sup>78</sup>

**Análise prosódica:** [Ele perguntou de novo] U [Quem é] U [ **Derrepente**] I [responderam com uma voz estranha] I ] U

A Figura 46 refere-se a um trecho de uma produção textual escrita na quarta série, que foi elaborada a partir do tema “Narração de uma história de suspense”. Para a elaboração desse enunciado, os escreventes deveriam criar narrativas que apresentassem um final surpreendente. Por meio do percurso de análise descrito na metodologia, identificou-se a hipossegmentação “derrepente” que foi motivada, provavelmente, pela atuação da fronteira de I. Na leitura atribuída, compreende-se que essa frase porta sozinha uma curva melódica, por todo o percurso da narrativa, por corresponder ao elemento que introduz a mudança de direcionamento na produção textual. Além disso, há uma pausa entre ela e a outra I em que há a apresentação da mudança de direção: “responderam com uma voz estranha”. Ademais, essas duas Is localizam-se em um único U. Todos esses argumentos permitem afirmar que essa ocorrência pode ser associada a limites de I.

Foram contabilizadas 25 (24,5%) hipossegmentações da expressão “de repente”, das 102 que foram motivadas pela atuação de limites de I em OC. Essa recorrência pode ser resultado de um agrupamento de fatores. Primeiramente, o uso dessa expressão por grande parte dos escreventes deve-se ao fato de o banco de produções textuais do qual o material foi coletado ser composto por, pelo menos, 16 propostas que apresentavam caráter narrativo. Nessas produções textuais, foi recorrente o uso da expressão prototípica “de repente” para introduzir o conflito da narrativa, isto é, para introduzir o momento em que havia a quebra da tranquilidade inicial das produções textuais. No DD, essa expressão não foi observada. O uso dela, embora não impedido de ocorrer no DD, restringiu-se, no corpus investigado, portanto, a momentos em que havia a apresentação dos fatos que compõe a narrativa, realizados por meio da instância enunciativa OC.

<sup>78</sup> **Leitura preferencial:** Ninguém responde. Ele perguntou de novo: “Quem é?” De repente, responderam com uma voz estranha: “Abra a porta!”.

Em segundo lugar, a alta quantidade de hipossegmentações envolvendo essa estrutura pode ser explicada pelo seu caráter híbrido, questão debatida por Capristano e Ticianel (2014):

Gramaticalmente, *de repente* é uma locução adverbial. De acordo com Bechara (2009), ela equivaleria ao advérbio de modo “repentinamente”. Assim, “[per-tence] (...) [a]o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio” (Bechara, 2009, p. 287). Nessa locução, a preposição, “funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria” (Bechara, 2009, p. 287). Isto é, a preposição *de* “une-se” (não graficamente, mas semântica e prosodicamente) ao substantivo *repente* que, somente assim, ganha o sentido que lhe é atribuído: de algo que aconteceu de forma inesperada, subitamente. (CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, p. 250).

A partir dessas características, pode-se notar quão conflituosa é para o escrevente segmentar essa expressão, especificamente, atribuir autonomia gráfica a cada um dos itens que a compõe, “de” e “repente”. Ademais, pelo uso expressivo que adquire nas narrativas do corpus – representando a emoção do narrador frente às ações organizadas discursivamente, especificamente, a introdução do conflito – adquire uma forte expressividade e um estatuto prosódico que parece sobrepor-se ao gráfico na atividade que o escrevente tem de segmentar.

Pelos aspectos explorados, pode-se postular que a hipossegmentação da estrutura “de repente” sinaliza a circulação do escrevente pelo primeiro eixo proposto por Corrêa (1997, 2004), o eixo que faz da representação da gênese da escrita. Ao unir a expressão “de repente”, o escrevente guia-se, para segmentar, pela curva melódica que essa expressão adquire na enunciação: se, na fala, ela corresponderia a uma única unidade, é esse mesmo parâmetro que parece conduzir o escrevente para delimitar, também, uma única unidade na escrita. Nesses casos, o escrevente atribui “à escrita um poder quase ilimitado de representação e fidelidade representacional” (CORRÊA, 2004, p. 82). Todavia, hipossegmentações como essas deixam “ver”, também, a circulação do escrevente pela representação que faz do código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2001, 2004), isso porque o escrevente não segmenta todo o enunciado partindo desse mesmo parâmetro prosódico. Nota-se, por meio da Figura 45, que a outra I que pertence ao enunciado – [responderam com uma voz estranha] I ] U – é segmentada de forma convencional. Esse último fato sinaliza que o escrevente circula também por parâmetros esperados pelas

convenções para a segmentação gráfica, parâmetros que se afastam de questões prosódicas, como curvas entoacionais e pausas, por exemplo.

A segunda hipossegmentação mencionada na Tabela 12 tem a sua emergência relacionada a atuação de limites de I e é composta por estruturas que apresentam dependência semântica: “tá bom”. Essas ocorrências foram encontradas exclusivamente no DD, sendo contabilizadas 15 (23,1%) ocorrências, das 65 que se associavam a limites de I. A emergência desses dados estava relacionada a uma proposta de produção textual em específico: “A história do Chapeuzinho Vermelho”, produzida na segunda série. Nesta produção textual, os escreventes utilizaram a expressão “tá bom” na resposta da personagem Chapeuzinho a sua mãe, no início da narrativa, quando solicita que a filha leve doces para a vovó, conforme pode ser observado no exemplo a seguir:

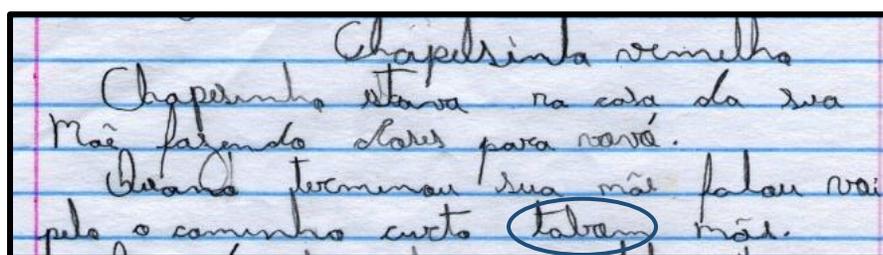


Figura 47: Hipo no DD que se associa a I: “tá bom”<sup>79</sup>

**Análise Prosódica:** [ [Quando terminou] I [sua mãe falou] U [ [Vai pelo o caminho curto] I ] U [ [Tabom] I [mãe] I ] U

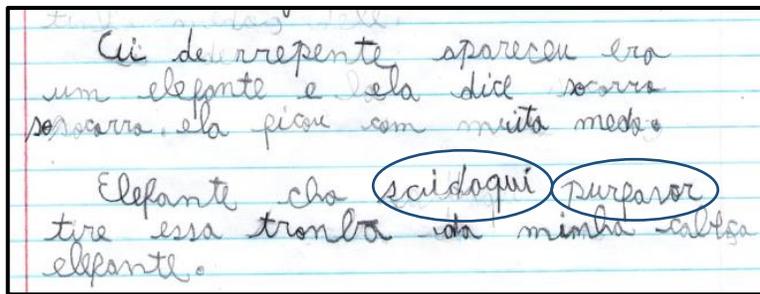
Na Figura 47, observa-se que a hipossegmentação destacada possivelmente foi motivada pela atuação das fronteiras de I, pois, a partir da atribuição de leitura, pode-se considerar que a estrutura “Tá bom” possui um único contorno entoacional. O outro contorno entoacional do U fica a cargo do vocativo “mãe”, que, por princípio, caracteriza-se por ser associado a limites de I.

Em relação às características da estrutura “Tá bom”, destacam-se seus aspectos morfológicos, mas, principalmente, seus aspectos como estrutura que apresenta dependência semântica. A estrutura é morfológicamente formada pela junção do verbo “estar”, em sua forma reduzida “Tá”, unido ao adjetivo “bom”. Entretanto, mais do que discutir o estatuto dessas estruturas que compõem essa ocorrência separadamente, vale compreender que, no PB, elas recebem um estatuto de estrutura única. A estrutura “Tá

<sup>79</sup> **Leitura preferencial:** Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Vermelho estava na casa da sua mãe fazendo doces para vovó. Quando terminou sua mãe falou: “Vai pelo caminho curto!” “Tá bom, mãe”.

bom” equivale a uma resposta curta que aponta concordância, substituível, em práticas sociais menos formais, por exemplo, por termos como “ok” ou, simplesmente, apenas pelo uso do verbo “tá”. A hipossegmentação de “Tá bom”, portanto, é motivada pela curva melódica que a expressão adquire, mas, também, pela atuação desse valor semântico. Abaurre e Silva (1993), conforme citado, observaram, tanto na fala quanto na escrita, que as crianças tinham dificuldade para reconhecerem como mais de uma palavra elementos que, no mundo, fariam referência a um único objeto. Na escrita, elas tenderiam a hipossegmentar essas estruturas. Conforme exemplificado, produziriam dados como: “pedefegão” (pé de feijão), “cachorroquente” (cachorro-quente), “eufui” (eu fui). A expressão “Tá bom” não corresponde propriamente a um “único objeto no mundo”, entretanto, é na correlação entre “tá” e “bom” que ela adquire um único sentido. O aspecto semântico seria mais um fator que favoreceria o surgimento de hipossegmentações quando as crianças se propõem a registrar a expressão “Tá bom”. Pelos aspectos explorados, pode-se postular que a hipossegmentação de “Tá bom” sinaliza a circulação do escrevente pelo primeiro eixo proposto por Corrêa (1997, 2004), o eixo que faz da representação da gênese da escrita. Assim como na hipossegmentação de “De repente”, o escrevente, ao unir “tá” e “bom”, guia-se por um critério prosódico: os limites entoacionais de uma I. Ao fazer isso, mais uma vez, ele realiza uma possível busca pela representação, por meio de marcas gráficas, de características da dimensão sonora da linguagem.

A terceira subcategoria de dados agrupa registros hipossegmentados que apresentam dependência semântica, mas que não dizem respeito a uma expressão em específico. No DD, das 65 hipossegmentações determinadas pela atuação dos limites de I, 18 (27,6%) apresentavam essa característica. Em OC, por sua vez, foram contabilizados 19 dados que corresponderam a 18,6%, diante dos 102 que foram associados a limites de I. Na sequência, são apresentados exemplos dessas ocorrências:



**Figura 48:** Hipo no DD que se associa a I: “dependência semântica: diversos”<sup>80</sup>

**Análise prosódica:** [ [Elefante] I [cho] I ] U [ [Sai daqui] I [por favor] I ] U

[Tire essa tromba da minha cabeça elefante] U

A Figura 48 pertence a uma produção textual elaborada a partir do tema “História em quadrinhos: o elefante e a bruxa”. Na figura, as duas hipossegmentações destacadas relacionam-se à possível atuação das fronteiras de I, pois, em cada uma delas, a partir da atribuição de leitura proposta, pôde-se observar uma curva entoacional distinta. As duas ocorrências fazem parte de um mesmo U.

Para explicar as motivações dessas ocorrências, é necessário recuperar a discussão acerca de expressões que apresentam dependência semântica. Os dois dados podem ser assim considerados, pois, conforme já explicitado, caracterizam-se por serem formadas por dois ou mais elementos que adquirem determinado sentido apenas quando observados juntos. A expressão “sai daqui”, uma das ocorrências, adquire a função de expulsar alguém, apenas quando é enunciada unida. Nesse uso, ela poderia ser substituída por expressões como “vá embora” ou em gírias por “vaza”. A expressão “por favor”, por sua vez, só ganha sentidos de uma expressão de cortesia quando seus elementos aparecem juntos. Por esse motivo, ambas as hipossegmentações podem ser consideradas como constituídas por estruturas que apresentam dependência semântica. Conforme já explorado, essa dependência semântica também poderia motivar a junção, já que, para os escreventes, seria difícil atribuir o estatuto de palavra a duas palavras que representariam um único objeto no mundo (ABAURRE; SILVA, 1993).

Considerando os eixos propostos por Corrêa (1997, 2004), a partir uma concepção de escrita heterogênea, pode-se considerar que essas hipossegmentações permitem recuperar o trânsito do escrevente, majoritariamente, pelo primeiro eixo “da gênese da

<sup>80</sup> **Leitura preferencial:** Ai, de repente, apareceu! Era um elefante e ela disse: “Socorro, socorro!” Ela ficou com muito medo. “Elefante, xô! Sai daqui, por favor! Tire essa tromba da minha cabeça, elefante”.

escrita”. Ao segmentar o enunciado guiando-se pela organização de curvas entoacionais e por pausas, é possível recuperar que “o escrevente confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e fidelidade representacional” (CORRÊA, 2004, p. 82), pois a expressividade marcada por meio de pausas e de curvas entoacionais – sempre dependentes da atribuição de leitura ao enunciado – constitui-se de aspectos dos modos de enunciação falados, traços que o escrevente busca recuperar na escrita. Ao mesmo tempo, pode-se inferir que o escrevente circula pelo eixo da escrita institucionalizada, pois, no enunciado seguinte [ [Tire essa tromba da minha cabeça] I [elefante] I ] U, o escrevente não hipossegmenta toda a estrutura correspondente a primeira I, possivelmente por reconhecer a imagem gráfica das palavras que a compõem.

Em OC, também foram contabilizadas ocorrências que pertenciam a subdivisão classificada como “registros diversos”:

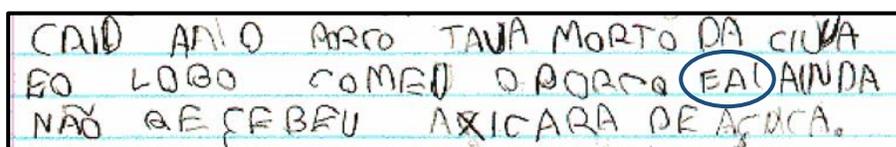


Figura 49: Hipo em OC que se associa a I: “dependência semântica: diversos”<sup>81</sup>

**Análise prosódica:** [ [Eai] I [ainda não recebeu a xícara de açúcar] I ] U

A Figura 49 pertence ao trecho de uma produção textual elaborada a partir da proposta “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. No registro hipossegmentado, o escrevente une “e” e “ai”. “Ai” é um marcador conversacional que, no texto infantil, funciona, também, como elemento responsável pelo agenciamento de informações e introdução de novos fatos. Estruturas como essa e outras (como “daí”, por exemplo), advêm, principalmente, de práticas sociais orais e são utilizadas, em grande medida, em narrativas. Esse marcador é unido à conjunção “e”, prosodicamente, um monossílabo inacentuado. No corpus investigado, na categoria “diversos”, na instância enunciativa OC, esses foram os dados mais recorrentes: dos 19 que pertenciam a esse grupo, 10 envolviam “daí” e “ai”. A emergência frequente de hipossegmentações envolvendo a junção de “e” e de “daí” ou “ai” pode ser explicada pela grande quantidade de

<sup>81</sup> **Leitura preferencial:** Ai, o porco tava morto da silva e o lobo comeu o porco. E ai, ainda não recebeu a xícara de açúcar.

produções textuais narrativas que compõem o corpus investigado. Além disso, devem ser consideradas, também, questões gráficas (pouca quantidade de letras) e prosódicas (o fato de “e” ser uma estrutura átona) como fatores que mobilizariam o aparecimento dessas hipossegmentações.

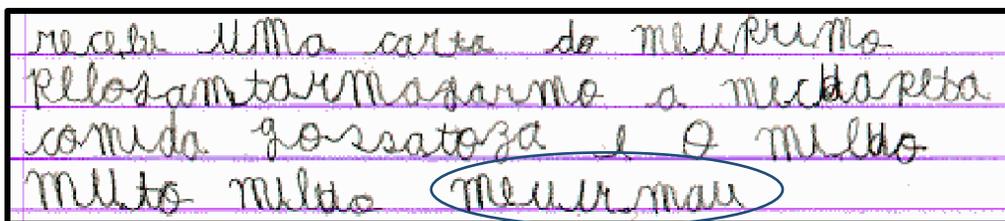
A partir de uma concepção de escrita heterogênea (CORRÊA, 1997, 2004), pode-se considerar que essas hipossegmentações permitem recuperar o trânsito do escrevente pelo eixo da gênese da escrita, uma vez que o escrevente parece guiar-se por aspectos prosódicos para segmentar seus enunciados. Ao mesmo tempo, também é possível que se considere a circulação do escrevente pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada, já que há, também, segmentações convencionais dessas estruturas. Na sequência, passa-se a segunda categoria investigada a partir da Tabela 12.

### **Estruturas que são consideradas Is por princípio**

Nessa categoria, agrupam-se estruturas consideradas, a partir da proposta de Nespor e Vogel (1986), como Is por princípio. Trata-se de estruturas externas à sentença raiz que formam domínios entonacionais por si mesmas.

Como exemplo desses casos especiais, temos expressões parentéticas, orações relativas explicativas, perguntas fáticas ou de confirmação, vocativos, expressões que funcionam como interjeição [enumerações] e certos elementos móveis. Observa-se que todas essas construções são externas à sentença raiz [oração principal] à qual elas se associam (GELAMO, 2006, p. 31).

Foram contabilizados, nessa categoria, no DD, 10 (15,3%) dados que apresentavam essa característica, diante dos 65 que tinham a sua emergência relacionada a limites de I. Em OC, por sua vez, foram contabilizados 6 dados (5,9%), diante dos 102 que se associavam a limites de I. Na sequência, apresentam-se exemplos dessas ocorrências:



**Figura 50:** Hipo no DD que se associa a I: “vocativos”<sup>82</sup>

**Análise prosódica:** [recebi uma carta do meu primo pelosantarmasarmo a mecupeta comida gossatoza e o milho] U [ [muito milho] I [meuirmau] I ] U

A Figura 50 refere-se a um trecho de uma produção textual elaborada a partir do tema “O rato do Campo e o Rato da Cidade”. A partir da análise prosódica realizada – que considerou a leitura preferencial e as instâncias enunciativas investigadas – é possível verificar que a hipossegmentação “meuirmau” (meu irmão) foi, possivelmente, motivada pela atuação das fronteiras de I. Trata-se de um vocativo, estrutura que constitui sozinha uma curva entoacional. A estrutura “muito milho”, que a acompanha, é resultante da atuação das fronteiras de I e as duas estruturas constituem um U.

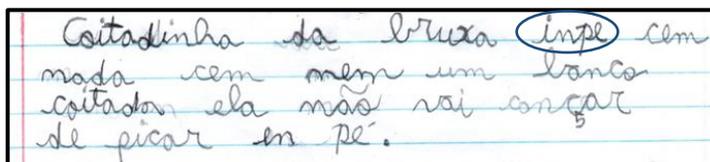
Além da clara atuação dos limites prosódicos de I, outro fator que deve ser levado em conta para explicar a emergência dessa hipo é o seu caráter de “estrutura que apresenta dependência semântica”. Conforme mencionado em outros momentos, Abaurre e Silva (1993) chamam a atenção para o fato de existir uma dificuldade para o escrevente em atribuir autonomia gráfica a estruturas que representam um único “ser” no mundo, como é o caso, por exemplo, de “meuirmau” (meu irmão).

Uma ocorrência de hipossegmentação como essa, novamente, permite recuperar o trânsito dos escreventes tanto pelo eixo da gênese da escrita (majoritariamente), quanto pelo eixo da escrita institucionalizada (CORRÊA, 1997, 2004). Em relação ao primeiro eixo, conforme já explicitado, ao segmentar seu enunciado respeitando limites de I, – que se caracteriza por ter seus limites relacionados à curva entoacional – o escrevente atribui a escrita um poder ilimitado de representação (CORRÊA, 1997, 2004), isto é, a curva entoacional que segmenta os enunciados nos modos de enunciação oral, torna-se uma espécie de parâmetro para o escrevente segmentar seus enunciados escritos. Em relação ao segundo eixo, por sua vez, observa-se que o escrevente segmenta convencionalmente a

<sup>82</sup> **Leitura preferencial:** “Recebi uma carta do meu primo para jantarmos ameixa preta, comida gostosa e o milho: “muito milho, meu irmão”.

frase entoacional que acompanha o vocativo. Ao fazer isso, pode-se inferir que o escrevente oscila pelo critério que deve utilizar para segmentar seus enunciados, assim, deixa ver que circula, ao mesmo tempo, pelos dois eixos.

Na instância enunciativa OC, também foram contabilizados dados que se associavam a limites de I e se caracterizavam por serem Is por princípio, conforme pode ser observado no exemplo a seguir:



**Figura 51:** Hipo em OC que se associa a I: “enumeração”<sup>83</sup>

**Análise prosódica:** [ [Coitadinha da bruxa] U [ [Inpe] I [cem nada] I [cem nem um banco] I ] U

A Figura 51 faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “O elefante e a bruxa: história em quadrinhos”. O registro hipossegmentado resulta da atuação das fronteiras de I. Trata-se de uma enumeração de fatos, fatos esses que, na narrativa, têm a função de caracterizar os motivos pelos quais a personagem bruxa pode ser chamada de coitadinha (“coitadinha da bruxa”): por ela estar “inpe”, “sem nada” e “sem nem um banco”. Cada um dos itens dessa enumeração constitui sozinho uma curva entoacional e essa curva que parece ter sido o parâmetro do escrevente para segmentar a estrutura “inpe”.

A partir dessas observações, pode-se afirmar que hipossegmentações como essa, que são consideradas Is por princípio, já que são externas a sentença raiz (oração principal) (NESPOR; VOGEL, 1986), deixam ver a circulação do escrevente pelo chamado eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004). Novamente, nessa situação, o escrevente guia-se por um aspecto prosódico – a curva entoacional do trecho – e segmenta graficamente a partir desse “critério” prosódico, atribuindo uma suposta capacidade da fala de representar termo a termo a escrita (CORRÊA, 2001, p. 153). Concomitantemente, dados como esse também deixam ver a circulação do escrevente pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada. O escrevente, ao segmentar os outros elementos que pertencem ao U ([cem nada] I [cem nem um banco] I ] U), faz isso convencionalmente, permitindo que se

<sup>83</sup> **Leitura preferencial:** Coitadinha da bruxa: em pé, sem nada, sem nenhum banco. Coitada, ela não vai cansar de ficar em pé?

postule que ele reconhece, na escrita, não só os parâmetros fonológicos que determinam a segmentação de palavras. Esse parâmetro parece predominar na hipossegmentação, pois ela, além de dotada, a partir da leitura atribuída, de uma única curva entoacional, caracteriza-se por ser formada pela junção de um clítico e uma palavra de conteúdo, estruturas que, conforme já amplamente debatido, são frequentemente unidas pelas crianças.

### Is na organização prosódica da canção

A terceira categoria de hipossegmentações determinadas pela atuação dos limites de I e que foi apresentada na Tabela 12 agrupa hipossegmentações que se caracterizam por pertencerem a uma produção textual em que os escreventes registraram canções. A proposta intitula-se “música preferida”. Esses dados foram categorizados separadamente, pois apresentam um caráter distinto, já, que, em grande medida, resultam de uma tentativa do escrevente de representar características prosódicas que observa na canção, por exemplo, a distribuição de pausas (Cf. CHACON, 2013; SILVA, 2005).

Essa categoria foi observada majoritariamente em OC. Dos 102 dados motivados pela atuação de limites de I, 27 (26,5%) tinha essa característica. No DD, em contrapartida, apenas uma ocorrência foi contabilizada (1,6%), diante das 65 que se associaram a limites de I. Esse resultado pode ser explicado, pois, ao registrarem por escrito a canção, considerou-se que os escreventes utilizavam a instância enunciativa OC, devido ao fato de, apesar de estarem reproduzindo “a fala cantada” (a canção), era como se estivessem produzindo enunciados, como se as palavras fossem próprias. Foram considerados trechos de DD apenas aqueles momentos em que havia, dentro da canção, alguma possibilidade de fala relatada por meio dessa instância enunciativa. Na sequência, apresentam-se exemplos dessas ocorrências nas duas instâncias enunciativas:

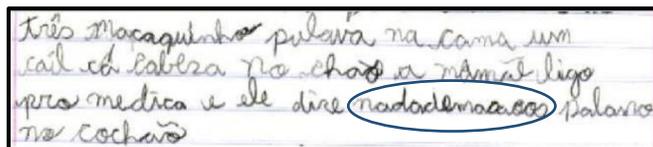


Figura 52: Hipo no DD que se associa a I: “canção”<sup>84</sup>

<sup>84</sup> **Leitura preferencial:** Três macaquinhos pulavam na cama, um caiu com a cabeça no chão. A mamãe ligou pro médico e ele disse: “Nada de macacos pulando no colchão!”

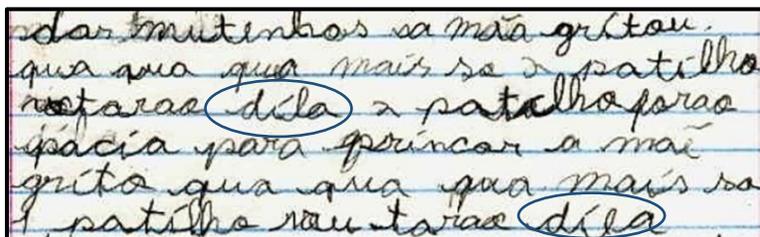
**Análise prosódica:** [A mamãe ligo pro médico e ele disse] U [ [Nadademacacos] I [pulano no colchão] I ] U

A única hipossegmentação que foi contabilizada nesta categoria e que pertencia ao DD é aquela que está destacada na Figura 52. Nessa ocorrência, o escrevente une as estruturas “nada”, “de” e “macacos”, trecho que, na canção, constitui uma única I. É possível considerar a ocorrência como pertencente ao DD devido à atribuição de leitura realizada, bem como, pelas marcas prototípicas da presença do DD, nesse caso, exclusivamente, a presença do verbo *dicendi* “dice” (disse). Assim, todo o trecho que vem na sequência pertence a um U. Destaca-se que, caso a estrutura “nada de macacos” não estivesse localizada na canção, dificilmente suas fronteiras associariam-se a limites de I. O mais esperado seria que todo o U ([Nadademacaco pulano no colchão] U) fosse constituído, também, por uma única I.

Conforme citado, hipossegmentações como as da Figura 52 resultam do fato dos escreventes guiarem-se, em grande medida, por padrões rítmicos e melódicos das canções que procuram registrar. Esse fato já havia sido observado por Silva (2005):

A análise dos dados demonstra que algumas crianças foram sensíveis às unidades rítmico-entoacionais das frases musicais e que estas influenciaram algumas das propostas de segmentação, sem, contudo, padronizá-las em uma forma única, como inicialmente previsto. Esse fato confirma que os “movimentos” e os “contornos” prosódicos podem delimitar determinadas porções fônicas para fins de escrita (SILVA, 2005, p. 243).

É justamente em OC que esse processo foi observado com mais frequência. Na sequência, apresenta-se um exemplo:



**Figura 53:** Hipo em OC que se associa a I: “canção”<sup>85</sup>

<sup>85</sup> **Leitura preferencial:** A mamãe gritou: “Qua, qua, qua!” Mas só dois patinhos voltaram de lá. Dois patinhos foram passear, além das montanhas para brincar. A mãe gritou: “Qua, qua, qua.” Mas só um patinho voltou de lá.

**Análise prosódica:** [A mãe mãe grito] U [Qua qua qua qua] U [ [Mais só dois patinho] I [vortarom] I [dela] I ] U  
 [A mãe mãe grito] U [Qua qua qua qua] U [ [Mais so um patinho] I [votaran] I [dela] I ] U

Na figura 53, ao escrever a canção “cinco patinhos”, o escrevente hipossegmenta, por duas vezes, as estruturas: “de” e “lá”. Pela forma como é cantada a música, essas estruturas constituiriam sozinhas limites de I, conforme explorado por Chacon (2013). Ocorrências como essa permitem ver, majoritariamente, a circulação dos escreventes pelo eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004), uma vez que, os escreventes segmentam seus enunciados a partir de traços melódicos. Ao mesmo tempo, considera-se a circulação dos escreventes pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada (CORRÊA, 1997, 2004), pois os momentos em que o escrevente segmenta seus enunciados a partir de aspectos melódicos ficam restritos a trechos específicos, por exemplo, momentos em que a junção envolve um clítico, como na estrutura “de lá”. Esse fato sinaliza o reconhecimento do escrevente de fatores que correspondem à segmentação da escrita convencional. Essas afirmações não estão relacionadas a uma instância enunciativa em específico. Tanto no DD, quanto em OC, observou-se movimento semelhante.

Na sequência, passa-se a explorar a última categoria que envolve os dados que têm sua emergência relacionada a limites de I.

### **Is provocadas por diferentes fatores**

A última categoria apresentada na Tabela 12 refere-se a dados que têm a sua emergência relacionada às fronteiras de I, mas que apresentavam um caráter mais híbrido, não tendo sido agrupados em nenhuma das categorias supracitadas, isto é, são hipossegmentações que, a partir da leitura atribuída, puderam ser consideradas como constituídas por uma única curva entoacional, mas que tinham funcionamentos, por vezes, muito particulares. Nessa categoria, foram contabilizadas 21 (32,4%) ocorrências na instância enunciativa DD e 25 na instância enunciativa OC (24,5%).

A observação dos dados permitiu ver uma única regularidade: alguns dados, apenas da instância enunciativa do DD, emergiam a partir das fronteiras de uma I pertencente a um U, formado por duas Is, uma das quais, a não hipossegmentada, era sempre um vocativo.

Foram contabilizados, no DD, seis dados que apresentavam essa característica. Como exemplo, pode-se citar:

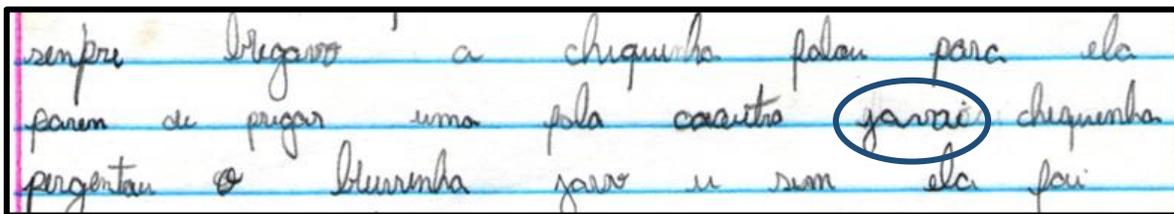


Figura 54: Hipo no DD que se associa a I: “diferentes fatores – trecho que acompanha o vocativo”<sup>86</sup>

Análise prosódica: [ [Javai] I [Chiquinha] I ] U [Perguntou o burrinho] U

A Figura 54 pertence a uma produção textual elaborada a partir do tema “Palestra sobre voz”. Conforme descrito, a hipossegmentação destacada, formada pela junção de “já” e “vai”, relaciona-se à atuação dos limites de uma I e caracteriza-se por acompanhar o vocativo “Chiquinha” que, sozinho, também forma uma I. Estruturas como essa não foram observadas nos dados contabilizados nos momentos em OC, pois não foram encontrados dados que envolviam vocativos nessa instância enunciativa. Esse fato pode ser explicado, pois, nos enunciados que compõem o corpus, as estruturas compostas por vocativos ficaram restritas a momentos nas narrativas em que algum personagem se dirigia a outro, trechos que foram relatados por meio do DD.

Em OC, uma regularidade refere-se aos registros hipossegmentados que se caracterizaram por serem sintagmas introdutores de trechos de DD. Para exemplificar, apresenta-se a estrutura a seguir:

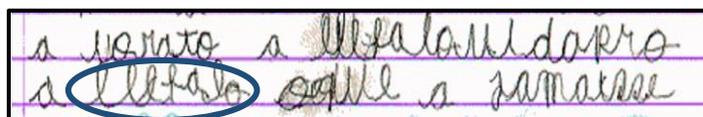


Figura 55: Hipo em OC que se associa a I: “diferentes fatores – introdutor de DD”<sup>87</sup>

Análise prosódica: [ [A] I [elefalo] I ] U [O que jamais] U

<sup>86</sup> **Leitura preferencial:** ...sempre brigavam. A Chiquinha falou para ela: “parem de brigar, uma fala com a outra!” “Já vai, Chiquinha?” Perguntou o burrinho. “Já vou, sim.” Ela foi.

<sup>87</sup> **Leitura preferencial:** Ai, o rato. Ai, ele falou: “E da pro...” Ai, ele falou: “O que?! Ah, jamais”.

A Figura 55 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir da proposta “O rato do campo e o rato da cidade”. Conforme explicitado, a hipossegmentação destacada, formada pela junção das estruturas “ele” e “falo”, tem sua emergência relacionada à atuação de limites de I e se caracteriza por introduzir uma fala em DD. A partir da leitura atribuída, pode-se inferir que o registro hipossegmentado constitui sozinho um domínio prosódico, pois se trata de um enunciado com outra estrutura “A” (Ai), que também pode ser associado a um único domínio prosódico. O fato de estruturas como essas estarem restritas aos trechos em OC justifica-se, pois são estruturas que introduzem o DD.

O restante dos dados contabilizados, 15 no DD e 24 em OC, caracterizaram-se por serem híbridos, não apresentando características mais específicas que permitissem agrupá-los. Por meio desses dados, foi possível observar que, independente da instância enunciativa, tratava-se de estruturas que adquiriram um contorno entoacional especificamente na enunciação, conforme pode ser verificado nos exemplos a seguir:

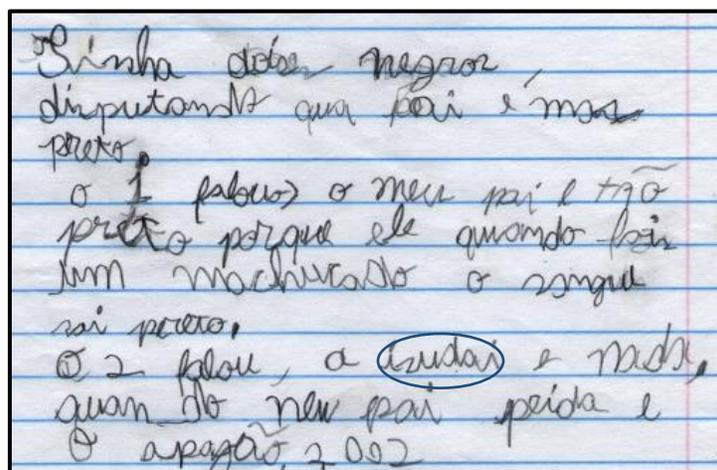


Figura 56: Hipo no DD que se associa a I: “diferentes fatores”<sup>88</sup>

**Análise prosódica:** [ [A] I [isudai] I [e nada] I ] U [Quando meu pai peida e o apagão 2002] U

A Figura 56 pertence a uma produção textual elaborada a partir da proposta “piada”. A hipossegmentação destacada é formada pela junção das estruturas “isso” e “daí”, e, conforme mencionado, tem sua motivação relacionada à intuição das fronteiras prosódicas de I. É possível considerar essa análise a partir da atribuição de leitura proposta à produção

<sup>88</sup> **Leitura preferencial:** Tinha dois negros disputando qual pai é mais preto. O 1 falou: “O meu pai é tão preto, porque, ele, quando faz um machucado, o sangue sai preto. O dois falou: “Ah, isso daí?! É nada... Quando meu pai peida, é o apagão 2002.”

textual, em que a estrutura “isudai” (isso daí) adquire um contorno entoacional específico. Esse fato pode ser considerado, uma vez que as outras estruturas do U, [A] I [e nada] I, constituem sozinhas outros contornos entoacionais, por isso, constituem outras Is. Além disso, especificamente, a estrutura “isudai” adquire um contorno entoacional bem marcado, relacionado ao encadeamento das informações da narrativa. Trata-se de um item que retoma o que foi dito anteriormente, introduzindo, também, uma avaliação de certo desdém ao fato de o outro pai (do personagem 1) ser “tão preto que porque ele quando fais um machucado o sangue sai preto”. Na avaliação do personagem 2, “ter sangue preto” seria algo pouco significativo diante do fato de que, quando o pai dele “peida, é o apagão 2002”. É a partir de toda a carga semântica dessa produção, que a expressão “Isso daí” adquire contornos prosódicos tão marcados.

Os outros dados contabilizados no DD também apresentavam essa característica, na sequência, apresenta-se um exemplo dessa ocorrência na instância enunciativa OC:

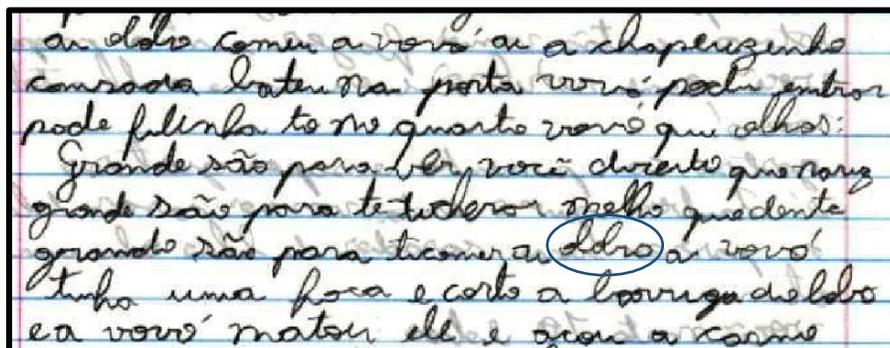


Figura 57: Hipo em OC que se associa a I: “diferentes fatores”<sup>89</sup>

**Análise prosódica:** [ [Ai] I [olobo] I ] U [A vovó tinha uma faca e cortou a barriga do lobo] U

A Figura 57 pertence a uma produção textual elaborada a partir do tema “A história do Chapeuzinho Vermelho”. Conforme já discutido, a hipossegmentação, formada pela junção de “o” e “lobo” é resultado da atuação das fronteiras de I. É possível considerar essa análise a partir da atribuição de leitura proposta à produção textual, em que a estrutura “olobo” adquire um contorno entoacional específico. Esse fato pode ser considerado, pois a

<sup>89</sup> **Leitura preferencial:** Ai, o lobo comeu a vovó. Ai, a chapeuzinho cansada bateu na porta: “Vovó, pode entrar?” “Pode, filhinha, tô no quarto!” “Vovó, que olhos grandes...” “São para ver você direito...” “Que nariz grande...” “São para te cheirar melhor...” “Que dente grande...” “São para te comer...” Ai, o lobo... A vovó tinha uma faca e cortou a barriga do lobo. E a vovó matou ele e assou a carne.

outra estrutura do U, [Ai] I, constitui sozinha outro contorno entoacional, por isso, associa-se a outra I. Além disso, especificamente, a estrutura “olobo” adquire um contorno entoacional bem marcado, devido ao seu funcionamento na própria produção textual. Na narrativa, o escrevente, ao introduzir uma nova informação na produção textual, utiliza, para isso, a estrutura prototípica “ai”, na sequência, viria algo como “o lobo fez determinada coisa”. Toda essa estrutura formaria, possivelmente, um outro contorno entoacional. Entretanto, o escrevente altera o direcionamento da descrição de ações e passa a narrar as ações da personagem vovó: “A vovó tinha uma faca e cortou a barriga do lobo. E a vovó matou ele e assou a carne”, fato que leva a estrutura “o lobo” a constituir um outro contorno entoacional único, e a estrutura seguinte “a vovó...” a associar-se a um novo enunciado. A mudança de direcionamento pode ser explicada pelo próprio encadeamento das ações da narrativa. Antes dessa mudança, a narrativa centrava-se no momento em que o lobo estava vestido de vovó, momento em que, inclusive, é tratado como vovó pela personagem chapeuzinho: “Vovó, que olhos grandes...”. Assim, possivelmente, para manter essa lógica no encadeamento de ações, o escrevente possa ter retornado para a personagem vovó, que, nesse momento da narrativa, refere-se, de fato, à personagem e não ao lobo disfarçado como tal. Pela carga semântica que corrobora a prosódica, pode-se postular que a estrutura adquire uma curva entoacional bem marcada. Novamente, é a atribuição de leitura à produção textual que sustenta a análise, e, principalmente, que sustenta a atribuição de uma curva entoacional bem marcada ao registro hipossegmentado “olobo”.

Os outros dados contabilizados nesta categoria, tanto no DD quanto em OC, apesar de serem híbridos, relacionam-se aos aspectos explorados a partir das Figuras 56 e 57: todos estão diretamente relacionados à produção textual e aos aspectos semânticos ligados ao encadeamento das informações de cada produção textual.

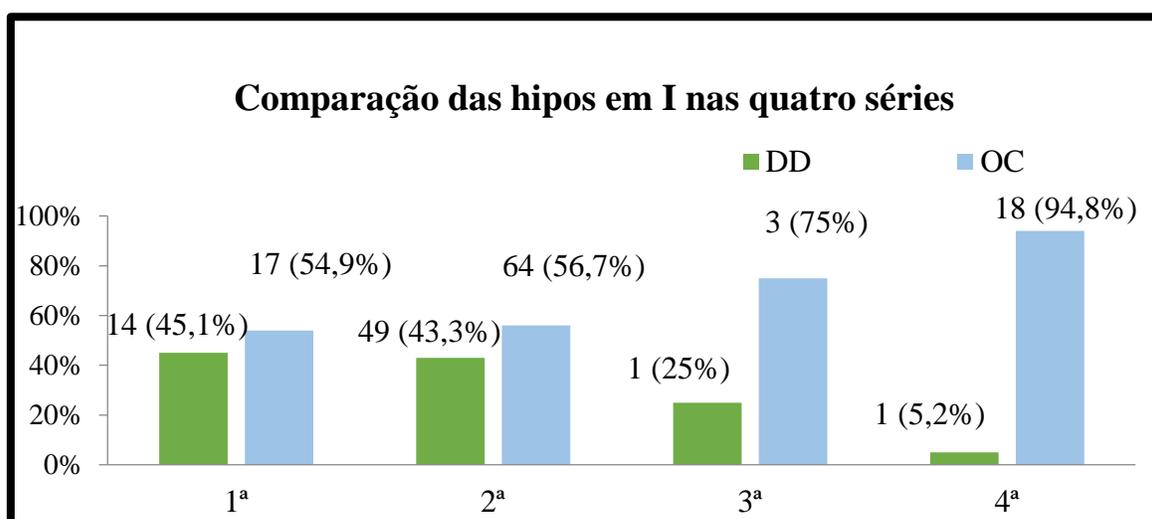
Os dados reunidos nessa categoria mostram que o fator determinante para a emergência das hipos não é exclusivamente a instância enunciativa em que elas ocorrem, mas sim, questões semânticas da produção textual, que se relacionam diretamente às curvas entoacionais que os trechos podem adquirir na leitura que se faz deles. Todos os dados explorados nessa categoria permitem, mais uma vez, que se recuperem pistas da circulação do escrevente pela representação que faz do eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004), uma vez que, novamente, o escrevente, ao segmentar os enunciados, faz isso a partir de traços prosódicos marcados. Entretanto circula, também, pelo eixo da representação que

faz da escrita institucionalizada (CORRÊA, 1997, 2004), já que, ao mesmo tempo, guia-se por critérios esperados pelas convenções para segmentar a sua escrita.

\*\*

Após a investigação dos dados que tinham sua emergência ligada à atuação dos limites de I, pôde-se verificar que, em geral, não havia relação entre a instância enunciativa e esses dados. Embora o DD possa ser considerado a instância enunciativa mais expressiva, em OC foi contabilizada uma quantidade maior de dados associados a limites de I, fato que permite postular que a expressividade está presente, também nessa instância enunciativa – e nela, se marca por meio de estruturas como “de repente”. Destaca-se que, para a delimitação dos registros hipossegmentados, estava em jogo a atuação de curvas entoacionais relacionadas à expressividade dos enunciados, fator determinante para as ocorrências de hipo tanto no DD quanto em OC.

Na sequência, para cumprir com o objetivo de investigar essas questões considerando as séries analisadas, apresenta-se a comparação entre os dados que se associam a limites de I ao longo das quatro séries:



**Gráfico 12:** Comparação das hipos em I nas quatro séries

Por meio do Gráfico 12, em primeiro lugar, pôde-se observar que, em todas as séries analisadas, havia maior quantidade de dados na instância enunciativa OC. Na primeira, foram contabilizadas, no DD, 14 ocorrências (45,1%) e, em OC, 17 (54,9%). Na segunda, diante das 113 hipos que tinham sua emergência relacionada aos limites de I, 49

(43,3%) localizavam-se no DD. Já em OC, 64 (56,7%). Na terceira, a quantidade de hipos associadas às fronteiras de I diminuiu, entretanto, ainda havia maior quantidade em OC: no DD, 1 (25%) e em OC, 3 (75%). Na quarta, por fim, no DD, também foi contabilizada apenas uma ocorrência (5,2%), já em OC, 18 (94,8%). Esse resultado corrobora com os resultados gerais obtidos a partir do Gráficos 9, em que foram investigadas as hipossegmentações resultantes da atuação de limites prosódicos sem a consideração das séries. A partir dessa avaliação, foram contabilizadas no DD 65 ocorrências (22,2%) e em OC, 102 (23,9%).

Esses resultados contradizem a suposição de que as hipossegmentações associadas a limites de I seriam observadas em maior quantidade na instância enunciativa do DD, pois seria a instância em que haveria maior expressividade e, por isso, os escreventes tenderiam a segmentar os enunciados que pertencessem a ela a partir de “critérios” prosódicos. No entanto, observa-se que essa expressividade não é um fato exclusivo do DD, ela é notada, também, em OC, no corpus, relacionada, principalmente, à estrutura “de repente”, expressão responsável por introduzir o conflito da narrativa alterando sua tranquilidade inicial.

O segundo resultado, a partir do Gráfico 12, que pode ser destacado, vincula-se à diferença observada nos dados da primeira e segunda série quando colocados frente aos dados da terceira e quarta, em relação à quantidade de hipos motivadas pela atuação das fronteiras de I. Nas duas primeiras séries, havia uma maior quantidade de dados tanto no DD quanto em OC. Somando-se as hipossegmentações, seriam contabilizadas no primeiro “ciclo”, no DD, 63 ocorrências, em OC, por sua vez, 81. No segundo ciclo, duas, no DD e 21, em OC.

Conforme já mencionado, esse resultado poderia ser explicado, pois, possivelmente, nas séries finais, os escreventes produziram hipossegmentações que envolveriam, em sua maioria, a junção de clíticos e palavras de conteúdo, dados motivados, em grande medida, pela atuação de limites de C e  $\Phi$ . Nesse período, os escreventes já estariam mais influenciados por parâmetros gráficos de segmentação. Na primeira e segunda série, por sua vez, possivelmente pelos escreventes terem menos contato com a escrita institucionalizada, é provável que possam vir a emergir em seus textos, critérios mais voltados a parâmetros prosódicos. Consequentemente, é também provável que os

escreventes segmentem seus enunciados em função da atuação de constituintes prosódicos, sobretudo os mais altos.

Ademais, chama a atenção a alta quantidade de hipossegmentações associadas a I localizadas em OC na quarta série (18 – 94,8%), superando, inclusive, a quantidade de dados contabilizada na terceira (3 – 75%). Esse resultado pode ser explicado, mais uma vez, devido ao uso da ocorrência “de repente”, estrutura que se caracteriza por ter sua emergência relacionada a uma conjunção de fatores que incluem o respeito aos limites de I. Diante das 18 ocorrências da quarta série, 15 relacionavam-se a essa expressão. Justifica-se o fato de haver mais ocorrências nessa série, pois havia sete propostas de caráter narrativo, em que os escreventes, para introduzir o conflito, utilizaram a expressão “de repente”. Além disso, pode-se notar, também, que, nas produções textuais pertencentes à quarta série, os escreventes conseguiam construir narrativas apresentando seus elementos principais: introdução, conflito e desfecho, organizados de forma profícua. No processo de introdução do conflito utilizavam, em grande medida, “de repente” e, assim, hipossegmentavam essa estrutura. Na terceira série, havia apenas duas propostas de caráter narrativo, além do fato de que parte dos escreventes não organizava suas narrativas a partir da estrutura mais prototípica.

Por fim, diante dos dados observados, pode-se afirmar que, em algumas hipo que respeitam as fronteiras fonológicas de Is, parece ser relevante a consideração das instâncias enunciativas. No entanto, para uma quantidade significativa dos dados, mais do que a instância enunciativa, são as próprias características da I que permitem a emergência de hipo tanto em OC quanto no DD. A expressividade necessária para a delimitação dos contornos prosódicos que se associam às fronteiras de I puderam ser observadas em dados das duas instâncias enunciativas e, assim, em ambas foram contabilizados dados que derivavam desses limites.

Na sequência, passa-se a investigação das hipossegmentações que tinham sua emergência vinculada à atuação de limites do constituinte U.

#### 4.3.1.5 As hipo em U

O enunciado fonológico é o constituinte mais alto da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986), seus limites são definidos, principalmente, a partir da consideração do fim

de um limite sintático, paralelo ao fim de um limite, também, prosódico. Na proposta das autoras, esse constituinte pode ser reestruturado a partir de algumas de regras:

duas condições pragmáticas – (i) as duas sentenças devem ser pronunciadas pela mesma pessoa; e, (ii) devem ser dirigidas ao mesmo interlocutor – e a duas condições fonológicas – (i) as duas sentenças devem ser relativamente curtas; e, não pode haver pausa entre elas (GELAMO, 2006, p. 29).

Conforme apresentado nos Gráficos 9 e 10, foram contabilizados, no DD, 41 (13,9%) hipossegmentações motivadas pela atuação de limites de U, das 294 resultantes da atuação de constituintes prosódicos. Em OC, por sua vez, foram contabilizadas 12 ocorrências (2,7%), das 429 que se associavam a limites prosódicos. Esses dados estão reunidos em categorias na tabela a seguir:

<b>Categorias das hipos que se associam a limites de U</b>			
<b>CATEGORIAS</b>	<b>EXEMPLO</b>	<b>DD</b>	<b>OC</b>
<b>(1) Us formados por uma única I:</b>		<b>39(95,1%)</b>	<b>12(100%)</b>
<b>(1A) Palavras com dependência semântica</b>	“E filho, não converse com estranhos.” “Tá bom.” <b>Análise:</b> [E filho não com versa com estranho] U [Tabon] U	<b>26(63,4%)</b>	<b>2(16,6%)</b>
<b>(1B) Introdutores de enumeração ou de DD</b>	É uma coisa que brinca. Que nem: carrinho, bola e mais coisas. <b>Análise:</b> [É uma coisa que brinca] U [Quenem] U [Carrinho bola e mais coisas] U	<b>0</b>	<b>6(50%)</b>
<b>(1C) Diversos</b>	Éra uma vez, uma menina que ia levar uma cesta cheia de doces. Ela foi. Chegou na floresta e encontrou o lobo. <b>Análise:</b> [Era uma vez uma menina que ia levar uma sexta cheia douses] U [Elafói] U [Chegou na floresta e encontrou o lobo] U	<b>13(31,7%)</b>	<b>4 (33,4)</b>
<b>(2) Us formados por mais de uma I</b>		<b>2(4,9%)</b>	<b>0</b>
<b>(2A) Us formados por mais de uma I</b>	“Oi, professor.” “Oi, Chiquinha.” <b>Análise:</b> [Oiprofessor] U [O e xicinha] U	<b>2(4,9%)</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>		<b>41</b>	<b>12</b>

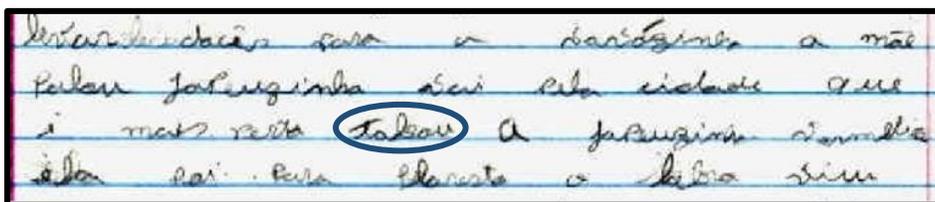
**Tabela 13:** Categorias das hipos que se associam a limites de U

### **Us formados por uma única I:**

A primeira categoria explorada na Tabela 12 agrupa hipossegmentações que têm a sua emergência ligada à atuação dos limites de U e que se caracterizaram por serem constituídas por uma única I. No DD, foram contabilizadas 39 (95,1%) ocorrências que apresentavam essa característica, dos 41 dados que parecem ser determinados pela atuação das fronteiras de U. Em OC, por sua vez, todos os dados contabilizados que se associaram a

limites de U – no total: 12 – pertenciam a essa categoria. Nessa categoria, foram encontrados três tipos de dados: (A) hipos derivadas de Us formadas por palavras com dependência semântica, (B) hipos derivadas de Us formadas por sequências que introduzem enumerações ou DD e (C) hipos derivadas de Us diversas. Cada um desses tipos será explorado na sequência.

Dentre as hipossegmentações associadas a limites de Us, pode-se observar que algumas eram formadas por uma única I. A principal característica desses dados é o fato de que havia dependência semântica entre as palavras amalgamadas. Conforme já explorado, compreende-se por palavras que apresentam dependência semântica estruturas que se caracterizam por serem constituídas por mais de uma palavra que fariam referência a um único ser ou uma única ideia. Foram contabilizadas, no DD, 26 ocorrências que corresponderam a 63,4%, diante das 41 ocorrências contabilizadas; em OC, por sua vez, foram identificadas duas ocorrências que corresponderam a 16,6%, diante das 12 contabilizadas. Na sequência, apresentam-se exemplos dessas ocorrências:



**Figura 58:** Hipo no DD que se associa ao U: “palavras com dependência semântica”<sup>90</sup>

**Análise prosódica:** [Japeuzinho vai pela cidade que é mais perto] U [Tabou] U

A Figura 58 pertence a uma produção textual elaborada a partir da proposta “A história do Chapeuzinho Vermelho”. No registro hipossegmentado, o escrevente une as estruturas “tá” e “bom”. Pode-se considerar a ocorrência como pertencente a esses limites, pois suas fronteiras coincidem com o início e o fim de um constituinte sintático, que se caracteriza por corresponder a um trecho de fala relatada por meio do DD. Possivelmente, o escrevente une as palavras envolvidas nessa ocorrência respeitando os limites de U, motivado pelo possível isolamento entre as duas instâncias enunciativas. Ademais, o fator que reforça essa junção entre as estruturas é o fato de apresentarem dependência semântica, conforme já explorado nos dados que se associaram a limites de I. Destaca-se que a

<sup>90</sup> **Leitura preferencial:** “... levar doces para a vovozinha.” A mãe falou: “Chapeuzinho, vai pela cidade que é mais perto. “Tá bom!” A Chapeuzinho Vermelho, ela foi para floresta, o lobo viu.

estrutura “tá bom” também se mostrou recorrente sendo determinada pela atuação de limites de U. Esse fato foi motivado devido à utilização, pelos escreventes, dessa “fala” na proposta “A história do chapeuzinho vermelho”. Foram contabilizadas 13 ocorrências que se relacionavam a essa estrutura.

Na sequência, apresenta-se um exemplo de hipo derivada de U formada por palavras com dependência semântica que pertence à instância enunciativa OC:



**Figura 59:** Hipo em OC que se associa a U: “palavras com dependência semântica”<sup>91</sup>

**Análise prosódica:** [Feliznatal] U [Para bes] U

A Figura 59 faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “Cartão de natal”. Nesta ocorrência, o escrevente une as estruturas “feliz” e “natal” que, por constituírem o início e fim de um constituinte sintático, tem a sua emergência ligada à atuação de limites de U. Essa análise está respaldada na atribuição de leitura realizada. Por se tratar de um cartão, no lado que corresponde a sua parte final, pode-se interpretar que “feliznatal” e “parabéns” são mensagens distintas e, que, por esse motivo, constituem, sozinhas, limites tanto prosódicos quanto sintáticos.

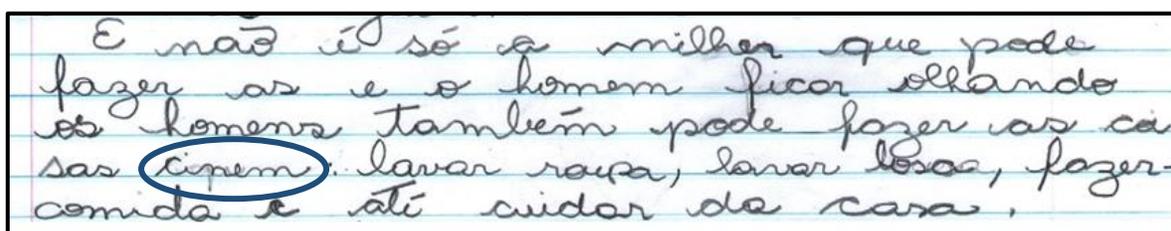
Os dados que compõem essa categoria possibilitam que se considere que há relação entre a instância enunciativa e a emergência de hipos associadas a limites de U, principalmente, pelo fato de que havia uma quantidade de dados muito superior na instância enunciativa do DD. Esse resultado pode ser explicado em função de haver, para a delimitação de fronteiras de U, a necessidade de se considerar informações de natureza prosódica, sintática e semântica, informações que também estão em jogo na delimitação do DD. Destaca-se que essas informações (de natureza prosódica, sintática e semântica) também são relevantes para a delimitação de fronteiras de I, todavia, para o constituinte U, é essencial que o limite prosódico associe-se também ao fim de um constituinte sintático, fato que nem sempre é observado a partir da investigação dos dados que se associam a limites de I. Para a delimitação desses dados, a questão mais importante é o fato das

<sup>91</sup> **Leitura preferencial:** Feliz natal! Parabéns.

estruturas constituírem, sozinhas, curvas entoacionais, separadas por pausa, fato que nem sempre indica o fim de um constituinte sintático. Ademais, por ser o DD uma outra instância enunciativa que é marcada prosodicamente, graficamente e/ou textualmente, as crianças perceberiam a diferença em relação aos momentos em OC e buscariam marcar de alguma forma, sendo convencional ou não (FERREIRO; TEBEROSKY, 1996). Assim, por vezes, seria por meio da segmentação não convencional que buscariam “separar” essas porções textuais, produzindo hipossegmentações, ocorrências que, por essas características, acabam por se associar a limites de U.

Além disso, os dados dessa categoria permitem que se observe a circulação do escrevente pelo eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004), justamente pelas fronteiras dessas hipos respeitarem as fronteiras de U. Observa-se, também, a circulação do escrevente pelo eixo da escrita institucionalizada (CORRÊA, 2001, 2004), uma vez que ocorrências motivadas pela atuação das fronteiras de U não foram observadas com frequência, muito menos na instância enunciativa dos OCs.

Dentre as hipossegmentações que se associaram a Us, foram observadas também algumas (tratam-se de 6 ocorrências (50%), identificadas exclusivamente em OC) que funcionam como introdutoras de enumeração ou de DD. Esses dados coincidem com o fim e início de um constituinte sintático, por isso, são resultantes da atuação das fronteiras de U. Na sequência, apresentam-se dois exemplos:



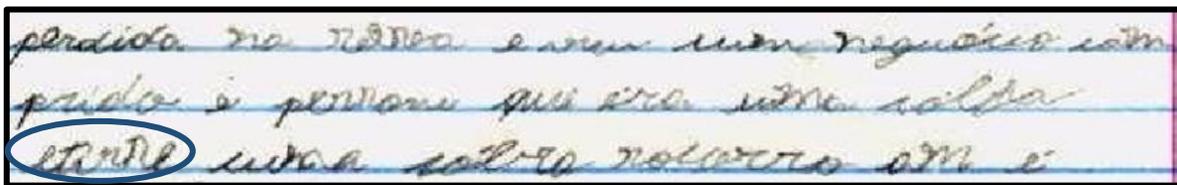
**Figura 60:** Hipo em OC que se associa a U: “introdutor de enumeração”<sup>92</sup>

**Análise prosódica:** [Os homens também pode fazer as coisas] U [Cinem] U [Lavar roupa lavar louça fazer comida] U

A Figura 60 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir do tema “Dia internacional da mulher”. Na produção textual, ao apresentar as coisas que as mulheres podem fazer, o escrevente utiliza a estrutura “cinem”, que funciona com o mesmo sentido de “como” e “por exemplo”, caracterizando-se como um introdutor de enumeração.

<sup>92</sup> **Leitura Preferencial:** E não é só a mulher que pode fazer as e o homem ficar olhando, os homens também podem fazer as coisas. Que nem: lavar roupa, lavar louça, fazer comida e até cuidar da casa.

Na sequência, apresenta-se uma ocorrência formada pela junção entre estruturas que introduziram o DD:



**Figura 61:** Hipo em OC que se associa a U: “introdutor de DD”<sup>93</sup>

**Análise prosódica:** [E viu um negócio comprido e pensou que era uma cobra] U [Etisse] U

A Figura 61 faz parte de uma produção textual elaborada a partir do tema “História em quadrinhos: o elefante e a bruxa”. Nessa ocorrência, o escrevente une as estruturas “e” e “disse” que, por iniciarem um novo constituinte sintático, são determinadas pela atuação dos limites de U.

Em relação a essas hipossegmentações, pode-se dizer que não há relação entre a instância enunciativa e a sua emergência. Na verdade, as estruturas aqui observadas, por sua própria característica, tenderiam a emergir na instância enunciativa OC. Em relação ao trânsito dos escreventes pelos eixos que propõe Corrêa (1997, 2004), pode-se, majoritariamente, considerar a circulação do escrevente pelo eixo da gênese, já que os escreventes segmentam esses enunciados a partir da sua circulação por um constituinte que depende de informação sintática e prosódica para sua identificação. Ademais, conforme já citado, pela baixa ocorrência de dados que se associam a limites de U no corpus, pode-se afirmar que os escreventes circulam, também, pelo eixo da escrita institucionalizada.

Dentre as hipossegmentações motivadas pela atuação das fronteiras de Us, foram observadas, por fim, algumas que apresentavam características muito diferentes entre si. No DD, foram contabilizados 13 dados (31,7%), diante dos 41 que correspondiam a limites de U. Já em OC, foram encontrados 4 dados que corresponderam a (33,4%).

As estruturas contabilizadas em OC eram constituídas, em geral, pela junção entre clíticos e palavras de conteúdo, que, por introduzirem uma nova informação, acabavam por constituírem sozinhas constituintes sintáticos. Na sequência, apresenta-se um exemplo dessa ocorrência:

<sup>93</sup> **Leitura preferencial:** E viu um negócio comprido e pensou que era uma cobra. E disse: “uma cobra! Socorro! Ah é...”

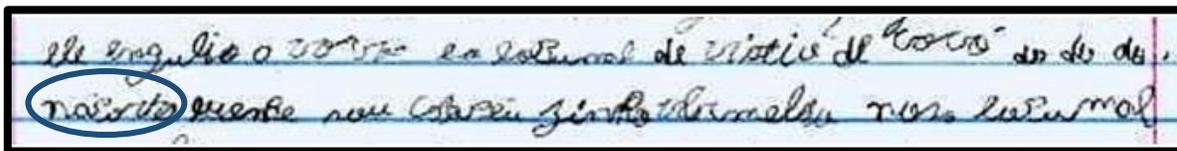


Figura 62: Hipo em OC que se associa a U: “diversos”<sup>94</sup>

**Análise prosódica:** [E o lobo mal se vestiu de vovó] U [Do do do] U [Na porta] U

A Figura 62 pertence a uma produção textual elaborada a partir da proposta “A história do chapeuzinho vermelho”. O registro hipossegmentado associa-se a limites de U, já que constitui, sozinho, um limite sintático e prosódico, uma vez que se localiza entre duas falas relatadas em DD “Do, do, do” (que corresponderia a uma onomatopeia) e “quenhe” (Quem é?). Os fatores que poderiam explicar uma junção como essa vão além do fato de a ocorrência se constituir respeitando limites de U, possivelmente, o fato de o dado ser composto por clítico também tem um peso, porque, como adiantado, estruturas como essa tenderiam a ser hipossegmentadas pelos escreventes, especialmente, em momentos de OC.

Na sequência, apresenta-se uma ocorrência localizada no DD que também tem um funcionamento híbrido com relação às demais. Nessa instância enunciativa, os dados identificados são compostos sempre por duas ou três palavras de conteúdo, que se caracterizam por corresponderem ao trecho de uma fala de um personagem:

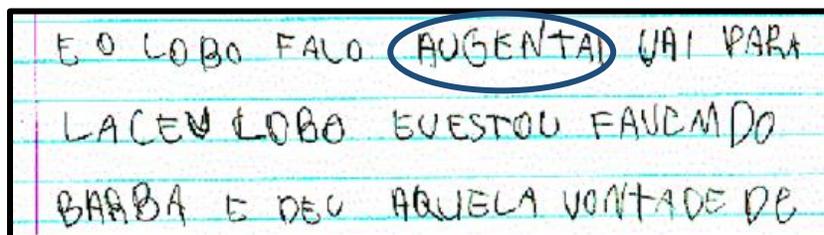


Figura 63: Hipo no DD que se associa a U: “diversos”<sup>95</sup>

**Análise prosódica:** [E o lobo] U [Augentai] U

A Figura 63 faz parte de uma produção textual elaborada a partir do tema “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. A hipossegmentação, conforme

<sup>94</sup> **Leitura preferencial:** Ele engoliu a vovó e o lobo mal se vestiu de vovó. “Do, do do”. Na porta. “Quem é?” “Sou Chapeuzinho Vermelho! Nossa, lobo mau”.

<sup>95</sup> **Leitura preferencial:** E o lobo falou: “Alguém tá aí?” “Vai para lá, seu lobo! Eu estou fazendo barba.” E deu aquela vontade de...



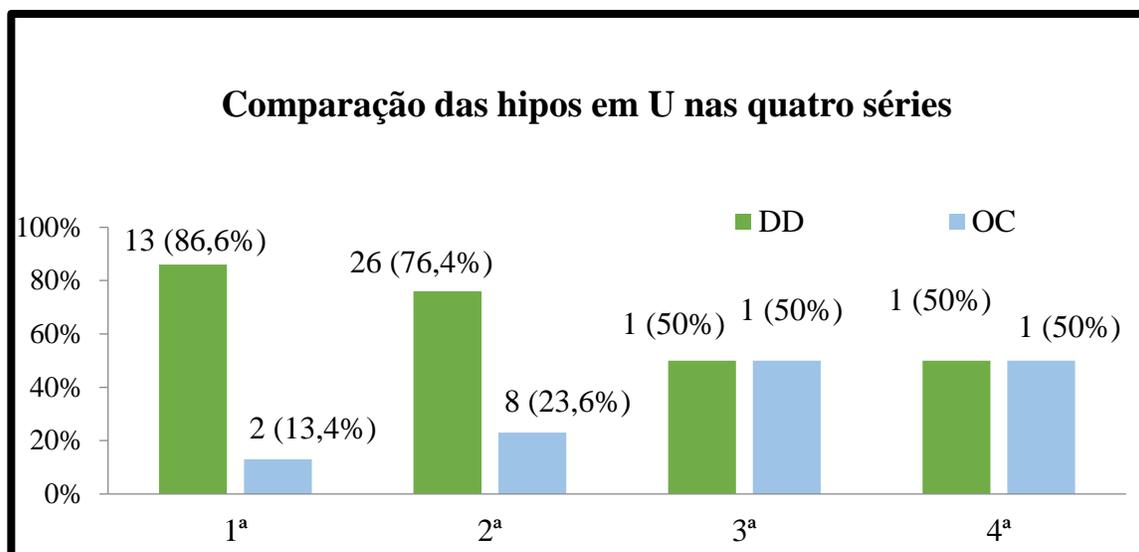
distinta, ou seja, cada uma delas possui sozinha um contorno entoacional, conforme pôde ser identificado a partir do processo de atribuição de leitura a esse enunciado.

\*\*

A maior quantidade de hipossegmentações no DD que tinha sua emergência possivelmente relacionada à atuação de limites de U pode ser explicada devido às próprias características desse constituinte. O U, como já mencionado, caracteriza-se por contar, para definição de seus limites, com informações de natureza sintática e prosódica. No entanto, não apenas a natureza do U parece determinar a emergência dessas hipos. Também a própria instância enunciativa na qual elas ocorrem cumpriria esse papel. O DD, como já explorado, caracteriza-se por ser um momento em que há outra instância enunciativa. Essa instância, seja nos modos de enunciação oral, seja nos modos de enunciação escrito, é marcada, por um lado, por meio de marcas prosódicas: “(como pausa, alterações de tessitura ou ainda aceleração da velocidade na parte citada)” (VENÂNCIO, 2002, p. 55) e, por outro, por meio de marcas gráficas prototípicas (travessão, aspas, mudança de linhas) e da própria organização textual. Na aquisição da escrita, parece que as crianças estão atentas para essa necessidade de demarcar o DD, como afirmam Ferreiro e Teberosky (1996). Assim, seria possível considerar que, justamente por meio da segmentação não convencional, o escrevente buscaria “separar” as porções textuais que pertencem ao DD.

Nessa direção, é possível afirmar que hipossegmentações resultantes da atuação de limites de U – ocorrências essas que prioritariamente concentram-se no DD – seriam indícios da circulação conjunta do escrevente tanto pelo eixo da representação que faz da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004), já que são momentos expressivos de recuperação do colorido (ROMUALDO, 2003), quanto pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada (CORRÊA, 1997, 2004), já que busca em seu texto – motivado por uma própria preocupação escolar, como já explorado – em separar duas instâncias enunciativas distintas.

Na sequência, apresenta-se a comparação entre os dados que se associam a limites de U ao longo das quatro séries:



**Gráfico 13:** Comparação das hipos em U nas quatro séries

O Gráfico 13 permite considerar que havia mais uma vez um funcionamento semelhante entre as hipos localizadas nas duas primeiras séries investigadas e entre as duas últimas (terceira e quarta), nas duas instâncias enunciativas. Nas duas primeiras séries havia uma maior quantidade de dados tanto no DD quanto em OC – com predominância no DD – e, nos dois últimos, uma menor quantidade de dados. Destaca-se que na terceira e quarta, inclusive, foi contabilizada apenas uma ocorrência que se associou a limites de U em cada uma das instâncias enunciativas, dado que correspondeu a 50%.

Esse resultado vincula-se ao fato de os escreventes tenderem, nessas séries, a produzir hipossegmentações relacionadas a constituintes mais baixos, como o C e a  $\Phi$ , e não a constituintes mais altos, especificamente, o U. Nas duas últimas, é provável que a maior quantidade dos escreventes, quando hipossegmenta seus enunciados, faça isso unindo estruturas como os clíticos e palavras de conteúdo e não se guiando, por exemplo, por curvas entoacionais, pausas, limites sintáticos etc. Assim, é possível afirmar que o tempo de escolarização dos escreventes atua, cada vez mais, na segmentação dos enunciados a partir de aspectos que se aproximam de suas práticas letradas, buscando se afastar da representação de aspectos mais marcados de suas práticas orais. Conseqüentemente, vai havendo menor quantidade de hipossegmentações determinadas pela atuação de limites de I e U, que têm como parâmetros aspectos prosódicos que poderiam ser chamados de mais marcados, ligados à dimensão expressiva da linguagem.

Esse distanciamento das práticas orais e essa aproximação das práticas letradas podem ser explicados a partir da circulação do escrevente pelos eixos propostos por Corrêa

(1997, 2004). Nas duas primeiras séries investigadas, o escrevente tende a se guiar principalmente por aspectos da sua circulação pelo eixo da gênese, já nas duas últimas (terceira e quarta), busca evitar que se manifestem aspectos dessa circulação. Nessas últimas séries, por vezes, sobrepõem-se a essa circulação, a circulação pela representação que faz da escrita institucionalizada. Um resultado como esse permite inferir que, independente da instância enunciativa, nas últimas séries, na produção escrita dos escreventes, tende a diminuir ocorrências que envolvem constituintes mais altos.

Em relação à primeira e segunda séries, entretanto, pode-se afirmar que havia relação entre a instância enunciativa e a emergência das hipossegmentações associadas a limites de U. Nota-se que há, no DD, nas duas séries, uma maior quantidade de dados: na primeira, 13 (86,6%), em OC, por sua vez, 2 (13,4%). Já na segunda, no DD foram contabilizadas 26 ocorrências (76,4%) e, em OC, 8 (23,6%). Conforme já discutido, este resultado estaria relacionado às próprias características que definem as fronteiras dos limites de U e que caracterizam o DD. Para a definição dos limites de U, necessita-se de informação de natureza prosódica, sintática e semântica.

No entanto, não apenas a natureza do U parece determinar a emergência dessas hipos, mas, também, a própria instância enunciativa na qual elas ocorrem. O DD, como já explorado, caracteriza-se por ser um momento em que há outra instância enunciativa, marcada, seja nos modos de enunciação oral (por meio de pausas, alterações de tessitura), seja nos modos de enunciação escrito (pelo uso de *verbos dicendi*, travessão, mudança de linhas) além da própria organização textual. Na aquisição da escrita, conforme afirmam Ferreiro e Teberosky (1996), as crianças perceberiam a diferença entre as instâncias enunciativas e buscariam marcá-la de alguma forma, sendo convencional ou não. Assim, seria por meio da segmentação não convencional que buscariam “separar” essas porções textuais, produzindo, assim, hipossegmentações.

Além disso, em relação à segunda série, observou-se, ainda, que havia mais ocorrências, tanto em OC quanto no DD, do que na primeira. Nessa série, no DD, foram contabilizadas 13, em OC, duas. Já na segunda, 26 no DD e 8 em OC. Esse resultado indicia que não há uma linearidade em relação à segmentação não convencional – especificamente, as hipossegmentações – considerando as séries investigadas. A partir dos dados do corpus, o fato de haver maior quantidade de dados na segunda série, pode ser relacionado à proposta “A história do Chapeuzinho Vermelho”. Conforme já explicitado,

por ser uma narrativa altamente conhecida pelos escreventes, foi aquela em que eles produziram textos maiores, compostos por mais palavras em ambas as instâncias enunciativas. No DD, metade das hipossegmentações associadas a limites de U contabilizadas nesse ano (13), relacionava-se à estrutura “Tá bom” que, conforme já explorado, compõe a resposta da personagem ao pedido de sua mãe. Em OC, metade dos dados contabilizados (4) também pertencia a produções textuais oriundas dessa proposta, nessa instância, se associando a diferentes estruturas.

Por fim, pode-se afirmar que a consideração de instâncias enunciativas se mostrou essencial para a investigação das hipossegmentações que se associam a limites de U, pois a utilização do DD atua diretamente para a emergência desses dados, especificamente, nas séries iniciais do ensino fundamental. Nas séries finais do ensino fundamental, contudo, havia uma diminuição dos dados que emergem como resultado da atuação dos limites prosódicos de um U, independente da instância enunciativa.

Na sequência, passa-se a investigação das hipossegmentações que não tinham sua emergência relacionada às fronteiras de constituintes prosódicos.

#### 4.3.2 As hipos que não se associam a limites prosódicos

Por hipossegmentações que não se associam a limites prosódicos, compreenderam-se, neste estudo, ocorrências que apresentavam fronteiras que não pareciam derivar das fronteiras de um dos quatro constituintes propostos por Nespor e Vogel (1986) que interessaram para a presente pesquisa, a saber: C,  $\Phi$ , I e U. Trata-se de dados complexos, já explorados, por exemplo, em pesquisas como as de Capristano (2007a, 2007b) e Chacon (2004). Chacon (2004) define essas ocorrências como

marcas de segmentação não-convencional que não nos pareceram reproduzir diretamente padrões rítmico-entonacionais da oralidade e/ou que não se explicam com base em algoritmos como aqueles que definem constituintes da hierarquia prosódica, tal como proposta por Nespor e Vogel (1986) (CHACON, 2004, p. 225).

Para explicar essas ocorrências, os autores citados consideram a circulação do escrevente por práticas orais e letradas, especificamente, compreendem que hipossegmentações que não se associam a limites prosódicos são dados que deixam ver a escrita como constitutivamente heterogênea. Essa proposta de análise

possibilita uma explicação mais abrangente da complexidade [do] funcionamento [dessas hipossegmentações]. Trata-se de detectar nelas fatos que indiciam justamente o produto do trânsito do sujeito escrevente por práticas sociais orais e letradas, marcado, em nosso caso mais específico, pela junção entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas, junção que, possibilitada por essas práticas, dentro e fora do contexto escolar, tanto *capturam* os sujeitos escreventes quanto abrem a possibilidade de um trabalho desses sujeitos sobre aquilo que os captura (CHACON, 2004, p. 231).

Em outras palavras, essas ocorrências deixariam ver um conflito do escrevente que emerge quando, na tarefa de segmentar seus enunciados, ele confronta-se com, pelo menos, dois possíveis caminhos, abertos por sua circulação simultânea por práticas orais e letradas. Destaca-se que esse movimento se aproxima daquele observado por Capristano (2013), Capristano e Chacon (2014) e Machado (2014) ao investigarem rasuras ligadas à segmentação de palavras<sup>97</sup>. Para os autores, essas ocorrências:

dão relevo ao trânsito do escrevente por práticas sociais letradas e orais, sinalizando conflitos entre possibilidades “abertas” pela língua e que, por algum motivo, ganham saliência para o escrevente (CAPRISTANO, 2013). Representam, pois, momentos de conflito, de encontro e de uma aparente negociação do “um” com os outros (*outros modos de segmentar, outras letras, outros dizeres, outros registros, outros significantes, outros interlocutores...*) que o constituem e determinam a emergência dos enunciados escritos que produz (cf. AUTHIER-REVUZ, 1982, 1990, 2011; CAPRISTANO; CHACON, 2013) (CAPRISTANO, 2013, p. 676).

Na aproximação realizada nesta dissertação, considera-se que as segmentações não convencionais que não emergem da atuação das fronteiras prosódicas consideradas aqui também se caracterizam como momentos de conflitos do escrevente. Se, nas rasuras, o conflito fica evidenciado por meio dos apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, dentre outras marcas (CAPRISTANO, 2013; MACHADO, 2014), nas ocorrências investigadas nesta pesquisa, o conflito mostra-se na não associação dessas hipossegmentações às fronteiras de constituintes prosódicos.

No corpus da presente pesquisa, dados que não tinham sua emergência relacionada à atuação de fronteiras de um dos quatro constituintes foram investigados a partir dos mesmos pressupostos de Capristano (2007a, 2007b) e Chacon (2004), levando em

---

<sup>97</sup> Por rasuras, conforme já citado nesta dissertação, compreendem-se ocorrências em que se observam, por exemplo, “apagamentos, escritas sobrepostas [inserção, traço de ligação] etc.”, especificamente aquelas relacionadas à segmentação configuram-se como dados em que “são registrados conflitos de alguma forma relacionados à segmentação do enunciado escrito por espaços em branco” (CAPRISTANO; CHACON, 2014). Para maior detalhamento, cf. Capristano (2013) e Machado (2014).

consideração a circulação do escrevente por práticas orais e práticas letradas. Para exemplificar, apresenta-se, na sequência, a análise de uma hipossegmentação que, a partir da avaliação realizada nesta dissertação, não apresentaria limites que se associam a um dos quatro considerados:

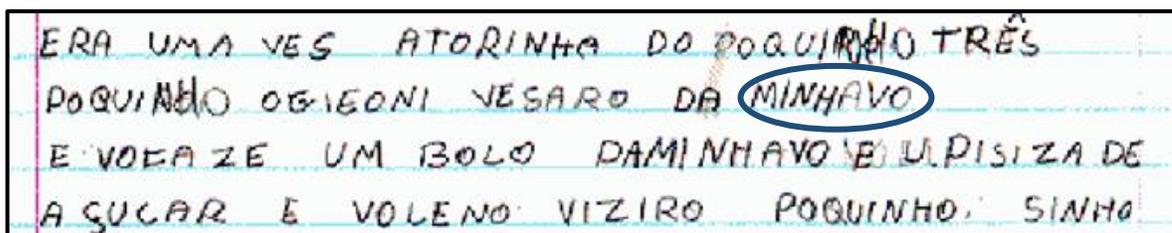


Figura 65: Hipos que não se associam a limites prosódicos<sup>98</sup>

A Figura 65 corresponde ao trecho de uma produção textual elaborada a partir do tema “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. A partir da atribuição de leitura, considera-se que a hipossegmentação destacada localiza-se na instância enunciativa do DD. Inicialmente, realizou-se a análise prosódica da ocorrência partindo dos constituintes mais altos para os mais baixos. Na sequência, apresenta-se essa análise:

**Análise:** [ [ [Ogi]  $\Phi$  ] I [ [e]  $\Phi$  [o nivesaro]  $\Phi$  [da **minhavo**]  $\Phi$  ] I [ [e vo faze]  $\Phi$  [um bolo]  $\Phi$  [da minha vo]  $\Phi$  ] I ] U

Nota-se que, na ocorrência, o escrevente hipossegmenta apenas parte dos elementos que pertenceriam à  $\Phi$  ( [da **minhavo**]  $\Phi$  ), segmentando convencionalmente o clítico “da”. Em função dos objetivos desta pesquisa, para explicar uma ocorrência como essa, entende-se que se faz necessário considerar não apenas a hipossegmentação em si, mas, também, o contexto de seu aparecimento, nesse caso, toda a frase fonológica em que ela ocorre. Assim, em função desse contexto, pode-se supor que, inicialmente, o projeto de dizer/escrever do escrevente o levaria, possivelmente, a produzir uma estrutura que se associa a limites de  $\Phi$ , isto é, a hipo [daminhavo]  $\Phi$ . Esse projeto de dizer/escrever deixa ver a sua circulação por práticas orais, pois, se a hipótese construída estiver correta, a segmentação gráfica que inicialmente teria sido aventada pelo escrevente estaria relacionada diretamente à organização prosódica da linguagem. Essa afirmação sustenta-se pela junção feita pelo escrevente no processo de construção do seu projeto de escrever, em que uma parte dos

<sup>98</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez, a historinha do porquinho, três porquinhos. “Hoje é o aniversário da minha vó e vou fazer um bolo da minha vó. Eu preciso de açúcar e vou lá no vizinho porquinho”.

elementos que compõem essa  $\Phi$  (**minhavo**). Entretanto, ao mesmo tempo, o projeto de dizer/escrever do escrevente é atravessado por aspectos das (suas) práticas letradas, isto é, por uma memória gráfica (CF. CAPRISTANO, 2007a, 2007b; CHACON, 2004), que, possivelmente, o leva a reconhecer como palavra o clítico “da” e a segmentá-lo convencionalmente.

Ou seja, na Figura 64, o escrevente, em uma ação prospectiva<sup>99</sup>, pode ter atribuído autonomia gráfica ao clítico, pois, possivelmente, por sua circulação por práticas letradas, tenha reconhecido esse clítico como palavra. A junção entre “minha” e “vó”, por sua vez, pode ter sido motivada pela circulação por práticas orais, circulação esta que leva esse escrevente a ter dificuldades para atribuir autonomia gráfica a sequências que fazem referência a um único “ser no mundo”, como observado por Abaurre e Silva (1993).

Conforme apresentado nos Gráficos 5 e 6 (p. 98), no DD, das 365 hipossegmentações identificadas, 70 (19,2%) não resultava da atuação de limites prosódicos. Em OC, por sua vez, foram identificadas 127 ocorrências (22,8%) que apresentavam essa característica, diante das 555 hipossegmentações identificadas no corpus nesta instância enunciativa. Os dados das duas instâncias enunciativas estão sintetizados no quadro a seguir:

<b>Categorias da hipos que não se associam a limites prosódicos</b>			
<b>CATEGORIA</b>	<b>EXEMPLO</b>	<b>DD</b>	<b>OC</b>
<b>1) Junção entre elementos de constituintes distintos</b>		<b>29</b> (41,5%)	<b>27</b> (21,3%)
<b>(1A) Junção entre elementos de constituintes distintos</b>	Vendo uma casa por 1000 reais. Fone.” <b>Análise:</b> [Vendo uma casa por 1000 <b>reaisfone</b> ] [Vendo uma casa por 1000 <b>reais</b> ] U [ <b>Fone</b> ] U	<b>29</b> (41,5%)	<b>27</b> (21,3%)
<b>(2) Junção entre clíticos</b>		<b>4</b>	<b>47</b>

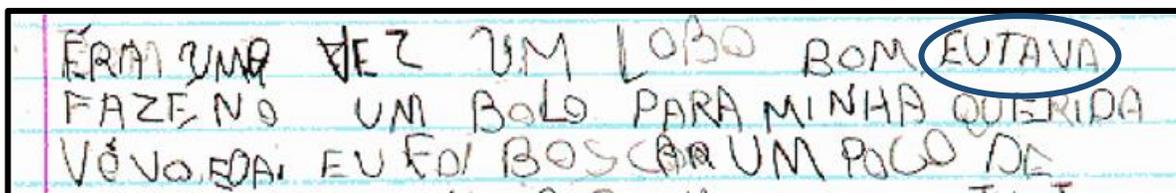
<sup>99</sup> Como mencionado, Chacon (2004), ao investigar segmentações não convencionais que apresentavam limites que não se associavam aos limites prosódicos de um dos constituintes propostos por Nespor e Vogel (1986), postulou, juntamente com outras hipóteses, que esses dados poderiam ser explicados a partir de movimentos retrospectivos e prospectivos. Esses movimentos estão relacionados ao modo como o escrevente distribui os espaços em branco em sua escrita, que, para Chacon (2004), relacionam-se à circulação do escrevente por práticas letradas, juntamente as orais (CORRÊA, 2001). Para explicar esses movimentos, Chacon (2004) explora o enunciado “Não estavam aí” (Não estava nem aí). Para o autor, o “reconhecimento daquilo que pode, convencionalmente, ser considerado como uma palavra (no caso: *não* e *aí*) se dá como fruto de uma ação retrospectiva (na colocação de espaço em branco depois de *não*) e projetiva (na colocação desse espaço antes de *aí*) do sujeito em seu ato de escrever – fato que, para além de se supor apenas uma ação da língua sobre o sujeito, possibilita também pensar numa ação do sujeito sobre a língua” (CHACON, 2004, p. 228).

		(5,7%)	(37,1%)
<b>(2A) Contração ca/co</b>	Aquela moça tá com a bunda de fora <b>Análise:</b> [ [ [ [Aquela] C [moça] C ] Φ [ [ta] C ] Φ [ [ca bunda] C [de fora] C ] Φ ] I ] U	<b>1</b> (1,5%)	<b>7</b> (5,6%)
<b>(2B) Demais casos</b>	“O que vocês faz na hora do Recreio?” “Nós corre!” “E na educação física?” “Nós corre e grita!” <b>Análise:</b> [ O que voceis faz a hora do regreia ] U [ Mos corre ] U [ [ [Ena educação] C [física] C ] Φ ] I ] U [ Mos core e grita ] U	<b>3</b> (4,2%)	<b>40</b> (31,5%)
<b>(3) Junções que ignoram o clítico</b>		<b>37</b> (52,8%)	<b>53</b> (41,6%)
<b>(3A) Envolvendo palavras compostas ou com dependência semântica</b>	“Vovó, você engoliu o lobo mal! Vamos tirar de dentro de você!” <b>Análise:</b> [ [ [Vovo] Φ ] I [ [vosê] Φ [ingoliu] Φ [o lobomal] Φ ] I [ vamos tirar ] Φ [di dentro di você] Φ ] I ] U	<b>7</b> (10%)	<b>17</b> (13,3%)
<b>(3B) Envolvendo junção entre outro clítico e palavra prosódica</b>	“Não dou açúcar! Não vou dar um pouco de açúcar!” <b>Análise:</b> [ [ [Não] Φ [do açúcar] Φ ] I [Não] Φ [vo dar] Φ [um pocode açúcar] Φ ] I ] U	<b>30</b> (42,8%)	<b>36</b> (28,3%)
<b><u>TOTAL</u></b>		<b>70</b>	<b>127</b>

**Tabela 14:** Categorias das hipos que não se associam a limites prosódicos

### **Junção entre elementos de constituintes distintos**

A primeira categoria apresentada na Tabela 14 agrupa hipossegmentações que se caracterizam pela junção de estruturas que pertencem a constituintes prosódicos distintos. No corpus da presente pesquisa, foram contabilizadas, no DD, 29 (41,5%) dados que apresentavam essa característica, diante dos 70 que não se associaram a limites prosódicos. Em OC, foram contabilizadas 27 (21,3%) ocorrências, diante das 127 que não tinham sua motivação relacionada à atuação de fronteiras prosódicas. Nas duas instâncias enunciativas, foram identificadas ocorrências que envolviam a junção entre elementos de Φs distintas e entre elementos de Is distintas. Apenas no DD foi contabilizada uma ocorrência que envolvia a junção entre elementos de Us distintos. Na sequência, apresentam-se exemplos dessas ocorrências:



**Figura 66:** Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de  $\Phi$ s distintas”<sup>100, 101</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Bom]  $\Phi$  ] I ] [ [eutava fazeno] [um bolo]  $\Phi$  ] I [ [para minha querida]  $\Phi$  [vovo]  $\Phi$  ] I ] U  
[eu]  $\Phi$  [tava fazeno]  $\Phi$

A Figura 66 pertence a uma produção textual elaborada a partir da proposta “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. Na hipossegmentação identificada, o escrevente une o pronome “eu” ao verbo “tava”, estruturas que pertencem a  $\Phi$ s distintas: [eu]  $\Phi$  [tava fazeno]  $\Phi$ . Conforme apresentado na análise exemplificada, uma ocorrência como essa deixa ver a circulação do escrevente tanto por práticas orais quanto letradas. Considera-se que, em seu projeto de dizer/escrever, o escrevente, possivelmente, foi atravessado pela viabilidade do registro hipossegmentado [eutavafazeno] I<sup>102</sup>. Essa possibilidade sustenta-se por meio da junção observada entre “eu” e “tava”, ocorrência que sinaliza para uma possível junção de todo o trecho que se associa a limites de I, deixando ver a circulação do escrevente por práticas orais, pois essa segmentação gráfica, se realizada, estaria relacionada diretamente à organização prosódica da linguagem. Ao mesmo tempo, entretanto, o projeto de dizer/escrever é atravessado por uma memória gráfica, fatos de suas práticas letradas que possivelmente o levaram a segmentar convencionalmente parte dessa I. É provável que, em um movimento retrospectivo, o escrevente tenha atribuído autonomia gráfica a estrutura “tava”, isolando uma de suas bordas, ao mesmo tempo em que, num movimento prospectivo, atribui autonomia a “fazendo”. A junção entre “eu” e “tava”, novamente, pode ser relacionada a questões semânticas, ou seja, a dificuldade de dissociar palavras que representam um único ser no

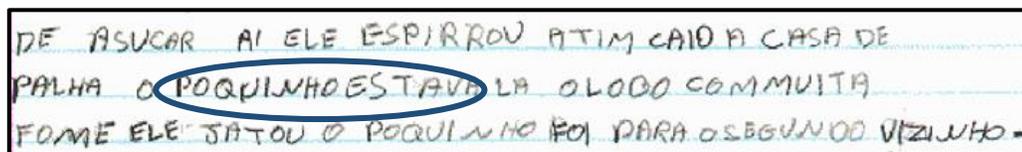
<sup>100</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez um lobo: “Bom, eu tava fazendo um bolo para minha querida vovó, e dai, eu fui buscar um pouco de...”.

<sup>101</sup> Destaca-se que o trecho também poderia ser lido como: Era uma vez um lobo bom: “eu tava fazendo um bolo para minha querida vovó, e dai, eu fui buscar um pouco de...”. Entretanto, independente da leitura, a análise da hipossegmentação que não se associa a limites prosódicos não será alterada.

<sup>102</sup> Considera-se essa possibilidade pelo fato de “eu tava fazeno” ser, em certa medida, um trecho longo – por ser formado por nome e uma locução verbal – fato que possibilita, juntamente com a atribuição de leitura, que o trecho seja considerado como constituído por um único contorno entoacional, fator que permite associá-lo as fronteiras de I.

mundo, neste caso, a ação, do sujeito que a pratica (cf. ABAURRE; SILVA, 1993), muito embora “estar” não seja um verbo que indica uma ação de fato, pois a ação estaria mais relacionada ao verbo “fazeno” (fazendo), ainda assim, há entre ele e o nome dependência semântica.

O funcionamento desses dados não estava relacionado à instância enunciativa na qual foram encontrados, pois, em OC, também foram observados dados semelhantes:



**Figura 67:** Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de  $\Phi$ s distintas”<sup>103</sup>

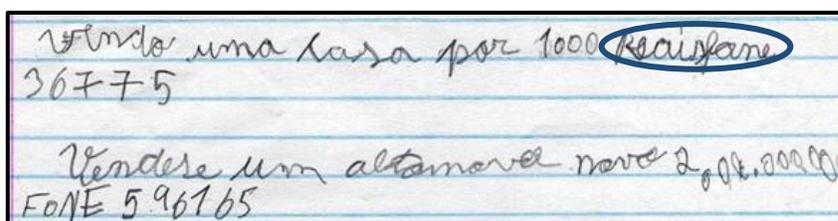
**Análise prosódica:** [ [Caio a casa de palha] I [o **poquinhoestava** la] I ] U  
[ [o **poquinho**]  $\Phi$  [estava la]  $\Phi$  ] I

A Figura 67 também faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo”. Na hipossegmentação destacada, o escrevente une as estruturas “poquinho” e “estava”, que pertencem a  $\Phi$ s distintas: [ [o **poquinho**]  $\Phi$  [estava la]  $\Phi$  ] I. Mais uma vez, a consideração da circulação dos escreventes por práticas orais e letradas poderia explicar essa ocorrência. É possível supor que o projeto de dizer/escrever do escrevente foi atravessado pela possibilidade de registro gráfico relacionado a fronteiras de I: [opoquinhoestavalá]. Entretanto, esse projeto de dizer/escrever é também afetado por sua memória gráfica dos monossílabos “o” e “lá”. Assim, o escrevente, possivelmente por reconhecer como palavra o clítico “o”, em uma ação prospectiva, o segmenta. O mesmo pode ter ocorrido em relação a estrutura “lá”, a quem, possivelmente, o escrevente tenha atribuído autonomia gráfica colocando espaços em branco entre ela e a hipo “porquinhoestava”. Em relação à junção, mesmo havendo um limite tanto sintático quanto prosódico entre “poquinho” e “estava”, há entre elas uma dependência semântica, que pode ter motivado essa junção, conforme já explorado a partir das proposições de ABAURRE e SILVA (1993).

<sup>103</sup> **Leitura preferencial:** Ai, ele espirrou: “Atchim!” Caiu a casa de palha. O porquinho estava lá, o lobo, com muita fome, jantou o porquinho. Foi para o segundo vizinho.

Os dados apresentados nesta categoria deixam ver a circulação do escrevente pelo eixo da representação que faz da escrita institucionalizada e, também, pelo eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 2001, 2004). O escrevente se encontra em um conflito em que, para segmentar, é afetado por suas vivências em práticas orais e em práticas letradas. Destaca-se que a circulação do escrevente por essas práticas independe da instância enunciativa.

No corpus da pesquisa, também foi contabilizada uma ocorrência de hipossegmentação constituída pela junção de elementos que pertenciam a Us distintos. Essa ocorrência estava localizada no DD e foi observada em uma produção textual elaborada a partir da proposta “classificados”:



**Figura 68:** Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre elementos de Us distintos”<sup>104</sup>

**Análise prosódica:** [Vendo uma casa por 1000 reais] U [Fone 36775] U

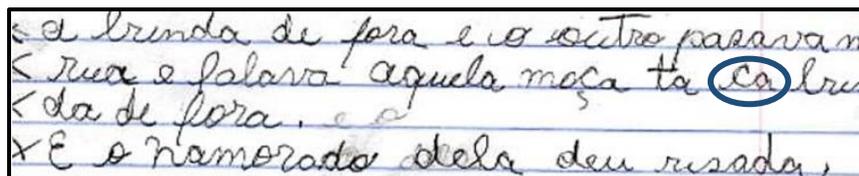
Na hipossegmentação apresentada, o escrevente une duas estruturas que pertencem a Us distintos [Vendo uma casa por 1000 reais] U [Fone: 36775] U. Uma ocorrência com essas características se mostra como um dado mais raro, pois envolve um aspecto gráfico bastante interessante: a diferença entre números e letras. O espaço em branco entre “1000” e “reaisfone” pode ser explicado por um movimento prospectivo em que o escrevente parece ter reconhecido “reais” como palavra que deveria ser separada de números. Ao mesmo tempo, possivelmente, um reconhecimento retrospectivo tenha feito com que o escrevente segmentasse “fone” e “36775”, mais uma vez, por reconhecer a diferença entre letras e números.

### Junção entre clíticos

<sup>104</sup> **Leitura preferencial:** Vendo uma casa por R\$ 1.000,00. Fone: 36775. Vende-se um automóvel novo, R\$ 2.000.000,00. Fone: 59165.

A segunda categoria agrupada na Tabela 14 reúne hipossegmentações que se caracterizaram por apresentar junção apenas entre clíticos, por isso, não se associavam a limites prosódicos. Foram contabilizadas, no DD, 4 (5,7%) ocorrências e, em OC, 47 (37,1%). Essas hipos são de dois tipos distintos: um (2A) que correspondia à contração “ca(s)/co(s)” e outro (2B) que correspondia à junção de outros clíticos.

As hipossegmentações formadas a partir da junção entre a preposição “com” e os pronomes definidos “o/a/os/as” não têm o mesmo estatuto que as outras junções observadas em todo corpus, pois se referem a um processo de redução que vigora amplamente, sobretudo, em práticas orais: trata-se da junção/contração da preposição “com” e os pronomes definidos. Nessa junção/contração há redução da coda nasal e do núcleo vocálico de “com” e a ligação com um dos pronomes definidos. Na escrita das crianças, observa-se justamente o registro dessa redução: “co/ca/cos/cas”. No DD, foi contabilizada apenas uma ocorrência que apresentava essa característica; em OC, por sua vez, foram contabilizadas sete ocorrências (5,6%). Na sequência, apresenta-se exemplos desses dados:

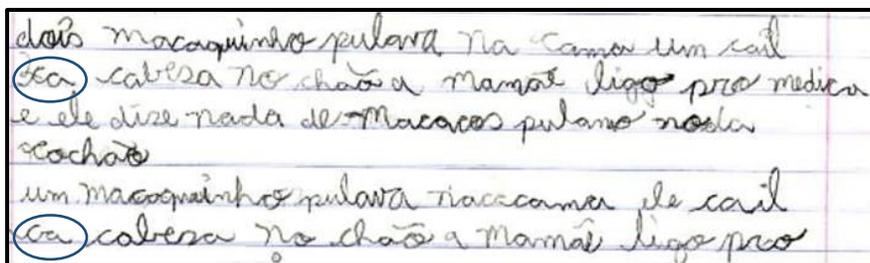


**Figura 69:** Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos - contração”<sup>105</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [ [Aque] C [moça] C ] Φ [ [ta] C ] Φ [ [ca] bunda] C [de fora] C ] Φ ] I ] U

A Figura 69 faz parte de uma produção textual elaborada a partir da proposta “Piada”. Na ocorrência, o escrevente produz a estrutura “ca”. Essa foi a única estrutura com essas características que foi observada no DD. Em OC, apesar de ter sido contabilizada uma quantidade maior de dados, a sua emergência estava relacionada a uma produção textual em específico, de apenas um escrevente. Trata-se da proposta “Música preferida”, já explorada nos dados motivados pela atuação das fronteiras de I. Nessa proposta, um dos escreventes, ao produzir a canção, utilizou a estrutura “ca” por cinco vezes:

<sup>105</sup> **Leitura preferencial:** A bunda de fora e o outro passava na rua e falava: “Aquele moço tá com a bunda de fora.” E o namorado dela deu risada.



**Figura 70:** Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos - contração”<sup>106</sup>

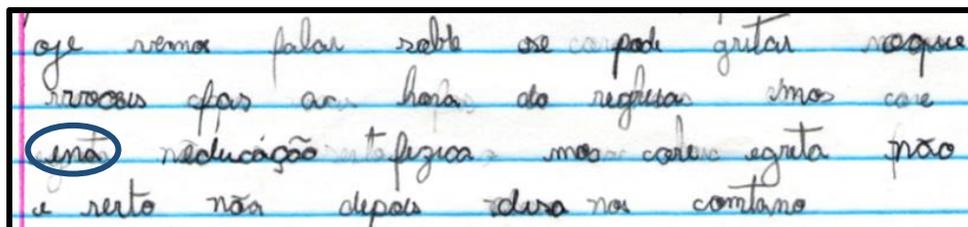
**Análise prosódica:** [ [ [ [Dois] C [macaquinhos] C ] Φ [ [pulava] C ] Φ [ [na cama] C ] Φ ] I [ [um caiu] C ] Φ [ [ca cabeça] C [no chão] C ] Φ ] I ] U

[ [ [ [Um] C [macaquinho] C ] Φ [ [pulava] C ] Φ [ [na cama] C ] Φ ] I [ [ele] C ] Φ [ [caiu] C ] Φ [ [ca cabeça] C [no chão] C ] Φ ] I ] U

Na Figura 70, observa-se que o escrevente, ao produzir a canção “Cinco macaquinhos”, em que a estrutura “com a” é repetida por cinco vezes, cada uma das vezes utiliza a estrutura “ca”. Possivelmente, a grafia de “ca” relaciona-se também a aspectos da canção, semelhantes aqueles já discutidos em outros momentos desta dissertação.

### Demais casos

A segunda subcategoria identificada nos dados que não se associavam a limites prosódicos e se caracterizaram pela junção apenas de clíticos, agrupa os demais casos que não envolviam as estruturas “ca(s)/co(s)”. Nesta categoria, foram contabilizados, no DD, apenas três ocorrências. Em OC, por sua vez, 40 (31,5%). Na sequência, apresentam-se exemplos desses dados:

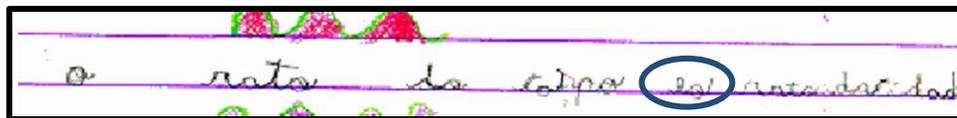


**Figura 71:** Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – demais casos”<sup>107</sup>

**Análise prosódica:** [O que vocês faz a hora do recreio] U [Mos corre] U [ [ [Ena educação] C [física] C ] Φ ] I ] U [Mos core e grita] U

<sup>106</sup> **Leitura preferencial:** Dois macaquinhos pulavam na cama, um caiu com a cabeça no chão. A mamãe ligou pro médico e ele disse: “Nada de macacos pulando no colchão”. Um macaquinho pulava na cama, ele caiu com a cabeça no chão, a mamãe ligou pro...

<sup>107</sup> **Leitura preferencial:** “Hoje vamos falar sobre se pode gritar. O que vocês fazem na hora do recreio?” “Nós corre.” “E na educação física?” “Nós corre e grita.” “Não é certo, não!” “Depois disso, nós cantamos.”



**Figura 72:** Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre clíticos – demais casos”<sup>108</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [O rato] C [do campo] C ] Φ [ [eo rato] C [da cidade] C ] Φ ] I ] U

É possível afirmar que ambos os registros hipossegmentados, tanto da Figura 71 quanto da 72, derivam da circulação dos escreventes tanto por práticas orais quanto letradas. Nessas ocorrências, o projeto de dizer/escrever inicial dos escreventes possivelmente os levaria a produzir dados que teriam sua emergência relacionada a fronteiras de C: [Enaeducação] (Figura 71) e [eorato] (Figura 72). Essas afirmações pautam-se no dado produzido pelos escreventes em que hipossegmentam parte dos elementos que compõem o C. Entretanto, esse projeto de dizer/escrever, resultante da atuação de práticas orais, é, ao mesmo tempo, atravessado por práticas letradas, práticas que os levam a “reconstruir” esse projeto, colocando espaços em branco entre as palavras que pertencem a esse C. Possivelmente, essa separação pode estar relacionada ao fato do escrevente, em um movimento prospectivo, reconhecer as estruturas “educação” (Figura 71) e “rato” (Figura 72) como palavras e, por isso, tê-las segmentado ou, ainda, numa ação retrospectiva, terem reconhecido “na” e “o” como palavras e segmentado uma de suas bordas. A junção entre os clíticos, por sua vez, pode também estar relacionada ao fato de os escreventes terem a dificuldade de reconhecer monossílabos como palavras, especialmente aqueles compostos por uma única letra.

Diversos fatores estão relacionados à emergência dos dados organizados nessa categoria, por exemplo, dificuldade com monossílabos, reconhecimento de palavras da língua, etc. Entretanto, a consideração dos princípios internos de organização textual mostra-se fundamental. É possível fazer essas afirmações, pois, em OC, foi contabilizada uma quantidade muito superior de dados: 40 (31,5%), em relação aos 3 (4,2%) contabilizados no DD. Esse resultado sinaliza para o fato de que, no DD, as junções, em alguma medida, mesmo que não se associem a limites prosódicos, envolvem estruturas que portam alguma marca prosódica relevante, mesmo que seja apenas um acento. Já em OC, os parâmetros gráficos, como a quantidade de letras, podem ser considerados como mais

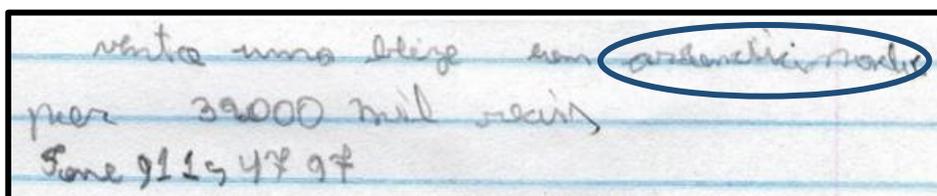
<sup>108</sup> **Leitura preferencial:** O rato do campo e o rato da cidade (título).

relevantes. Assim, a depender da instância enunciativa, será observada a presença ou não de determinados tipos de registros hipossegmentados que não se associam a limites prosódicos.

### Junções que ignoram o clítico

A terceira categoria apresentada na Tabela 14 agrupa hipossegmentações que não têm sua emergência relacionada à atuação das fronteiras prosódicas consideradas nesta pesquisa e se caracterizaram por serem junções em que se pode dizer que um clítico, que poderia fazer parte da hipo caso uma fronteira prosódica fosse respeitada, foi delimitado graficamente. No DD, foram contabilizadas 37 ocorrências (52,8%). Em OC, por sua vez, 53 (41,6%). Esses dados puderam ser agrupados em dois tipos principais: (3A) hipo envolvendo palavras compostas ou com dependência semântica e (3B) hipo envolvendo junção entre outro clítico e palavra prosódica.

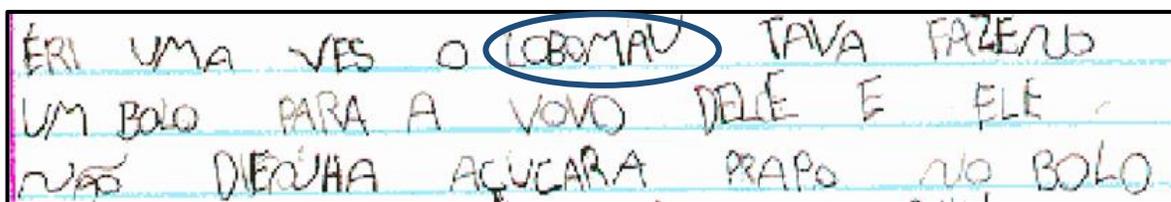
Em 3A, reuniram-se hipossegmentações constituídas por palavras que possuíam dependência semântica ou palavras compostas, em que o clítico que as acompanharia (caso os limites de uma frase fonológica fossem respeitados) foi segmentado de acordo com as convenções ortográficas. Foram contabilizadas, no DD, 7 ocorrências que apresentavam essa característica (10%); em OC, por sua vez, foram contabilizadas 17 (13,3%). Na sequência, apresentam-se exemplos dessas estruturas:



**Figura 73:** Hipo no DD que não se associa a limite prosódico: “junções que ignoram o clítico: palavra com dependência semântica”<sup>109</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Vento uma blaise] Φ ] I [com ar condicionado] Φ ] I [ [por 39000 mil reais] Φ ] I ] U

<sup>109</sup> **Leitura preferencial:** Vendo uma blazer com ar condicionado por 39.000 mil reais. Fone: 9119-4797.



**Figura 74:** Hipo em OC que não corresponde a limite prosódico: “junção que ignoram o clítico: palavra com dependência semântica”<sup>110</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Eri uma ves]  $\Phi$  [o lobomau]  $\Phi$  ] I [tava fazeno]  $\Phi$  [um bolo]  $\Phi$  [para a vovo dele]  $\Phi$  ] I [ [e ele]  $\Phi$  [não]  $\Phi$  [denha açucara]  $\Phi$  [pra po no bolo]  $\Phi$  ] I ] U

Tanto na Figura 73 quanto na 74, os escreventes unem estruturas que apresentam dependência semântica, na primeira “ar” e “condicionado” e, na segunda, “lobo” e “mau”. Novamente, a explicação para essas ocorrências, na avaliação realizada nesta dissertação, volta-se para a circulação do escrevente por práticas orais e letradas. O projeto de dizer/escrever dos escreventes, nas duas figuras apresentadas, parece ser, inicialmente, o registro hipossegmentado, respeitando os limites de  $\Phi$ : [comarcondicionado] (Figura 73) e [lobomau] (Figura 74). Entretanto, esse projeto de dizer resultante de práticas orais, é, ao mesmo tempo, atravessado por práticas letradas, que, possivelmente, levam os escreventes a colocarem espaços em branco entre as palavras que pertencem a esse C. A possível justificativa para a separação estaria relacionada a movimentos prospectivos e retrospectivos. Na Figura 73, possivelmente, o reconhecimento de “ar condicionado” como uma unidade e a de “com” como palavra possa ter feito com que, em um movimento prospectivo e retrospectivo, o escrevente tenha colocado um espaço em branco. Na Figura 74, também em um movimento prospectivo e retrospectivo, o escrevente teria colocado um espaço em branco separando o “o” de “lobomau”, expressão interpretada como uma única unidade e o clítico interpretado como palavra com autonomia gráfica.

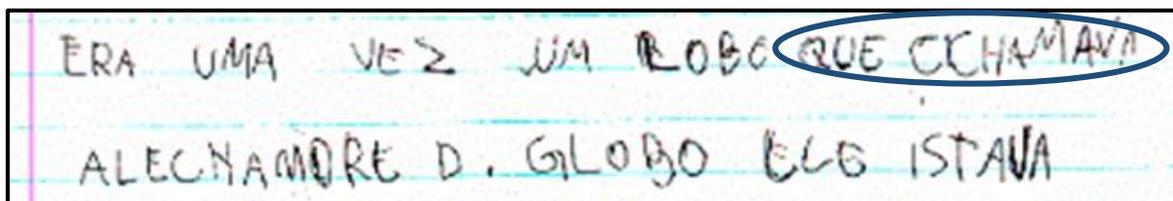
Destaca-se que esses dados não parecem se relacionar diretamente com a instância enunciativa da qual emergem, uma vez que se manifestam de forma semelhante no DD e em OC.

Em (3B) agruparam-se hipossegmentações formadas pela junção entre outro clítico e uma palavra prosódica. Nesses dados, o escrevente une um clítico a uma palavra prosódica, por vezes procliticamente e, por vezes, encliticamente, todavia, um dos clíticos – localizado em posição proclítica – que poderiam pertencer à  $\Phi$  ou ao C, caso seus limites

<sup>110</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez, o lobo mau tava fazendo um bolo para a vovó dele e ele não tinha açúcar pra pôr no bolo.

tivessem atuado para a emergência da hipo, não é hipossegmentado. Destaca-se que os dados que compõem esse grupo, caso fossem considerados sem a investigação do contexto em que se manifestam, isto é, caso a sua análise se restringisse à investigação, apenas, do registro hipossegmentado, poderiam se associar a limites de  $\Phi$  bem como a fronteiras de C. Entretanto, conforme amplamente apresentado, as hipossegmentações nesta dissertação foram investigadas levando em consideração o contexto em que são observadas.

Nesta categoria, foram contabilizados dados nas duas instâncias enunciativas: no DD 30 ocorrências (42,8%) e, em OC, 36 (28,3%). Desses dados, apenas em OC foram encontrados aqueles em que havia a junção proclítica de um dos clíticos, conforme pode ser observado na figura a seguir:



**Figura 75:** Hipo em OC que não se associa a limite prosódico: “junção entre outro clítico e palavra prosódica”<sup>111</sup>

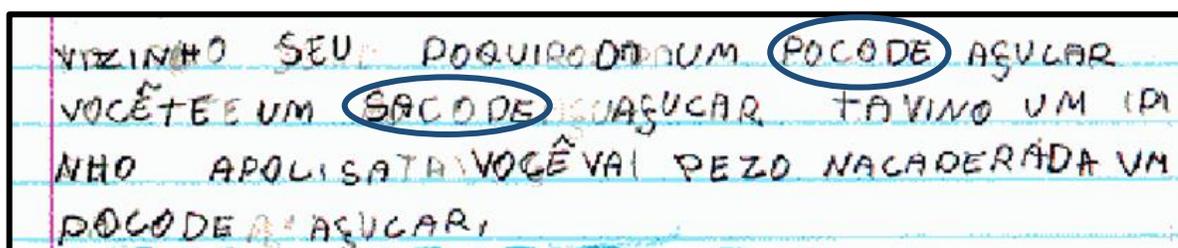
**Análise prosódica:** [ [ [Era uma vez]  $\Phi$  ] I [ [um lobo]  $\Phi$  [que **cichamava**]  $\Phi$  [Alechendre D. Globo]  $\Phi$  ] I ] U

Na hipossegmentação, o escrevente une o clítico “ce” (se) e o verbo “chamava”, contudo, segmenta convencionalmente o clítico “que”, que também pertenceria à  $\Phi$ : [que **cichamava**]  $\Phi$ . Uma ocorrência como essa, novamente, pode ser explicada a partir da consideração da circulação do escrevente por práticas orais e letradas. Em seu projeto de dizer, é possível considerar que o escrevente possivelmente produzisse uma estrutura como [quecichamava] que se associaria a limites de  $\Phi$ , hipótese que se sustenta pela própria junção observada entre “ci” (se) e “chamava”. Contudo, esse projeto de dizer, resultado da atuação de práticas orais, é, ao mesmo tempo, atravessado por práticas letradas que possivelmente levam o escrevente a colocar espaços em branco entre as palavras que pertencem a essa  $\Phi$ . É provável que, em uma ocorrência como essa, o escrevente possa ter atribuído autonomia gráfica a “que” e “cichamava”, ao mesmo tempo em que reconhece a dependência fonológica entre “ci” e “chamava”.

<sup>111</sup> **Leitura preferencial:** Era uma vez um lobo que se chamava Alexandre D. Globo. Ele estava...

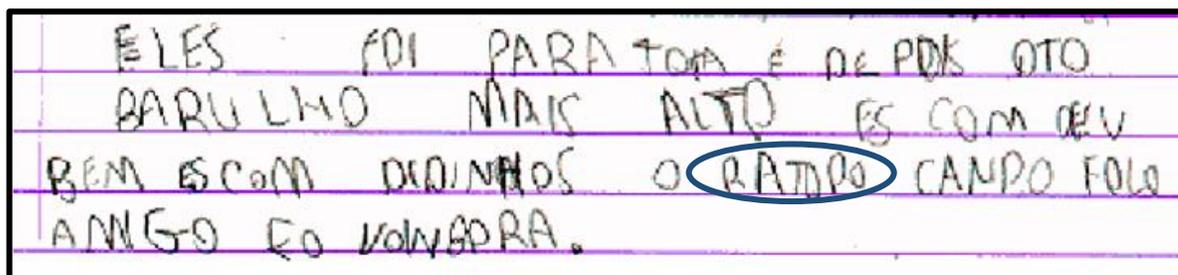
Conforme citado, os dados que compõem essa categoria foram observados exclusivamente em OC. Esse fato pode ser explicado, pois muitos deles pertenciam a trechos mais descritivos das produções textuais, isto é, a momentos, por exemplo, de apresentação da situação inicial da narrativa (como exemplo, aquele citado na Figura 75), que, majoritariamente, são produzidos por meio da instância enunciativa OC.

Nesta categoria de dados também foram observadas hipossegmentações que apresentaram junções que ignoram o clítico e são formadas pela junção entre um outro clítico, em posição enclítica não prevista, e uma palavra prosódica. Nessas ocorrências, portanto, um dos clíticos que poderiam pertencer à frase fonológica, caso seus limites tivessem atuado para a emergência da hipo, aquele que está em posição proclítica, não é hipossegmentado. Na sequência, apresentam-se exemplos desses dados:



**Figura 76:** Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção entre outro clítico (enclítico) e palavra prosódica”<sup>112</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [Seu porquio] Φ ] I [ [da] Φ [um pouco de açúcar] Φ ] I ] U [ [ [Você] Φ [te] Φ [um sacode açúcar] Φ ] I ] U



**Figura 77:** Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção entre outro clítico (enclítico) e palavra prosódica”<sup>113</sup>

**Análise prosódica:** [ [ [O ratodo canpo] Φ [folo] Φ ] I ] U

<sup>112</sup> **Leitura preferencial:** “Seu porquinho, dá um pouco de açúcar? Você tem um saco de açúcar.” Tá vindo um espirro... “A polícia! Você vai preso na cadeia!” “Um pouco de açúcar.”

<sup>113</sup> **Leitura preferencial:** Eles foram para a toca e depois outro barulho, mais alto. Escondeu bem escondidinhos. O rato do campo falou: “Amigo, eu vou embora”.

Nas duas hipossegmentações destacadas na Figura 76, identificam-se as características citadas: há a junção entre a palavra prosódica e o clítico em posição enclítica (“pocode” e “sacode”) e outros clíticos são segmentados convencionalmente – duas ocorrências de “um”. Na Figura 77, observa-se o dado composto pelas mesmas características: “ratodo” e a segmentação convencional do clítico “o”. Caso as hipossegmentações não fossem constituídas por um clítico proclítico, essas ocorrências seriam associadas a limites de C em que há junção entre clítico e palavra de maneira enclítica não prevista, categoria de dados explorada nesta dissertação.

A circulação dos escreventes por práticas orais e letradas pode explicar, mais uma vez, o funcionamento dessas ocorrências. Possivelmente, em seus projetos de dizer/escrever, os escreventes também hipossegmentassem os clíticos que foram segmentados convencionalmente e produzissem estruturas que se associassem a limites de C: [umpocode] e [umsacode] (Figura 76) e [oratodo] (Figura 77). Todavia, esses projetos podem ter sido atravessados por uma memória gráfica que levou os escreventes a segmentarem parte da estrutura, especificamente os clíticos.

Ainda na categoria de dados em que se ignora o clítico, havia aqueles envolvendo o uso de “para”. Tratam-se de ocorrências constituídas por junções em que, na hipossegmentação, o escrevente une o clítico a uma palavra prosódica, mas deixa de unir o clítico “para”, que também faria parte da  $\Phi$  ou do C, caso as suas fronteiras tivessem sido respeitadas. Esses dados foram identificados majoritariamente na instância enunciativa do DD. Nela foram contabilizados 25 dados, que correspondiam a 35,2% das 71 ocorrências que não tinham sua motivação relacionada a limites prosódicos. Em OC, por sua vez, foram contabilizadas apenas 6 ocorrências que, diante das 126 que não se associaram a limites prosódicos, representaram um percentual de 4,8%. Na sequência, apresentam-se exemplos desses dados:

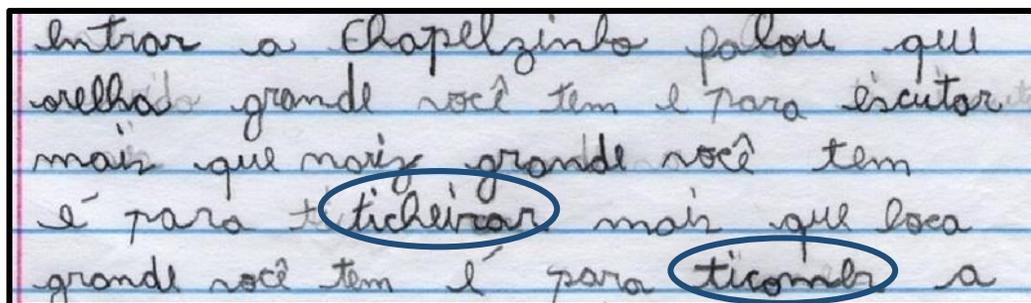


Figura 78: Hipo no DD que não se associa a limites prosódicos: “junção envolvendo o uso de ‘para’”<sup>114</sup>

Análise prosódica: [ [ [É] Φ [para **ticomeir**] Φ ] I ] U [Mais que boca grande você tem] U [ [ [É] Φ [para **ticomeir**] Φ ] I ] U

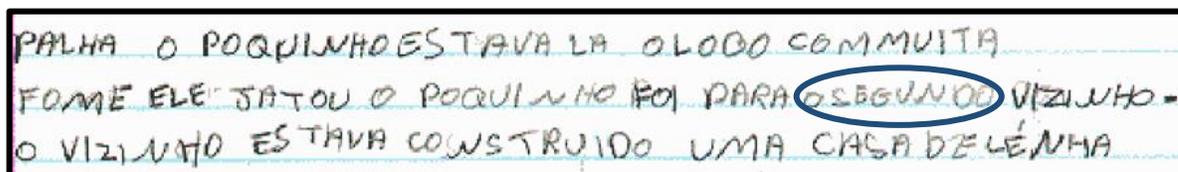


Figura 79: Hipo em OC que não se associa a limites prosódicos: “junção envolvendo o uso de ‘para’”<sup>115</sup>

Análise prosódica: [ [ [Foi] Φ [ [para **osegundo**] C [vizinho] Φ ] I ] U [O vizinho estava construído uma casa de lenha] U

Na Figura 78, observa-se o registro hipossegmentado de “ticomeir” e “ticomeir”, ao mesmo tempo, a segmentação convencional da estrutura “para” que pertenceria a mesma Φ da qual fazem parte: [para **ticomeir**] Φ e [para **ticomeir**] Φ. O mesmo pode ser observado na Figura 79, na hipossegmentação da estrutura “osegundo”. Para explicar essas ocorrências, em primeiro lugar, é necessário que se considere o estatuto controverso de “para”. Essa preposição é considerada como clítico que forma pé (BISOL, 2000), pois, nela, há uma relação de dominância entre as sílabas, em que a primeira, “pa”, se caracteriza como forte e a segunda, “ra”, como fraca. Assim, a estrutura pode ser considerada como um clítico “incomum” por não ser monossílabo e por ser acentuado. Reforça-se o seu estatuto de clítico, todavia, a partir do processo de contração pela qual vem passando, em que perde material fônico e torna-se, de fato, um monossílabo não acentuado (BECHARA, 2009, p. 302-304).

<sup>114</sup> **Leitura preferencial:** ... entrar. A Chapeuzinho falou: “Que orelha grande você tem...” “É para escutar mais...” “Que nariz grande você tem...” “É para te cheirar mais...” “Que boca grande você tem...” “É para te comer” “A..”

<sup>115</sup> **Leitura preferencial:** O porquinho estava lá, o lobo, com muita fome, ele jantou o porquinho. Foi para o segundo vizinho. O vizinho estava construindo uma casa de lenha.

**PARA → Pra → Pa**

Em relação às hipossegmentações registradas nas Figuras 78 e 79 envolvendo dados em que “para” não foi hipossegmentado, considera-se, novamente, que podem ser explicadas a partir da consideração da circulação dos escreventes por práticas orais e letradas. Possivelmente, o projeto de dizer/escrever dos escreventes os levaria a produzir dados que se associassem a limites de  $\Phi$  e C, na Figura 78 [paraticeirar] e [paraticomer] e na Figura 79 [paraosegundo]. Todavia, esse projeto de dizer que emerge principalmente da circulação dos escreventes por práticas orais é atravessado, também, pela circulação deles por práticas letradas, que os levam a segmentar parte do trecho produzido. A explicação para esse dado está relacionada à “para” que, conforme citado anteriormente, caracteriza-se como um clítico que forma um pé troqueu, portanto, um dissílabo paroxítono, com feição de palavra prosódica. É provável que, por essas características, o escrevente possa ter reconhecido “para” como palavra, isolando-a graficamente.

Em outros dados do corpus, quando o escrevente registra a contração “pra” ou “pa”, ele tende a hipossegmentar as ocorrências, conforme observado em dados do corpus nas duas instâncias enunciativas:

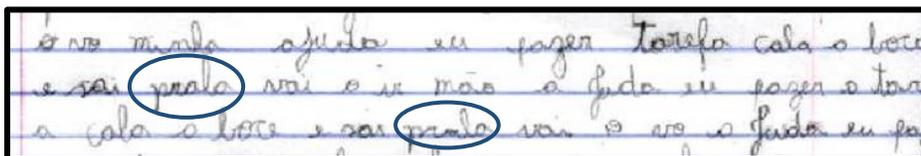


Figura 80: Hipo no DD: “junção envolvendo o uso de ‘pra’”<sup>116</sup>

**Análise prosódica:** [ [Cala a boca]  $\Phi$  [e sai]  $\Phi$  [prala]  $\Phi$  ] I ] U [ [Cala a boca]  $\Phi$  [e sai]  $\Phi$  [prala]  $\Phi$  ] I ] U

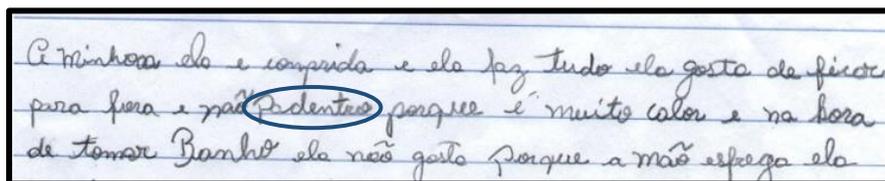


Figura 81: Hipo em OC: “junção envolvendo o uso de ‘pa’”<sup>117</sup>

<sup>116</sup> **Leitura preferencial:** “O vó, me ajuda eu fazer tarefa?” “Cala a boca e sai pra lá!” Vai o irmão: “Ajuda eu fazer a tarefa?” “Cala a boca e sai pra lá!”. Vai o vô: “Ajuda eu...”

<sup>117</sup> **Leitura preferencial:** A minhoca ela é comprida e ela faz tudo. Ela gosta de ficar para fora e não pra dentro, porque é muito calor. E na hora de tomar banho, ela não gosta, porque a mão esfrega ela.

**Análise prosódica:** [A minhoca ela e comprida e ela faz tudo] U  
 [Ela gosta de ficar para fora [ [e não] C [padentro] C ] Φ ] I [porque é muito calor] I ] U

Assim, pode-se dizer que há uma tendência de os escreventes delimitarem convencionalmente o clítico “para” quando eles o reconhecem como palavra dissilábica, com acento, respeitando o padrão paroxítono. Já quando registram a contração, pela própria perda do material fônico e gráfico, os escreventes interpretariam, de fato, esse clítico como *clítico*, ou seja, como monossílabo não acentuado. Considerando as instâncias enunciativas, não parece haver uma relação direta entre elas e o fato de a estrutura “para” não ser hipossegmentada. O fato de haver na categoria investigada uma quantidade de dados superior no DD está relacionada a uma proposta de produção textual em específico e às falas relatadas nessa instância enunciativa a partir dessa produção. Trata-se da narrativa de tema “A história do chapeuzinho vermelho”, em que, nas respostas do personagem lobo vestido de vovó, essa estrutura é repetida.

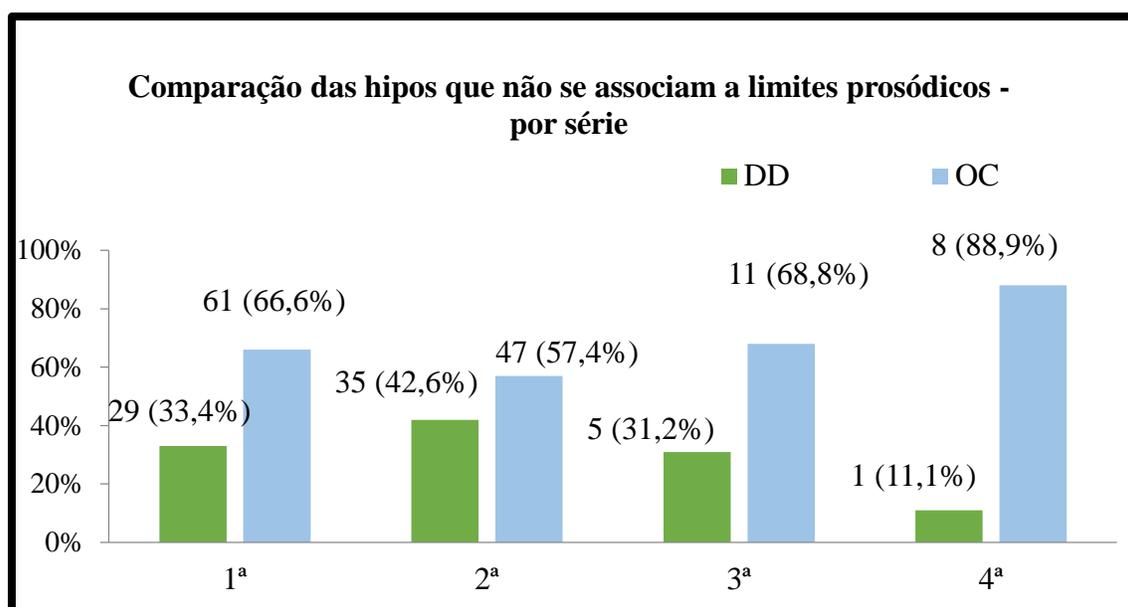
Para além desse fato, as hipossegmentações dessa categoria funcionaram de maneira semelhante independente da instância enunciativa: em ambas, quando grafaram “para”, os escreventes tenderam a segmentar convencionalmente essa ocorrência, pois tem a dificuldade de reconhecê-la como clítico, pelo fato de ser acentuada e dissilábica. Em contrapartida, quando utilizaram as contrações pra/pa – estruturas que, de fato, se assemelham aos clíticos: monossílabas e não acentuadas – tenderam a hipossegmentá-las, possivelmente por reconhecerem, quando estão grafadas deste modo, as estruturas verdadeiramente como clíticos. Esses movimentos permitem que se reconheça a circulação dos escreventes tanto pelo eixo da escrita institucionalizada, quanto da representação da gênese da escrita (CORRÊA, 1997, 2004), já que uma mesma estrutura, a depender de como é grafada, sofre tanto atuação dos meios gráficos, quanto dos prosódicos, quando perde material fônico e se une a estrutura acentuada.

\*\*\*

Por fim, pode-se afirmar que as hipossegmentações que não têm sua emergência relacionada aos constituintes prosódicos considerados nesta pesquisa, independente da instância enunciativa, manifestam-se de forma semelhante, conforme pôde ser observado a partir dos exemplos analisados. Essa afirmação relaciona-se, principalmente, ao conflito que essas ocorrências deixam ver, tanto no DD quanto em OC. Nelas, nota-se que o escrevente se encontra em um conflito que envolve duas possibilidades de segmentação:

guiada por práticas orais ou por suas práticas letradas. Entretanto, os dados permitem observar que o escrevente circula simultaneamente por essas práticas e, por isso, produz dados como os explorados nesta seção, que reforçam a concepção de escrita considerada nessa dissertação, isto é, constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997, 2004). Destaca-se, todavia, que, em OC, essa não associação aos limites prosódicos foi observada em proporções maiores, fato que indicia que, nesta instância enunciativa, os escreventes segmentariam seus enunciados em função da atuação mais forte de “parâmetros” gráficos, que tendem a não coincidir com limites prosódicos.

Na sequência, apresenta-se a comparação entre os dados que não se associam a limites prosódicos ao longo das quatro séries:



**Gráfico 14:** Comparação das hipos que não se associam a limites prosódicos - por série

O Gráfico 14 agrupa as hipossegmentações que compõem o corpus e que não tem sua emergência relacionada à atuação dos limites prosódicos de um dos quatro constituintes considerados nesta pesquisa, a partir da comparação das quatro séries investigadas. Por meio dos resultados obtidos, pode-se observar, em primeiro lugar, que, em todas as séries, havia maior quantidade de ocorrências na instância enunciativa OC. Na primeira série, no DD foram contabilizadas 29 (33,4%) ocorrências, em OC, por sua vez 61 (66,6%). Já na segunda, no DD, 35 (42,6%) e em OC 47 (57,4%). Na terceira, a quantidade de dados diminuiu significativamente, ainda assim, havia mais ocorrências em OC: no DD, 5 (31,2%) e em OC, 11 (68,8%). Na quarta, por fim, foi contabilizada 1 ocorrência (11,1%)

no DD e 8 (88,9%) em OC. Esse resultado corrobora com os resultados gerais obtidos a partir dos Gráficos 5 e 6 em que se observou no DD, 70 (19,2%) ocorrências que não se associavam a limites prosódicos e, em OC, 127 (22,8%). Esses resultados obtidos coadunam-se, ainda, com os observados por Ticianel (2012, 2013) e Capristano e Ticianel (2014), e pode ser explicado, pois, no DD,

contexto linguístico na qual a criança deveria reproduzir a fala (...), é muito mais frequente que as hipossegmentações correspondam a limites prosódicos, portanto, que derivem de uma suposição, feita pela criança, de uma correspondência entre limites prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita (TICIANEL, 2013, p. 26).

Outro fato que pode ser destacado a partir do Gráfico 14 é a diferença entre os dois “ciclos distintos” que compõem as quatro séries investigadas. No primeiro ciclo, composto pela primeira e segunda séries, tanto no DD quanto em OC, havia maior quantidade de dados do que no segundo ciclo (terceira e quarta). Caso fossem somados, no primeiro ciclo, no DD, contabilizar-se-iam 65 ocorrências, no segundo, apenas 6. Em OC, 107 ocorrências e 19, respectivamente. A justificativa para a maior quantidade de dados contabilizados nas duas primeiras séries, conforme já explorada, relaciona-se ao fato de serem os primeiros anos de escolarização dos escreventes em que tenderiam a segmentar seus enunciados muitas vezes por critérios distintos dos esperados pelas convenções ortográficas, independente da instância enunciativa na qual enunciam.

Conforme explorado, nessas hipos, os escreventes encontram-se em conflito em relação a representar aspectos de suas práticas orais ou de suas práticas letradas e assim, deixam pistas de que de fato a escrita caracteriza-se como constitutivamente heterogênea. Por fim, destaca-se como é essencial considerar a instância enunciativa pela qual o escrevente enuncia na investigação de hipossegmentações que não emergem da atuação de limites prosódicos, pois, a depender dela, pode-se ter um lugar mais ou menos propício para a emergência desses dados, inclusive em dados advindos de diferentes níveis de escolaridade, conforme observado.

#### 4.3.2.1 As hipos que não se associam a limites prosódicos: junção entre DD e OC

Ainda em relação a não correspondência de limites prosódicos, destacaram-se duas hipossegmentações que apresentaram uma peculiaridade: os escreventes uniram palavras das duas instâncias enunciativas (DD e OC). Tratam-se dos dados apresentados a seguir:

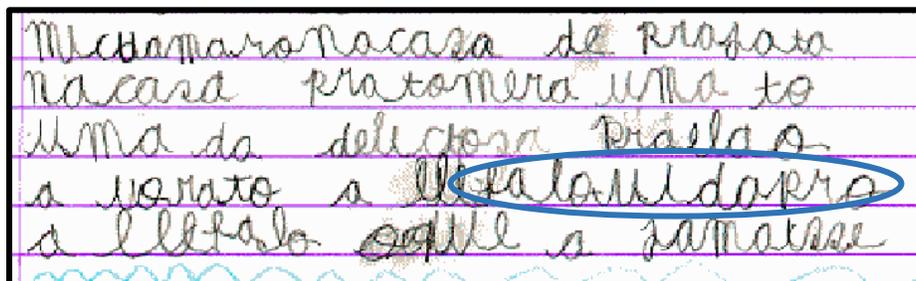


Figura 82: Hipo envolvendo palavras das duas instâncias enunciativas<sup>118</sup>

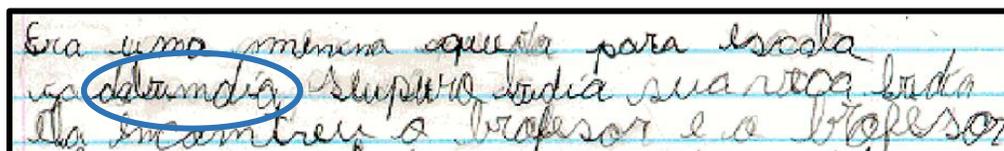


Figura 83: Hipo envolvendo palavras das duas instâncias enunciativas<sup>119</sup>

Na Figura 82, o escrevente une as estruturas: “falou e dá pro”, unindo tanto o verbo *dicendi* (falou) quanto parte da fala relatada em DD (“e dá pro”). Processo semelhante observa-se na Figura 83, em que o escrevente une as estruturas “dá bom dia”, que também tem partes em OC, como uma espécie de introdutor da fala relatada (“dá”) e a fala relatada (“bom dia”), fala que é ainda acompanhada pelo vocativo “seu puro” (seu burro), estrutura também hipossegmentada pelo escrevente.

Em relação a esses dois registros hipossegmentados, destaca-se o fato de que, diante das 922 hipossegmentações encontradas no corpus, apenas nesses dois momentos, os escreventes segmentaram não respeitando os limites sintáticos, prosódicos e gráficos existentes entre as instâncias enunciativas. O fato de apenas terem sido contabilizadas essas duas ocorrências corrobora com afirmações de que os escreventes, desde muito cedo, percebem as instâncias enunciativas e buscam “delimitá-las” de alguma maneira, sendo ou não convencional (FERREIRO; PONTECORVO, 1996). O espaço em branco pode, assim,

<sup>118</sup> **Leitura preferencial:** Me chamaram na casa dele pra janta, na casa, pra comer a uma to uma da (comida) deliciosa. Pra ela o... Ai, o rato, ah, ele falou: “e da pro”. Ah, ele falou: “O que?! Ah, jamais”.

<sup>119</sup> **Leitura preferencial:** Era uma menina que ia para escola, ia dá: “Bom dia, Seu Burro”. “Bom dia, sua vaca”. “Bom dia”. Ela encontrou o professor e o professor.

ser muito mais do que delimitador de palavras e ganhar outro valor: de “separador” de instâncias enunciativas.

Em outras palavras, ao evitar que se unissem estruturas que pertenciam a instâncias enunciativas distintas, os escreventes puderam também construir uma relação entre texto citado e citante (entre DD e OC) que pode ser observada, também, por meio da segmentação de palavras, especificamente, do modo como, nesses textos, se arranjam as hipossegmentações. Ademais, observações como essa corroboram a afirmação de Tenani (2008), de que, a forma como o escrevente distribui os espaços em branco no seu texto, também, se relaciona com a organização textual e discursiva

Vistas dessa maneira, as segmentações não-convencionais nos dão pistas de que o branco pode ser, também, usado pelo escrevente para construir sentidos do texto. Ao adotarmos essa perspectiva de análise, que considera o texto na análise das segmentações não-convencionais, passamos a tomar tais segmentações como representação de um modo de dizer, de recortes da realidade que é simbolizada por meio da grafia (TENANI, 2008, p. 241).

Assim, pode-se postular que a consideração das instâncias enunciativas foi relevante para a investigação das hipossegmentações que não tinham sua emergência relacionada à atuação de fronteiras prosódicas, seja para considerar que, a depender da instância enunciativa, podem emergir mais ou menos dados com essa característica, seja para debater o próprio estatuto do espaço em branco, como uma marca que se torna não apenas gráfica, mas também discursiva. Na sequência, nas “Considerações Finais”, apresenta-se uma síntese analítica de todo percurso da dissertação com ênfase para os resultados obtidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação buscou-se investigar se princípios internos da organização textual poderiam estar relacionados à emergência de segmentações não convencionais. De forma mais específica, a partir de produções textuais de escreventes das antigas quatro primeiras séries do ensino fundamental, analisaram-se hipossegmentações buscando observar se o aparecimento delas poderia estar associado às diferentes instâncias enunciativas que os escreventes utilizam ao escrever, no caso desta dissertação, DD e OC. Esta investigação teve tanto um caráter quantitativo quanto qualitativo. A partir da investigação quantitativa, buscou-se averiguar se haveria relação entre a quantidade de hipossegmentações e a instância enunciativa em que se manifestavam. Qualitativamente, por sua vez, a partir de uma investigação prosódica, averiguou-se, também, se haveria relação entre a qualidade das hipossegmentações e a instância enunciativa em que se manifestavam.

Os resultados obtidos permitiram postular que havia, de fato, relação entre a emergência de hipossegmentações e a instância enunciativa em que eram observadas. Por exemplo, foi possível notar que o fato das hipossegmentações se associarem ou não a limites prosódicos relacionava-se à instância enunciativa em que foram identificadas essas ocorrências. A maior quantidade de hipos que não se associava a fronteiras prosódicas no corpus desta pesquisa estava localizada em OC: 127 ocorrências (22,8% das identificadas nessa instância enunciativa) – em contrapartida, no DD, apenas 70 ocorrências (19,2% das identificadas nessa instância enunciativa). A diferença percentual, apesar de ser de apenas 3,6%, foi observada, também e mais expressivamente, na investigação em que se compararam as quatro séries. Na primeira série, por exemplo, a diferença entre as instâncias chegou a representar 77,8%.

Ainda em relação às hipossegmentações que não se associaram a limites prosódicos, havia um grupo de dados que tinha sua emergência ligada a instância enunciativa em que ocorreram, trata-se das estruturas formadas apenas pela junção entre clíticos. Foi possível constatar que elas ocorriam majoritariamente em OC. No DD, foram contabilizadas apenas 4 ocorrências que corresponderam a 5,7%, em OC, por sua vez, 47 que corresponderam a 37,1%. A possível justificativa para esse resultado seria a de que as hipos no DD dependem de algum aspecto prosódico, mesmo que seja apenas um acento. Já em OC, estaria em jogo,

em maior grau, questões gráficas, assim, os escreventes uniriam monossílabos, possivelmente pela sua quantidade mínima de letras, sem uma preocupação especificamente prosódica.

Outros resultados obtidos que permitiram confirmar que a consideração das instâncias enunciativas se mostra relevante para entender o funcionamento das hipossegmentações referem-se a algumas ocorrências que se associaram a limites de C,  $\Phi$  e, por fim, àquelas que se associaram a limites de U.

Parte das hipos que se associaram a limites de C era constituída pelas estruturas “o que” e “do que” funcionando com conjunção integrante. Essas ocorrências tinham sua emergência relacionada diretamente à instância enunciativa OC, pois constituíam trechos das produções textuais em que havia descrição e/ou apresentação dos fatos, característica predominante dessa instância enunciativa.

Em relação às hipossegmentações que emergem da atuação das fronteiras de  $\Phi$ , observou-se que, especificamente aquelas relacionadas às interrogativas –q, como “o que” e “por que”, localizavam-se majoritariamente na instância enunciativa do DD. A justificativa para esse resultado volta-se para o fato de que essas estruturas se caracterizam por serem registradas, nos dados desta investigação, sempre compondo a fala de um personagem de maneira direta, fala que aparece no DD.

Foram, todavia, as hipossegmentações que se associaram a limites de U que permitiram confirmar de forma mais inequívoca que havia de fato relação entre as instâncias enunciativas e a emergência desses dados. Esse foi o resultado em que se observou maior diferença entre as duas instâncias enunciativas, registrando-se, no DD, 41 (13,9%) ocorrências que se associavam a essa fronteira prosódica e, em OC, 12 (2,8%), resultado geral que também se manteve na distribuição entre as séries investigadas. A explicação para esse resultado estaria relacionada às características do constituinte U, que, para a sua delimitação, depende de informações semânticas, prosódicas e sintáticas, informações que, em grande medida, também se relacionam àquelas que são importantes para a delimitação de fronteiras das falas relatadas em DD.

Por fim, outro resultado, relativamente marginal, que comprova a importância da instância enunciativa para a emergência de hipos refere-se ao fato de haver apenas duas ocorrências de hipossegmentação – diante das 922 identificadas no corpus desta pesquisa –

constituídas pela junção entre palavras das duas instâncias enunciativas. Esse resultado permitiu verificar que os escreventes reconhecem limites entre essas instâncias.

Por meio da investigação realizada nesta dissertação, também foi possível observar que havia momentos em que não era possível estabelecer relação entre a emergência de hipossegmentações e a consideração das instâncias enunciativas. Esse resultado foi confirmado principalmente por meio dos resultados quantitativos. Foi possível notar que havia, em todas as séries investigadas, uma maior quantidade de dados na instância enunciativa OC, considerando tanto ocorrências de hipossegmentação quanto palavras envolvidas em *hipo*. Esse resultado permitiu observar que não havia relação entre a presença de DD e o aumento dessas ocorrências. Além desse resultado, observou-se ainda que, quando foi considerada a distribuição entre as séries, as hipossegmentações das duas instâncias enunciativas apresentaram funcionamento semelhante. Tanto no DD quanto em OC a maior quantidade de hipossegmentações concentrava-se nas duas primeiras séries investigadas. Na segunda série, observou-se, também, que havia menor percentual que distanciava as duas instâncias enunciativas em relação aos dados obtidos na investigação das hipossegmentações, fato que se relacionava não com as instâncias enunciativas, mas, sim, a dois fatores: proposta de registro de uma narrativa conhecida pelos escreventes e maior quantidade de palavras em ambas as instâncias enunciativas.

Qualitativamente, alguns resultados obtidos também permitiram que se postulasse que não havia relação entre as duas instâncias enunciativas investigadas e a emergência de hipossegmentação, pois os dados de OC e de DD apresentavam funcionamento semelhante. Trata-se de algumas hipossegmentações que se associavam a limites de C,  $\Phi$  e I, bem como algumas entre aquelas que não se associavam a fronteiras prosódicas. Os fatores que motivavam essas ocorrências eram semelhantes nas duas instâncias. Os dados que se associaram a limites de C e  $\Phi$ , por exemplo, tinham sua emergência relacionada, sobretudo, à dificuldade dos escreventes com os clíticos do PB, independente se os dados se localizavam no DD ou em OC. Os dados que se associaram a limites de I, por sua vez, relacionaram-se a expressividade da linguagem, característica que não é exclusividade do DD como ingenuamente poder-se-ia pensar. Nas duas instâncias enunciativas, foram contabilizados dados com essas características. Em ambas, esses dados referiam-se a momentos específicos das produções textuais que adquiriam, por meio da leitura atribuída,

curvas entoacionais que permitiam que se associassem a limites de I – em OC, por exemplo, a estrutura “de repente” e, no DD, a estrutura “tá bom”.

Por último, os dados que não se associaram a fronteiras prosódicas pareciam estar relacionados a conflitos vividos pelos escreventes diante da tarefa de segmentar seus enunciados – semelhante aos conflitos mostrados pelas rasuras ligadas à segmentação (CAPRISTANO, 2013; CAPRISTANO; CHACON, 2014; MACHADO, 2014). Independente da instância enunciativa, essas hipossegmentações permitiram que se recuperassem aspectos da circulação dos escreventes por práticas orais e letradas, fatos que corroboraram com uma concepção de escrita como constitutivamente heterogênea, tal qual se considerou nesta dissertação.

A partir da síntese realizada, pode-se afirmar, conforme se buscou mostrar ao longo desta dissertação, que é sempre uma multiplicidade de fatores que viabiliza a emergência de segmentações não convencionais, todos, conforme foi possível observar, reforçam uma concepção de escrita constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997, 2004), já que permitem recuperar, em maior ou menor grau, a circulação dos escreventes por práticas orais e letradas. Em cada dado, porém, alguns fatores se mostraram mais relevantes. Para o que interessou para esta investigação, por exemplo, em certos momentos, as instâncias enunciativas em que os escreventes enunciaram foram determinantes para o tipo de hipossegmentação que pôde emergir.

É importante destacar que os resultados apresentados nesta pesquisa contribuem não apenas com pesquisadores interessados na relação entre constituintes prosódicos e segmentações não convencionais, mas, também com pesquisadores interessados em investigar como escreventes em processo de aquisição da escrita lidam com diferentes instâncias enunciativas em suas produções textuais. Espera-se, também, que os resultados possam auxiliar aqueles que trabalham diretamente com o ensino-aprendizagem da escrita para crianças do ensino fundamental I, bem como para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para finalizar, ressalta-se que a investigação feita nesta dissertação também abre espaço para que outras pesquisas sejam realizadas. Cita-se, por exemplo, a investigação mais detalhada de hipossegmentações que não se associam a limites prosódicos. Nesta pesquisa, foi aventada a possibilidade de essas hipo se caracterizarem como momentos de conflito do escrevente, um sujeito sócio e historicamente determinado que circula, ao

mesmo tempo, por práticas orais e letradas – um conflito semelhante ao observado em rasuras ligadas à segmentação (cf. CAPRISTANO, 2013; CAPRISTANO; CHACON, 2014; MACHADO, 2014). Outra pesquisa que poderia ser desenvolvida a partir dos dados levantados nesta dissertação refere-se ao papel da dimensão expressiva da linguagem para a emergência de segmentações não convencionais e outros tipos de registros não convencionais. Nesta pesquisa, observou-se que essa dimensão da linguagem pode ser importante para o aparecimento de certos tipos de hipossegmentações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes Editores, 1988, p. 133-142.

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da ABRALIN**, Campinas, v. 11, p. 203-217, 1991.

ABAURRE, M. B. M. A alfabetização na perspectiva da linguística: contribuições teórico-metodológicas. **Cadernos ANPED**, Belo Horizonte, p. 91-124, out./1994.

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T. **Gramática do português falado IV**. 1. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, v. 1, p. 273-319.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. **Temas em Psicologia**. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, (19), p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. Observações no campo do discurso relatado. In:\_\_\_\_\_. **Palavras incertas: As não coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998, p. 133-163.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In:\_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-80, 2004.

AZEREDO, J. C. O texto: aspectos gerais. In:\_\_\_\_\_. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 79-104.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In:\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 261-306.

BAKHTIN, M. O discurso de outrem. In:\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 150-160.

BARBOSA, P. **Verbetes prosódia**. Disponível em: <<http://psicolinguistica.letas.ufmg/wiki/index.php?title=Pros%C3%B3dia&printable=yes>>. Acesso em: jul. 2015.

BECHARA, E. Discurso direto, indireto e indireto livre. In:\_\_\_\_\_. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009, p. 481-483.

BECHARA, E. Preposição. In:\_\_\_\_\_. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009, p. 296-319.

BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2002.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In:\_\_\_\_\_. **Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 247-261.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos de Linguagem**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 5-30, 2000.

BORGES-GUTIERRE, M. M. Caminhos, diálogos e sentidos da produção escrita escolar. Diálogos Pertinentes. **Rev. Cient. de Letras**, Franca, v. 3, p. 19-38, jan./dez. 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In:\_\_\_\_\_. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.

CAGLIARI, L. C. A escrita. In:\_\_\_\_\_. **Alfabetização e linguística**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1995, p. 95-146.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In:\_\_\_\_\_. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.

CAPRISTANO, C. C. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007b.

CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e se ensina na escola. **Cadernos de educação** (UFPel), Pelotas, v. 35, p. 171-193, 2010.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura no processo de aquisição da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.

CAPRISTANO, C. C.; CHACON, L. Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a "aquisição" da noção de palavra. In: TFOUNI, L. V.; MARTHA, D. J. B. (Org.). **O (in)esperado de Jakobson**. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2014, p. 197-218.

CAPRISTANO, C. C.; TICIANEL, G. F. Discurso direto e hipossegmentações na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 233-259, jan./jun. 2014.

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais, **Letras de hoje**, Porto Alegre. v. 39, nº. 3, p. 223-232, 2004.

CHACON, L. Segmentações não-convencionais na escrita de pré-escolares: entrecruzamentos entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, v. 1, p. 251-261, 2009.

CHACON, L. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 15, p. 369-383, 2013.

CHUTUMIÁ, D. I. **As interrogativas -q do português de moçambique: contribuição para uma análise comparativa com o português europeu e o português brasileiro**. 2013. 103f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2013.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 422f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 8, p. 269-286, 2006.

CORRÊA, M. L. G. Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 9, p. 201-211, 2007.

CUNHA, C. P. Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. In: \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985, p. 617-624.

CUNHA, A. P. N. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. 2010. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010a.

CUNHA, A. P. N. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. **Cadernos de Educação**, UFPEL, n. 35, 2010b.

FERREIRO, E. et al. **Chapeuzinho Vermelho Aprende A Escrever: Estudos psicolinguísticos comparativos em três Línguas**. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRA, C. R. G. **Um estudo sobre a segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2008.

GARCIA, O. M. Discursos direto e indireto. In:\_\_\_\_\_. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010, p. 147-163.

GELAMO, R. P. **Organização prosódica e interpretação de canções: A frase entonacional em quatro diferentes interpretações de Na batucada da vida**. 2006. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2006.

GHIRALDELO, M. Coesão e corência textual em composições infantis. **ALFA**, São Paulo, v. 33, n. 9, 1989.

KAJITA, A. S. **A segmentação inábil: um estudo da segmentação ortográfica não canônica**. 2009. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

KOCH, I. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 30, p. 31-38, 1997.

LEITE, M. Q. O diálogo no diálogo: a dupla expressão do discurso do outro. In: PRETI, D. (org.). **Diálogos na fala e na escrita**. Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p. 85-118.

MACHADO, T. H. S. **Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

MAINGUENEAU, D. A heterogeneidade mostrada. In:\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1993, p. 75-110.

MAINGUENEAU, D. O discurso citado. In:\_\_\_\_\_. **Elementos de linguística para o texto literário**. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 101-131.

MAINGUENEAU, D. Polifonia, discurso direto. In:\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011, p. 137-146.

MASSI, G. A. A. **A outra face da dislexia**. 2004. 252f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p. 105-146.

MEYER, P. L. **Probabilidade: aplicações à estatística**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MICHELETTI, G. O discurso citado na narrativa ficcional. In:\_\_\_\_\_. **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 45-63.

MORAIS, A. G. Escrever como deve ser. In: TEBEROSKY, A.; TOLCHINSKY, L. **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 60-84.

NICOLA, J. A reprodução das falas. In: \_\_\_\_\_. **Língua, literatura e produção de textos**. São Paulo: Scipione, 2014, p. 208-215.

NESPOR, M. Prosódia: uma entrevista com Marina Nespor. Tradução de Gabriel Ávila Othero. **REVEL**, v. 8, n. 15, 2010.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OLIVEIRA, K. **Negros e a escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico**. 2006. 1144f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, E. C. **Um outro olhar para os erros de segmentação**. 2007. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

PARANHOS, F. C. **Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do ensino fundamental: um estudo longitudinal**. 2014. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2014.

PAULA, I. F. V. **Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações**. 2007. 154f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

PAVÃO, V. Dislexia e disortografia: a importância do diagnóstico. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 2.3, 05 08 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=50>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

PERINI, M. A. Interrogativas abertas (interrogativas –Q). In:\_\_\_\_\_. **Gramática do português brasileiro**, 2010, p. 124-125.

PERRONI, M. C. Colagens e combinações livres no desenvolvimento do discurso narrativo. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 5, p. 5-26, 1983.

PERRONI, M. C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RISSO, M. S. **A representação da fala dos personagens em fogo morto**. (Estatuto linguístico e literário). 1978. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

ROJO, R. H. R.O desenvolvimento da narrativa escrita: Como são os textos que as crianças escrevem? **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, LAEL/PUC-SP, v. 6, n.2, p. 169-193, 1990.

ROMUALDO, E. C. **A charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: EDUEM, 2000.

ROMUALDO, E. C. O discurso relatado em depoimentos da justiça: formas e funções, **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 25, n. 02, p. 233-240, 2003.

SARAMAGO, J. **Memorial do Convento**. São Paulo: Difel, 1983.

SCADELAI, E. F. **Formas de citação e sentidos do verbo dizer no gênero notícia**. 2003. 218f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2003.

SELKIRK, E. **Phonology and syntax: the relation between sound and structure**. The Massachusetts Institute Technology, 1984.

SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yaerbook**, n. 3, 1986.

SILVA, A. **A relação entre a fala e a segmentação na escrita espontânea de crianças da primeira série do primeiro grau**. 1989. 116f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 1989.

SILVA, A. **Alfabetização: a escrita espontânea**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

SILVA, A. Músicas infantis e a representação que a criança faz da linguagem/escrita. **Educação & Linguagem**, v. 11, p. 232-244, 2005.

SIMÕES, D. Uma proposta de abordagem de problemas da escrita infantil. In:\_\_\_\_\_. **Considerações sobre a fala e a escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 47-62.

SONCIN, G.; TENANI, L. Relações entre emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015.

TICIANEL, G. F. **Discurso direto e segmentações não convencionais**. Relatório Final de Iniciação científica. 2012.

TICIANEL, G. F. **Discurso direto e hipossegmentação: é possível estabelecer relações?** Relatório Final de Iniciação científica. 2013.

TENANI, L. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 231-245, jan./jun. 2008.

TENANI, L. E. A grafia dos erros de segmentação não convencional de palavras. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 35, p. 247-269, jan./abr. 2010.

TENANI, L. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo ii do ensino fundamental. **Revista da ABRALIN**, v.10, n.2, p. 91-119, jul./dez. 2011.

TENANI, L.; PARANHOS, F. Análise prosódica de Segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 13(2), p. 477-504, 2011.

TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M. Letramento: isso se aprende na escola? **Caminhos em linguística aplicada**, v. 9, n. 2, p.169-187, 2013.

VENÂNCIO, R. **Como, por que e para que usamos o discurso citado direto (DCD)**. 2002. 215f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZORZI, J. L. **A apropriação do sistema ortográfico nas 4 primeiras séries do primeiro grau**. Campinas. 1997. 124f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.